



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

LUCIANO DE OLIVEIRA

LIVROS DIDÁTICOS PARA A FORMAÇÃO DE “BONS CRISTÃOS E VIRTUOSOS
CIDADÃOS”: OS MARISTAS E A COLEÇÃO F.T.D. (1912-1956)

CAMPINAS

2021

LUCIANO DE OLIVEIRA

LIVROS DIDÁTICOS PARA A FORMAÇÃO DE “BONS CRISTÃOS E VIRTUOSOS
CIDADÃOS”: OS MARISTAS E A COLEÇÃO F.T.D. (1912-1956)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Doutor em Educação, na área de concentração Educação.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELO ALUNO
LUCIANO DE OLIVEIRA E
ORIENTADA PELO PROF. DR.
ARNALDO PINTO JÚNIOR.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

OL4L Oliveira, Luciano de, 1976-
Livros didáticos para formação de "bons cristãos e virtuosos cidadãos" : os maristas e a Coleção F.T.D. (1912-1956) / Luciano de Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Arnaldo Pinto Júnior.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Irmãos Maristas. 2. Educação. 3. Livros didáticos. I. Pinto Júnior, Arnaldo, 1968-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Textbooks for the formation of "good christians and virtuous citizens" : the marists and the Collection F.T.D. (1912-1956)

Palavras-chave em inglês:

Irmãos Maristas

Education

Textbooks

Área de concentração: Educação

Titulação: Doutor em Educação

Banca examinadora:

Arnaldo Pinto Júnior [Orientador]

Maria de Fátima Guimarães

João Batista Gonçalves Bueno

Elison Antonio Paim

Maria Sílvia Duarte Hadler

Data de defesa: 31-05-2021

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-3532-4649>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4403084220760372>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

LIVROS DIDÁTICOS PARA A FORMAÇÃO DE “BONS CRISTÃOS E VIRTUOSOS
CIDADÃOS”: OS MARISTAS E A COLEÇÃO F.T.D. (1912-1956)

Autor: Luciano de Oliveira

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior

Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães

Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

Prof. Dr. Elison Antonio Paim

Profa. Dra. Maria Sílvia Duarte Hadler

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de
Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

À minha amada filha Thaylla Cruz Oliveira e ao meu eterno amor Mariani Bandeira Cruz
Oliveira.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

Ao professor Dr. Arnaldo Pinto Junior registro meu primeiro agradecimento. Tê-lo como orientador foi um privilégio. Sua leitura criteriosa do texto da tese, experiência como historiador, pesquisador, professor e mestre foram imprescindíveis para conclusão desta pesquisa.

Aos professores e professoras da banca: Dra. Maria de Fátima Guimarães, Dr. João Batista Gonçalves Bueno, Dr. Elison Antonio Paim, Dra. Maria Sílvia Duarte Hadler pela gentil aceitação para compor a comissão de avaliação desta tese.

À professora Dra. Agueda Bernardete Bittencourt pelo acompanhamento inicial da investigação e pela oportunidade da participação no grupo de pesquisa FOCUS, que muito me ajudou na trajetória acadêmica.

Ao professor Dr. Antônio Carlos Dias pela amizade e à possibilidade de discutir sobre o pensamento do filósofo e sociólogo francês Raymond Aron.

Aos professores Dr. Alexandro Paixão e Dr. André Luiz Paulilo pela experiência e crescimento pessoal e intelectual nos debates teóricos de Raymond Williams e Thompson.

Ao professor Dr. Maurício Érnica o mergulho no pensamento de Bourdieu.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP pela atenção, disponibilidade e ajuda em todos os trâmites burocráticos.

Aos amigos André Victor Cavalcanti Seal da Cunha, Fernando Leocino da Silva, Felipe Dias de Oliveira Silva pela leitura atenta do texto e pelas sugestões assertivas.

Aos amigos Pedro, Adailton, Pâmela pelo companheirismo e palavras de conforto. A todos os colegas que fizeram parte da minha trajetória na UNICAMP muito obrigado.

Ao irmão Bêne Oliveira, provincial, pelo incentivo e abertura dos arquivos para pesquisar sobre os maristas no Brasil.

Ao irmão Dario Bortolini pela acolhida, amizade e acesso aos arquivos da Editora F.T.D.

Ao irmão Ivo Strobino, um dos maiores pesquisadores da Instituição, pelos sábios ensinamentos e indicação de fontes, bibliografia e ajuda incondicional nas dúvidas sobre os maristas; por seu intermédio conheci o irmão Sebastião Ferrarini, que levou-me ao interesse no aprofundamento da Coleção F.T.D.

Aos funcionários maristas em especial ao Rogério Amaro do Centro de Estudos Maristas em Minas Gerais, que além do acesso a documentos originais, ainda tornou-se um amigo.

À Cecyliane Alves da Editora F.T.D pelo acesso aos documentos da editora em São Paulo e o apoio incondicional na busca por fontes.

À Maria Palicz, responsável pela biblioteca do Memorial Marista em Curitiba, pela ajuda no acesso aos arquivos e documentos sobre os irmãos e a editora.

À Débora de Mello Oliveira, pelo acesso ao arquivo provincial do Rio Grande do Sul e envio de documentos daquela província marista.

Ao mestre, intelectual e amigo Lafayette Megale pelo carinho, atenção, generosidade e revisão do texto. Diante de tantos desafios que enfrentei no doutorado Lafayette foi uma luz.

À minha família sempre em meu coração, meu pai Valdevino, minha mãe Maria, meus irmãos Abel e em especial ao Inso que sempre será meu eterno companheiro. Minha amada e fiel companheira Mariani Bandeira e a Thaylla minha filha, sem palavras para expressar meu amor...Lara Pedroso e Dona Tatiana pela sincera amizade. Gratidão ao seu Zé, dona Carmem, Diego e Cristiane por serem minha acolhida e conforto quando eu estava longe do Paraná.

Ao Movimento Champagnat da Família Marista, em especial à fraternidade CHAMA: irmãos Alberto e Marcondes e as famílias de Mário e Rita, Sérgio e Adriane, Paulo e Rosane, Régis e Nice pela partilha de vida.

*A resposta certa não importa nada: o essencial é
que as perguntas estejam certas (Mario Quintana).*

RESUMO

O tema desta pesquisa é o processo de elaboração e divulgação dos livros didáticos da Coleção F.T.D. sob a perspectiva dos sujeitos que dele participaram, a saber: tradutores, autores e editores. O objetivo geral foi analisar as práticas assumidas pelos maristas que possibilitaram a inserção, circulação e permanência da coleção intitulada F.T.D. no campo de didáticos no Brasil no período de 1912 a 1956. Para atingir esse objetivo, refleti sobre as práticas de autoria e edição das obras; analisei as articulações sociais estabelecidas entre os autores e editores da coleção e uma determinada intelectualidade que, através de missivas, apoiou e divulgou esse projeto editorial. O período dessa pesquisa justifica-se por tratar-se do momento em que o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria celebrou contrato com a Livraria Francisco Alves para comercialização das obras e a Typografia Siqueira para sua impressão. A Instituição, proprietária da coleção, articulou a expansão e fortalecimento desse projeto na região sudeste contando com uma rede de colégios. A organização da coleção de títulos das obras escolares teve como principais agentes os próprios membros da Instituição, que além do ofício de professores, foram tradutores, autores e editores. Nesta tese foram utilizadas como principais fontes de investigação os periódicos da instituição: *Bulletin des Études* (1912-1931), *Boletim dos Estudos* (1931- 1945), *Voz Marista* (1945-1958), o relato memorialístico *Vingt Ans de Brésil* (1897-1917), e as obras biográficas: *Escôço biográfico do primeiro provincial* e *Escôço biográfico do segundo provincial*. A tese tem como alinhamento teórico a história cultural com interlocução principalmente com Chartier que trata da história do livro e sua autoria e edição e de Bourdieu com relação ao campo editorial. Constata-se que esse projeto editorial foi empreendido concomitante à expansão de colégios maristas e o crescimento da escolarização no Brasil. Verifica-se articulações sociais entre os autores e editores da Coleção F.T.D. com intelectuais, os quais com interesses mútuos, contribuíram para fortalecimento dos projetos educacionais e deram amparo com relação à elaboração de livros da área de língua portuguesa no que refere-se as normas ortográficas e aos programas de ensino que possuíam como referência o Colégio Pedro II.

Palavras-chave: Educação, livros didáticos, projeto editorial marista, coleção F.T.D.

ABSTRACT

The theme of this research is the process of production and dissemination the didactic books of the F.T.D. from the perspective of the people who participated in it, translators, authors and editors. The general aim was to analyze the practices adopted by the marist brothers that made enabled the insertion, circulation and permanence of the collection named F.T.D. in the field of didactics in Brazil from 1912 to 1956. At to achieve this goal, I had reflected on the authorship and edition of the books; I had analyzed the social articulations established between the authors and editors of the collection and a particular intellectual who, through letters, had supported and had disseminated this editorial project. The period of this research is justified because it is the moment who the Institute of the Marist Brothers signed a contract with bookstore Francisco Alves to sell the books and Typografia Siqueira for their printing. The Institution, the collection`s owners, articulated the expansion and strengthening of this project in the southeastern region with a network of schools. The organization of the collection of titles for books school had as main agents the members of the Institution, who had been teachers, translators, authors and editors. In this thesis, the institution's periodicals were used as the main sources of investigation: *Bulletin des Études* (1912-1931), *Boletim dos Estudos* (1931-1945), *Voz Marista* (1945-1958), the *Vingt Ans de Brésil* memorial report (1897- 1917), and the biographical works: Biographical sketch of the first provincial and Biographical sketch of the second provincial. The thesis has as its theoretical alignment the cultural history with interlocution mainly with Chartier who had researched the history of the book and its authorship and edition and with Bourdieu in relation to the editorial field. It check that this editorial project was together with the expansion of Marist schools and the growthing of schools in Brazil. There are social articulations between the authors and editors of the F.T.D. with intellectuals, with very interests, contributed to the strengthening of educational projects and provided support in relation to the preparation of books in the Portuguese language area with rules to orthographic norms and teaching programs that had Colégio Pedro II as a reference.

Keywords: Education, textbooks, Marist editorial project, collection F.T.D.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Novas Tábuas de Logaritmos.....	85
Imagem 2 - Catálogo da F.T.D. de 1922.....	87
Imagem 3 - Francisco Alves de Oliveira.....	90
Imagem 4 - Paulo Ernesto de Azevedo.....	93
Imagem 5 - Oficinas Typografia Siqueira.....	96
Imagem 6 - Inauguração da filial da Typografia Siqueira em São Paulo.....	97
Imagem 7 - Primeiro relatório das publicações F.T.D.....	100
Imagem 8 - Articulações sociais entre os intelectuais e os maristas.....	111
Imagem 9 - Autores dos textos da obra Livro de Leitura da Coleção F.T.D.....	113
Imagem 10 - Carta de Carlos Alberto Nunes na obra Noções de Literatura.....	132
Imagem 11 - Noções Gerais de Literatura -1929.....	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Províncias francesas que enviaram os primeiros maristas ao Brasil.....	39
Quadro 2 - Ano da chegada ao Brasil e quantitativo de congregações (1900 - 1959).....	40
Quadro 3 - Provinciais do Brasil Centra (1901-1958).....	42
Quadro 4 - Colégios maristas no estado de Minas Gerais.....	54
Quadro 5 - Fundações de colégios maristas em São Paulo.....	60
Quadro 6 - Matrículas nos colégios maristas do estado do Rio de Janeiro em 1956.....	62
Quadro 7 - Colégios maristas fundados no Paraná até 1958.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDE - Associação Brasileira de Escritores
ABE - Associação Brasileira de Educação
ABEC - Associação Brasileira de Educação e Cultura
ABI - Associação Brasileira da Imprensa
ABRAFIL - Academia Brasileira de Filologia
ABL - Academia Brasileira de Letras
CEB - Círculo de Estudos Bandeirantes
CEM - Centro de Estudos Maristas
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNME - Campanha Nacional de Material de Ensino
CNLD - Comissão Nacional do Livro Didático
CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil
COLTED - Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático
CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DNE - Departamento Nacional de Educação
EBSA - Revista da Editora do Brasil
FAE - Fundação de Assistência aos Estudantes
FENAME - Fundação Nacional do Material Escolar
FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FOCUS - Grupo de Estudos sobre Instituição Escolar e Organizações Familiares
F.T.D. - Frère Theophane Durand
IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGRJ - Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro
INL - Instituto Nacional do Livro
LIHED - Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil
MEC - Ministério da Educação
OFM - Ordem dos Frades Menores Franciscanos
O.T.C - Ordem Terceira do Carmo
PLID - Programa do Livro Didático
PLIDEF - Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático

PUC-PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SNEL- Sindicato Nacional dos Editores de Livros

UBEE - União Brasileira de Educação e Ensino

UFF - Universidade Federal Fluminense

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

Introdução.....	16
Capítulo 1: Chegada dos maristas ao Brasil: circulação no campo religioso e educacional.....	36
1.1: A Província Marista do Brasil Central e os maristas em Minas Gerais.....	37
1.2: “São Paulo é São Paulo, ainda sem os desvarios porvindouros”.....	55
1.3: Rio de Janeiro e Mendes, o coração da Província.....	60
1.4: Em território paranaense.....	62
Capítulo 2: As práticas de autoria e edição da Coleção de livros F.T.D.....	66
2.1: As primeiras práticas editoriais.....	70
2.2: Isidoro Dumont: o homme d’affaire do projeto editorial.....	74
2.3: A parceria com Francisco Alves e João Augusto Siqueira.....	86
2.3.1: O rei do livro e a F.T.D.....	86
2.3.2: As relações contratuais com Paulo Ernesto de Azevedo.....	91
2.3.3: Typografia Siqueira: artífice das obras <i>efetedianas</i>	94
2.4: As práticas de autoria entre 1912 e 1956.....	98
2.5: O sonho de uma colmeia <i>efetediana</i> e o contrato com a Editora do Brasil S/A.....	104
Capítulo 3: O apoio de intelectuais ao projeto editorial.....	109
3.1: Divulgação, defesa e apoio da Coleção F.T.D.....	120
3.2: Os livros didáticos e os embates em torno da ortografia da língua portuguesa.....	138
Considerações finais.....	156
Referências.....	161
Referências das obras da Coleção F.T.D.....	171
Fontes.....	172
Apêndices.....	174
Anexos.....	207

INTRODUÇÃO

O tema desta tese é o processo de elaboração e divulgação dos livros didáticos da Coleção F.T.D.¹. sob a perspectiva dos sujeitos que dele participaram, tradutores, autores e editores. O objetivo geral foi analisar as práticas assumidas pelos maristas que possibilitaram a inserção, circulação e permanência da coleção intitulada F.T.D. no campo de didáticos no Brasil no período de 1912 a 1956.

Mesmo com o crescimento dos estudos sobre esse assunto, sejam eles os intitulados estado da arte ou sob outras perspectivas metodológicas, verificados entre os anos 1990 e 2000 e com o levantamento de novas questões teóricas a constituição desse campo ainda possui possibilidades de aprofundamento dada sua complexidade ou a exploração de novas fontes (BRAGANÇA, 2010; MUNAKATA, 2012a).

As pesquisas de Abreu (1995), Andrades (2001), Sorá (2010), Bragança; Abreu (2010), Barone (2008) e Galucio (2009) tendo como foco livros didáticos, editoras e editores, embora com interlocução com a F.T.D. não a focalizaram no campo editorial dentro do período proposto nesta pesquisa ou sem uma discussão das práticas dos sujeitos no processo de elaboração de livros didáticos.

Os debates que vieram a lume após os anos 2000, que tratam a F.T.D., como Barone (2008) e Farias (2010) focalizaram as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa respectivamente, discutindo a materialidade das obras e seus autores, sem análise da prática dos seus autores e editores.

Nos anos 2004 e 2008, o Núcleo de Pesquisas sobre Livro e História Editorial no Brasil (LIHED) da Universidade Federal Fluminense (UFF) sob a coordenação do professor Aníbal Bragança, organizou dois eventos com objetivo de aprofundamento do diálogo entre pesquisadores com estudos sobre do livro e da história editorial², corroborou para uma discussão assertiva da F.T.D. no campo de didáticos.

A proposta desta tese portanto, vem ampliar o debate elaborado por Bittencourt (1993, p.84), quando afirma de modo propositivo que a F.T.D. possui “data um pouco incerta” de fundação. Somando-se a essa pesquisa, há afirmativas nos demais debates de que a editora existiu desde o início do século XX, dado equivocado conforme evidenciamos na tese.

¹ A Sigla FTD é uma homenagem à Frère Theophane Durand, um dos diretores gerais da Instituição Marista. Ao longo da tese será esclarecido sobre ele bem como as razões dessa dedicatória.

² I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial realizado entre os dias 8 e 11 de novembro de 2004 e II Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial ocorrido entre os dias 12 e 13 de maio de 2009.

A afirmação de Bittencourt (1993) sobre a incerteza da data de fundação da editora F.T.D. e de que elaborou obras para atender a uma demanda marcada por ditames educacionais europeus, provenientes de colégios católicos franceses, incluindo os próprios maristas, corrobora com as pesquisas de Bragança (2016) sobre o contrato comercial entre a Livraria Francisco Alves e os maristas em 1912, proprietários da coleção de obras didáticas sob o título de F.T.D, os quais ofereceram possibilidades de um debate sobre os desdobramentos dessas relações comerciais e como foram mobilizadas ações para atender tais ditames e demandas.

Razzini (2006) analisou os livros didáticos da Typografia Siqueira, a qual encarregou-se das impressões das obras de F.T.D. desde 1912 até 1956. Esse trabalho constituiu o prosseguimento da pesquisa da autora sobre a produção e circulação de livros didáticos em São Paulo nas primeiras décadas da república no período de 1899 a 1930. Pesquisou além da Siqueira a produção de mais duas editoras: Livraria Francisco Alves e Editora Melhoramentos.

Os dados da Typografia Siqueira foram relevantes no campo editorial à medida que denotaram negócios com o Estado que incluíam “a venda de livros em branco para escrituração administrativa; passavam pela aprovação e adoção de livros didáticos para o ensino elementar; e iam até a elaboração de obras importantes, como o *Anuario do Ensino do estado de São Paulo* os quais passaram a servir não apenas como “vitrine oficial” mas também “meio de comunicação instrucional do governo aos professores, na tentativa de promover a uniformização do ensino elementar”³ (RAZZINI, 2006, p.2).

Razzini (2006, p.3) nessas discussões indicou a necessidade de pesquisas que trouxessem dados sobre a circulação de livros didáticos “à medida que informações bibliográficas de autores, editores e autoridades educacionais fossem configurando uma rede de relações capaz de influenciar (ou não) a validação dos livros didáticos”, aspecto esse contemplado nesta tese, ao debater sobre uma rede de intelectuais os quais ofereçam chancela aos livros da F.T.D.

A Livraria Francisco Alves, ao inserir as obras da F.T.D. em sua empresa, ampliou significativamente seu catálogo. Dados sobre os lançamentos de obras didáticas da Alves no período entre 1910 e 1950, corroboram para essa assertiva. Trata-se do período com maior número de publicações em relação as outras áreas. Somente na década de 1910 essa editora contabilizou 138 títulos novos, quando em décadas anteriores não chegou a 90 (RAZZINI, 2006, p.11).

³ A autora apurou que entre 1908 e 1937 a Tipografia Siqueira publicou mais de doze *Anuarios do Ensino*.

Essa espécie de *boom*, apropriando-me de uma palavra utilizada por Miceli (1979), parece razoável para uma discussão dos interesses dos maristas, da Livraria Francisco Alves e da Typografia Siqueira visto que, entre as décadas de 1920 e 1940 a única editora que evidenciava-se como sua principal concorrente forte dessa na linha de didáticos era a Companhia Editora Nacional com destaque de autores como Joaquim Silva (PINTO JR., 2010).

No final da década de 1920 com a crise econômica mundial houve a elevação do valor da importação do livro estrangeiro o que forçou o aumento na produção de obras nacionais que a seu turno seriam distribuídas às escolas pelo Estado, via políticas públicas. Tal aspecto corroborou para a intensificação do aumento da produção das obras didáticas dos maristas. Um dos catálogos da Coleção F.T.D. de 1922, 25 anos depois da chegada da Instituição ao Brasil, constavam 126 obras didáticas, excetuando-se as brochuras de propaganda e vocação, cânticos, livros de missa, 8 cadernos de caligrafia e uma biografia do fundador (BIBLIOGRÁPHO, 1922).

Neste interim, as primeiras tentativas desenvolvidas pelo Estado na perspectiva de assegurar a distribuição de obras didáticas às escolas foi a criação do Instituto Nacional do Livro (INL) em 1929, a elaboração do Decreto nº 1.006 de 30/12/1938 e a constituição da Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) as quais que tiveram papel significativo para que as editoras focalizassem nesse produto (FREITAG, et. al. 1989).

Seguindo essa perspectiva da elaboração de políticas públicas para o livro, o período de 1937 a 1945 foi “rico em legislações e decretos que visavam a constituição do que na época se denominava, insistentemente, a ‘consciência nacional’, a ‘construção da nacionalidade’”, época em que as editoras investiram maciçamente em sua ampliação (OLIVEIRA, et. al. 1984, p. 34).

Essa investida das empresas na produção de obras em conformidade com os ditames governamentais, geralmente coordenada pelas práticas dos editores, teve nas políticas públicas educacionais uma atenção especial, pois representou uma parceria significativa com o Estado ou com intelectuais que o representavam ou possuíam vínculos de proximidade.

Concomitante com aumento dos livros nacionais no Brasil foi consolidando-se a ideia de que esse produto cultural fazia parte do processo educacional e contribuía para “valorização da cultura letrada” em que pese o papel dos sujeitos que participaram desse processo, tendo destaque autores e editores como Monteiro Lobato, os quais passaram a perceber o campo editorial como promissor (PINTO JR. 2010, p. 39).

Nessa perspectiva, todo o conjunto de obras elaboradas com a sigla F.T.D., organizada em uma coleção no interstício de 1912 até 1956, sem um selo editorial próprio, teve a chancela

para comercialização da Livraria Francisco Alves, posteriormente intitulada de Editora Paulo de Azevedo. E para sua impressão a Typografia Siqueira sob a supervisão de João Augusto Siqueira.

Para gestão administrativa dessa Coleção o Instituto Marista utilizou-se de uma mantenedora civil denominada de União Brasileira de Educação e Ensino (UBEE), a qual previa organização burocrática com relação aos trâmites legais e contratuais desse e de outros projetos. O contrato com a Casa Alves e com a Siqueira estendeu-se até março de 1956, quando a UBEE firmou uma parceria com a Editora do Brasil, que ficaria responsável pelas edições das obras F.T.D. e com a Tipografia Cruzeiro do Sul, que passou a imprimi-las. A partir desses novos contratos há uma ressignificação das práticas editoriais as quais carecem de novas investigações.

O contrato dos maristas com a Editora do Brasil⁴, assinala dessa forma, outros alinhamentos editoriais, marcados por embates com relação a divisão de lucros advindos da comercialização dos livros. Essa editora fundada em 1943, teve como diretor-presidente até os anos de 1960, Fernando Costa, que juntamente os outros representantes da empresa buscaram o destaque no mercado editorial em torno de três objetivos “montar um catálogo de livros didáticos, promovê-los por meio de técnicas variadas e lançar uma revista da própria editora” (BRAGHINI, 2012, p.158).

A Editora do Brasil manteve contrato com os maristas entre 1956 a 1963. Após a rescisão desse contrato, os irmãos nomearam uma equipe para dedicação integral às funções editoriais no que refere-se a contratação de autores e editores que resultou na fundação da Editora F.T.D. E foi somente em 17 de setembro de 1965 que constituiu-se como Editora Coleção F.T.D. LTDA e logo em seguida, em Editora Coleção F.T.D. S/A até tornar-se Editora F.T.D. S/A em 3 de novembro de 1965⁵ (DIÁRIO OFICIAL DE SÃO PAULO, 1965, p. 54).

A constante busca por posições de credibilidade no campo editorial, cerceada por conflitos fossem internos ou externos, possibilitou à editora após sua fundação, ocupar lugares de destaque em boa medida justificados pelas compras realizadas pelo Estado via políticas públicas. Embora o foco desta tese não seja investigar as posições da editora em relação a outros grupos, verifica-se a recorrência em suas posições destaque nas negociações com o MEC (Ministério da Educação), verificadas desde a década de 1970.

⁴ Há evidências de que nem todos os maristas eram favoráveis ao contrato com a Editora do Brasil. Percebe-se também que houve críticas ao modo como a Editora d dinamizou a edição e a comercialização das obras da Coleção F.T.D.

⁵ Atualmente a editora tem a denominação de FTD Educação.

Conforme Oliveira et. al (1984) de 1971 até 1981, das 40 editoras parceiras do Estado no processo de coedição de livros didáticos, 6 delas foram detentoras de 50% do total de títulos coeditados: Editora do Brasil com 14%, Editora FTD com 10%, Editora Abril com 8%, IBEP com 7%, Ao Livro Técnico 6% e Tabajara com 5%⁶.

No decorrer da década de 1980 até os anos de 2000 prevaleceu a recorrência da Editora FTD S/A em posições privilegiadas, seja na aquisição dos títulos, seja nos valores negociados pelo Estado. Com mudanças tênues nas empresas editoriais nos primeiros lugares, apareceu a Editora Moderna também com destaque anos de 2000 (CASTRO, 1996; CASSIANO, 2005; HOLFLING, 2000).

De acordo com dados estatísticos disponíveis no portal eletrônico do MEC, no ano de 2020, das 24 editoras que negociaram suas obras com o Estado, a Editora FTD S/A ficou em 3º lugar em número de tiragens de livros, somados o Ensino Fundamental e Médio, contabilizando o quantitativo de 30.201.349 obras, o que demonstra a recorrência dessa empresa e de outros grupos editoriais de modo acentuado nas compras realizadas pelo governo através dos editais dos programas do livro didático.

Os dados estatísticos em que aparece a FTD em destaque problematizados em pesquisas sobre livros didáticos, editoras, editores⁷ e temas afins contemplados em investigações no campo da educação, da história ou de áreas similares imbricados entre si, levaram-me a questionar-me sobre o modo como foi arquitetada a ideia da elaboração de livros didáticos ancoradas num ideal de projeto cultural para o Brasil, considerando as práticas de autoria e edição anterior a fundação da empresa⁸.

Questão igualmente relevante refere-se ao fato da Editora FTD ser uma empresa pertencente a uma instituição católica com tradição na oferta de ensino no Brasil desde o início do século XX, e que atualmente conta com uma rede de colégios e outros empreendimentos em todo território nacional. Tal aspecto corrobora para considerar uma peculiaridade na FTD, pois

⁶ Para maiores detalhes sobre os gastos públicos na área educacional no Brasil e a problematização da relação e a influência do mercado editorial na elaboração dos programas do livro didáticos nos anos 1980, consultar Castro (1996).

⁷ Uma das obras basilares nos estudos sobre editores e editoras do Brasil foi realizado por Hallewell (2012).

⁸ Para maiores detalhes sobre as alterações do mercado editorial brasileiro dos livros escolares desde a implementação do PNLD em 1985 até o início dos anos 2000 e sobre o oligopólio de grupos empresariais bem como a entrada de grupos editoriais espanhóis no Brasil incentivadas por políticas econômicas de abertura ao capital internacional efetivadas no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) consultar Cassiano (2005).

outros grupos católicos⁹ que investiram na elaboração de livros o fizeram desde seu início com uma empresa editorial constituída como foi o caso da Editora Vozes (ANDRADES, 2001).

As razões do foco desta pesquisa relacionam-se com os vínculos que tive com a instituição marista ao longo de minha trajetória pessoal e profissional. O contato foi na década de 1990, quando ainda era estudante do Ensino Fundamental em uma escola pública na cidade de Ponta Grossa no Paraná. Os maristas, adequando-se ao seu ideal de evangelização por meio da educação também realizavam um trabalho de recrutamento vocacional¹⁰ em escolas com objetivo de angariar novos membros. Num desses projetos aceitei o convite para tornar-me irmão marista e por alguns anos estudei na instituição.

Ao tomar contato com a história dos maristas, naquele momento na adolescência, não havia percebido que a Editora era administrada por eles. Aspecto que fui constatar posteriormente nos anos 2000 quando, mesmo não sendo religioso¹¹, era funcionário e tive oportunidade de aprofundar os estudos sobre o patrimônio histórico tanto decorrente da função que exercia como da participação do 1º Curso sobre o Patrimônio Histórico e Espiritual Marista, intitulado L´ Hermitage no ano de 2006.

A leitura de bibliografias da instituição marista, o conhecimento de fontes não exploradas com dados e informações sobre a Coleção F.T.D. e a minha experiência adquirida durante a realização do mestrado sobre as políticas do livro didático no Brasil levaram-me a perceber as potencialidades de investigação das práticas dos maristas enquanto editores e autores entre a década de 1910 e 1950 (OLIVEIRA, 2011).

Portanto, a pesquisa focada no intervalo temporal de 1912 até 1956, possibilitou compreender as práticas dos maristas com relação a mobilização para sua inserção e circulação no campo editorial ainda que não houvesse uma empresa própria. Mesmo não constituindo-se enquanto “maison d´ edition¹²”, ocupou uma posição amparadas por estratégias com relação a publicação de livros em que seus autores e editores tiveram papel fundamental (BOURDIEU, 1999).

⁹ A pesquisa de Bittencourt (2014) examinou os efeitos da circulação internacional das congregações religiosas na produção editorial no Brasil e destacou algumas estratégias e os investimentos do clero e de leigos dedicados à produção de livros, revistas e jornais católicos.

¹⁰ Termo utilizado pelos irmãos maristas e outras instituições religiosas católicas para designar a busca e o convite para que adolescentes e jovens fizessem parte da Congregação como religiosos consagrados.

¹¹ Termo designando àqueles que oficialmente pertencem a instituição após terem professado publicamente os chamados votos de pobreza, obediência e castidade segundo as normas da Congregação e da Igreja Católica.

¹² Bourdieu (1999, p.3) afirma que “Cada editora ocupa em efeito, em um determinado momento, uma posição no campo editorial que depende de sua posição na distribuição de recursos raros (econômicos, técnicos, etc.) e dos poderes que eles conferem sobre o campo; é essa posição estrutural que orienta as posições de seus responsáveis, suas estratégias em termos de publicação de livros”.

Para analisar as práticas editoriais dos maristas a partir de seus ofícios em torno da Coleção F.T.D. a pesquisa organizou-se em torno dos seguintes objetivos, a saber: descrever como os sujeitos do Instituto Marista, proprietários da Coleção F.T.D. articularam-se e inseriram-se no campo religioso e educacional desde a sua chegada da França em 1897 até 1958 para abertura de colégios na região sudeste; refletir quais foram suas as práticas editoriais entre 1912 e 1956 as quais possibilitaram a inserção e circulação no campo de didáticos; analisar como foi estabelecida articulações sociais entre os autores e editores maristas com uma determinada intelectualidade através de missivas, para os apoiarem na elaboração e divulgação das obras da coleção e debater o papel que teve Isidoro Dumont, Mário Bachelet e outros autores e editores como sujeitos chave no processo do desenvolvimento do projeto editorial e analisando sua trajetória enquanto administrador da coleção de livros.

Em se tratando das pesquisas realizadas depois dos anos 2000 até o momento sobre a Editora F.T.D., seus livros ou interlocução com a editora tiveram como uma das obras citadas *F.T.D: 100 anos fazendo o amanhã*, organizada por Megale (2003). Entre essas estão Barone (2008), Cassiano (2005) Neves (2005), Alamino (2013) e Takeuchi (2005).

A obra de Megale (2003) é uma publicação comemorativa, elaborada em razão do centenário de lançamento da obra tida como número um da F.T.D. brasileira, *Exercícios de Cálculo sobre as quatro operações* escrita em 1902, traduzida e impressa por Andrônico, o que levou a diretoria da Editora F.T.D. a assumir essa data como o ano de “fundação da editora”.

Na obra de Megale (2003) há citação de fontes com dados e informações da Coleção F.T.D., as quais encontravam-se nos arquivos da Instituição Marista nas cidades de Curitiba, Belo Horizonte e São Paulo o que levou-me a buscá-las intencionando verificar a possibilidade de sanar a problemática e os objetivos propostos nesta tese.

Uma das fontes que encontrei no Memorial Marista em Curitiba foi o *Vingt de Brésil (1897-1917)*. É um documento em forma de diário, crônicas e relatos dos primeiros vinte anos dos maristas no Brasil. Outros documentos encontrados foram o *Bulletin des Études* e *Escôrço Biográfico* do primeiro e do segundo provincial e de uma bibliografia sobre a Congregação Marista.

Além de Megale (2003), constatee que na pesquisa de pós-doutorado de Razzini (2006) sobre a produção e circulação de livros didáticos em São Paulo (1889-1930) há registro da citação de duas fontes: *Escôrço Biográfico do segundo provincial*: irmão Isidoro Dumont (1941) e a obra *História da Educação no Brasil: Editora FTD*, elaborado por Ferrarini (1998).

Na obra de Ferrarini (1998) encontrei uma narrativa da F.T.D. a qual teve como base e os *Escôrços Biográficos* do primeiro e do segundo provincial, o *Bulletin des Études*, *Voz Marista* e *Vínculo Marista* os quais apareceriam reiteradas vezes. As citações desses documentos na obra de Ferrarini (1998) e de Megale (2003) levaram-me a procurá-los nos arquivos da Editora F.T.D. S/A em São Paulo, no Memorial Marista em Curitiba e no Centro de Estudos Maristas (CEM) em Belo Horizonte.

Ao ter acesso a essas fontes, verifiquei que são documentos com detalhes da Coleção F.T.D., bem como das práticas editoriais de seus autores e editores ao longo da trajetória dos maristas neste país. Esses documentos possibilitaram-me obter dados sobre a intencionalidade desses sujeitos, seus projetos educacionais, seus embates e de que modo o projeto de elaboração dos livros didáticos se processou durante o período de investigação proposta nesta tese.

O periódico *Bulletin des Études*¹³ possuía inicialmente em 1912, data de sua criação por Isidoro Dumont, 4 páginas com edições mensais e foi escrito em francês concomitante com o português, especialmente nos anos iniciais de sua produção. Sua circulação era interna, embora se note sua presença em outros espaços da sociedade, para além da instituição, uma vez que esses eram disponibilizados para os intelectuais que passaram a ter vínculos com os maristas. Cada mês constituía um número do documento. Depois da morte de Isidoro Dumont quem responsabilizou-se por sua edição foi principalmente Mário Bachelet, pois já o auxiliava nas questões editoriais desde o início do documento¹⁴.

O *Bulletin des Études* foi organizado em volumes e números de edições, sendo que cada ano constituiu um volume e cada mês um número. Excetuando-se o mês de seu início, março de 1912, os demais abrangeram os meses de fevereiro a novembro. Assim, o número 1, volume 1 foi editado em março de 1912, e até abril de 1945 totalizou 34 volumes com 333 números.

A partir da década de 1930 o título do documento foi traduzido para *Boletim dos Estudos*, embora verifica-se que em alguns números o título continua em francês prevalecendo a mesma estrutura anterior. A tradução de todas as edições para *Boletim dos Estudos* ocorreu de modo definitivo em fevereiro de 1939 e em 1945 passou a chamar-se *Voz Marista*.

O *Voz Marista* teve seu primeiro número em maio de 1945. Não possuía descrição de volume. Circulou até janeiro de 1956 fechando com o número de edição 109, variando o número de páginas entre 4 e 12. Em fevereiro de 1956 foi organizado como uma nova série. E de fevereiro de 1956 até dezembro de 1958 totalizou 31 números, sendo um deles categorizado

¹³ Para melhor visualização da organização estrutural dos documentos analisados, vide apêndices.

¹⁴ PROVÍNCIA MARISTA DE SÃO PAULO. *Vida Marista*, São Paulo, v.9, n.64, p.87-94, jun./jul.1967.

como número especial. O *Voz Marista* a partir de fevereiro de 1956 até 1958, teve suas páginas numeradas sequencialmente no decorrer de cada ano, diferentemente dos outros números que iniciava-se a contagem a cada mês.

Com a reestruturação das unidades administrativas da instituição marista em 1958 foram produzidos outros documentos em continuidade ao *Bulletin des Études* e o *Voz Marista* sob os títulos de *Vida Marista* e *Vínculo Marista*. Com o mesmo escopo, embora com maior número de páginas e assuntos tratados, esses documentos continuaram a trazer inúmeras informações sobre o projeto de elaboração de obras didáticas.

A investigação desses documentos e de outras fontes de apoio como os catálogos da Livraria Francisco Alves de 1933 e 1954, respectivamente, o *Bibliógrapho*; *Província Marista de São Paulo: síntese histórica*, *História da Educação no Brasil: editora F.T.D*, *O livro didático no Brasil*, de autoria de Sebastião Ferrarini, possibilitou-me o debate da elaboração de livros didáticos organizados em uma coleção e dinamizados por seus autores e editores.

Da *mente dos editores*¹⁵ Isidoro Dumont, Mário Bachelet e de outros maristas não há evidências da intencionalidade da abertura de uma empresa editorial pelo menos até a década de 1950, apenas práticas de um processo de elaboração de obras didáticas e de intencionalidades de adequação dessas ao ideário pedagógico marista e com o projeto de educação em curso no contexto brasileiro.

Esses documentos reservaram espaço para diretrizes aos maristas, temas e atividades para o estudo, como indicação e resenhas de livros, orientações sobre a elaboração das obras da coleção, além de um espaço para transcrição de correspondências entre os maristas e autoridades religiosas ou entre os maristas e a intelectualidade no Brasil aspecto significativo para discussão das práticas editoriais na escrita dos livros de língua e literatura portuguesa.

Esse documento e os outros utilizados nesta pesquisa mostraram-se férteis à medida que podem ser considerados documentos com intencionalidades específicas (LE GOFF, 2006). Não são neutros, mas são construções, conscientes ou não, do período e dos autores e editores que o produziram, de modo que, do conjunto dos textos foi possível identificar a recorrência tanto dos assuntos referentes aos livros como dos participantes desse processo que não foram de modo aleatório e mostraram-se significativos para esta tese.

No conjunto de aproximadamente 1.200 páginas do *Bulletin des Études* no período de 1912 a 1940, 171 páginas do *Boletim dos Estudos* de 1941 a 1944, 875 páginas do *Voz Marista* de 1944 a 1956, do documento *Vingt Ans de Brésil* (1897-1917) e dos *Escôrcos Biográficos*

¹⁵ Termo usado por Chartier (2014).

que apoiaram a construção da narrativa desta tese foi possível debater as perguntas emanadas da problemática e dos objetivos.

Uma das práticas evidenciadas foram as articulações sociais com entre intelectuais e os maristas que operacionalizou-se por meio das correspondências transcritas pelos editores no *Bulletin des Études, Boletim dos Estudos e Voz Marista* da década de 1920 até a década de 1950. De um lado, tratava-se da voz de sujeitos “alheios” aos interesses do projeto marista, de outro, a intencionalidade dos maristas que exerciam o papel de editores em trazer nomes específicos e textos escolhidos deles, o que não se deu por acaso e representou intencionalidades mútuas.

Nas missivas recebidas pelos editores e autores maristas¹⁶ percebe-se nas obras de língua portuguesa maior preocupação com relação a sua elaboração e adequação a ortografia portuguesa. Foi possível verificar as práticas com relação a autoria e edição dessas obras e o enfoque no que diz respeito aos cuidados com relação as normas da língua portuguesa, as quais tiveram diversos embates desde 1907 quando a ABL (Academia Brasileira de Letras) propõe regras para vocabulário ortográfico simplificado e ao longo das décadas seguintes nos acordos entre Brasil e Portugal, por conta das polêmicas em torno do modo da grafia das palavras (FARIAS, 2010).

As correspondências entre os intelectuais e os maristas, foram mais intensas depois do início da década de 1920. Tratava-se do momento em que paulatinamente iniciava-se a Companhia Editora Nacional que teve destaque na edição de livros e foi uma concorrente das obras didáticas da coleção F.T.D. divulgadas no catálogo da Livraria Francisco Alves. Outro aspecto do período refere-se aos debates e embates com relação à educação no Brasil verificados nas Conferências de Educação que foi propagadora de um ideal de homogeneização cultural e moral (PINTO JR., 2010).

Ao longo da tese, problematizei as razões da maior aproximação e vínculos dos maristas com uma essa intelectualidade desde a década de 1920, de modo a trazer as nuances dos aspectos educacionais e editoriais, dos ideais de nação e das relações desses com a elaboração dos livros didáticos até a década de 1950, momento que há um fortalecimento das relações entre as editoras e o Estado, fosse através da políticas públicas ou da criação de associações com a ABDE (Associação Brasileira de Escritores), fundada em 1942 e mudanças no campo editorial decorrentes das questões políticas.

¹⁶ Para melhor compreensão do conceito e da função de editores de livros didáticos consultar Bragança (2001).

Os *Escôrços Biográficos* do primeiro e do segundo provincial, respectivamente, são textos que permitiram verificar as práticas dos primeiros administradores marista e discutir questões dos projetos empreendidos. No *Escorço biográfico* de Dumont há importantes pistas na análise de sua trajetória pessoal, fosse como profissional ou membro de uma instituição religiosa que possibilitou-me reflexões sobre suas práticas editoriais e em seu papel enquanto sujeito que estabeleceu vínculos com alguns intelectuais do Brasil durante o período de 1920 a 1940.

Vingt Ans de Brésil (1897-1917) escrita principalmente por Adorátor, primeiro administrador da Ordem no Brasil, forneceu referências relacionadas ao início da trajetória dos projetos marista, aos embates com relação a oferta de ensino. Essa obra traz narrativas da fundação dos primeiros estabelecimentos educacionais e do projeto de elaboração de obras didáticas em território brasileiro no final do século XIX e início do século XX, focalizadas na região de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

Em torno da produção da coleção, alguns maristas editoram as obras didáticas ancoradas na autoria coletiva, ou seja, conjuntamente os próprios maristas as elaboravam e as auxiliavam sua edição. Para apoiar esse projeto com relação à elaboração e divulgação, verifiquei os maristas estabeleceram mantiveram vínculos e relações por meio de correspondências com intelectuais do campo educacional e editorial. Foram eles: José de Sá Nunes, Afrânio Peixoto, Antenor Nascentes, Paulo Setúbal, Guilherme de Almeida, Carlos Morais de Andrade, Mário de Andrade, João Leda, Jonathas Serrano, Alexandre Correia, além de relações comerciais com Francisco Alves, Paulo de Azevedo e João Augusto Siqueira proprietários de empresas no campo editorial e tiveram parceria com os maristas até 1956.

As articulações sociais formadas entre intelectuais e maristas permitiu a seu turno o encontro de interesses mútuos. De um lado, aos maristas que ao elaborarem suas obras, em especial as de língua portuguesa, buscavam adequá-las aos acordos ortográficos e os programas do Colégio Pedro II, que foi modelo aos colégios de ensino secundário do Brasil. De outro, aos intelectuais que ao aproximarem-se com a Ordem obtinham vantagens com relação a descontos nas mensalidades nos colégios maristas, inserção de seus nomes em obras didáticas, além da divulgação de seus próprios nomes no Instituto.

As articulações sociais estabelecidas também foram concomitantes à expansão escolar do ensino primário e secundário público no Brasil na década de 1930 e a fundação e crescimento das matrículas de alunos em colégios maristas, fatores intrinsecamente relacionados, que foram significativos no campo editorial de didáticos em expansão.

Verifiquei ainda que parte dos filhos das classes dominantes que estudaram em colégios maristas foram os intelectuais defensores dos projetos da instituição juntamente aos da Igreja Católica. Alguns deles tiveram papel significativo no projeto editorial, em especial os que frequentaram o Colégio Nossa Senhora do Carmo em São Paulo, uma vez que pertenceram a agremiações católicas como Centro Dom Vital e Ordem Terceira do Carmo (O.T.C.)¹⁷, circularam em postos-chave na sociedade ou defenderam um determinado ideário de educação. Esses intelectuais contribuíram para proporcionar condições favoráveis para credibilidade tanto da educação católica marista como para suas obras didáticas ancoradas em “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos”.

Com relação à divulgação e comercialização das obras didáticas no período em análise teve papel-chave Francisco Alves, que ofereceu uma vitrine aos títulos da F.T.D., os comercializava da matriz no Rio de Janeiro e filiais situadas nas cidades de Belo Horizonte e São Paulo. A consulta a dois catálogos dessa livraria, um de 1933 e outro de 1954, respectivamente, possibilitou-me a visualização de dados acerca do número de títulos, valores e disciplinas as quais compunham o conjunto das obras da F.T.D. Esses aspectos levaram-me a questionar o lugar da Casa Alves para a posição que obteve à então coleção de livros didáticos dos maristas justamente a partir dessas regiões estratégias do ponto de vista cultural, político e econômico da época (BRAGANÇA, 2016).

As impressões dessas obras viabilizadas pela Typografia Siqueira foi outro aspecto dessas articulações sociais que levou-me a questionar o quanto essa empresa tipográfica na pessoa de João Augusto Siqueira, foi preponderante ao projeto editorial, uma vez que representou a principal empresa a prestar esse serviço aos maristas até meados da década de 1950.

A instituição marista ao longo de sua ação nas esferas religiosas e educacional no país contou com a participação, simpatia e apoio de um grupo de intelectuais que adquiriram visibilidade e credibilidade em seus discursos ao longo do Brasil republicano e que reivindicavam para si a autoridade diante dos temas culturais dando legitimidade para que as obras didáticas F.T.D. pudessem marcar posição no campo de didáticos.

Um campo pode ser considerado como um mercado em que os agentes se comportam como jogadores. Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (situs) atual e potencial na

¹⁷ Verifica-se que também é tratada como Venerável Ordem Terceira do Carmo (V.O.T.C) por Monteiro (1978).

estrutura da distribuição de diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com as outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.). Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído do conjunto destes microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irredutíveis às que regem os outros campos. Por exemplo, o campo artístico, o campo religioso ou o campo econômico obedecem a lógicas diferentes (BONNEWITZ, 2003, p.72).

Ainda que não fosse uma empresa editorial constituída, a Coleção de livros da F.T.D. em especial as obras de língua portuguesa contaram com a chancela dos intelectuais como fator significativo para demarcar sua posição¹⁸ além de contarem com o catálogo da Francisco Alves já constituída no mercado.

Esse grupo de intelectuais, alguns autores da editora Francisco Alves, ao longo de três décadas mantiveram correspondências com os maristas. Os sujeitos desse grupo eram detentores de características comuns e de relações específicas com o Estado e instituições culturais naquele contexto e formaram um grupo de apoiadores aos maristas.

O levantamento de quais foram os intelectuais que mantiveram relações de sociais com a F.T.D., utilizando-se de missivas transcritas nas fontes, permitiu-me verificar aproximações e distanciamentos em suas posições a partir dos projetos que foram engendrados no Brasil, embora iniciados na década de 1910, foram intensificados após a década de 1920.

O estatuto de intelectual relacionou-se com a tarefa de interpretar o Brasil, uma responsabilidade atribuída a si mesmos de construção da nação que influenciou opiniões, governos e o próprio Estado. Uma postura que contribuiu para efetivamente impor novas representações do político e que de 1925 até 1940 mostrou-se preocupada especialmente com a identidade nacional e suas instituições (PECAULT, 1990).

Após a década de 1940, ainda prevalecerá os capitais desses sujeitos investidos da tarefa de levar adiante projetos que promovessem o desenvolvimento da Nação.

Assim a elite intelectual apresentou-se, em diferentes momentos, investida da missão de revelar a verdadeira face da nação e de traçar as suas linhas de força para o futuro. O credenciamento para a tarefa proviria de uma suposta qualificação para desvendar as regras de funcionamento do social e desse modo formular, a partir de dados e critérios objetivos, políticas de ação. Tal direito sempre lhe pareceu algo evidente, que dispensava qualquer tentativa de justificação (DE LUCA, 1999, p.19).

¹⁸ Nesta pesquisa assumimos conceitos de campo e capital utilizados por Bourdieu (1996, 2002, 2004 a, 2004b, 2008).

Apesar de suas discordâncias, esses intelectuais buscaram a convergência nas reivindicações de um status de porta vozes na defesa da ideia de que um caminho para o progresso seria via educação. Tal agir consistiu em diversas frentes sendo que a criação, filiação a instituições, agremiações ou entidades representaram um elemento importante.

No interstício da década de 1920 e 1950 o grupo de intelectuais que emergiram das fontes, os quais mantiveram correspondências epistolares ou de outras formas com os maristas, elaboraram prefácios e apesar das divergências teóricas, fossem filosóficas ou políticas, concordavam com a necessidade de novas metas para educação no Brasil e elaboração de livros didáticos para formar os cidadãos numa perspectiva cristã.

A partir da verificação da ação desses intelectuais, em certa maneira expressas nas correspondências, notei que entre as instituições que eles circularam situavam-se a Academia Brasileira de Letras (ABL), Associação Brasileira de Educação (ABE), Círculo de Estudos Bandeiras (CEB), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL), Colégio Pedro II, Centro Dom Vital, além de outras Academias de Letras regionais ou locais, instituições que representaram referências no campo cultural.

Os apelos e as afirmações de um projeto de nação republicana que arquitetada em parte por esses intelectuais teve na educação e nos livros didáticos um espaço privilegiado. Portanto, a criação, filiação ou fortalecimento de instituições já existentes pela ação desses intelectuais os possibilitou maior visibilidade. Isso em certa medida pode ser considerado como um mecanismo que favoreceu tanto os projetos dos maristas como desses próprios intelectuais os quais tiveram registros de seus nomes em alguns títulos da coleção de livros F.T.D.

No campo da educação teve destaque a ABE e as Conferências Nacionais de Educação da década de 1920 em diante, as quais representaram lugares privilegiados para projeção de uma *intelligentsia*, que seria autorizada a debater ou posicionar-se sobre o assunto. As atividades organizadas pela ABE aproximavam sujeitos e grupos com visões distintas, tendo em comum o assunto educação enquanto potencial de transformação (PINTO JR., 2011).

A ABE veiculava publicação de artigos, revistas e cursos e foi autorizada a debater sobre os problemas da educação. Seus integrantes foram adquirindo notoriedade à medida que publicavam ou palestravam acerca de temas educacionais, de modo que parte da intelectualidade integrante dessa instituição manteve vínculos e correspondências com os maristas.

No escopo das Conferências Nacionais da Educação viabilizadas pela ABE estava: oferecer visibilidade ao Estado, legitimar os sujeitos responsáveis pelas reformas na educação,

conquistar a sociedade como um todo e organizar o discurso educacional através da reforma da cultura e da escola (VIEIRA, 2017).

Ao participarem dessas associações, os intelectuais adquiriram prestígios culturais pela intensificação na produção de livros, discursos, palestras, além da aproximação com o poder político já constituído, e que apesar de embates se destacaram. Os seus nomes inseridos nas obras da coleção F.T.D. representaram um modo de divulgação e afirmação de uma determinada postura cultural.

Cumprir frisar que, além das Conferências da Educação operacionalizadas pelo ABE, houve outros movimentos entre as décadas de 1920 e 1950 que agregaram intelectuais com posicionamentos antagônicos e causaram embates. O Manifesto dos Pioneiros da Educação foi um desses, pois houve divergências entre intelectuais que propunham uma renovação da educação contra os defensores do ensino religioso obrigatório.

O Movimento dos Pioneiros da Educação¹⁹ iniciado na década de 1920, concomitante a Reforma Sampaio Dória, Semana da Arte Moderna e a própria ABE em 1924 teve a participação de personalidades que mesmo sendo defensores de ideias comuns, possuíam embates no que se refere a defesa dos pressupostos educacionais expostos na Coleção de livros dos maristas.

Quando foi criado o Ministério da Educação e Saúde na década de 1930 por Getúlio Vargas e nomeado Francisco Campos como ministro houve uma reforma no ensino. A Reforma Francisco Campos de 1931 expressou uma perspectiva burguesa e deu importância ao ensino da língua portuguesa, com intuito de transmitir o nacionalismo no Brasil, de modo que esse aspecto causou mobilização marista para adequação de suas obras didáticas e de seu ensino às prerrogativas do decreto (DALLABRIDA, 2009).

Quando Gustavo Capanema assumiu o Ministério da Educação e Saúde em julho de 1934 no governo Vargas, chamou sujeitos que estavam ligados aos maristas havia muito tempo. Um deles foi o modernista Mário de Andrade, que havia sido aluno em São Paulo e já era detentor de uma trajetória no campo intelectual.

Parte dos intelectuais correspondentes dos maristas estavam ligados à defesa de um projeto cultural em que a língua portuguesa era seu principal vetor. Dele participaram membros da ABL, da ABRAFIL e intelectuais chave no movimento da Arte Moderna no Brasil; posteriormente por outros ligados a revistas, universidades e ao campo editorial como escritores já consagrados em determinadas áreas.

¹⁹ Para maiores esclarecimentos sobre os embates entre católicos e liberais consultar Cury (1984).

As articulações sociais entre os intelectuais e os maristas foi um dos pilares das práticas editoriais para elaboração dos livros didáticos enquanto produtos culturais que exerceram aos menos quatro funções, a saber: “referencial, instrumental, ideológica e cultural e documental” (CHOPPIN, 2004, p. 553).

O livro teve nesse processo um papel fundamental além do aspecto econômico e material²⁰. Deve ser encarado, portanto, em sua multiplicidade cultural, carregando consigo uma subjetividade funcional ancorada por ações de autores, editores e consumidores. A inscrição do livro em um sistema mais amplo leva-nos a considerar tanto as condições possíveis da leitura e de suas práticas, como também a mediação editorial (CHARTIER, 1999a, 1999b, 2002, 2009).

O livro didático da Coleção F.T.D. nesse processo passou por uma mediação editorial a qual abrangeu uma o processo de composição da publicação considerando os suportes dos textos, as decisões dos autores e editores e também as suas respectivas funções as quais vão sendo alinhadas de acordo com os aspectos políticos, econômicos e culturais.

Os editores de livros didáticos, ao responsabilizarem-se pelo processo de elaboração das obras tendo em vista sua função, consideravam o seu público leitor, alunos e professores. Desta forma, estavam atentos às suas preferências no que se refere ao conteúdo, forma, bem como às exigências que o campo editorial ia apresentando.

A análise das práticas editoriais permitiu a discussão dos suportes de leitura, pois estavam relacionados a função do editor e do autor do livro em todo processo de sua elaboração. Ao tratar essa temática, Chartier (2009) assevera para revalorização crítica de duas tradições nas pesquisas historiográficas. A primeira, mais antiga, lê os textos ignorando os seus suportes. Neste caso, os textos são tomados como um portador de sentido, o qual é indiferente à materialidade do objeto escrito.

Uma história do ler afirmará, contra este postulado, que as significações do texto, quaisquer que sejam, são constituídas, diferencialmente, pelas leituras que se apoderam dele. Daí, uma dupla consequência. Antes de mais nada, dar à leitura o estatuto de uma prática criadora, inventiva, produtora, e não anulá-la do texto lido, como se o sentido desejado por seu autor devesse inscrever-se com toda a imediatez e transparência, sem resistência nem desvio, no espírito de seus leitores (CHARTIER, 2009, p. 78).

Outra tradição, referida pelo autor supracitado, é o pensamento de que, os atos de leitura que dão aos textos significados plurais e não estáticos, encontram-se nas diversas maneiras de

²⁰ O foco desta pesquisa não foi o debate do livro apenas enquanto mercadoria. Nessa perspectiva consultar Munakata (2012b).

ler, sejam elas públicas ou não, individuais ou coletivas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido não somente pelo autor, mas também pelo impressor.

Cumprida desta forma, em consonância com Chartier (2010) considerar partes da materialidade do livro, composto por seus textos, tratar o processo de publicação das obras, os sujeitos contratados, os modos de divulgação, as características gerais das obras, suas autorias. Isso supõe diversas decisões, amparadas em fatores ligados ao contexto, ao público, às circunstâncias econômicas, políticas, culturais e sociais, pois, é necessário buscar quais foram as diversas opções que possibilitaram aos textos suas diferentes formas, porque,

(...) há uma pluralidade de intervenções implicadas na publicação dos textos. Os autores não escrevem livros, nem mesmo os próprios. Os livros manuscritos ou impressos, são sempre o resultado de múltiplas operações que supõe decisões, técnicas e competências muito diversas (CHARTIER, 2010, p. 21).

As práticas editoriais assumidas, seja por editores, ou outros sujeitos responsáveis desse ofício, não são as mesmas ao longo da história, nem as mesmas conforme a empresa responsável. Nessa perspectiva, problematizei as práticas dos maristas no que refere-se a autoria e edição no processo de elaboração das obras, pois no projeto da Coleção F.T.D. desenvolvido até a década de 50, embora com funções definidas como professores e diretores no campo educacional, religiosos consagrados no campo educacional, as funções de autoria e edição tiveram contornos específicos no ideário educativo marista no Brasil Republicano.

Mas cumpre salientar que aquilo que parece salutar do ponto de vista de adequação externa à materialidade da obra pode constituir uma singularidade advinda da identidade do editor ou do projeto editorial, aspecto que também discuto sem pretensão de análises acabadas.

É importante também considerar as peculiaridades da Coleção de livros didáticos F.T.D. nesse processo em sua trajetória, sendo um deles a autoria. Verifica-se que os editores e autores maristas exerceram esses papéis durante mais cinco décadas e mesmo circulando no campo editorial não tiveram seus nomes inseridos nas obras, de modo geral, diferentemente de outras editoras.

Portanto, é salutar o debate da questão da autoria, uma vez que, por serem sujeitos pertencentes a uma instituição religiosa, os autores maristas assumiram nomes próprios que não eram os seus, mas tratava-se de nomes inspirados em um conjunto de pessoas reconhecidas como santos pela Igreja Católica com heranças registradas na hagiografia. Por outro lado, autores como Isidoro Dumont e Mário Bachelet, foram exceção.

Essa perspectiva de adoção de nomes religiosos corrobora para uma prática da Igreja Católica assumida pela ordens e congregações religiosas tanto femininas como masculinas, as

quais adaptaram suas regras e constituições para justificar um ideal de Igreja da Idade Média, em que após a entrada em um seminário a pessoa deixava totalmente a vida civil e assumia uma vida em busca da santidade, mas também leva-nos a um debate dos motivos que fizeram com que alguns autores inserissem seus nomes nos títulos (LAGROYE, 2006).

Discuti nesta pesquisa, portanto a autoria não definida das obras da Coleção F.T.D. dentro do contexto do Brasil republicano, problematizando o peso diferenciado na inscrição autoral apenas de uma marca. De que modo os editores resolveram a relação entre a missão e a busca por espaço no campo editorial de modo legítimo com a prerrogativa da “modéstia”?

De um lado, a autoria coletiva trazia a insígnia marista, que uma vez consolidada, não a diferenciava de um grande selo editorial estabelecido, havendo prevalência da insígnia sobre a autoria pessoal. Bastava a obra ser de autoria marista, não importando o nome autoral que pudesse figurar na capa. Os títulos das obras da F.T.D. estavam sempre ancorados na marca F.T.D., que ainda não era uma empresa juridicamente constituída, uma vez que toda a parte legal, tributária e comercial, mediante contrato que cobria esses custos, cabia a seu representante legalmente constituído, a Livraria Francisco Alves.

De outro lado, excepcionalmente, ocorreu haver o nome explícito do autor marista. Ao exercer também a função de administradores e educadores, os autores traziam consigo a reputação de conhecedores das necessidades pedagógicas tanto dos alunos como dos próprios professores. Um dos primeiros autores e editores maristas que explicitou a autoria foi Isidoro Dumont e posteriormente Mário Bachelet. Depreende-se que suas boas relações com a intelectualidade num momento ainda de não conhecimento da marca marista foi significativa para o crescimento do nome da Coleção de Livros Didáticos F.T.D.

Essa temática da complexidade da autoria no processo editorial, foi tratada por Chartier. Destaca-se o fato de que sempre houve sujeitos trabalhando com material antes de sua publicação, ou alterando ou adequando-se às necessidades e especificidades de cada momento histórico. Chartier (2014) não apenas retoma Foucault (2002) mas identifica estratos da cultura escrita do passado objetivando a melhor compreensão dessas mudanças que afetaram e continuam afetando o presente, seja na composição das obras, ou na repercussão que terão quando já prontas são inseridas num campo editorial em constante busca por posições de destaque.

É necessário, à luz de Chartier buscar fugir das tentações de considerar universais, implícita e inapropriadamente, algumas categorias cuja formulação ou uso variou de modo significativo ao longo da história. As categorias de autoria e edição, deste modo, terão

expressões diferenciadas, desencadeadas por práticas editoriais específicas que variam conforme o lugar, o tempo e as particularidades dos sujeitos.

A prática da autoria coletiva e colaborativa da F.T.D. sendo um imperativo ao projeto que levou-me ao questionamento do conceito e da função desse ofício na dinamização da coleção de livros dos maristas.

Para que exista autor são necessários critérios, noções, conceitos particulares. O inglês evidencia bem esta noção e distingue o *writer*, aquele que escreveu alguma coisa, e o *author*, aquele cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto. O que se pode encontrar no francês antigo quando, em um Dictionnaire como o de Furetière, em 1960, distingue-se entre os '*écrivains*' e os '*auteurs*'. O escritor (*écrivain*) é aquele que escreveu um texto que permanece manuscrito, sem circulação, enquanto o autor (*auteur*) é também qualificado como aquele que publicou obras impressas (CHARTIER, 1999a, p. 32).

Os livros didáticos F.T.D. em circulação até a década de 1950, evidenciam uma identificação autoral representada pela marca marista, fortalecida pela rede de colégios, presença na Igreja e relações próximas com intelectuais e políticos. A marca autoral atribuída ao selo era paulatinamente consolidada, à medida que Isidoro Dumont, Epifânio Maria (cujo nome civil usado nas obras é Mário Bachelet) e alguns outros maristas, como editores e escritores, assumiram a autoria de alguns livros.

De acordo com as relações entre as condições de produção e de circulação de obras, corroboram para definição das apropriações dos leitores, ao mesmo tempo que influenciam na prerrogativa econômica, uma vez que há crescimento de um mercado editorial provocado pela demanda de novas edições (MOLLIER, 2010).

A partir dessas considerações, os capítulos da tese organizaram-se da seguinte forma: no primeiro capítulo debato como os sujeitos do Instituto Marista, proprietários da Coleção F.T.D. articularam-se desde a sua chegada da França em 1897 na região sudeste para a abertura de colégios e como inseriram-se no campo educacional e religioso, servindo-se desses para estabelecerem-se no campo editorial.

No segundo capítulo analiso as práticas de autoria e edição operacionalizadas pelos maristas em torno da Coleção F.T.D. no período de 1912 a 1956, as quais contemplaram aspectos com destaque para autoria coletiva e as relações contratuais com a Livraria Francisco Alves e a Typografia Siqueira.

No terceiro capítulo analiso como foram as articulações sociais estabelecidas entre os autores e editores maristas com uma determinada intelectualidade, a qual os apoiaram na elaboração e divulgação das obras da coleção de modo especial as de língua portuguesa.

Depois da explanação desses capítulos elaboro as considerações finais, tecendo uma discussão dos aspectos que foram respondidos nesta tese e quais ainda necessitam de outras pesquisas.

CAPÍTULO 1

**CHEGADA DOS MARISTAS AO BRASIL: CIRCULAÇÃO NO CAMPO
RELIGIOSO E EDUCACIONAL**

Este capítulo trata as formas de articulação desenvolvidas pelos maristas, proprietários da Coleção F.T.D., a partir de sua chegada da França em 1897 na região sudeste do Brasil para abertura de colégios e suas estratégias de inserção no campo educacional e religioso, para se estabelecerem no espaço editorial.

Discute-se o ideário cristão educativo católico marista, apregoados nos documentos da instituição, concretizado em estabelecimentos educacionais, sua adaptação e seus embates no contexto brasileiro em especial na região sudeste e sua inserção no Brasil republicano marcado por disputas, movimentos educacionais e contradições (ROMANELLI, 1998; ASSIS, 2013).

Descreve quem são esses sujeitos, intitulados de irmão maristas, religiosos, diretores de colégios e suas relações com a hierarquia eclesiástica, comprometida com a defesa de uma educação católica, diante de uma ordem política de ensino público com caráter leigo (AZZI, 1996a, 1999b, 1999).

O capítulo analisa quais foram as escolas e os colégios fundados por eles próprios ou assumidos para administração nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo²¹ até o ano de 1958, momento que há a reestruturação administrativa da instituição, a qual reorganiza a Província Marista do Brasil Central resultando em duas mantenedoras. Trata-se do estabelecimento da Província Marista do Rio de Janeiro e da Província Marista de São Paulo e de nova reorganização de seus projetos²².

Na sessão seguinte deste capítulo, há uma reflexão do processo de formação da unidade administrativa intitulada Província Marista do Brasil Central, os apoios e os embates para fundação e manutenção de colégios na região de Minas Gerais e nas sessões posteriores a descrição de outras fundações, com destaque a colégios, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná.

²¹Não foi focalizado nesta pesquisa a escola gratuita São Joaquim fundada, em 1909 no Rio de Janeiro, e de outras nos estados pertencentes à Província do Brasil Central. Cumpre destacar que este anseio de instalar escolar gratuitas no Brasil foi proposto por Theophane Durand, conforme expresso por Adorátor (2005) em seus relatos. Pesquisas que investigaram o processo de fundação, equiparação, ensino e educação evangelizadora de colégios em Minas Gerais, São Paulo e Paraná, consultar Sedrez (1998), Pedro (2014) e Silva (2004).

²² PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. **Divisão da província**. Voz Marista, São Paulo, n.31, p.422-451, dez.1958. p.433.

1.1 A Província Marista do Brasil Central e os maristas em Minas Gerais²³

O Instituto dos Irmãos Maristas²⁴ foi fundado em 1817 na França por Marcellin Joseph-Benoît Champagnat (1789-1840). O objetivo do fundador consistia em educar crianças e jovens da França, sobretudo em regiões mais distantes das cidades maiores. Para cumprir esse objetivo buscou apoio político e financeiro e empreendeu na construção de escolas (FURET, 1999).

Para obtenção de legitimidade no campo religioso e educacional e com apoio de autoridades, adotou como uma das estratégias obter o reconhecimento oficial da instituição junto ao governo francês. De posse de uma chancela do poder político, e com crescimento e expansão de seus empreendimentos e fatores de ordem política, social e econômica os superiores gerais da ordem investiram em novos projetos além da França (LANFREY, 2017; LAGROYE, 2006).

No final do século XIX, a instituição contava com mais de 5000 membros que trabalhavam como professores, além da França, em escolas de diversos países como Inglaterra, Bélgica, Irlanda, Turquia, Austrália, Canadá, Espanha, Colômbia, México, China, Portugal e Brasil (MEGALE, 2003).

Com apoio da Sé, os maristas, desde sua chegada tornaram-se importantes colaboradores da Igreja no Brasil em favor da educação católica, especialmente quando da separação entre Igreja e Estado decretada pelo governo republicano em 1890 (AZZI, 1996a).

Em 1897, Théophile Durand, administrador geral marista, depois de acertos com o bispo de Mariana-MG, Dom Silvério Gomes Pimenta, e diante de fatores favoráveis de ordem econômica, política e social, organizou a vinda do primeiro, dos três grupos de maristas ao Brasil. Composto por seis franceses, esse grupo veio à região de Minas Gerais e deu origem à chamada Província do Brasil Central (ADORÁTOR, 2005).

²³ Para outros detalhes acerca da história da educação em Minas Gerais, consultar a obra *História da Educação em Minas Gerais da Colônia à República*. Trata-se de uma coletânea com a participação de vários pesquisadores organizadas em 3 volumes, sendo o primeiro relativo ao período Colonial, o segundo ao Império e o último sobre a República (CARVALHO; FARIA FILHO, 2019).

²⁴ Ao fundar a instituição Marcelino Champagnat a nomeou como Pequenos Irmãos de Maria, citando às vezes em suas cartas como Sociedade dos Pequenos Irmãos de Maria, a exemplo da carta nº 59 à rainha Marie-Amélie, em maio de 1834. Outras vezes escreve como Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria, conforme registro na carta nº 184 ao Ministro da Instrução Pública, Antoine Nicolas de Salvandy em 11 de abril de 1838. UMBRASIL (2019, pp.59,511). Quando da escrita da biografia de Champagnat elaborada por Jean- Baptiste Furet, em 1856 é retomado o título de Sociedade dos Pequenos Irmãos de Maria (FURET, 1999). A aprovação oficial da Igreja ocorreu em 9 de janeiro de 1863 como instituto autônomo de direito pontifício. Naquele momento, ao mesmo tempo que considerava o nome de origem, a Sé os intitulou de Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas com a sigla F.M.S (Frates Maristae a Sholis) (FMS, 1993). Atualmente é utilizado nos documentos oficiais o título de Instituto dos Irmãos Maristas, o qual foi utilizado nesta tese.

As negociações com a Igreja para vinda dos maristas ao país embora tenham ocorrido na França, será no Brasil que dar-se-á a assinatura dos primeiros contratos e cláusulas as quais evidenciam as responsabilidades de cada parte envolvida. O relato desses contratos demonstra o teor inicial dos projetos e os ofícios o que desenvolveriam.

Enfim, chegou a hora dos negócios. O nosso diretor vai entender-se com o bispo para preparar as cláusulas do nosso contrato. Iremos encarregar-nos do Colégio e do externato em começos de dezembro. É preciso não esquecer que os nossos estudos de português começaram em vinte de outubro. Depois de quarenta dias de estudo, seremos professores de português (ADORÁTOR, 2005, p. 66).

O relato acima corrobora para compreensão de que os maristas além da proposta da administração do colégio de Congonhas em Minas Gerais, seriam professores, inclusive de língua portuguesa e demonstra a priori as primeiras dificuldades relacionadas ao uso da língua do país.

Os três grupos de religiosos maristas que chegaram em datas e regiões distintas investiram em projetos peculiares ao longo do século XX sofrendo reestruturações por conta de alguns insucessos administrativos e diante de novos projetos verificado até a década de 1950. Para responder a questões de ordem administrativa e burocrática, esses grupos organizaram-se em Províncias, que foram sedes decisórias e mantenedoras dos investimentos.

As três províncias maristas estabelecidas foram portanto, Província do Brasil Setentrional, no Rio Grande do Sul; Província do Brasil Meridional, no Pará e Província do Brasil Central, em Minas Gerais. Essa organização foi realizada por três unidades administrativas já estruturadas na França resultando em destinos distintos conforme verifica-se no quadro 1:

QUADRO 1 - Províncias francesas que enviaram os primeiros maristas ao Brasil

França	França	França
Província de Aubenas	Província de Varennes	Província de Beaucamps
		
Brasil 1903 Belém do Pará –PA	Brasil 1897 Congonhas do Campo –MG	Brasil 1900 Bom Princípio – RS
1908 Província do Brasil Setentrional ²⁵	1908 Província do Brasil Central	1908 Província do Brasil Meridional ²⁶
	1958 Província do Rio de Janeiro	1958 Província de São Paulo
		1951 ²⁷ Província de Santa Catarina
		1951 Província de Porto Alegre

Fonte: MEMORIAL MARISTA – IRMÃO IVO STROBINO

Os projetos dos maristas estavam em consonância com o da Igreja Católica para a imigração em massa de religiosos na América Latina e foi expresso no documento final do Concílio Plenário da América Latina em 1906. Ao eleger os países da América Latina como lugares privilegiados para seus investimentos, a Santa Sé revelou o interesse por espaços sociais como educação, imprensa, santuários, editoras, entre outros, o que levou as instituições religiosas católicas a investirem em diversas estratégias de ampliação (LEONARDI; BITTENCOURT, 2016).

Das 205 instituições religiosas da Europa que vieram instalar-se no Brasil, no período de 1900 a 1959, predominava o objetivo de evangelizar por meio da educação, fosse na docência ou nas produções editoriais e da assistência social. Algumas instituições mantinham gráficas ao lado de igrejas e de colégios e começaram editando seu próprio material escolar, revista, ou jornal para a comunidade que pretendiam assistir (BITTENCOURT, 2014).

²⁵ Para mais informações sobre essa Província e das obras dos irmãos no Maranhão, consultar Nunes (2000)

²⁶ Pesquisa que investigou sobre a chegada dos irmãos maristas no Rio Grande do Sul foi desenvolvida por Rigo (2003).

²⁷ Em 1964 houve a reestruturação dessa província a qual transformou-se em: Província de Santa Catarina e Província de Santa Maria, respectivamente. O mesmo ocorreu com a Província de Porto Alegre que tornou-se Província de Porto Alegre e Província de Caxias do Sul, respectivamente.

QUADRO 2 - Ano de chegada ao Brasil e quantitativo de congregações (1900-1959)

Ano da chegada	Números de congregações
1900-1929	79
1930-1949	73
1950-1959	53
Total	205

Fonte: Banco de dados do Projeto Congregações Católicas.²⁸

Essas instituições religiosas católicas estrangeiras do início do século XX até 1959, com fluxos variados de suas chegadas, conforme denota-se do quadro 2, contribuíram para fortalecer os discursos da Igreja Católica em torno da evangelização utilizando-se de diferenciados projetos, fosse na área de assistência social, saúde, ou educação.

Cumprir destacar que mesmo inseridas num ideário cristão católico, as instituições com foco na educação, chamadas de congregações ensinantes, disputavam a oferta de ensino no início do Brasil República, fosse as masculinas ou femininas²⁹. Desta forma, os apoios da Igreja, vínculos com autoridades locais e intelectuais foram almejados por diferentes estratégias, pois isso garantia em certa medida a legitimidade, fator relevante para permanência e ingresso de novos alunos e alunas em seus colégios.

Quando os planos dessas instituições religiosas católicas convergiam de modo similar de alguma maneira havia maior sintonia entre elas relacionada ao apoio mútuo. Essa aproximação também foi decorrente de vínculos anteriores ainda na Europa. Exemplo de uma cooperação fértil com os maristas foi a congregação Lazarista. Essa assertiva não exime a perspectiva das disputas como exemplo, da própria oferta de ensino ou das posições nem sempre similares conforme já destacado.

Os Lazaristas depois da sua chegada ao Brasil no início do século XIX, atuaram em três setores: reforma do clero, missões populares e educação da juventude, sempre na perspectiva da consolidação do modelo tridentino e apoio à Igreja Católica. Os bispos Dom Antônio Ferreira Viçoso e Dom Cláudio Ponce de Leão, ambos vinculados a esse grupo, foram incentivadores da vinda e permanência dos maristas no país (AZZI, 1996a).

Algumas congregações ou ordens religiosas, inicialmente masculinas e depois femininas, não possuindo escolas desde o final do século XIX, contaram com a oferta de ensino marista, pois seus formandos, postulantes a vida religiosa ou sacerdotal, necessitariam de uma

²⁸ Dados do projeto temático Congregações Católicas, Educação e Estado Nacional, desenvolvido no período de 2012/2017, coordenado pela professora Agueda Bernardete Bittencourt.

²⁹ Para maiores informações sobre as ações das congregações femininas na área educacional a partir de uma discussão do 1º Anuário Católico, consultar Leonardi (2011).

educação sintonizada com os ideais católicos. Assim, ao frequentarem essas escolas contribuíam para o fortalecimento da Igreja, ao mesmo tempo para crescimento dos investimentos dos maristas.

A Igreja com objetivo, de atingir a “racionalidade no mundo moderno”, às vésperas de 1889, preocupou-se com a formação qualificada de seus quadros, pois esses seriam porta-vozes e fortalecedores de seus ideais (BITTENCOURT, 2017, p. 30). Em boa medida as instituições religiosas cumpriam esse papel, especialmente aquelas que possuíam como escopo a educação, pois de suas instituições saíam futuros sacerdotes e bispos.

Os maristas desta forma, ao organizarem-se em ações conforme os ditames dessa lógica da Igreja, articularam-se em diferentes campos de atuação com estratégias específicas conforme a situação social, política, econômica e cultural de cada localidade em que trabalhavam.

Das três províncias maristas no Brasil, a única que investiu em um projeto de elaboração de livros didáticos de modo específico foi o grupo vindo da região de Varennes na França, o qual chegou ao país em 1897. Esse grupo mobilizou-se nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, a priori e depois Paraná e Santa Catarina, pois tratava-se de uma região estratégica do ponto de vista econômico, político, social e cultural, além da circulação e atuação de uma certa intelectualidade nesses estados, os quais manifestaram apoio aos maristas³⁰.

Embora houvesse sintonia entre a casa geral dos maristas, sede administrativa, que ficava na França; e suas respectivas províncias situadas em vários países, cada unidade administrativa após um tempo, buscava sua autonomia para manter-se de forma independente nos aspectos econômico e jurídico segundo a legislação civil dos países em que estivessem.

Concorreu para a autonomia administrativa na Província do Brasil Central os lucros advindos das mensalidades escolares, as doações realizadas pela elite econômica, apoio logístico da Igreja, a facilitação dos negócios com vantagens financeiras e os proventos advindos da venda de livros didáticos, imbricados com a capacidade de administração de seus membros.

O crescimento do número de membros da instituição verificado até a década de 1950 relaciona-se diretamente com a aquisição dessa autonomia decisória. A Província Marista do Brasil Central que em 1910 contava com 97 irmãos, no final da década de 1950 contabilizava 432 membros (FERRARINI, 1984, p.44).

³⁰ A exceção de Afrânio Peixoto e José de Sá Nunes, ambos da Bahia, os intelectuais que mantiveram correspondência e aproximação com os maristas eram provenientes do sudeste ou circularam nesse através de instituições culturais.

Além de questões econômicas para constituição da província enquanto um órgão independente, foi necessária autorização da Igreja o que ocorreu em março de 1908. Da mesma forma, houve a nomeação de um administrador geral que no caso da província do Brasil Central ficou a cargo de Adorátor. Para responder a questões de ordem jurídica e civil foi constituída uma mantenedora, a União Brasileira de Educação e Ensino (UBEE), a qual passou a gerir os empreendimentos educacionais dessa província (ADORÁTOR, 2005).

Essa mantenedora foi a responsável também pelo desenvolvimento do empreendimento com a venda de livros até 1958. Após a divisão da Província do Brasil Central em províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro, para viabilização da elaboração das obras didáticas houve a fundação da Editora F.T.D. S/A na década de 1960, administrada pela província de São Paulo, com outra mantenedora, a Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC).

Os provinciais do Brasil Central, ou administradores gerais, tiveram um papel fundamental nos encaminhamentos e articulação dos projetos educacionais e religiosos. Verificar-se-á que no período de 1901 até 1958 a província do Brasil Central contou com cinco administradores, conforme quadro 3.

QUADRO 3 - Provinciais do Brasil Central (1901-1958)

Nome – Ano de nascimento e morte	Período como provincial
Irmão Adorátor (1855/1919)	1901-1911 1914-1919
Irmão Isidoro Dumont (1874/1941)	1911-1914
Irmão Exuperância (1879/1957)	1919-1928 1938-1947
Irmão Mário Cristóvão (1883/1960)	1928-1938 1947-1953
Irmão João de Deus (1904/1975)	1953-1958

Fonte: FERRARINI, 1984, p. 45.

Ao aportarem o Brasil às portas da república nascente, os maristas se depararam com uma incipiente instrução pública. Ao aproveitarem sua expertise nesse campo, buscaram apoio político e religioso. Servindo-se de suas escolas, de suas habilidades como administradores, professores, diretores e escritores elaboraram projetos que educacionais concomitante com o projeto editorial.

O contexto do processo de fundação das primeiras instituições educacionais maristas no Brasil e viabilização da elaboração das primeiras obras didáticas, dentro do projeto educacional, ocorreu em um momento em que ainda não havia um sistema de educação pública organizado,

aspecto que paulatinamente foi-se desenvolvendo na segunda década do século XX, com uma série de propostas concretizadas em movimentos e reformas.

Embora tenha sido com a proclamação da república em 1889 que o Estado assumiu a tarefa de organizar e manter as escolas tendo como meta a difusão do ensino, verificam-se tentativas na busca por um sistema orgânico que se concretizou em reformas nos diversos estados da federação ao longo da década de 1920 (NAGLE, 1976).

Uma das reformas, a Sampaio Dória, considerada mais avançada ocorreu em São Paulo, pois procurou atender a dois requisitos básicos: a organização de um sistema administrativo e pedagógico que previa a normatização de órgãos centrais e intermediários, com objetivo de formulação de diretrizes educacionais e organização dos estabelecimentos de ensino em forma de grupos escolares, que favoreceria as classes isoladas e remeteria a uma dosagem de conteúdo gradualmente distribuído nos quatro anos letivos (NAGLE, 1976).

A partir da Reforma do estado de São Paulo, que mesmo ainda não consolidada, serviu como tendência a outros entes federados, como a do Ceará de 1922, dirigida por Lourenço Filho; a ocorrida no Paraná, em 1923, de Lysimaco Ferreira da Costa Pietro Martinez; a do Rio Grande do Norte, em 1924, a Reforma José Augusto; a realizada em Minas Gerais, de 1927, coordenada por Francisco Campos e Mário Casasanta; a executada no Distrito Federal, dirigida por Fernando de Azevedo em 1928 e a de Pernambuco, em 1929, viabilizada por Carneiro Leão (NAGLE, 1976).

Pode-se dizer que os primeiros anos da república tiveram um quadro de educação que “caracterizou as necessidades sentidas pela população e, até certo ponto, representou as exigências educacionais de uma sociedade cujo índice de urbanização e de industrialização ainda era baixo” e tanto as escolas normais quanto os grupos escolares fundados depois da primeira década republicana, atendiam sobremaneira apenas os filhos das elites econômicas e culturais ligadas às oligarquias dominantes (ROMANELLI, 1998, p. 45).

Mesmo havendo uma série de reformas com promessas de uma escola pública, universal e gratuita, a realidade do ensino permanecia precária especialmente com relação à oferta do ensino secundário, ao qual tinham acesso apenas os filhos das elites, reforçada pelas instituições católicas com foco nesse público, o que não significa que os maristas e outras não prestavam serviços educacionais de modo gratuito³¹.

³¹ Para maiores informações sobre congregações religiosas consultar o Dossiê: Empreendimentos sociais, elite eclesiástica e congregações religiosas no Brasil República: a arte de “formas bons cidadãos e bons cristãos” (BITTENCOURT, 2017).

Além disso, os colégios maristas contribuíam para a formação de intelectuais católicos, os quais iriam pertencerem aos próprios quadros da Igreja na defesa de seus ideais ou ocupar cargos-chaves na sociedade. Esse aspecto, de um lado favoreceu os maristas que buscavam fortalecer e expandir seus projetos e por outro permitiu aos intelectuais um apoio na divulgação de seus nomes e obras fosse nas obras didáticas da Coleção F.T.D. ou em documentos da instituição.

Parte dessa intelectualidade, especialmente depois da década de 1920, além de serem ex-alunos, mantiveram correspondências com os maristas. Esses estiveram inseridos nos debates e embates sobre a educação reivindicando e defendendo ideias, participando de movimentos, circulando em diversos espaços sociais e produzindo obras literárias ou didáticas.

Mesmo que certos intelectuais tenham sido signatários do Movimento Escola Nova, que defendia uma escola laica, gratuita e de qualidade, de encontro à proposta católica, foram correspondentes maristas e expressaram seu apoio fosse na divulgação das obras didáticas da Coleção F.T.D. ou do próprio ideário cristão como foi o caso de Afrânio Peixoto. Esse aspecto corrobora para percepção do jogo de interesses no campo educacional.

Uma educação cristã católica que atendesse os filhos da elite e formasse a classe dirigente do país foi o alvo dos vários projetos do catolicismo que já contava com uma ampla rede de colégios de religiosos de congregações variadas de padres, irmãos e irmãs. A busca do diálogo com as tendências de vanguarda da educação salvaguardando o ideário católico, face à insuficiência da oferta pública pelo Estado e com o seu apoio, levou os maristas e todas as demais congregações de educadores católicos a investir em diversas regiões com diferentes ações para ampliar sua atuação.

A vinda e a aceitação dos maristas e de outras instituições católicas foram amparadas por operações que envolveram diversos agentes que, percebendo a insuficiência da oferta de ensino público, os apoiaram, pois a educação apregoada por educadores católicos europeus seria em boa medida uma resposta a essa problemática.

A instalação e permanência dos maristas no país ocorreu com apoio dos bispos das dioceses³², do Estado e por parte das elites que ansiavam pela melhoria dos serviços de educação e manutenção de seu status quo. Essa educação recebida pela elite constituiu um fator de distinção num país com oferta pouco expressiva no que diz respeito aos direitos de todos à educação e à saúde.

³² Um estudo sobre as elites eclesiais no período de 1890 até 1930 foi elaborado por Miceli (1988).

Nos anos de 1920 e anos seguintes com esgotamento do modelo da república velha houve o surgimento de manifestações culturais, como o Movimento Modernista nas artes e nas letras. Nota-se também a organização de movimentos pela educação, com suas associações, conferências e projetos em direção à educação laica, pública e obrigatória, com vista à formação do cidadão e da nação brasileira (BITTENCOURT, 2017).

Os altos índices de analfabetismo no Brasil republicano mostram o elitismo e o lento processo de escolarização. Em 1920 o total de analfabetos era de 75% da população. Verificava-se uma ebulição de forças refletidas em movimentos políticos e culturais na primeira república em torno dessa problemática. Nessa perspectiva, aparecem os educadores de profissões, motivados pelas ideias da Escola Nova, que teve um papel importante na criação da ABE na década de 1920 que se caracterizaria por ser um espaço do compromisso de intelectuais com a educação (VIEIRA; FARIAS, 2007, p. 82).

A ABE realizou treze Conferências Nacionais de Educação no período de 1927 até 1967. A primeira aconteceu em Curitiba e o seu debate interessou sobremaneira aos maristas, pois suas temáticas foram:

A Unidade Nacional, pela cultura literária, pela cultura cívica e pela cultura moral; a uniformização do Ensino Primário nas suas ideias capitais, mantida a liberdade de programas; a criação de Escolas Normais Superiores em diferentes pontos do País para o preparo pedagógico e a organização dos quadros nacionais, corporações de aperfeiçoamento técnico, científico e literário (FERREIRA, 2006, p. 79).

Temas esses relevantes aos maristas considerando o ideário educacional concretizado em seus colégios. Mesmo não participando ativamente dessas conferências, mantiveram aliança com lideranças intelectuais participantes, entre eles Afrânio Peixoto e José de Sá Nunes, os quais os mantinham sintonizados com os debates lá realizados.

As conferências foram momentos significativos à medida que reuniram os principais protagonistas do debate educacional do Brasil. O tempo de permanência e a frequência a elas, bem como as diferentes posições proporcionaram continuidades e descontinuidades no interior do discurso educacional entre as décadas de 1920 e 1960 (VIEIRA, 2017).

Os intelectuais participantes dessas conferências tiveram como mote a reafirmação da missão das elites cultas para desenvolvimento da consciência nacional, que teria na escola espaço privilegiado de divulgação. Num primeiro momento os debates dessas conferências ficaram restritos a pequenos grupos e à capital. Somente após 1927 houve maior visibilidade e abrangência quando passam a ser realizadas em âmbito nacional (VIEIRA, 2017).

Verifica-se, pois, que durante a primeira república há uma preparação para o momento seguinte, em que despontaram nomes como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho com papel relevante no cenário educacional brasileiro (VIEIRA; FARIAS, 2007). Nas décadas de 20 e 30 iniciou-se,

O espetáculo da Igreja na cena pública, visando demonstrar que se encontrava no lugar do qual nunca se alijou: de religião dos brasileiros. É preciso destacar que nem a inserção de reivindicações católicas na legislação nem a impressão das marcas católicas nos espaços simbólicos aconteceram sem conflitos. Disputas, por vezes acirradas, foram travadas nos jornais e em espaços do legislativo (LEONARDI, 2016, p. 8).

Criou-se um projeto de forte investimento na formação de intelectuais católicos, capazes de apropriação das verdades eclesiológicas em sintonia com os avanços e novidades educacionais e sua transmissão à sociedade; o apoio para expansão da imprensa católica de não

se limitar a combater escritores laicos, hereges e ateus, e sim produzir uma imprensa própria, com jornais, livros e revistas de mesma qualidade intelectual e gráfica do material publicado pelas empresas laicas. Assim a Igreja foi levada a incentivar o florescimento de escritores católicos (BITTENCOURT, 2017, p. 40).

Tiveram destaque nesse cenário duas figuras emblemáticas: Alceu de Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo, em torno do Centro Dom Vital, entidade fundada em 1922. Eles representaram um ideal de reação católica da década de 1920. Além dessas figuras, outros intelectuais apoiadores dos projetos maristas vincularam-se a essa agremiação católica como Alexandre Correia e Afrânio Peixoto (MICELI, 2001).

Esse anseio da evangelização “com o sentido também de civilização, de construção de uma racionalidade própria” demonstrado pela Igreja tendo como representantes seus intelectuais, é um dos motivos que fortaleceu o trabalho dos maristas no Brasil, à medida que suas ações caminham junto com a expansão da influência da Igreja, considerando os convites da elite eclesiástica, de políticos e intelectuais (BITTENCOURT, 2017, p. 41).

O Centro Dom Vital foi um espaço de difusão do pensamento católico que aliou-se a outros como: Editora e *Revista Vozes de Petrópolis* dos Franciscanos, Editora Santuário dos Redentoristas, em Aparecida do Norte - SP. Entre os intelectuais que participaram estavam também o padre Leonel Franca, conselheiro do Centro, que atuou em CNLD para avaliação e aprovação de obras didáticas no governo Vargas e Jonatas Serrano, correspondente dos maristas, professor do Colégio Pedro II e membro do IHGB (BITTENCOURT, 2017).

Enquanto o Centro Dom Vital foi um espaço de divulgação do pensamento católico, havia outros espaços de reunião de intelectuais com um escopo diferenciado, como o IHGB,

que ao agregar funcionários católicos com outras vinculações acabavam sendo influenciados por tais ideais. Essa perspectiva possibilita uma certa compreensão da formação de uma rede de intelectuais com objetivos que se cruzavam, se moldavam e se fortaleciam.

Diante dessa realidade brasileira da República Velha, em cada região a que os maristas chegavam para investir em empreendimentos no campo educacional consideravam as condições locais fossem econômicas, políticas ou culturais na perspectiva de continuidade ou de ruptura.

O primeiro local onde os maristas se instalaram foi a cidade de Congonhas do Campo, Minas Gerais. Lá assumiram a direção de um internato. Esse primeiro estabelecimento foi anunciado pela imprensa, fazendo alusão à educação cristã católica e aos valores das mensalidades à época que seriam de 5\$000 para o curso primário e 10\$000 para o secundário (ADORÁTOR, 1917, p. 130).

Para uma ideia parcial e comparativa desses valores, o catálogo dos livros da Coleção F.T.D. de 1922, apresentava os livros didáticos entre 1\$000 e 20\$000, a depender de aspectos de sua materialidade como o número de páginas ou se era destinado ao professor. A obra *Álgebra Elementar*, curso superior, com 518 páginas, custava 8\$000 o livro do aluno e 20\$000 o livro do professor. Havia brochuras no valor de \$400 (BIBLIOGRAPHO, 1922).

Considerando a região do foco desta pesquisa, nota-se que nem todas as cidades que os maristas assumiram colégios permaneceu sob sua administração até a década de 1950. Um dos casos emblemáticos foi a cidade de Congonhas do Campo. Uma relação ainda que parcial entre os valores cobrados nas mensalidades, levando em conta o potencial econômico do município, e os preços dos livros, pode ter sido um dos fatores da saída dos maristas dessa localidade.

Parte dos proventos do educandário provinha das romarias do Santuário do Bom Jesus, anexo ao colégio e a outra parte do pagamento feito pelos alunos. Essa situação economicamente frágil levou os irmãos: Andrônico, Aloísio, Basílio, Luís Anastácio, Afonso Estevão e João Alexandre a empreenderem em outras regiões (FERRARINI, 1984).

A administração do Colégio depende daquele Santuário e não seria, de forma alguma, o modelo de economia bem ordenada. Assim, para um conjunto de cinquenta ou sessenta pessoas, mata-se cada semana um boi e um porco. São necessários quinze quilos de carne todos os dias e quinze quilos de açúcar. Esses dados parecem fantásticos, mas são exatos. Não é tudo, porque o fornecedor geral cada mês tem uma nota de dois contos, que é debitada ao Colégio. Isso se explica assim (...) A supressão desses abusos vai necessariamente indispor contra os irmãos (ADORÁTOR, 2005, p. 71).

Essa situação do estabelecimento educacional de Congonhas do Campo não agradava aos maristas. Uma das situações relatadas por Adorátor dão mostras das dificuldades até mesmo

do pagamento em dinheiro das mensalidades feitas por um pai de aluno e que geravam serviços extras.

Em 1900 um certo senhor das bandas de Sabará, falou ao irmão Frumêncio que não podia pagar as mensalidades dos filhos. Se o irmão quisesse, podia aceitar como pagamento o rebanho dele. O irmão Frumêncio respondeu afirmativamente. Ao cabo de 15 dias chega um lote de umas 125 cabeças, entre as quais algumas cabras e dois bodes (FERRARINI, 1984, p. 37).

Mesmo com o encerramento de seu trabalho em Congonhas do Campo, os maristas ampliaram suas escolas em outros municípios de Minas Gerais e possibilitou a abertura e apoio para outros em São Paulo, por exemplo, como depreende-se de uma correspondência enviada por Dom Silvério em 9 de janeiro de 1902, após os trâmites relacionados ao fechamento do Colégio em Congonhas do Campo.

Revmo. Ir. Adorátor, as suas cartas, como as do Ir. Frumêncio, muito me têm consolado, cada vez mais aumentam o meu amor e o meu pesar por ver a quase impossibilidade de levar avante o Colégio de Congonhas para qual os irmãos têm feito sacrifícios que só eu posso avaliar. O padre Júlio me escreveu que tem esperanças de que os irmãos possam continuar, mas veja que é quase impossível (...) Se o irmão achar que convém a fundação de Franca, eu estimo, porque desejo ver os irmãos bem espalhados no Brasil, cada nova casa é para mim motivo de contentamento (ADORÁTOR, 2005, p. 606)

O estado de Minas Gerais, ainda com embates, configurou-se como um espaço interessante não apenas aos maristas, mas também a outras congregações religiosas³³, uma vez que foi uma região em que o bispado nos séculos XIX e XX, passou a ser um dos principais responsáveis pela introdução do pensamento conservador católico no Brasil e que batalharam em prol da educação católica (FERNANDES, 2005).

Minas Gerais estava entre uma das mais importantes unidades em produção industrial, transporte e renda, embora houvesse uma educação e saúde precárias. Além disso, considerando a formação do estado evidenciam-se características de potencial de desenvolvimento desde o século XVIII a partir da rede urbana em crescimento (vilas) e a produção de ouro (mineração) que propiciava a consolidação de um comércio interno intenso (GONÇALVES NETO; CARVALHO, 2019).

Os candidatos aos governos possuíam o apoio dos grandes proprietários de terras, os quais eram membros da oligarquia latifundiária e exerciam influência econômica e consequentemente política. Muitos deles tornaram-se amigos dos maristas, seja por

³³ De acordo com Azzi (1996a, p. 57) antes da chegada dos maristas em Minas Gerais, havia os Padres da Missão, Filhas da Caridade, frades dominicanos, salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, redentoristas e jesuítas.

aproximação com o ideário católico, ou devido à oferta de ensino aos seus filhos. Essa influência garantia a manutenção das posições-chave na política, uma vez que o poderio econômico e intelectual era fator de distinção e manipulação para aquisição de maior poder e maior ascensão social.

Os estados de Minas Gerais e depois São Paulo, com destaque no cenário econômico, eram os maiores produtores de café e de leite e foram regiões que tiveram colégios maristas. Desta forma, para garantir os interesses das oligarquias, houve um acordo entre o governo federal e os representantes desses dois estados que sucediam-se na presidência da república até o final da década de 1920, mas que posteriormente continuaram com destaque no cenário nacional por constituir um celeiro de intelectuais muitos deles católicos.

Diversos intelectuais de origem mineira ou paulista, ao longo da república, exerceram influência na política, com cargos importantes no campo político, educacional e editorial. Entre eles tiveram destaque na gestão de Gustavo Capanema, Carlos Drummond de Andrade, chefe de gabinete (Itabira - MG), Mário de Andrade (São Paulo), Rodrigo de Melo Franco (Belo Horizonte) e Afonso Arinos (Belo Horizonte).

Outros municípios em Minas Gerais foram alvo da construção de colégios maristas, como Uberaba³⁴. A iniciativa foi um acordo entre os maristas e o bispo de Goiás, Dom Eduardo Duarte Silva, que morava nessa localidade. Adorátor, primeiro marista a assumir e administrar a província do Brasil Central e a edição de livros escolares no país, foi quem estabeleceu contrato inicial para o Colégio Diocesano, em 1902.

Entre Dom Eduardo Duarte e Silva, bispo de Goiás, residente em Uberaba, e o Ir. Adorátor, representante do Irmão Superior Geral dos Irmãos Maristas, residente em St. Genis- Laval (Rhône), elaborou-se o seguinte contrato: (1) o Ir. Superior Geral se compromete a fornecer, imediatamente, cinco irmãos do seu instituto para dirigir o Colégio Sagrado Coração. (2) Compromete-se a aumentar o número, isso gratuitamente, quando as necessidades do Colégio exigirem. O bispo se compromete a: (1) Recolocar o Colégio Sagrado Coração em excelente estado de limpeza. (2) Renunciar a todos os direitos de propriedade sobre o Colégio citado, bem como o mobiliário e dependências, em proveito dos Irmãos Maristas, logo que tiverem tomado posse do Colégio. (3) Pagar imediatamente aos Irmãos a importância de seis contos para as despesas de viagem e instalação. (4) O bispo se compromete a pagar, no fim do ano, um conto como suplemento das primeiras despesas. (5) Compromete-se a garantir gratuitamente por um dos seus padres do bispado o serviço religioso do Colégio Sagrado Coração de Jesus. (6) Os Irmãos dirigiram o Colégio em plena liberdade, aplicarão métodos próprios do seu Instituto. Feito em Uberaba em 8 de dezembro de 1902. Ir. Adorátor F.M. & Eduardo, bispo de Goiás (ADORÁTOR, 2005, p. 187).

³⁴ Para maiores detalhes sobre os irmãos maristas em Uberaba, consultar Coutinho (2000) e Silva (2005).

O apoio do bispado e as vantagens verificam-se pelo conteúdo das cláusulas do contrato, as quais previam principalmente com relação aos direitos de propriedade sob as instalações do colégio, além de um pagamento inicial de seis contos, acrescidos de mais um ao final do ano. Um dos aspectos do contrato dispõe sobre a liberdade de aplicação dos métodos educacionais maristas que entre outros aspectos dispunha acerca da utilização de livros didáticos da coleção F.T.D.

Mas há de mencionar que nem sempre as condições eram favoráveis. Ao buscar articulação para o empreendimento em Uberaba, irmão Norberto não tivera sucesso. Ao estabelecer contato com o bispo Dom Eduardo para assumirem o estabelecimento que pertencia aos dominicanos, houve dificuldades nessas tratativas. Depreende-se das fontes que possivelmente os agostinianos o administraram por um tempo e que houve um “bloqueio” da correspondência enviada pelos maristas ao bispo.

Seja como for, Dom Eduardo, desejava confiar o Colégio Diocesano à direção dos irmãos maristas. Está disposto a se submeter a todas as condições (...) pedimos a propriedade incondicional do Colégio e dependências, além da importância de seis contos para as despesas de viagem e de instalação. As nossas condições são aceitas sem dificuldades (...) esperamos que cheguemos em dezembro, prevendo-se o início dos cursos para janeiro de 1903. O estabelecimento tinha sido fundado pelos padres dominicanos. Colocaram-no em bom funcionamento; mas, preferindo consagrar-se à obra das missões, resolveram passá-lo às nossas mãos. A carta que tinha sido bloqueada não lhes permitiu chegar ao que desejavam. Entrementes chegaram os agostinianos das Filipinas. Os dominicanos lhes entregaram o Colégio. Esses religiosos não estavam à altura de enfrentar dificuldades imprevistas (ADORÁTOR, 2005, p. 186).

Enquanto as Irmãs Dominicanas atendiam às filhas da elite do Triângulo Mineiro, o Colégio Diocesano de Uberaba dos maristas oferecia matrículas aos filhos dessa mesma elite que vinham não apenas de Minas Gerais, mas de cidades de São Paulo, Goiás e Mato Grosso (AZZI, 1996b, p.223).

Até os anos de 1940 os dois Colégios eram as únicas instituições de ensino católicas em Uberaba, um que ofertava vagas aos meninos e o outro às meninas, ao lado de uma precária oferta de ensino público de acordo com os dados da 39ª Superintendência de Ensino de Uberaba (MELO, 2002).

Com a liberdade de culto advinda do regime republicano, os metodistas buscaram estabelecer seus colégios nos mesmos espaços dos maristas. Depois da fundação do Colégio de Grambery em Juiz de Fora, foram a Uberaba numa tentativa de investir, mas o apoio e a mobilização da cidade articulada pela elite católica não permitiram a permanência dos metodistas (AZZI, 1996b).

Os contatos estabelecidos com diversos agentes proporcionaram uma aproximação de ideais compartilhados, bem como o fortalecimento dos colégios maristas formando uma rede de apoio. Essa configuração caracterizou-se pelas múltiplas influências que os agentes tiveram nos espaços onde os religiosos se estabeleciam (RIOUX; SIRINELLI, 1998).

Numa das festas do colégio de Uberaba no final de 1907, foi convidado Afonso Celso, um dos fundadores da ABL, como paraninfo de uma turma de formandos. Os maristas fazem apologia tanto ao deslocamento desse intelectual até a cidade de Uberaba, bem como sua influência social como católico no Brasil (ADORÁTOR, 2005, p. 444).

A considerar os intelectuais que posteriormente apoiaram os maristas, parte deles pertencentes a Academias de Letras, questiona-se em medida alguns deles como o próprio Afonso Celso não manteve correspondências como os maristas na perspectiva de apoio à elaboração de livros. Não descarta-se a possibilidade de que houve convites, mas não foram aceitos.

Além de oferecer ensino à elite mineira daquela localidade, os maristas fortaleciam o projeto de expansão da própria instituição, investindo em novos candidatos ao juvenato³⁵, geralmente anexo ao colégio. Tratava-se de uma estratégia adotada em outros estabelecimentos, fosse marista ou de outras congregações. Ao mesmo tempo em que os postulantes a irmãos maristas aperfeiçoavam sua prática pedagógica, outros se dedicavam ao ofício de elaboração dos próprios livros didáticos.

Na década de 1940, depois de mais de 30 anos de atuação do colégio marista de Uberaba, é perceptível a credibilidade obtida pelos maristas na oferta de ensino. O então prefeito Whady José Nassif, que fora aluno marista, homenageia-os ao nomear uma escola do município de “Escola Irmão Afonso Estevão³⁶”, pelo Decreto municipal nº 368 de 25 de janeiro de 1941 (AZZI, 1996b, p.224).

Depois dos estabelecimentos em Congonhas do Campo e Uberaba, os maristas fundaram colégios em Varginha em 1918, Poços de Caldas em 1936 e durante a década de 50 em mais três cidades; Belo Horizonte em 1950, Montes Claros em 1957 e Patos de Minas em 1959. Esses estabelecimentos maristas continuaram presentes no estado de Minas Gerais com legitimidade na oferta de ensino e adesão às obras da coleção F.T.D.

Quando Isidoro Dumont foi empossado provincial em 1911 recebeu do padre Leônidas João Ferreira uma correspondência em março de 1914, solicitando a fundação de um colégio

³⁵ Refere-se à primeira das etapas de formação dos futuros membros da Congregação Marista.

³⁶ Irmão Afonso foi um dos redatores do *Bulletin des Études* e apoiador do Irmão Isidoro Dumont nos projetos editoriais, tendo também colaborado na obra *Vingt Ans de Brésil*.

em Varginha. Denota-se em resposta a esse pedido que Dumont, naquele momento não o atenderia devido possivelmente ao quantitativo insuficiente de irmãos, mas talvez os motivos tenham sido outros, que não são possíveis identificar pelas fontes.

Recebi sua delicada carta dia 9 do corrente que me chegou hoje às mãos, e fico sumamente grato pelo pedido que teve a gentileza de dirigir-me. Dele tomo nota a fim de dar-lhe atendimento quando for possível. Será com muito gosto que darei os irmãos para sua paróquia de Varginha. Há uma condição, porém: é que V. Revma. Tenha bondade de esperar que eu os tenha à minha disposição; e creia que me empenho por todos os meios a fim de aumentar-lhes o número.³⁷

Isidoro Dumont dessa maneira, ao mesmo tempo que coordenava outros projetos, articulava e buscava ampliar o quantitativo de colégios e de novos membros, utilizando-se das próprias correspondências de modo indireto faz alusão a casa de formação marista que situava-se em Mendes no Rio de Janeiro. Na mesma carta ao padre Leônidas, escreve:

Junto lhe mando um prospecto de nosso juvenato e noviciado em Mendes; essa casa é nossa esperança para o futuro; já nos deu bastante e bons irmãos, que estão ensinando com grande proveito para a mocidade e para a religião, e me permitirá multiplicar a maior parte de nossas casas, até triplicar, e mais que isso para algumas.³⁸

O tom epistolar evidencia os interesses de Dumont como relação às possibilidades de novas vocações daquela região, bem como as esperanças na ampliação das casas de formação, de certa forma bem otimistas. A casa de Mendes tornou-se referência aos neófitos que almejavam à vida religiosa marista.

Os maristas assumiriam a administração do Colégio Sagrado Coração de Varginha somente em 1921, sendo designado como diretor o irmão Pedro Evremond. Ainda na década de 1920 havia 11 irmãos, totalizando 161 alunos matriculados, num espaço total de 32.098 metros quadrados, sendo 1.800 de área construída (BULLETIN DE L'INSTITUT, 1924, p.613).

Essas correspondências possibilitam perceber que, mesmo não havendo um aceite imediato por parte dos maristas em assumirem colégios, significou um fator significativo às futuras instalações, especialmente quando essas regiões fossem férteis nos aspectos econômico e vocacional.

Depois da fundação do colégio de Varginha, palavras elogiosas foram expressas pelo segundo ministro da Educação e Saúde do governo Getúlio Vargas, Washington Pires, logo

³⁷ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. **Escôço Biográfico do primeiro provincial dos irmãos maristas no Brasil Central**. Rio de Janeiro: Francisco Alves e Paulo de Azevedo, 1941. p.113.

³⁸ Ibidem.

após sua posse em finais de 1932, “ mas isto sim não é colégio para interior, é colégio para a capital”.³⁹ Quando o Washington Pires saiu do ministério da Educação e Saúde e foi empossado Gustavo Capanema em julho de 1934, há indícios que apontam que Capanema assumiu o Ministério da Educação e Saúde,

(...) como parte do acordo geral que então se estabeleceu entre a Igreja e o regime de Vargas, proposto anos antes por Francisco Campos. A parte visível deste acordo foi a aprovação, pela Assembleia Constituinte de 1934, das chamadas "emendas religiosas". A parte não dita, mas certamente de consequências mais profundas, foi a entrega do Ministério da Educação a Capanema, como homem de confiança da Igreja e encarregado de levar à frente seu projeto educacional e pedagógico, tal como era expresso através de seu representante leigo mais autorizado, Alceu Amoroso Lima (SCHWARTZMAN; BOUSQUET; COSTA; 2000, p.65).

Esses aspectos corroboram para a assertiva de que os colégios maristas enquanto instituições católicas realizavam um jogo de interesses no campo educacional. Sem perda de tempo articulavam-se estrategicamente para demarcarem os espaços em que discursos autorizados tiveram um peso significativo.

Em Poços de Caldas a articulação para a fundação do colégio foi realizada por meio de um ex-aluno do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, Haroldo Junqueira, de um sacerdote, Eduardo Batista e do prefeito à época Francisco de Paula Assis. O apoio da elite da Igreja também veio por meio de Dom Aloísio Masela e Dom Ranulfo da Silva Farias, com ajuda financeira e autorização eclesiástica e ocorreu em 1936 (AZZI, 1996b, p. 227).

Verificam-se para o caso anterior três instâncias que amparam Isidoro Dumont na ampliação dos estabelecimentos maristas: um antigo aluno, filho da elite paulistana, que representa o poder econômico; o prefeito, gestor da cidade, que representou o poder político e o sacerdote e os bispos, representando o poder eclesiástico.

Em cada estabelecimento assumido pelos maristas, além do foco na administração e do magistério, viabilizaram também projetos relacionados à fé católica. No caso de Poços de Caldas, que em 1947 possuía 17 irmãos com 400 alunos matriculados contribuíram para a organização da Cruzada Eucarística e Propagação da Fé, por exemplo, as quais estavam em consonância com o que apregoava o Concílio Plenário de 1904 (AZZI, 1996b, p. 229).

Alguns alunos que haviam estudado em instituições maristas tornam-se divulgadores e apoiadores do ideal educativo marista e cristão, pois os irmãos durante o processo de ensino-aprendizagem os inseriam numa perspectiva de “família marista”. Esse projeto foi viabilizado com a constituição das associações de ex-alunos ou de agentes que mesmo não tendo sido

³⁹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Varginha. **Boletim dos Estudos**, São Paulo, v.34, n.331, p.1-4, fev.1945. p. 2.

alunos, continuaram com vínculos sociais com a instituição. Implicitamente constituía um privilégio para um ex-aluno, ao lado de um irmão marista contribuir para ampliação das instituições escolares católicas.

Abaixo, no quadro 4 há um demonstrativo dos cinco empreendimentos educacionais em Minas Gerais no período de 1897 até 1958, cujo fluxo aconteceu do interior para a capital.

QUADRO 4 – Colégios Maristas no estado de Minas Gerais (1897-1958)

ESTADO	CIDADE	FUNDAÇÃO	NOME
Minas Gerais	Congonhas do Campo	1897	Colégio de Congonhas do Campo
	Uberaba	1903	Colégio Marista Diocesano
	Varginha	1918	Ginásio Sagrado Coração de Jesus
	Poços de Caldas	1936	Colégio Marista de Poços de Caldas
	Belo Horizonte	1950	Colégio Dom Silvério
	Montes Claros	1957	Colégio Marista São José

Fonte: ADORÁTOR 2005; VOZ MARISTA (1946-1958).

Na trajetória dos empreendimentos de construção e aquisição de prédios para oferta de ensino em Minas Gerais, constata-se até o início da década de 1950 que essa movimentação dos maristas foi diferente daquela ocorrida nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná com a peculiaridade de que na capital mineira, não havia uma construção para abrigar o colégio e os maristas adquiriram um o terreno para esse objetivo (AZZI, 1999).

Uma vez adquiridos residências e colégios nas capitais da região Sudeste, com exceção do Espírito Santo⁴⁰, houve uma melhor articulação entre a oferta de ensino e consequentemente a elaboração, edição e comercialização dos livros didáticos, pois a empresa responsável pelo catálogo e comercialização das obras da Coleção F.T.D., a Livraria Francisco Alves, possuía sedes no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte (BRAGANÇA, 2016).

A trajetória das fundações de colégios maristas no estado de Minas Gerais deu-se a partir de cidades estratégicas do ponto de vista de localização, contato com o bispado, clérigos e empreendedores da elite econômica e intelectual e nem todos os empreendimentos tiveram resultados esperados. Esses agentes que estabeleceram contatos com a instituição, por sua vez, possuíam não só interesses na expansão da rede católica de ensino, mas também interesses particulares, que em boa medida intensificaram-se durante as décadas seguintes. Isso contribuiu

⁴⁰ O estado do Espírito Santo teve empreendimento marista. Foi o caso do Colégio Nossa Senhora da Penha em Vila Velha inaugurado em 1954, porém esse não pertenceu a Província Marista do Brasil Central, foco desta pesquisa (AZZI, 1999, p.89).

para fortalecimento do debate posterior em defesa do ensino religioso particular em disputa com a escola pública, gratuita e laica.

1.2 “São Paulo é São Paulo, ainda sem os desvarios porvindouros”⁴¹

No estado de São Paulo a articulação para fundação e ampliação dos projetos maristas deu-se pelo contrato com a O.T.C. Parte da rede de apoio e divulgação do ideário e dos projetos foi proveniente do Colégio Nossa Senhora do Carmo, primeiro empreendimento na capital, com a participação dos antigos alunos, que apoiaram e divulgaram os projetos maristas. Verifica-se ainda a importâncias das relações estabelecidas em Minas Gerais para as novas articulações sociais dessa localidade.

Um dos antigos alunos do primeiro colégio em Congonhas do Campo, Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, tornou-se cardeal arcebispo de São Paulo e primeiro presidente da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB) (AZZI, 1996a, p. 67). Isso demonstra de um lado a instituição atendendo o escopo da Igreja Católica com relação à preocupação na formação de uma elite eclesiástica e por outro uma referência religiosa formada pelos maristas que a seu turno poderia facilitar processos decisórios em prol dos irmãos.

Além de antigos alunos pertencentes à elite eclesiástica, teve aqueles com legitimidade no campo literário e político formados em São Paulo, no Colégio Nossa Senhora do Carmo, como Vicente Rao, Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e Paulo Setúbal.

Ainda que parte das articulações sociais dos maristas tenha-se formado com a participação de intelectuais ex-alunos do colégio de Nossa Senhora do Carmo, verifica-se que em São Paulo, tal como em Congonhas do Campo no primeiro dia de aula as dificuldades com relação a língua portuguesa e a cultura brasileira, foram percebidas.

Reiterando o primacial dia letivo de Congonhas do ano passado, irrompeu aqui também muito desconforto pedagógico-didático. Não foi sem certa apreensão que sentimos chegar a hora da entrada. E havia motivos. Estamos sem experiência, muito fracos em português. A nossa escola de ensino secundário, que prepara ao bacharelado. Não seríamos demasiadamente temerários? Seríamos realmente, se não tivéssemos a graça do bom Deus e a obediência (...) Pouco antes das onze horas, vamos ao pátio. Esse atraso foi premeditado para permitir aos pais de se retirarem. Tentamos travar conhecimento com os alunos, mas de parte e de outra frieza se mesclava à timidez. Olhamo-nos com indisfarçável curiosidade. Toca a entrada. O irmão Andrônico arma-se com a lista dos matriculados e começa a chamada esfolando alguns nomes, o que os diverte não pouco. O mais embaraçante é que todos os pais estão aí. A prendemos mais tarde que é hábito dos brasileiros de não dar aula no dia

⁴¹ Subtítulo adaptado de Adorador (2005, p. 125).

de abertura. É simples apresentação, mera *lectio brevis*, após todos vão embora. Os pais aguardam os filhos (ADORÁTOR, 2005, p. 130).

O Colégio do Carmo funcionou até 1971, quando, então, a partir das decisões da mesa diretora da O.T.C, passou a pertencer à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). De um lado a instituição marista “devolveu” um espaço para a expansão da universidade e de outro teve obtido apoios para que a elite secundarista continuasse a estudar no marista tendo como opção o Colégio Arquidiocesano e o Colégio Nossa Senhora da Glória, ambos na cidade de São Paulo.

Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta trabalhou pela fundação da Faculdade Paulista de Direito que posteriormente tornar-se-ia PUC-SP, além de ser o articulador de órgãos de imprensa como a Rádio Nove de Julho e o jornal da Arquidiocese de São Paulo. A tramitação para transferência do Colégio do Carmo à PUC-SP foi encaminhada por Oswaldo Aranha Bandeira de Mello, como depreende-se do ofício abaixo.

Tendo chegado ao meu conhecimento que os Irmãos Maristas devolverão a essa prestigiosa Ordem o prédio do Carmo, que vem ocupando em comodato há 72 anos, venho solicitar a cessão, em idênticas condições. A Pontifícia Universidade Católica, graças à fase de expansão por que está passando, tornou-se a maior Universidade Brasileira em número de alunos e, em razão da Reforma universitária que está implantando, necessita de espaço físico para seu desenvolvimento. Na qualidade de Reitor da Pontifícia Universidade Católica e Diretor Executivo da Fundação São Paulo, sua entidade mantenedora, é que subscrevo a presente solicitação, esperando contar com o empenho dessa Mesa Administrativa, pois as altas finalidades educacionais e filantrópicas estão de acordo com os objetivos dessa veneranda Ordem (MONTEIRO, 1978, p. 158).

Além de bispos, representando o apoio da Igreja, os maristas também contaram com apoio de outras congregações religiosas – femininas e masculinas – na fundação de seus colégios, como era praxe entre as congregações. Membros da elite paulista também aparecem como apoio aos projetos maristas. Um dos casos verificados foi o do Ismael Dias que ofereceu como doação em 1902 uma construção no bairro do Cambuci, na cidade de São Paulo, a fim de formar uma nova residência marista e externato (AZZI, 1996a, p. 125).

Essa doação de Ismael Dias contribuiu para a construção do Colégio Nossa Senhora da Glória, espaço educacional de acolhimento aos filhos de imigrantes italianos da região do Cambuci em São Paulo. Esse espaço serviu posteriormente para desenvolvimento do projeto editorial da F.T.D., passando a ser sua primeira sede na cidade de São Paulo.

A fundação do Colégio Nossa Senhora da Glória, no bairro Cambuci foi articulada pelo irmão Augustalis desde Varennes na França, quando irmão Adorátor estava iniciando sua

viagem para o Brasil em outubro de 1901, com objetivo de verificar o andamento dos trabalhos em Congonhas do Campo em Minas Gerais e ao chegar recebe uma correspondência nestes termos:

(...) Hoje, participo-lhe que chovem as bênçãos de Deus sobre nossas obras no Brasil. Veja de que maneira. O senhor segue, oceano afora. Muito bem. Mas estará precisando de agasalho: Deus o manda sem tardança. É uma chácara na própria cidade paulistana, em Cambucí, que acabamos de aceitar, antes mesmo que o senhor pise em terras sul americanas. Não foi possível avisá-lo, porque estava em Marselha embarcando, quando nos fizeram a proposta. Combine com o irmão Andrônico, que lhe fornecerá todos os detalhes para a compra. É um fato auspicioso que me parece providencial. Já em fevereiro, podemos abrir aí uma escola pequena. Por enquanto, essa habitação ficará sendo casa provincial. Nela poderemos admitir os noviços que a Santíssima Virgem nos mandar, por meio dos irmãos recrutadores (ESCORSO BIOGRAFICO DO PRIMEIRO PROVINCIAL, 1941, p. 58).

Ismael Dias, membro da O.T.C., era proprietário de terrenos naquela região. Além dessa doação, apoiou a edificação de um templo dedicado a Nossa Senhora de Lourdes. A região que ora estava em desenvolvimento certamente com a construção de um colégio católico de grande porte e de uma igreja promoveria maior valorização da área além da promoção de seu próprio nome.

De fato, no dia 24 de junho de 1902, após a benção da residência dos maristas, Ismael Dias recebeu o título de “Irmão Honorário”, ofertado a personalidades que beneficiaram a congregação com doações ou outro tipo de apoio. Essa foi uma das práticas verificadas pelos maristas, na perspectiva de interesses mútuos. Constatase que na província do Brasil Central houve três designações de títulos, a saber: benfeitor (a), filiado (a) e irmão honorário⁴². São menções que criaram uma distinção dentro da instituição (FERRARINI, 1984, p. 259).

A fundação de Franca foi articulada, depois dos acertos do fechamento de Congonhas do Campo. Temendo que pudessem não ter outras possibilidades no Brasil, os irmãos entraram em contato com um padre da cidade de Franca, através de uma missiva. Os acertos foram encaminhados com Monsenhor Rosa, o qual serviu-se da elite local para facilitar o incentivo.

Monsenhor Rosa tinha mandado chamar o Pe. Alonzo, capelão das irmãs, velho padre de recursos; também convocou alguns personagens influentes; Santos Pereira, médico; Godofredo de Castro, advogado; e Vilhena, notário. Tratava-se de nos entregar sem encargos, indefinidamente, a casa da estação para estabelecer um externato (ADORÁTOR, 2005, p. 172).

⁴² Até o ano de 1958 foram encontrados os seguintes nomes: Cardeal Joaquim Arcoverde (benfeitor), Ismael Dias (irmão honorário), Monsenhor Camillo Passalacqua (benfeitor) e Angelo Rubini (Filiado).

Tais tratativas pareceram frutuosas, uma vez que depois das articulações por carta, visita e um almoço, renderam além da residência apoio financeiro para que os maristas assumissem o projeto educacional na localidade em 1902, sob a coordenação dos irmãos Adorátor, Frumêncio, Pedro Cassiano e Mário Adriano.

Há poucas referências nos registros com relação ao empreendimento marista em Franca, tal aspecto pode ter sido devido a pouca visibilidade ou credibilidade dos irmãos naquela localidade, ao contrário dos outros estabelecimentos em que uma das estratégias foi o convite aos intelectuais servirem como paraninfos dos formandos, o que não verifica-se neste caso. O colégio foi fechado em 1971 após ser vendido à Secretaria de Educação de São Paulo (FERRARINI, 1984).

As boas relações com parte da elite eclesiástica aliado ao desempenho de suas atividades como professores cristãos e defensores da Igreja, além de possibilitar aos maristas irem imprimindo sua marca no campo religioso teve como vantagem contar com a jurisdição extensa de uma determinada diocese sob responsabilidade de um bispo.

Depois da realização do Concílio Plenário em finais do século XIX, houve a organização no ano de 1908 em São Paulo das dioceses de Botucatu, Campinas, São Carlos do Pinhal, Taubaté e Ribeirão Preto, as quais pertenciam a jurisdição da capital paulista (FREITAS, 2006, p. 26).

À extensa diocese de Ribeirão Preto além da cidade sede, pertencia a cidade de Franca que já contava com a presença marista. Desta forma, sob os auspícios do bispo Dom Alberto Gonçalves, com significativa participação política desde 1899 no Paraná, já conhecido do Instituto Marista em terras paranaenses e de Franca, deu-se continuidade aos trâmites para aquisição de um terreno na década de 1920 e 17 anos depois a construção do colégio na cidade de Ribeirão Preto (AZZI, 1999b, p. 217).

Esse aspecto corrobora para compreensão do jogo político na escolha das cidades para sede dos colégios, aliado aos fatores de ordem desenvolvimento econômico e social da localidade, sendo a posição geográfica um elemento relevante. No caso expresso acima, de Ribeirão Preto, estava a menos de 200 km de Uberaba que também havia colégio marista.

Outro colégio assumido pelos maristas no estado de São Paulo foi o Arquidiocesano, na capital. O colégio teve como fundadores os padres capuchinhos de Chambéry em 1856 sob a supervisão do bispo de São Paulo Dom Antônio Joaquim de Melo. Embora os documentos maristas omitam as razões que levaram a decisão do bispado de os confiar a administração, supõe-se que houve problemas de ordem interna e questionamentos contrários a decisão.

Relatamos alhures as gestões empreendidas pelo novo bispo para nos determinar a tomar a direção do Colégio com o seu argumento final apodíctico⁴³: ou os senhores assumem o colégio ou sou obrigado a fechá-lo, lançando assim duzentos jovens na rua. O bispo triunfou sobre nossa resistência. Em janeiro de 1908, deveríamos tomar posse de estabelecimento tão importante. Era acontecimento muito significativo para passar despercebido. Além disso, alguns personagens sentiram-se lesados; protestaram contra as mudanças que os obrigavam a reiniciar nova vida. A medida que o bispo teve de tomar foi amargamente criticada. O fato, além das razões que o motivaram, *id est*, problemas de ordem interna, constituía, de per si, assunto muito tentador para qualquer pena alugada (ADORÁTOR, 2005, p. 487).

Esses aspectos de algum modo dificultaram os primeiros passos na administração do colégio nos anos de 1908. Estrategicamente Adorátor nomeou como diretor Isidoro Dumont, que até então era diretor do Colégio do Carmo e que acumulava credibilidade na instituição como professor e administrador, não sofrendo objeções, pois talvez, pela situação em que encontrava-se o colégio, seria desafiante encontrar alguém com habilidade para prosseguir na tarefa.

A gestão de Isidoro Dumont como diretor no Colégio Arquidiocesano ampliou sua legitimidade no Instituto Marista e facilitou sua aprovação como provincial em 1912, ao mesmo tempo que criou uma lacuna na direção do Carmo, preenchida por irmão Exuperância, que posteriormente exerceria também o cargo de provincial.

Outra fundação de colégio marista, ocorreu na cidade de Santos em 1905. Essa foi salutar do ponto de vista de dois objetivos principais, além da oferta de ensino: um devido a sua situação como cidade portuária, a qual favoreceria o trânsito de maristas entre Brasil e França; e outro relacionado a facilitação de envio de obras didáticas as quais foram a princípio enviadas para serem impressas na França.

Desta forma, serviu como uma das primeiras centrais de distribuição dos livros da coleção de livros didáticos da F.T.D. O Colégio Santista só deixou de servir como entreposto desses livros impressos na França enviados por Isidoro Dumont na Primeira Guerra Mundial.

No quadro 5 há descrição dos colégios maristas fundados em São Paulo pela província marista do Brasil Central. Percebe-se que embora a província tenha perdurado até 1958, os estabelecimentos em São Paulo nesse período foram fundados até 1938.

⁴³ Conforme Borba (2011, p.94) irrefutável, convincente.

QUADRO 5 – Fundações de colégios maristas em São Paulo (1899-1958)

São Paulo	São Paulo	1899	Colégio Nossa Senhora do Carmo
		1903	Colégio Marista Glória
		1908	Colégio Marista Arquidiocesano
	Franca	1902	Ginásio Champagnat
	Santos	1903	Colégio Santista
	Ribeirão Preto	1938	Ginásio Nossa Senhora Aparecida

Fonte: AZZI, 1996a.

Concomitantes às fundações em São Paulo foram articuladas fundações e aquisições no Rio de Janeiro, entre essas uma fazenda em Mendes que passou a ser considerada a principal casa de formação da província.

1.3 Rio de Janeiro e Mendes, o coração da província⁴⁴

Na primeira década do século XX, quando os maristas saíram de Congonhas do Campo em Minas Gerais, imediatamente foi articulado junto ao Cardeal Arcoverde⁴⁵ do Rio de Janeiro a aquisição de uma propriedade em Mendes, que serviria tanto para a formação dos futuros religiosos como de sede administrativa. Essa propriedade constituída de uma fazenda e serviu aos propósitos tanto da Igreja, como da própria instituição na ampliação de seus quadros.

A aproximação com o poder econômico, político e religioso do Rio de Janeiro foi importante por ter facilitado a fundação de colégios não apenas nesse estado, mas também permitiu o fortalecimento das relações com o 1º Cardeal do Brasil auxiliando no processo de ampliação da rede a outros estados da federação.

A propriedade, com amplo espaço, em Mendes, passou a ser sede da Província do Brasil Central, além de escritório editorial dos livros da Coleção F.T.D. O cardeal Arcoverde ofereceu a fazenda aos maristas, com facilidade no pagamento, que seria em três anos. Além do apoio desse cardeal, tiveram incentivo de Dom João Braga, bispo de Niterói e da família Felício dos Santos⁴⁶, proprietária de uma fábrica de papel em Mendes (AZZI, 1999a).

⁴⁴ Subtítulo adaptado de Adorátor (2005, p.669).

⁴⁵ O Cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, mais conhecido como Dom Arcoverde nasceu no município de Pesqueira em Pernambuco no dia 17 de janeiro de 1850 e faleceu aos oitenta anos, na cidade do Rio de Janeiro. No dia 26 de junho de 1890, devido ao regime de padroado, foi indicado bispo de Goiás, cargo que teve “lugar-chave no processo de construção institucional derivado da autonomização diante das instâncias governamentais e burocráticas ao longo da Primeira República” (SEIDL, 2017, p. 41).

⁴⁶ João Felício dos Santos, filho de Felício dos Santos, foi escritor e empresário, nasceu em Mendes no Rio de Janeiro, em 14 de março de 1911. Iniciou sua carreira literária com a obra “Palmeira Real”, lançada em 1934. Autor de ampla produção literária, destaca-se por romances, contos, poesias e enredos carnavalescos. Exerceu jornalismo e foi membro do conselho da Associação Brasileira da Imprensa (ABI) por 40 anos. Uma de suas obras

Felício dos Santos colocou-se à disposição dos maristas oferecendo dinheiro necessário à compra da fazenda com juros baixos. A fazenda também tornou-se casa de formação dos futuros religiosos. Tinha posição estratégica quanto às decisões no Brasil, uma vez que a capital do país era então o Rio de Janeiro.

Mendes possui uma fábrica de papel, dirigida pelo Dr. João, filho do Dr. Felício dos Santos. Este é ilustre convertido. Escritor de sucesso, médico famoso, o seu nome é dos mais populares no Brasil. Não ignorava a compra que acabávamos de fazer, que nos permitiria estabelecer-nos em Mendes. Sabia que o pároco de Mendes recebia 500\$000 por ano com juros de um capital de dez contos, que a mãe do Dr. Felício tinha dado. O capital era em apólices; podia ser realizado por venda e reconstituído mais tarde. Essa realização feita para nosso proveito, mediante o encargo de pagar ao presbitério a renda acima indicada, seria excelente negócio, porque no Brasil os juros são exorbitantes. As apólices ou títulos de renda estavam depositados no bispado de Petrópolis; pertencia ao doutor, pelo menos sua aplicação (ADORÁTOR, 1917, p. 201).

Ainda que houvesse certas facilidades econômicas com relação a compra dessa fazenda, tal aquisição levou os maristas a envolverem-se em questões agrícolas como organização de hortas, cultivo de animais, plantio, colheita e adequação dos antigos maquinários como moendas de cana, alambiques e engenhos com certa ressignificação de seus ofícios de professores. Os benefícios dessas atividades eram revertidos em prol da formação de novos membros do Instituto e manutenção dessa residência que tornou-se uma espécie de polo de acolhimento dos maristas vindos da França, conhecido como “coração da província” (ADORÁTOR, 2005, p. 517).

Mesmo sendo possuidores de uma fazenda com amplo espaço, não eximiu os irmãos das dificuldades decorrentes da organização dos espaços, adequação dos projetos como formação de novos membros ou das atividades agrícolas que envolveram-se, não estando habituados com esse ofício e com o clima da região.

No transcorrer do ano de 1903 a fazenda tornou-se residência para oito novos grupos de maristas vindos da França, totalizando 60 pessoas, que ao longo dos anos seguintes endossaram os empreendimentos educacionais na cidade do Rio de Janeiro e em cidades dos estados de São Paulo (ADORÁTOR, 2005, p. 213).

A ideia dos resultados com relação à investida no Rio de Janeiro, verificar-se-á não apenas pelo quantitativo de alunos até a década de 1950, relevante quantitativamente se comparado aos outros estabelecimentos, mas também pelos novos projetos que seriam viabilizados.

mais conhecidas é “Ganga Zumba” (1962), que foi premiada pela ABI (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA IMPRENSA, 2011).

QUADRO 6 – Matrículas nos colégios maristas no estado do Rio de Janeiro em 1956

Cidade do Estabelecimento	Total de Matrículas
Rio de Janeiro (Internato)	445
Rio de Janeiro (Externato)	1087
Mendes	85
Total	1.616

Fonte: VOZ MARISTA, 1956, p. 218.

Esses estabelecimentos educacionais elencados no quadro 6, fundados em 1902, com exceção de Mendes, o qual foi destinado somente a formação de futuros membros da instituição, tiveram papel significativo para viabilização do projeto de elaboração de livros, pois até final da década de 1950 o Rio de Janeiro além de capital do Brasil foi sede da Livraria Francisco Alves.

As relações com o cardeal do Rio de Janeiro a seu turno favoreceram após a década de 20 o fortalecimento contratual com a Livraria Francisco Alves e a expansão marista em outros estados como no Paraná; na capital do estado com os Colégio Marista Santa Maria, Colégio Marista Paranaense e outros no interior, além de contar com a participação efetiva de intelectuais para divulgação de seus livros didáticos.

1.4 Em território paranaense

A constituição dos colégios católicos na capital do Paraná iniciou-se pelo estímulo da vinda de ordens religiosas coordenado por Dom José Camargo de Barros, primeiro bispo da Diocese dessa cidade. Entre as ordens e congregações religiosas apoiadas pelo episcopado com foco na educação estavam a Congregação dos Santos Anjos fundada em 1896, as Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, em 1918 e os maristas que iniciaram seus projetos em 1925, embora com ideário católico e com foco na educação, os projetos desenvolvidos e as trajetórias tiveram suas peculiaridades (CASTRO; IMAGUIRE, 2006).

Foi o então bispo diocesano, Dom João Braga que, em 1924, num encontro com o irmão Exuperância, provincial, pleitou a presença dos maristas em sua cidade, oferecendo um prédio que, adquirido às irmãs de Sion, pertencia então à Mitra. Incentivado pelos padres Franciscanos – outra força decisiva na transformação da cidade, e anteendo possibilidade de vocações no meio da população e sobretudo no vizinho estado de Santa Catarina, o irmão Exuperância apresentou os entendimentos e já no dia 22 de dezembro de 1924 os primeiros irmãos: Frumêncio e Bento José, tomaram posse do prédio. No dia 24 os restantes: irmãos Henrique Augusto, Pedro Senador e Mário Odorico (FERRARINI, 1984, p. 87).

O Paraná, a princípio, pertencia a província do Brasil Meridional⁴⁷, mas por articulação do irmão Isidoro Dumont, com intuito de angariar novos membros para a sua província do Brasil Central, no mesmo ano da criação do *Bulletin des Études*, 1912, solicitou à administração geral irmão Diógenes, que essa região ficasse sob supervisão do Brasil Central (AZZI, 1996b, p. 269).

A busca por novos campos de atuação ou de possibilidades de vocações nesse período foi marcado por disputas no interior da própria instituição, pois cada província marista buscava formas de articulação e estratégias fosse com a Igreja, elite intelectual ou econômica para buscar manutenção ou expansão de seus projetos.

O crescimento dos colégios na região sudeste concomitante ao investimento no projeto editorial e a carência de pessoal tanto para manutenção como para novos investimentos levou Mário Cristóvão em finais da década da 1920 a solicitar oficialmente à província Meridional a parte litorânea de Santa Catarina para o recrutamento, porém dois dos três conselheiros não concordavam com a proposta. Dériré Afonso, um dos opositores, alegou que havia grande extensão territorial aos maristas da província do Brasil Central (AZZI, 1996b, 288).

Essa postura também corrobora para compreensão de que os estabelecimentos maristas, além de atendimento aos filhos da elite econômica, também ofertariam ensino aos seus futuros membros, que paulatinamente nesses próprios colégios iam ensaiando para seus futuros ofícios como educadores. Outro aspecto é que possivelmente os irmãos responsáveis por essa função de recrutadores de novos membros não tiveram participação mais efetiva no projeto editorial.

A abertura de um local de formação de novos membros, junto ao colégio em Curitiba, intitulado de Juvenato Marcelino Champagnat, fundado em 1925, que atendia interessados a vida marista tanto do Paraná como de Santa Catarina, acolheu inicialmente 32 meninos. Após um tempo esses iam continuar os estudos em Mendes sob a supervisão de Exuperância (FERRARINI, 1995, p.22).

Além do Instituto Santa Maria em Curitiba, que após a Reforma de Gustavo Capanema, passou a chamar-se Colégio Santa Maria, foi fundado o Colégio Marista Paranaense em 1938. O então irmão Mário Cristóvão estrategicamente ofereceu esse empreendimento ao seu “opositor” do Rio Grande do Sul, como uma espécie de “compensação” dos acertos anteriores. Os maristas vindos desse estado se instalaram no Colégio no início do ano de 1939 (AZZI, 1996b, p. 289).

⁴⁷ Para maiores informações sobre a elite eclesiástica do Rio Grande do Sul consultar Seidl (2003).

Durante a década de 1950 tendo como objetivo a expansão ao norte do Paraná, os maristas iniciaram as negociações para administração de um colégio na cidade de Londrina. Cumpre destacar que em finais da década nessa cidade foi constituída uma residência de formação para futuros membros marista, designado como pré-juventado, ou seja, antes dos neófitos prosseguirem sua formação em Curitiba, ficavam por um tempo nessa localidade (FERRARINI, 1995, p. 25).

QUADRO 7 – Colégios maristas fundados no Paraná até 1958

Paraná	Curitiba	1925	Colégio Santa Maria
		1938	Colégio Marista Paranaense
	Londrina	1955	Colégio Marista de Londrina

Fonte: AZZI, 1996b,1999.

Em finais da década de 1920, pela primeira vez no *Bulletin des Études*, houve a inserção de uma seção intitulada placements⁴⁸, a qual anualmente apresentaria os locais em que os irmãos exerceriam seus ofícios e nesse caso já havia registro do Colégio Santa Maria no documento. De modo geral, para as funções relacionadas às escolas, mencionava-se apenas a cidade e os respectivos nomes.

Para cargos como provincial, ecônomo, ou recrutadores de novos membros o documento posteriormente fará menção. Em 1929, juntamente com os nomes dos irmãos e suas respectivas colocações, os editores do *Bulletin des Études* apresentaram uma estatística de membros da instituição, a qual contabilizou 379 irmãos.

A administração marista previa algumas exigências para seus projetos, que incluíam estrutura física para construção dos colégios, demanda compatível de alunos, apoio das elites e local promissor ao desenvolvimento de outros empreendimentos. Por vezes, a articulação para entrada dos maristas em determinadas regiões do Brasil incluía não apenas apoio da Igreja, mas também de políticos e intelectuais. O apoio inicial podia materializar-se em passagens, doações de terrenos, ou em espécie à congregação para cobrir os custos iniciais (ADORÁTOR, 2005).

No início da década de 1940 o quantitativo de maristas na Província do Brasil Central era de 264, os quais trabalhavam em diversos estabelecimentos educacionais. Cumpre destacar que à exceção dos diretores, a permanência desses num mesmo estabelecimento variava, da

⁴⁸ A tradução literal é colocações, posicionamentos. Referia-se às nomeações dos Irmãos para as localidades, colégios ou funções dos irmãos a cada ano.

mesma forma pode-se afirmar de seus ofícios que nem sempre permaneciam os mesmos, salvo os irmãos que trabalharam na elaboração dos livros.⁴⁹

Nas colocações de 1955, conforme a disposição textual do documento pela primeira vez aparecia a Coleção F.T.D. com os cargos estratégicos da instituição. Tal aspecto evidencia o lugar que paulatinamente o projeto de elaboração de livros foi ocupando para os maristas, bem como as mudanças das práticas editoriais. Outro aspecto é a foco que cada provincial proporcionou aos encaminhamentos com relação a tal projeto, o que por vezes nem sempre era consensual entre os maristas e causou conflitos.

Embora tenha havido ampliação dos estabelecimentos educacionais e de residências, tal crescimento não processou-se de modo igual com membros, pois em 1955, havia 107 irmãos, ao contrário dos 379 de 1929, aspecto que influenciará as práticas relacionadas à continuidade dos projetos maristas seja no campo educacional, religioso ou editorial.

Verifica-se no período de 1897 até 1958⁵⁰ a articulação dos maristas da Província do Brasil Central com os demais confrades em outros estados, em unidades administrativas diferentes, deu-se também por interesses torno do projeto editorial, além daqueles relacionados a busca de novos membros. A constante busca de novas fundações e outros projetos, sempre contando com variados apoios, torna a administração cada vez mais complexa depois de 1958, levando-os a reestruturações, divisões e alianças com o próprio grupo.

O crescimento constatado dos empreendimentos da província do Brasil Central constatados até a década de 1950, concretizado por meio da abertura de instituições escolares, aquisição de residências, fazenda, provenientes de aquisição própria, doações, negociações, parcerias e presença com legitimidade no campo religioso e educacional possibilitou o crescente aumento no número de matrículas de alunos e consequentemente exigência de práticas relacionadas a elaboração de suas obras didáticas, fator que corrobora para a interpretação de suas práticas com as relação à Coleção de obras da F.T.D.

Essa perspectiva do aumento de alunos de suas próprias instituições, crescimento da oferta de obras didáticas as escolas públicas, levou os maristas a dedicação cada vez mais acentuada de elaboração de obras didáticas e ao cuidado às exigências do campo editorial. Isso os exigiu práticas específicas com relação a autoria e edição dos livros, as quais resultaram também em relações sociais com intelectuais para sua elaboração.

⁴⁹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. *Bulletin des Études*. Placements pour 1940, São Paulo, v.29, n.282, p.1-4, mar.1940. p.2.

⁵⁰ No estado de Santa Catarina houve a fundação do Colégio São Luís em Jaraguá do Sul, no ano de 1940 que pertenceu a Província do Brasil Central (AZZI, 1999b, p. 414).

CAPÍTULO 2

AS PRÁTICAS DE AUTORIA E EDIÇÃO DA COLEÇÃO DE LIVROS F.T.D.

Este capítulo analisa a prática dos maristas enquanto membros de uma instituição religiosa católica que, além de exercerem o ofício de professores, diretores de escolas e administradores assumiram as funções de tradutores, autores e editores de livros didáticos organizados enquanto uma coleção, intitulada de Coleção de Livros Didáticos com a sigla F.T.D.

Reflete as práticas editoriais principalmente dos maristas que atuaram como provinciais da província do Brasil Central, devido à posição que desempenharam como articuladores e gestores do projeto de elaboração de livros didáticos. Articulação essa realizada com a própria instituição, com empresas tipográficas e livrarias.

O capítulo descreve como essas obras didáticas dos autores maristas foram implantadas no Brasil amparados em uma expertise herdada da editora deles na França que circularam com a marca de Coleção F.T.D. e abrangiam diversa áreas de ensino. Esclarece que a produção das obras didáticas de 1912 até 1956 foi sustentada por uma autoria coletiva não identificada, mas que em se tratando de algumas obras como de Isidoro Dumont e Epifânio Maria essa prática não ocorreu.

Esse projeto editorial marista desenvolvido no Brasil adquiriu contornos específicos, pois “desde o princípio da missão do Instituto, os manuais foram usados como meio e identidade do trabalho pedagógico”, e sofreram adequações devido a questões históricas, políticas, sociais e culturais, levando-os a ressignificar suas práticas (BARRIO, 2017, p.207).

A análise sobre o autor e sua respectiva função os colocam como sujeitos significativos no processo editorial principalmente ao fornecer um nome próprio às obras, acentuando o caráter dos respectivos direitos sob esse produto cultural. O ofício ou a função de autor, obrigatoriamente estabelece vínculos tanto com a obra em si como com o editor e com o leitor. Seja o valor do livro, os direitos autorais e as relações e embates entre autor e editor, foram analisados por Chartier e que ainda necessitam debates devido à complexidade da temática e as particularidades das práticas dos sujeitos que as realizam (CHARTIER, 1999a).

O livro didático paulatinamente foi constituindo-se como um produto cultural cada vez mais complexo à medida que envolveu um amplo processo editorial que envolveria sujeitos com funções específicas no campo para além do autor. Neste ínterim aparece a figura do editor

de que sintonizados com as crescentes exigências do campo vai tornando-se um sujeito chave nesse processo.

As práticas assumidas por editores e demais colaboradores corresponsáveis por esse ofício em especial os autores, não são tratadas igualmente ao longo da história, nem as mesmas conforme a tipografia ou empresa responsável pela impressão ou edição e terão peculiaridades dentro de cada contexto em que se desenvolvem ou grupos que as realizam.

A criação do livro como veículo transmissor de cultura e aprendizado provocou uma demanda específica no campo de didáticos o que levou empresas editoriais a dedicarem-se com menor ou maior exclusividade a esse tipo de obras (BRAGANÇA, 2005).

A bíblia, uma das obras mais utilizadas no Ocidente até o início do século XVIII para o aprendizado da leitura, assim como outros materiais seria substituída pela elaboração de outros recursos didáticos dos quais tanto os Frères des Écoles Chrétiennes (Irmãos das Escolas Cristãs, século XVII) como os Petits Frères de Marie (Pequenos Irmãos de Maria, século XIX), terão um papel significativo.

Champagnat, ao empreender no campo educacional com a criação de escolas concomitante propõe adaptação de um método de alfabetização ancorado no chamado Método Simultâneo para o ensino às crianças das áreas rurais, as quais os Irmãos das Escolas Cristãs não atendiam (LANFREY, 2017).

Juntamente com outros professores à época, Champagnat ao adaptar esse método⁵¹ que estava sendo empregados para alfabetização elaborou uma obra que segundo suas concepções seriam mais eficientes para o aprendizado das primeiras letras. Tratava-se do livro: *Princípios de Leitura*, primeira obra didática marista (FERRARINI, 1998).

Depois da publicação dos *Princípios de Leitura* outras obras foram sendo elaboradas por eles no contexto europeu para atender a demanda provocada por suas concepções de ensino. De um lado publicações as quais atendiam aos temas e assuntos da própria instituição, como circulares, documentos internos; e de outro as didáticas que entrariam no campo editorial francês. Os sucessores de Champagnat, Francisco Rivat (1839-1860) e Louis-Marie (1860-1879), continuaram esse projeto editorial de modo que na metade do século XIX, concluíram o documento *Guide des écoles* (Guia das Escolas)⁵², assim como livros de gramática, história e ortografia.

⁵¹ Conforme Furet (1999) o método de leitura reorganizado por Champagnat e publicado com a colaboração de outros maristas nos *Princípios de Leitura* seria um elemento da vocação do irmão marista. Para maiores detalhes sobre esse método consultar o artigo de Paul Boyat publicado em: **Bulletin de l'Institut** (1970) e Estaún (2014).

⁵² Para detalhes sobre o *Guide des Écoles* consultar Assis (2013).

Paulatinamente, a partir dessas práticas editoriais atreladas a elaboração de obra didáticas, foram se dedicando cada vez mais ao ofício de autoria e edição, ao mesmo tempo em que exerciam sua tarefa de religiosos e professores como membros de uma congregação. Quando Théophane Durand⁵³, assumiu a direção geral da instituição em 1883, esse projeto editorial teve contornos específicos em alguns países como no Brasil, concomitante com a expansão da instituição mundialmente (LANFREY, 2015).

Théophane Durand foi o 4º administrador geral marista⁵⁴ no momento em que essa função na instituição era vitalícia. Tal aspecto em certa medida facilitou o investimento no campo editorial em países como Brasil, Espanha, México e Argentina, uma vez que é considerado dentro desse período o “homem da F.T.D.” devido aos incentivos e visibilidade ao projeto editorial (MORES, 2011).

Durand assumiu diversas funções: professor, diretor, administrador, além do ofício comum aos membros de instituição religiosa. Foi eleito para o cargo de Superior Geral em 1883 em que permaneceu por 24 anos, período marcado por grande estímulo à produção de obras didáticas e à expansão do instituto para além da Europa (MORES, 2011).

Esse administrador na perspectiva de continuidade aos incentivos na produção de manuais escolares investiu em um projeto editorial mais estruturado. Os resultados das ações dele são mais perceptíveis na instituição depois de 1883. Verifica-se a edição dos seguintes títulos: *Aritmética do Curso Médio*, *Atlas Geográfico para o curso primário*, *Tratado de Álgebra*, *Geometria e Agrimensura*, *História Ilustrada da França* (Curso Médio e Curso Primário), *História Natural Ilustrada*, *Tratado de Física e Química*, um *Manual de Estilo* para o primário e o curso médio, entre outras (LANFREY, 2015, p. 318).

Conforme Lanfrey (2015, p. 317) a inserção no campo editorial francês à época os leva a estabelecer um contrato com uma editora de Lyon, a “Imprimerie Emmanuel Vitte em 1888”, empresa que manteve relações comerciais com os maristas também no Brasil.

A medida que a elaboração de obras didáticas foi sendo ampliada o conjunto de livros no contexto francês foi intitulada de Coleção de Livros Clássicos e houve a criação de uma

⁵³ Théophane Durand, nasceu no dia 10 de setembro de 1824, em um lugarejo da França chamado Saint-Priest, na região de Ardèche. Aos 10 anos iniciou os estudos primários em Rochessauve e sua entrada oficial no Instituto Marista ocorreu no dia 6 de setembro de 1845, depois da conclusão dos cursos de Filosofia e a Teologia (MORES, 2011).

⁵⁴ A principal função do Superior Geral é organizar a Instituição Marista em todos os países. Juntamente com um Conselho planeja todas as ações que serão assumidas pelas respectivas Províncias, como foi o caso da província Marista do Brasil Central, administrada por provinciais, cujas práticas editoriais debatemos nesta seção. No interstício do período de pesquisa a Instituição teve mais três superiores gerais: Stratonique, Diógenes e Leônidas.

empresa registrada que em 1890 recebeu o nome de F.T.D., em apologia as iniciais do nome do superior geral (FERRARINI, 1998).

Nessa perspectiva de crescimento da produção de obras didáticas os maristas foram ampliando seus horizontes com relação a esse campo de atuação, de modo que essa produção de obras didáticas iniciada na Europa atrelada aos projetos educacionais permitiu a criação de empresas editoriais em outros países⁵⁵, entre eles o Brasil.

Cumprir destacar que nas publicações de empresas católicas à época era comum o registro das iniciais do nome do fundador ou do administrador geral que pode ter sido mais um motivo da opção da sigla. Ressalte-se que a sigla F.T.D. não foi mantida em todos os projetos editoriais em outros países além da França, exceção foi o Brasil.

Assim como os demais candidatos à vida sacerdotal e religiosa da época, Durand seguiu os cânones da Igreja e as orientações das regras de vida próprias de instituição. Ele se submeteu à disciplina da época. Desse modo, ao ingressar na congregação marista⁵⁶, emitiu votos de pobreza, obediência e castidade, que o comprometia a não ter bens materiais em seu nome, obedecer às regras específicas da instituição e a não contrair matrimônio.

Outra tradição da legislação da Igreja referia-se à mudança do nome batismal, aspecto que ocorria somente em caráter simbólico, uma vez que nos documentos pessoais como registro de nascimento ou passaporte permanecia o nome civil. Théophane Durand, enquanto registro civil era Adrien Durand, que foi substituído em 1845, após tornar-se um irmão marista (MORÉS, 2011).

Após 83 anos de vida, a maioria dedicada aos maristas, veio a falecer no dia 18 de abril de 1907. Participou das decisões da instituição nos campos: religioso, educacional, administrativo e editorial. Participou de três Capítulos Gerais⁵⁷ da Congregação em mais de duas décadas como superior geral, além das 6.088 cartas que deixou escritas, circulares sobre espiritualidade e educação, sem contar a expansão dos Maristas na Europa, nas Américas e na Ásia, com crescimento do número de irmãos e de escolas maristas (MORÉS, 2011, p. 66).

Concomitante ao incentivo da elaboração de livros didáticos, que corresponderia ao projeto editorial de maior envergadura, o superior geral orientava seus confrades a redigirem anais, memórias e diários de suas atividades, de seus ofícios e de suas trajetórias pessoais, os

⁵⁵ Empresas editoriais maristas em outros países: Edelvives na Argentina, Progreso no México e Gram Editora na Argentina.

⁵⁶ Essa denominação refere-se a instituição marista e é utilizada em alguns documentos.

⁵⁷ Capítulos Gerais são reuniões consultivas e deliberativas sobre os diretrizes da instituição e para a escolha do superior geral e seu conselho (FERRARINI, 1984).

quais resultariam em registros do patrimônio histórico institucional. Geralmente essa responsabilidade era atribuída àqueles que tivessem maior aptidão e competência para o ofício.

Das memórias das trajetórias dos maristas no Brasil a responsabilidade primeira recaiu em Adorátor com a colaboração de Afonso Estêvão que redigiram “centenas de páginas”, em tom de diário, mas com outros gêneros textuais os vinte primeiros anos em terras brasileiras. Devido ao primeiro centenário da Instituição no mundo celebrada em 1917, o então superior geral solicitou um relato para compor um relatório⁵⁸ e esses documentos transformaram-se em um livro intitulado *Vingt Ans de Brèsil*, traduzido em 2005 para *Vinte Anos de Brasil*⁵⁹ (ADORÁTOR, 2005, p. 7).

Embora não há registro de Adorátor como escritor de livros didáticos propriamente dito, o que as fontes sugerem é seu ofício de gestor das edições. Desenvolveu as práticas relacionadas à autorização da elaboração dos primeiros livros didáticos no Brasil, registrou o catálogo inicial abrindo possibilidades de continuidade desse processo editorial.

2.1 As primeiras práticas editoriais

Na viagem ao Brasil, os maristas trouxeram consigo os livros didáticos da F.T.D. que eram utilizados na França. Foi uma espécie de arrimo, diante de um país com culturas diferentes e ante o ofício que exerceriam, além da incipiência do mercado editorial brasileiro no final do século XIX e início do XX. Consta-se neste íterim a primeira prática editorial de utilização de obras estrangeiras, a qual foi posteriormente acompanhada da tradução e adaptação dessas ao contexto brasileiro.

Quando chegamos ao Brasil, encontramos apenas tratados isolados e o F.I.C. traduzido por Maison Garnier. Os F.I.C. são excelentes, todo mundo sabe disso, mas estão no Brasil a um preço exorbitante e a cobrança é incompleta. Nossa publicação serviu a causa da educação, fornecendo livros baratos necessários para a educação das crianças; além disso, tomou precedência sobre o F.I.C. enriquecendo volumes especiais para o ensino de português e unificando nosso ensino, os 100.000 volumes que fluem a cada ano nos ajudam a expandir nosso trabalho promovendo o desenvolvimento de nossas casas de formação⁶⁰ (ADORÁTOR, 1917, p. 599).

⁵⁸ Conforme registros foram contabilizadas em torno de 13.000 páginas de relatos. Dessas, menos de 1.000 foram utilizadas para elaboração do *Vingt Ans de Brèsil* (ADORÁTOR, 2005)

⁵⁹ Nesta pesquisa foram usadas as versões em francês e português.

⁶⁰ A notre arrivée au Brésil nous n'avons trouvé que des traités isolés et la Collection F.I.C. traduite par la Maison Garnier. Les livres F.I.C. sont excellents, tout le monde le sait, mais ils sont au Brésil d'un prix exorbitant et la collection est incomplète. Notre publication a rendu service à la cause de l'enseignement en offrant à bon marché les livres nécessaires à l'instruction des enfants; de plus, elle a pris le pas sur la Collection F.I.C. en s'enrichissant des volumes spéciaux pour l'enseignement du portugais, et tout en unifiant notre enseignement, les 100.000

Além da percepção do editor com relação às obras que já estavam em circulação no Brasil verificam-se também as disputas no campo editorial. Uma das casas editoriais à época, Garnier, importante tradutora de obras para o português possuía muita consideração por uma coleção chamada F.I.C.⁶¹ (HALLEWELL, 2012, p. 295).

No catálogo da Garnier⁶² havia livros escolares e incluía seleção de autores estrangeiros e proporcionava bom retorno comercial. Os editores maristas sintonizados com esses aspectos do campo editorial empenharam-se tanto na tradução como na elaboração de obras em língua vernácula.

Ao menos três aspectos sobressaem dessas práticas do editor: a preocupação das obras da Coleção F.T.D. compatíveis economicamente em relação às outras, a ideia de que os títulos servissem a educação cristã e que os valores adquiridos das vendas pudessem ser revertidos para a formação de novos membros da instituição.

Com relação ao primeiro aspecto observa-se que os valores das obras da Coleção F.T.D. ao contrário daquilo exposto nas fontes assemelham-se em valores às outras. Na década de 1910 no catálogo da Alves os valores de títulos de autores como Thomaz Galhardo, Hilário Ribeiro, Felisberto de Carvalho possuíam variações pífias relacionadas a F.T.D. (ALVES, 1933).

A ideia de que as essas obras servissem a causa da educação cristã, atendia os pressupostos apregoados pelo *Guide des Écoles*, que descrevia orientações com relação ao pensamento pedagógico e educativo dos maristas e constituiu um dos documentos norteadores para elaboração dos livros didáticos.

Há uma prática de investimento num quantitativo de obras didáticas à época que do ponto de vista do campo editorial de didáticos é significativa. Os números apresentados por Adorador de 100.000 exemplares de títulos ao ano, correspondia a mais de 11% do total do volume de livros editados em 1920 considerando o estado de São Paulo (HALLEWELL, 2012, p. 846).

Quantitativo esse que pode ser compreendido tendo a priori pelo menos dois mercados principais, os quais foram atendidos pelos maristas, os seus próprios colégios situados na Província do Brasil Central, Província Setentrional, Meridional e nos demais colégios católicos de outras congregações.

volumes qui s'écoulent chaque année nous aident à étendre notre oeuvre en favorisant le développement de nos Maisons de Formation

⁶¹ Sigla de Frère de L'Instruction Chrétienne.

⁶² Para maiores informações sobre a Garnier consultar Granja (2013).

Desde o início do século atual, e talvez desde o século passado, as escolas do país, notadamente as escolas particulares católicas, usavam os compêndios dos irmãos maristas, conhecidos como Coleção FTD (PFROMM NETO, 1974, p. 77).

Os títulos da Coleção da F.T.D. de fato, desde o início, além de funcionarem como instrumentos educativos que formavam a elite e quadros da Igreja Católica nas primeiras décadas do século XX, também tiveram seu lucro de fato revertido para a manutenção das casas de formação de novos irmãos maristas, equivalentes aos seminários para a formação de sacerdotes.

Uma das principais casas de formação foi a fazenda de Mendes no Rio de Janeiro. Até a década de 1920 acolheu mais de 80 jovens. Depois de 1920 sob a responsabilidade de irmão Exuperância a preocupação com a quantidade de formandos cresceu muito o que levou a reestruturação da instituição, além da fundação de outros espaços formativos para acolher o quantitativo de jovens que almejavam a vida religiosa (ADORÁTOR, 1917).

O ofício da escrita, da edição dos livros da Coleção F.T.D. e dos documentos do Instituto Maristas foram assumidos de modo concomitante às atividades que realizavam enquanto religiosos, mas nem todas essas práticas foram assumidas por todos com a mesma intensidade. Adorátor, administrador e editor, ocupou parte de seu tempo também como relator das memórias da trajetória do grupo no Brasil nos de 1897 a 1917.

O meu trabalho Vinte Anos de Brasil teve de esperar. As festas do bispo de Uberaba, fixadas para o dia 8 de fevereiro, não me permitiram trabalhar seriamente em nossa história, antes do começo de março. Será minha maior ocupação. Entrego-me de corpo e alma. Em média escrevo dez páginas cada dia. As quatro ou cinco visitas que faço todos os anos me tomam, no mínimo, três semanas cada uma. São três a quatro meses perdidos para meu trabalho. Tenho à disposição o diário, que faço todos os dias, desde que cheguei ao Brasil. Os treze volumes manuscritos que enchi me fornecem dados que facilitam, em muito, o trabalho empreendido. Asseguram a precisão que nem a memória nem a tradição me poderiam fornecer (ADORÁTOR, 2005, p. 581).

A tarefa com o registro das memórias, por um tempo deixadas de lado, devido outros afazeres enquanto religioso em parte explicam a preocupação com outros ofícios, naquele momento em especial, como a formação de novos membros os quais paulatinamente poderiam preencher certas responsabilidades inclusive na própria autoria e edição de obra didáticas.

Adorátor enquanto marista, fora registrado civilmente como Benedito Hautheron, Nasceu em Beaubery em 24 de maio de 1855. Realizou parte de sua formação à vida marista em Saint-Genis-Laval e Saint- Pourçain. Chegou ao Brasil em 1901 e fixou-se inicialmente em Congonhas do Campo. Pode ser considerado o primeiro editor, pois tendo o papel de 1º

administrador autorizou a tradução e elaboração das primeiras obras, bem como incentivou a dedicação de seus confrades ao ofício ligado ao projeto editorial.⁶³

E vemo-lo, encanecido, ancião provecto (...) penetrando no estreito cubículo de um irmão que tinha traduzido diversos compêndios para a Coleção F.T.D. e exclamando com admiração e não fingida: então este é o lugar donde tem saído tantos portentos! Tantos livros famosos! (ESCORSO DO PRIMEIRO PROVINCIAL, 1941, p. 9).

Sob os auspícios da sua administração no período de 1901 a 1911, há inferências das práticas de tradução dos livros vindos da Europa, descrição do quantitativo por títulos e o registro dos nomes dos autores nos documentos, os quais não apareciam nas obras. Entre os títulos mencionados há aqueles que estariam no prelo e posteriormente seriam enviados a Europa para impressão.

As obras da Coleção FTD, traduzidas em português, difunde-se rapidamente, em nossas escolas em primeiro lugar, depois em outras escolas religiosas. Acabam também de ser adotadas nas escolas oficiais pelo Conselho de Instrução Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Eis as que estão traduzidas e em circulação: Exercícios de Cálculo, curso elementar (2ª ed.), Aritmética, curso elementar (1ª ed.) e Princípios de Leitura (1ª ed.). Em preparação: Complementos de Álgebra, Geometria, curso médio e superior, Geografia, curso elementar, especial para o Brasil. Em projeto: Livro de Leitura (para os três graus) e Curso de Língua Portuguesa (gramática e exercícios) (...) Outra autorização do Conselho Geral veio em 20 de dezembro de 1907, permitindo a impressão de 10.000 exemplares da primeira parte do Curso Superior de Geografia, para uso no Brasil. Estes livros também seriam vendidos às outras duas províncias (FERRARINI, 2000, p. 24).

No conjunto das obras traduzidas e elaboradas sobressai os livros da área de Matemática, em seguida os de Geografia. Em menor número são os títulos da área de Língua Portuguesa. Na gestão editorial de Adorátor há indicação do quantitativo de livros autorizados para impressão bem como a preocupação com a língua portuguesa, aspecto que prevaleceu quando os outros editores assumiram a organização da Coleção F.T.D.

Outro livro didático importante que foi elaborado foi o Curso Elementar de Língua Portuguesa (...) Por proposta de irmão Augustalis, foi autorizada a impressão de 10.000 exemplares. Apontaram uma observação importante: que as provas fossem examinadas por uma pessoa competente, certamente alguém versado no idioma português. Essa autorização foi dada no dia 20 de dezembro de 1907. É Claro que os primeiros livros didáticos em português traziam sinais do idioma gálico, porquanto, sendo os autores todos franceses, não lhes era possível sentir-se imunes da influência da língua pátria (FERRARIANI, 2000, p. 24).

⁶³ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. **Escôrço Biográfico do primeiro provincial dos irmãos maristas no Brasil Central**. Rio de Janeiro: Francisco Alves e Paulo de Azevedo, 1941. p.4.

A preocupação com o idioma português intensificar-se-á nas práticas desenvolvidas por Isidoro Dumont a partir do momento em que os títulos da coleção passaram a compor o catálogo da Casa Alves e no Brasil há os embates com relação às regras para um vocabulário ortográfico e normatização da língua. Tais embates iniciaram-se em 1907 quando a ABL propôs uma ortografia simplificada (FARIAS, 2010).

Uma das práticas de Adorátor que permaneceu nas outras gestões editoriais foi comercialização dos títulos de didáticos da Coleção de outros livros que estavam sendo elaborados, como biografias de irmãos maristas já falecidos; para grupos de maristas nas outras duas províncias.

Adorátor faleceu no dia 28 de maio de 1919, aos 64 anos de idade. Trabalhou próximo ao irmão Isidoro Dumont que seria seu sucessor. Encontramos relatos de que Isidoro Dumont teria emocionado Adorátor quando, ao chegar ao Brasil, afirmou que havia estudado português durante a viagem e estava pronto a servir em qualquer atividade.

A chegada do irmão Isidoro Régis salvou a província. É uma das maiores graças que Deus nos concedeu. Veio muito preparado em momento crítico. Faço questão de repetir: ele é o verdadeiro fundador do Brasil Central; salvou esta província, desenvolveu-a e transformou-a no que é hoje (...) A presença do irmão Régis foi para mim consolação imensa e ponto de apoio, porque tem sido amigo e conselheiro competente e fiel (...) na nossa conversa, relato as carências dos nossos estabelecimentos, a necessidade de mudar alguns irmãos. Respondeu-me: Estude a língua durante a travessia. Mesmo ponderando a minha pouca habilidade, poderia assumir uma aula. Faça as transferências necessárias e disponha de mim, no que quiser (ADORÁTOR, 2005, p. 178).

O relato acima evidencia também certos conflitos decorrentes das dificuldades de alguns maristas no desenvolvimento de seus ofícios, fosse como diretores ou como professores. Caberia ao provincial atitudes como mudar os seus ofícios, orientá-los sobre suas posturas ou anda enviá-los a outra localidade. A chegada de Isidoro ao Brasil trouxe alento aos projetos da Província do Brasil Central e ao editorial de modo peculiar.

2.2 Isidoro Dumont: o *homme d'affaire*⁶⁴ do projeto editorial

Até a década de 1940, Isidoro Dumont, mesmo não sendo administrador provincial em alguns períodos, responsabilizou-se pela gestão da coleção F.T.D., com a colaboração de outros

⁶⁴ Homem de negócios. Título inspirado em um dos adjetivos atribuídos a Isidoro Dumont nos documentos analisados.

irmãos, com destaque a Mário Bachelet⁶⁵. Exerceu o ofício de professor, diretor, autor, administrador da Província do Brasil Central suas práticas no projeto editorial incluem especialmente as relações comerciais com Francisco Alves, Paulo de Azevedo e João Augusto Siqueira.

Isidoro Dumont nasceu em 8 de julho de 1874 em Beaubery, Saône-et-Loire, na França e fora registrado como Jacques Dumont. Ingressou na instituição marista com 14 anos de idade e um ano após sua entrada assumiu o nome religioso de Isidoro Régis, que passou a usar de modo efetivo como se fosse seu nome único, mas apenas quando assinava os documentos institucionais (FERRARINI, 2000).

Como autor e editor, adotou o prenome de religioso e o sobrenome familiar: Irmão Isidoro Dumont. Por sua atuação significativa no projeto editorial no Brasil pode ser considerado o introdutor da coleção F.T.D. no Brasil, sendo mantida a sigla que se originara, como já explicitado, das iniciais do nome do superior geral quando da fundação legal da editora marista francesa: Frère Théophane Durand.

No anedotário da F.T.D. houve interpretações jocosas dessa sigla pelos alunos que usavam seus livros, como: “Feijão Todo Dia”, “Faz Tudo Direito”, que surgiram pela primeira vez na década de 1920, as quais, Isidoro fez questão de registrá-la.

Três letras enigmáticas. Questão indecifrável que deu origem a interpretações barrocas, estranhas, burlescas, grotescas e atrevidas. Estas são iniciais, sem dúvida. Queremos solucioná-las, a qualquer custo. Situação irresistível. Encontramos em algum lugar uma solução mais amável, graciosa e lisonjeira do que está publicada recentemente no boletim?⁶⁶

A opção por assinar como Isidoro Dumont pode ser interpretada a partir da constatação de que o sobrenome Dumont vigorava com visibilidade no início do século XX, decorrente dos experimentos aviários de Alberto Santos Dumont⁶⁷. E que, portanto poderiam em certa medida contribuir com sua notoriedade no Brasil.

⁶⁵ Mário Bachelet foi o principal autor das obras didáticas de língua portuguesa no período pesquisado. Para maiores informações sobre uma das obras consultar Farias (2010).

⁶⁶ Trois lettres enigmatiques. Indéchiffrable rébus qui a donné lieu à des interprétations baroques, étranges, burlesques, grotesques, coquaces. Ce sont des initiales, à n'en pas douter. On veut les compléter, coûte que coûte. Démangeaison irrésistible. A-t-on trouvé quelque part une solution plus aimable, plus gentile, gracieuse et flatteuse que celle-ci, communiquée récemment au Bulletin? Faz Tudo Direito! (PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Faz tudo direito. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.10, n.192, p.1-4, abr.1921, p.1.).

⁶⁷ Alberto Santos Dumont nasceu em Palmira no dia 20 de julho de 1873 e faleceu no dia 23 de julho de 1932, foi um aeronauta, esportista e inventor brasileiro. Projetou, construiu e voou os primeiros balões dirigíveis com motor a gasolina. Esse mérito lhe é garantido internacionalmente pela conquista do Prêmio *Deutsch* em 1901, quando em um voo contornou a Torre Eiffel com o seu dirigível nº 6, transformando-se em uma das pessoas mais famosas do mundo durante o século XX.

Isto sucedeu pela conspiração da imprensa com seus informantes, levados ambos pela superstição, algo pueril, do prestígio dos nomes. E naqueles dias, estava no cartaz, o nome do fundador da aviação, Santos Dumont. Desnecessário dizer que o irmão Isidoro Régis não teve nisso participação nenhuma. Aceitou a imposição. E, segundo narra Irmão Adorátor, exprimiram, os dois, várias vezes, a sua desaprovação e seu pesar, por este equívoco. Escrevendo a pessoas estranhas a sua família religiosa, sempre assinava Irmão Isidoro Dumont. Com membros desta, em português como em francês, sempre irmão Isidoro Régis (ESCÔRÇO BIOGRÁFICO DO SEGUNDO PROVINCIAL, 1941, p. 45).

Esse aspecto teve relevância na configuração não apenas da autoria, mas também da edição que lhe conferiu credibilidade no campo intelectual. Embora a autoria das obras F.T.D. de modo geral circulasse de modo coletivo, as desse autor e de Bachelet em especial, foram expressas. Enquanto editor também usou o mesmo sobrenome nos contratos que estabeleceu com intelectuais ou com as empresas editoriais especialmente com a Livraria Francisco Alves e a Typografia Siqueira.

Foi responsável pela formação dos candidatos à vida marista e no período de 1897 a 1902 na França e professor em escolas maristas na Província de Varennes⁶⁸. Além da formação em Matemática, diplomou-se em Filosofia e Inglês. Essa formação e experiência como professor e formador foi um dos aspectos considerados relevantes para que em 1902 fosse enviado ao Brasil com outros 5 maristas⁶⁹. Foi recebido pelo administrador da Província, Adorátor.

O administrador da Província, Adorátor, ao saber que fora Isidoro Dumont um dos maristas que viria ao Brasil, afirmou posteriormente que Isidoro havia salvo a Província. Uma das dificuldades que os maristas estavam enfrentando naquele momento referia-se ao reduzido número de alunos no Colégio Nossa Senhora do Carmo em São Paulo e o irmão diretor não havia adquirido credibilidade. A presença de Dumont favoreceu o realinhamento desse como será confirmado ao longo deste texto (ADORÁTOR, 1917, p. 178).

O irmão Isidoro Régis afirmou pé no Carmo. Podia dirigir essa casa; substitui o irmão Gondulfo, chamado para Uberaba. A competência do novo diretor inspirava confiança nos irmãos; mas grandes provas nos aguardavam em 1903. Monsenhor Camilo Passalacqua não achava ainda, na sua fundação, todo o êxito que desejava. O Colégio, como funcionava, não seria nunca, pensava ele, o que tinha sonhado. O irmão Gondulfo e eu, nas visitas, ouvíamos considerações decepcionantes, mas cheias de franqueza e de verdade subjetiva. Havia, na realidade, grande diminuição de alunos (ADORÁTOR, 2005, p. 179).

⁶⁸ Foi uma das sedes administrativas da Instituição Marista que encaminhou maristas ao Brasil em 1897. Dessa Província que formou a Província do Brasil Central onde se desenvolveu o projeto editorial.

⁶⁹ Conforme os relatos de Adorátor os outros irmãos maristas que vieram junto e chegaram ao Rio de Janeiro no Vapor Les Alpes em 18 de maio de 1902 foram: Abel Maria, Evremond, Ambrósio Firmino, Exuperância e Mário Libório.

Isidoro Dumont passou a viagem estudando a *Gramática Sousa* e uma antologia de língua portuguesa, além de tantos outros livros que trazia consigo, ciente de que uma de suas atribuições seria a docência num país estrangeiro. A preocupação com a língua portuguesa era tamanha que Isidoro ainda no navio vinha “decorando regras, conjugando verbos, fazendo leitura em voz alta” (CEM, s/d).

Esse contato prévio e apropriação com autores da língua portuguesa certamente contribuiu para o desenvolvimento de suas práticas como editor e autor das obras que posteriormente seriam produzidas por ele. A *Gramática Sousa* referia-se à obra de Sousa da Silveira (1883-1967) que teve uma contribuição significativa aos estudos da língua portuguesa no Brasil. Souza da Silveira teve articulação teórica com Antenor Nascentes, Meyer Lubke e Said Ali, teóricos que subsidiaram teoricamente as produções das obras F.T.D. (VIDAL NETO, 2017).

Ao se responsabilizar pelo andamento de um dos colégios recém-fundados em São Paulo, o Colégio Nossa Senhora do Carmo, verifica-se que a situação nesse estabelecimento não estava favorável aos maristas. O prior da O.T.C. com quem os maristas haviam feito o contrato para administração do colégio e seu Comissário Monsenhor Camilo Passalacqua expôs a situação ao irmão Adorátor e ao irmão Isidoro Dumont no dia 26 de janeiro de 1903. Tratava-se do número reduzido de matrículas.

Monsenhor lastima não poder realizar o Colégio com que sonhara. Concluiu que era preferível fechá-lo agora, antes de fazê-lo por falta de alunos. O Ir. Isidoro e eu nos esforçamos para transmitir aos nossos dignos interlocutores a confiança fundada que nos animava a respeito do porvir da escola. Trabalho inútil. Foi necessário chegar ao argumento a que não se podia retorquir. Havia a fronteira e nela o limite, isto é, a cláusula sinalagmática a que dois líderes apela. *Synállagma*, aliás, no dicionário grego, implica pacto e contrato (ADORÁTOR, 1917, p. 179).

O contrato com a O.T.C. foi realizado no dia 31 de dezembro de 1898. O documento foi assinado pelo irmão Norberto⁷⁰ representando os maristas e pelo prior da instituição Américo Ferreira de Abreu; foi concomitante com as obras de reforma, ampliação das instalações, móveis e material escolar que abrigariam o colégio. Essas obras custaram mais de quinze contos de réis e possibilitavam atender 300 alunos, mas estavam atendendo em torno de apenas 60 alunos (MONTEIRO, 1978, p. 147).

⁷⁰ O irmão Norberto viria a falecer logo depois da assinatura do contrato no dia 17 de janeiro de 1899 em alto mar (ADORÁTOR, 1917, p. 114.).

Ao assumir a direção do Colégio Nossa Senhora do Carmo, Isidoro Dumont, ao mesmo tempo que viabilizou o aumento do número de matrículas e a sua equiparação, permitiu dirigir um estabelecimento de onde saíam os principais correspondentes maristas e intelectuais católicos. Neste estabelecimento de ensino conheceu o irmão de Paulo de Azevedo que à época trabalhava para Livraria Francisco Alves e assim foi possível firmar um contrato com os maristas por mais de 50 anos (FERRARINI, 1998, p.46).

O contrato com o Colégio Nossa Senhora do Carmo possibilitou conhecerem João Augusto Siqueira, que era membro da O.T.C. e proprietário da Typografia Siqueira, que passou a imprimir além de publicações de documentos dos colégios maristas⁷¹ os livros da Coleção F.T.D, primeiro de modo esporádico, depois como impressor definitivo.

As atividades editoriais realizadas por Isidoro Dumont foram a partir de três estabelecimentos nos quais circulou: Colégio Nossa Senhora do Carmo e Colégio Arquidiocesano, ambos em São Paulo e a Fazenda São José das Paineiras, Mendes, no Rio de Janeiro.

Uma das práticas de Isidoro Dumont que proporcionaram sustentação na elaboração dos livros didáticos foi o *Bulletin des Études*. Esse documento constituiu um importante instrumento de comunicação do editorial da Coleção F.T.D., além de servir como formação e informação dos maristas. Verifica-se nesse documento uma articulação entre os aspectos da religião, da educação e particularmente da edição, autoria e tradução das obras didáticas.

Desde os primeiros números do *Bulletin des Études*, constata-se haver conteúdos que referenciam as práticas editoriais de Isidoro Dumont e de outros maristas, as quais evidenciam o processo de construção do projeto da Coleção F.T.D. no Brasil. Mesmo que outros maristas aparecessem na redação do documento com produções diversas ele permaneceu alinhado com as questões editoriais das obras didáticas.

Desde, já, o Boletim declara guerra implacável até completo extermínio: 1º a todos os erros de ortografia; 2º aos is e js sem ponto; 3º à falta de pontuação, ou à pontuação errada; 4º às letras mal feitas, à escrita ruim, à desordem na disposição dos trabalhos.⁷²

As questões de ortografia de língua portuguesa, especialmente na produção das obras posteriormente foram amparadas pelos intelectuais. Mesmo assim, o documento permaneceu

⁷¹ Uma das impressões feitas pela Tipografia Siqueira foi o ECHOS do Colégio Arquidiocesano de São Paulo. Tratava-se de uma revista de periodicidade anual e foi publicada entre os anos de 1908 e 1963. Consistia em um instrumento de comunicação entre o colégio e a família, comunicação com autoridades políticas e religiosas (PINAS, 2014).

⁷² PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Guerra. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.1, n.3, p.1-4, mai.1912, p.4.

com um tom na perspectiva de que os autores cuidassem desses aspectos não apenas nos trabalhos escolares e correspondências, mas também nos compêndios. Para isso Isidoro Dumont propôs a criação de uma comissão com objetivo de zelo pela língua portuguesa.⁷³

Foram ainda expostos outros três objetivos na perspectiva da preocupação que os administradores tiveram com relação à preparação desses sujeitos para prosseguimento dos investimentos além da elaboração de livros, mas aos seus ofícios enquanto religiosos consagrados de uma congregação religiosa católica e também nos empreendimentos com relação a educação fosse como professores ou diretores.

Em breve será estabelecida uma “Comissão dos estudos” encarregada de: 1º promover com maior atividade os estudos religiosos, pedagógicos e profanos; 2º organizar e dirigir os exames annuaes; 3º aperfeiçoar nossos compedios de aula e 4º resolver sobre qualquer assumpto a respeito do ensino.⁷⁴

Os maristas que foram designados a virem ao Brasil desde a França trouxeram consigo um currículo com títulos universitários que representou um capital cultural, além daquele referente a sua posição enquanto religiosos, o que não significa que obtiveram êxito em seus ofícios fosse como professores ou administradores. Porém os neófitos a vida religiosa marista ainda não dispunham de uma formação intelectual compatível às expectativas da instituição. Desta forma, o *Bulletin des Études*, em parte cumpriria esse papel formativo.

A perspectiva de formação dos futuros integrantes do grupo marista em um país com a precariedade na oferta de ensino para formação de professores, em parte seriam sanados utilizando como instrumental o próprio boletim que era elaborado por maristas com ampla formação e experiência. Em cada número do documento, continha a proposta de atividades de todas as disciplinas, as quais deveriam ser realizadas pelos formandos.

Um dos objetivos da Comissão de estudos era o “aperfeiçoamento dos compêndios de aula”. Assim, todos os maristas mesmo os que não eram autores estariam empenhados com a melhoria da qualidade das obras didáticas.⁷⁵

Os maristas que iam constituindo-se como autores tendo como subsídios os materiais elaborados por Isidoro Dumont ao perceberem a movimentação no campo editorial do Brasil,

⁷³ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Comissão de estudos. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.1, n.8, p.1-4, out.1912, p.1.

⁷⁴ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Comissão de estudos. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.1, n.8, p.1-4, abr.1912, p.1.

⁷⁵ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Necessidade de preparar as lições. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.1, n.8, p.1-4, out.1912, p.3.

manifestavam reações em que o próprio periódico servia como veículo para essa finalidade. Uma das reações dos maristas foi dirigida ao editor Monteiro Lobato em 1918.

De um lado o editor não deixa de citar Lobato, que possuía textos nas obras F.T.D. e trazia consigo a credibilidade que vinha adquirindo no campo literário. Por outro lado, ponderava sobre sua posição e sobre os vínculos dele.

Elle terá de idade uns 34 anos. É paulista, fazendeiro, formado em Medicina e pai de família. Escritor de talento invejável e universalmente reconhecido. Crítica de extraordinária clarividência, ele chega o ferro em brasa em todos os cantos da sociedade moderna. Desvenda sem dó a hediondez asquerosa de todas as chagas. Infelizmente é fruto legítimo dessa árvore maldita, oriunda da França, e que por demais medrou e grassou em terras de Santa Cruz: a escola leiga, a educação sem Deus. Monteiro Lobato, de frades e padres e Religião Cathólica, apenas conhece o que se aprende naqueles focos de ciência bastarda e esfacelada, ou nas esquinas ou nos pasquins, que se não incitam ódios no ânimo visceralmente cordato do brasileiro, sempre lançam o ridículo, e criam atmosferas de indiferença soberba, em redor das causas magnas desta vida. Não é de admirar portanto, pertencer o doutor Lobato ao grupo positivista diretor espiritual do jornal Estado de S. Paulo: Júlio Mesquita, Luis Pereira Barreto, etc. Despeja pelas colunas desse órgão, e em outras publicações do mesmo credo, as caudais da sua prosa cintilante, do seu estilo-verrumba, incisivo e palpitante. Pano de amostra temos em quatro trechos da Antologia F.T.D (...) ensinaremos a nossos discípulos, melhor que Lobato a seus leitores.⁷⁶

A maior crítica a Lobato encontra-se em sua postura em defesa da educação leiga, ao contrário dos maristas que buscavam com suas obras a difusão de uma educação cristã. Monteiro Lobato foi colaborador do jornal *O Estado de S. Paulo* e também da *Revista do Brasil* lançada em 1916 por Júlio Mesquita, Luís Pereira Barreto, Plínio Barreto e Alfredo Pujol. Júlio de Mesquita acolhia naturalmente com prazer suas produções de Lobato que incluíam pesquisas sobre lendas do Saci-Pererê entre outras obras (HALLEWELL, 2012).

Com a aquisição da *Revista do Brasil* em 1918, Monteiro Lobato passa a editar seus próprios livros e a lançar novos autores inovando com relação à escolha dos títulos das obras, bem como na forma de distribuição que atingiria bancas de jornais, farmácias e armazéns em todo o Brasil (HALLEWELL, 2012).

Em 1917, quando o comércio de livros ainda era precário com poucas casas de edição, Monteiro Lobato vendeu sua fazenda e por sugestão de seu amigo da *Revista do Brasil*, Plínio Barreto, e “usou parte do dinheiro para financiar a publicação de duas de suas obras: Saci-Pererê, Resultado de um Inquérito e uma coletânea com doze de seus contos, que haviam sido impressas na gráfica de *O Estado de S. Paulo*” (HALLEWELL, 2012, p. 351).

⁷⁶ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Nas letras brasileiras. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.7, n.65, p.1-4, jul.1918, p.1.

A *Revista do Brasil* teve um longo percurso e constituiu uma publicação significativa na Primeira República, representando “prestígio”, durante as fases pelas quais passou. Com a falência de Lobato em 1925 ocorreu a primeira fase quando Assis Chateaubriand adquiriu a chancela da publicação e passou a editá-la no Rio de Janeiro. Na segunda fase que durou aproximadamente 4 meses, entre os anos de 1926 e 1927, as publicações foram dirigidas por Plínio Barreto, Alfredo Pujol, Pandiá Calógera e Afrânio Peixoto e alinham-se aos periódicos modernistas da época (DE LUCA, 1999, p. 31).

A *Revista do Brasil* foi significativa na trajetória de Monteiro Lobato, a qual favoreceu a construção de uma imagem de intelectual que importou-se com o desenvolvimento do Brasil.

Desde os tempos da Revista do Brasil, Monteiro Lobato construiu a imagem de intelectual atuante, homem à frente de seu tempo, comprometido com o desenvolvimento cultural dos brasileiros, efetivo defensor da difusão da cultura letrada. Enquanto ele era festejado pelos grupos letrados, recebendo os louros dos ousados projetos editoriais, o processo de desenvolvimento comercial da CEN teve Octalles como o principal agente, o administrador da empresa que expandia seus negócios em ritmo acelerado (PINTO JR., 2010, p.133).

A gênese dessa obra de Lobato deu-se quando, no dia 28 de janeiro de 1917, quando inicia com os leitores do jornal um inquérito sobre o Saci. Chegavam ao jornal muitas cartas de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Animado com essa experiência, Lobato organiza um concurso de pintura com o tema Saci, nascendo desta forma a obra (PASSIANI, 2003).

A obra *O Saci* possuía trezentas páginas e saiu a autoria com o pseudônimo de Demonólogo Amador. Com uma capa em vermelho e preto trazia o retrato do personagem Saci. O livro foi um sucesso, de modo que, em julho de 1918, dois meses após sua publicação, as duas impressões estavam esgotadas. A seleção de contos, da mesma forma, teve enorme sucesso editorial. Um mês após o lançamento que foi em 26 de junho de 1918, esses contos já haviam sido esgotados (HALLEWELL, 2012, p. 352).

O impacto dessas obras e do nome de Monteiro Lobato naquele momento despertou a atenção dos editores maristas. A Casa Alves que comercializava as obras da F.T.D. adquiriu 250 exemplares da seleção de contos, que representou 25% do total da 1ª edição e ofereceu a Lobato um lucro de um conto e trezentos mil réis (HALLEWELL, 2012, p. 352).

No período entre a década de 1910 e 1920, Monteiro Lobato destacou-se como uma figura-chave no processo de formação do campo literário no Brasil. Constatam-se em seu projeto literário duas atividades: a de escritor e a de editor. Objetivando ampliar o seu público, Lobato esteve envolvido em disputas e conflitos acumulando amigos, mas muitos inimigos também (PASSIANI, 2003).

Embora as obras da F.T.D. fossem conquistando espaço no campo de didáticos no Brasil, os títulos de Monteiro Lobato iam fortalecendo e constituindo um campo literário com legitimidade. Tanto as obras de Lobato como as da F.T.D. possuíam como público leitores crianças e adolescentes. Ainda que o público leitor de Lobato, com legitimidade no campo literário, tenha sido o mesmo dos livros didáticos, é necessário enfatizar que o campo de didáticos teve como local privilegiado de divulgação a escola.

O crescimento editorial, fosse no campo de didático ou literário que ocorrerá no Brasil nas décadas seguintes, concomitante ao crescimento das matrículas escolares teve na figura de Monteiro Lobato um concorrente forte ao projeto editorial da F.T.D. Isso devido à fundação e consolidação da Companhia Editora Nacional também com obras didáticas com sucesso editorial, como as de Joaquim Silva (PINTO JR., 2010).

Quando apareciam algumas críticas internas das obras elaboradas, os editores manifestavam-se ou as defendendo ou sugerindo orientações, sempre com vistas ao princípio da obediência religiosa. Essa postura marcou uma das práticas de Isidoro no que se refere a envolver os maristas como responsáveis pela qualidade e aperfeiçoamento dos livros, inserindo-os como colaboradores na revisão e até na edição.

Este ano voltei a ser professor de inglês, na razão de 5 horas semanais no 5º ginásio. Livros que temos: Estrada Suave, que meus alunos já usavam e o F.T.D., composto em 1910, que já estava igualmente nas mãos deles. Não vimos ainda até o fim este Método F.T.D. porque o aproveito somente 25 minutos de cada hora; mas cheguei à página 99, das 168 que tem, e eu estou muito contente com este compêndio. Nele achei temas excelentes, versões interessantíssimas, com um vocabulário muito opulento, e perfeitamente relacionado com o ambiente escolar em que vivem os colegiais. Até hoje, como não pudera ler esta obra, eu sofria da influência de certas críticas muito acerbas, que eu tinha ouvido outrora, contra frases estapafúrdias que houvesse nessa obra, as quais, pretendia-se, teriam de provocar desordem numa aula. Vejo com prazer que tais críticas não têm fundamento algum. Antes da página 99, uma só frase encontrei, e assim mesmo, destituída de importância, que possa merecer essas críticas (...) (ESCÔRÇO BIOGRÁFIO DO SEGUNDO PROVINCIAL, 1941, p. 181).

Esse trecho acima de uma carta evidencia que Isidoro Dumont utilizou-se de sua experiência como professor para justificar que as obras F.T.D. poderiam ser melhoradas e ainda podiam constituir-se como referências no campo de didáticos.

Antecedendo a impressão das obras, os editores do *Bulletin des Études* sugeriam prêmios aos maristas que encontrassem erros nas publicações principalmente se os equívocos fossem relacionados à língua portuguesa. Os prêmios eram livros, rosários, entre outros que possuíam mais valor simbólico do que comercial. Essa prática intensificou-se quando intelectuais passaram a oferecerem suporte às produções didáticas na década de 1920, fosse

com relação à ortografia, organização interna das obras, ilustrações ou outros aspectos. Ainda assim, ocorriam deslizes que eram corrigidos em edições posteriores; os autores desta forma, atuavam também como revisores.⁷⁷

Além das premiações, os editores promoviam concursos de poemas, crônicas ou outros gêneros textuais para que fossem publicados e comentados. Esses textos eram escritos em sua maioria em francês e português, o que promoveu o desenvolvimento não apenas de autores mas de tradutores das obras francesas.

Embora as premiações aos autores, revisores ou editores pudessem ter sido uma prática, a participação dos maristas em concursos externos não foi autorizada. Francisco Alves deixou em seu testamento que parte de seus bens seriam destinados a ABL e que ela elaborasse concursos para premiar obras que contribuíssem com o desenvolvimento do ensino e da língua portuguesa no Brasil (BRAGANÇA, 2016).

Um dos autores maristas, Mario Bachelet, solicitou a participação em um desses concursos e foi negada por Isidoro Dumont, que coordenava a Coleção F.T.D. Tratava-se de duas obras que já estavam circulando com a chancela de intelectuais, destarte os prefácios desses nelas inseridos. O autor pleiteava um dos três prêmios oferecidos às melhores obras. A justificativa não era tanto o lucro pecuniário, mas a repercussão que teriam as obras.

Meu querido irmão Diretor, se eu enviar 10 cópias da obra Língua Portuguesa Curso Superior, para a Academia Brasileira, poderemos concorrer aos prêmios Alves: primeiro, 10:000\$; segundo: 5:000\$; terceiro: 3:000\$. O mesmo vale para a Gramática Histórica. A julgar pelo valor dos trabalhos apresentados em competições anteriores, eu teria todas as chances de ganhar os dois primeiros prêmios com esses dois livros. Mas vencer não importa para mim. Até mesmo as críticas ajudariam o autor e seu trabalho conforme eu vi na competição anterior (essas competições ocorrem de 5 em 5 anos). O senhor me permite?⁷⁸

Isidoro Dumont em uma correspondência que também foi publicada no *Bulletin des Études* esclareceu:

O melhor, no meu parecer, é não concorrer e deixar que outros ganhem o prêmio que a Providência destina a eles. O reclame formidável que resultasse podia também apresentar inconvenientes para nossa profissão de Pequenos Irmãos de Maria, que nos cumpre resguardar como o mais precioso dos tesouros; de resto, o reclame há de se

⁷⁷ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Prêmios. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.17, n.165, p.1-4, abr.1927, p.1.

⁷⁸ Mon bien cher Frère Directeur, si j'envoyais 10 exemplaires de Língua Portuguesa Curso Superior, immédiatement, à l'Académie Brésilienne, nous pourrions concourir aux prix Alves: premier, 10:000\$; deuxième, 5:000\$, troisième 3:000\$. Même chose pour Gramática Histórica. A en juger par la valeur des ouvrages présentés aux concours antérieurs, j'aurais toutes les chances de gagner, avec ces deux livres, les deux premiers prix. Mais, gagner m'importe peu. Même la critique abîmerait l'auteur et son travail je l'ai constaté aux précédents concours (ces concours ont lieu de 5 en 5 ans). Me le permettez-vous? (PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Intrigue e luta. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.16, n.153, p.1-4, abr.1927, p.1.).

fazer junto dos nossos clientes, com maior suavidade e modéstia, por meio do Bibliógrafo e do tempo. Isso não passa de opinião minha.⁷⁹

Embora não seja possível de modo detalhado verificar o tom da resposta de Isidoro, depreende-se das fontes que o caráter de Isidoro era “ativo e difícil”, aspecto ocultado de alguns excertos biográficos considerando o interesse católico na exaltação e santificação do biografado.⁸⁰

Mesmo antes das publicações dos livros, as dúvidas eram enviadas e postas para comentários e apreciações no *Bulletin des Études*. Em dado momento, o editor as publicava e a resposta geralmente vinha com amparo e citação de intelectuais para resolução da questão. Esses intelectuais não precisavam reivindicar uma posição de credibilidade dentro da nação uma vez que já vinculados a algumas esferas do governo eram considerados como intérpretes da sociedade (PÉCAUT, 1990).

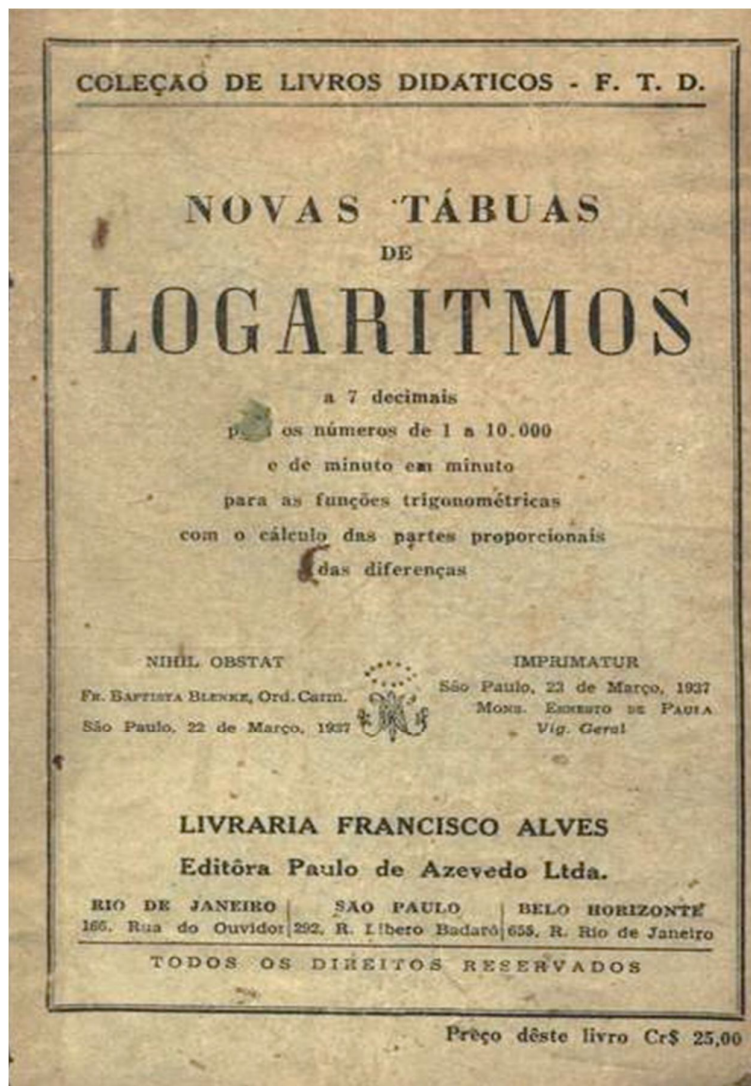
No *Bulletin des Études*, havia o anúncio das obras que seriam publicadas bem como os valores. Percebe-se com essa prática um processo que buscava inserir, mesmo que isso não acontecesse, todos os maristas desde os primeiros passos da elaboração das obras até a composição final.

Essa perspectiva de atuação dos editores promovia a formação de novos autores e editores em sintonia com um campo editorial de didáticos que ia paulatinamente tornando-se mais competitivo e exigente. Demonstra também a preocupação dos autores e editores com a perspectiva de que a “materialidade da obra é inseparável da materialidade do texto” (CHARTIER, 2014, p. 11).

Um livro que teve destaque dentro do projeto editorial foi o *Novas Tábuas de Logaritmos*, que passou a ser visto como uma das obras-símbolo da F.T.D. a qual teve diversas edições conforme imagem 1.

⁷⁹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Intrigue e lutte. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.16, n.153, p.1-4, abr.1927, p.2.

⁸⁰ PROVÍNCIA MARISTA DO RIO DE JANEIRO. Religiosos de prol: Isidoro Régis. **Vínculo Marista**, Rio de Janeiro, n.6, p.119-154, jul.1959, p.152.

IMAGEM 1: Novas Tábuas de Logaritmos de 1937

Fonte: ACERVO F.T.D

A materialidade da capa desse livro permite verificar em parte as estratégias para divulgação das obras. O estudo específico de uma de suas obras *Geometria elementar com noções de agrimensura e de nivelamento – Curso médio* primeira edição de 1925, publicado logo após o Programa Oficial do Ensino primário, no mesmo ano evidencia que a obra foi ao encontro do referido Programa (CAMARA; PINTO, 2014, p.399).

O excerto abaixo evidencia o processo de envolvimento dos maristas no processo editorial apresentando os irmãos Epifânio, Isidoro Pedro e Mário Cristóvão como autores.

Durante muitos anos o Irmão Epifânio corria para a Tipografia Siqueira, na Rua Augusta, para levar os originais dele e os do Irmão Isidoro Dumont e também de

outros irmãos: Isidoro Pedro, Mário Cristóvão... Foi luta renhida porque eram Irmãos com trabalhos de responsabilidade nas casas onde residiam e além disso tinham de escrever os livros. Dessa maneira a Coleção F.T.D. funcionou anos seguidos: Mendes - São Paulo - Tipografia Siqueira - Livraria Francisco Alves - colégios. O Irmão Epifânio escrevia outros livros em português da coleção marista francesa nas áreas de química, física e ciências. Outro Irmão que muito trabalhou para coleção F.T.D. foi o Irmão Mário Marciano: filosofia, música, física, química. Ele chegava a almoçar tendo livros de consulta com a mão esquerda e segurando o garfo com a mão direita (FERRARINI, 2000, p. 68).

Tais aspectos concorrem para a assertiva da parceria entre Isidoro Dumont e Bachelet (Epifânio) nas práticas editoriais o que pode ter contribuído para que ambos figurassem como autoria expressa nas obras didáticas. Dumont pelos contratos elaborados e gestão editorial e Bachelet pela autoria, edição dos livros de língua portuguesa e principal correspondente com a intelectualidade.

2.3 A parceria com Francisco Alves e João Augusto Siqueira

Nesta seção refletiremos sobre as relações entre os maristas e a empresa Livraria Francisco Alves, nas pessoas de Francisco Alves de Oliveira inicialmente e depois Paulo de Azevedo que responsabilizaram-se pela comercialização das obras da Coleção F.T.D. inserindo-as em seu catálogo.

Abordaremos ainda como ocorreu a parceria com a Typografia Siqueira, tendo como responsáveis João Augusto Siqueira e José Russo, que responsabilizou-se pela impressão das obras F.T.D. Ambas essas empresas permaneceram ofertando serviços aos maristas da década de 1910 até 1956.

2.3.1 O rei do livro⁸¹ e a F.T.D.

As publicações do Coleção de Livros F.T.D. até 1911 foram divulgadas e comercializadas pelos próprios maristas. No ano de 1911 que foi contratada a Livraria Francisco Alves para que os títulos fossem veiculados em seu catálogo, mas foi em 1912 que as obras F.T.D. definitivamente compuseram esse selo em sua totalidade.

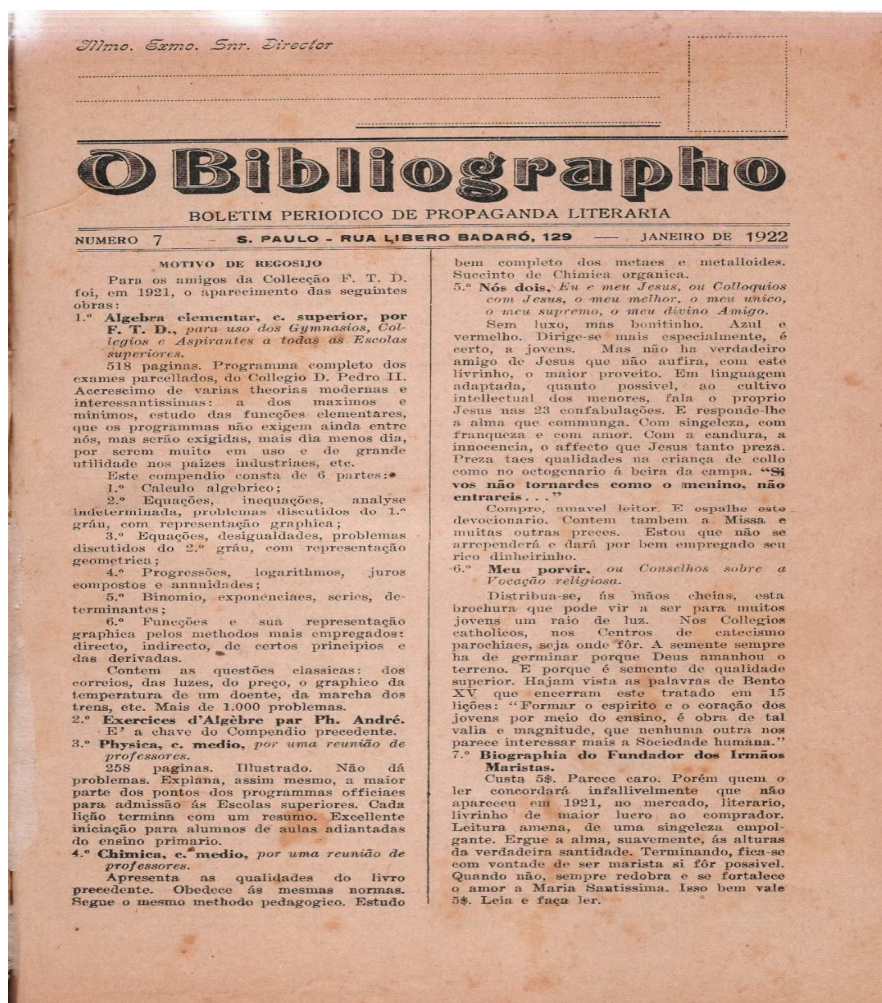
Para a divulgação das obras os irmãos de um lado utilizaram a mesma estratégia das editoras da época, que incluía a doação de exemplares aos professores, os quais continham a lista de outras obras produzidas. De outro, inseriam-nas no catálogo da Livraria Francisco Alves

⁸¹ Título inspirado na obra de BRAGANÇA (2016).

e as anunciavam em um catálogo próprio, o *Bibliographo* além de enviarem cartas aos possíveis consumidores ou divulgadores.

As obras da F.T.D. desta forma passaram a conter três catálogos: o *Bibliographo*, a contra capa dos livros e o catálogo da Alves. O *Bibliographo*⁸² trazia detalhes das obras, com sinopse, preço, características físicas e descrições dos conteúdos. Geralmente era endereçada aos diretores e professores. Continha 4 páginas e indicava as três possibilidades de endereço para aquisição das obras, em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, sede e respectivas filiais da empresa de Livraria Francisco Alves. Já a contra capa dos livros embora trouxessem algumas informações de preço por exemplo, não havia descrição mais detalhada dos títulos.

IMAGEM 2: Catálogo da F.T.D. de 1922



Fonte: CEM

⁸² Localizamos apenas um exemplar desse documento nos arquivos consultados. Conforme informações dos documentos analisados foram produzidos aos milhares, portanto, talvez uma busca mais detalhada em outros arquivos ainda possam existir exemplares.

Outro detalhe do *Bibliógrapho* referia-se à propaganda de títulos os quais possuíam como possíveis leitores, especificamente os maristas, ou outras instituições religiosas. A obra *Biografia do Fundador dos Irmãos Maristas* registrada no conteúdo imagem 2 é um exemplo. Essa postura de divulgação de obras alheias à escola, pode ser interpretada como uma prática de fortalecimento do ideário de educação cristã, divulgação da própria instituição e de seus projetos.

Esses catálogos, de modo geral, constituíram uma estratégia que viria minimizar os custos com o envio de “centenas” exemplares de modo gratuito das novas edições aos professores e aos diretores das escolas, além de facilitação do transporte (MEGALE, 2003, p.54).

Com o aumento do quantitativo de títulos ainda na década de 1910, levou os maristas a buscarem uma alternativa para dinamizar o processo editorial. O empreendimento editorial, dentro da lógica da política da instituição marista, era visto de certa forma, como um empecilho ao trabalho que os maristas realizavam nas escolas. Assim, para dar prosseguimento a comercialização dos livros da Coleção F.T.D. em 1911, os maristas, na pessoa de Isidoro Dumont, estabeleceram um contrato com a Francisco Alves. Esse contato foi celebrado com o representante da casa Alves na cidade de São Paulo, Paulo de Azevedo, que dois anos depois assumiria integralmente a comercialização e distribuição (MEGALE, 2003).

Com a Livraria Alves, a providência divina deparou ao irmão Isidoro, o balcão ideal, o arauto que espalharia em todos os recantos do Brasil, pela matriz no Rio, e sucursais de São Paulo e Belo Horizonte, os volumes da Coleção. Paulo de Azevedo, ainda simples encarregado da Casa Alves em São Paulo, educou seu mano, Carlos, no colégio da Luz, com o irmão Isidoro. Não suspeitavam então, das relações íntimas que travariam, até o fim da sua peregrinação neste mundo (ESCÔRSO BIOGRÁFICO, 1941, p. 189).

Isidoro Dumont celebrou esse contrato com Francisco Alves num momento de expansão dessa empresa editorial. Coincidiu com a abertura de uma filial em Belo Horizonte e que já eram sócios da então Alves & Cia. de São Paulo, Manuel Pacheco Leão e Paulo de Azevedo que seria um sujeito importante na continuação dos negócios da editora (BRAGANÇA, 2016).

A Francisco Alves presente em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte à época do contrato oficial constituiu um importante ponto de distribuição das obras da Coleção F.T.D, fosse pela questão geográfica, posição de Francisco Alves no campo editorial com adjetivo de correto e digno, além de ser católico e pertencer a O.T.C. (MONTEIRO, 1978).

A relação de Francisco Alves com os autores, tanto de livros escolares quanto os demais, era correta e digna. Os contratos, além de demonstrarem respeito, eram cumpridos fielmente. Isso, aliado ao trabalho, dedicação e competência do livreiro-editor, fez de Francisco Alves a primeira grande editora brasileira (BRAGANÇA, 2016, p. 27).

Francisco Alves de Oliveira, sobrinho de Nicolau Antônio Alves, foi proprietário da Livraria Clássica. Aberta em 1854 tornou-se referência na comercialização de livros didáticos no Brasil. Francisco Alves de Oliveira, português chegou ao país em 1863 e depois de trabalhar em uma loja de produtos náuticos adquiriu um sebo. Mesmo tendo regressado a Portugal, a convite do tio retornou ao Brasil, naturalizando-se brasileiro no dia 28 de julho de 1883 (HALLEWELL, 2012, p. 91).

Ao retornar ao Brasil, Francisco Alves assumiu o comando da livraria do seu tio em 1883. Abriu uma filial da editora em São Paulo em 1894, assumiu plena propriedade da editora em 1897. Após a inauguração da nova sede da matriz no Rio de Janeiro, Alves anexou a empresa de São Paulo formando uma única firma, deixando de existir a Francisco Alves do Rio de Janeiro e a Alves & Cia. de São Paulo criando-se a Francisco Alves & Cia. em 5 de janeiro de 1903 (BRAGANÇA, 2016, p. 24).

Após a abertura da agência da Livraria Francisco Alves em São Paulo no dia 23 de abril de 1894, a notícia do jornal *O Estado de S. Paulo* dá destaque a inauguração da livraria e principalmente às suas quatro seções representadas por sujeitos como Dr. Bernardino de Campos, presidente do estado; Dr. Cesário Motta, secretário dos negócios do Interior; Dr. Paula Souza, diretor da Escola Politécnica e Thomaz Galhardo, Oficial Maior da Secretária da Instrução Pública (RAZZINI, 2006).

IMAGEM 3: Francisco Alves de Oliveira

Fonte: BRAGANÇA, 2016, p. 5

A atuação de Francisco Alves como editor literário e escolar, foi de fundamental importância para o desenvolvimento da função autoral no Brasil. Embora tardia no Brasil o pleno exercício das práticas da função editor, houve poucos editores com o “eros pedagógico”⁸³, podendo ser acrescentado Monteiro Lobato, Ênio Silveira e porque não acrescentamos os editores maristas neste rol?

Ao manter a mesma linha de trabalho de seu tio, no que refere-se a opção com destaque aos livros colegiais e acadêmicos desde 1880, Francisco Alves foi o primeiro editor brasileiro a fazer desse alinhamento editorial o principal foco de seus negócios. No interstício dos anos de 1910 a 1919, a Casa Alves comandada por Francisco Alves atingiria a “impressionante marca de 342 títulos lançados, sem dúvida, o período mais produtivo da história da editora, cuja cifra jamais se tornaria a repetir” (RAZZINI, 2006, p. 6).

A aliança entre os maristas com a Coleção de livros F.T.D. e Francisco Alves foi significativo para ambas as partes. De um lado a ampliação do catálogo da Casa Alves, a credibilidade da marca F.T.D e um mercado certo. De outro a vitrine e a posição das obras da F.T.D ao lado de autores já legitimados no campo.

⁸³ Termo utilizado por Aníbal Bragança ao referir-se a Francisco Alves (BRAGANÇA, 2016).

Em 1916⁸⁴ o número de títulos da Coleção F.T.D atingia a marca de 94. Eram títulos em diversas áreas do conhecimento, incluindo a religiosa, evidentemente. Eram 20 títulos de Matemática, 16 de Língua Portuguesa, 12 de Francês/Inglês, 6 de História e Geografia, 7 de Física, Química e História Natural, 19 religiosos, além de 8 cadernos de caligrafia, com a marca de cerca de 100.000 volumes vendidos a cada ano (ADORÁTOR, 1917, p. 610).

Francisco Alves devido a doenças como diabetes, pneumonia e tuberculose ficou debilitado. Embora tirasse férias bianualmente, isso não o livrou de estar às portas da morte. Em 1904 redigiu seu testamento e no ano de 1917 faleceu. No testamento destinou a maior parte de sua herança à ABL e a outra parte menos significativa a Maria das Dores Braun (HALLEWELL, 2012, p. 327).

Mesmo com a morte de Francisco Alves os maristas mantiveram o contrato com a Casa Alves na pessoa de Paulo de Azevedo como administrador.

2.3.2 As relações contratuais com Paulo Ernesto de Azevedo

Com a morte de Manuel Pacheco Leão em 1914 e de Francisco Alves em 1917, ambos sócios da Livraria, a editora passou a ser administrada por Paulo Ernesto de Azevedo, cunhado de Pacheco Leão, até 1941. Trata-se do período em que Isidoro Dumont e outros maristas intensificaram-se suas relações com Paulo Ernesto.

A ABL, herdeira de grande parte da herança de Francisco Alves, de acordo com seus estatutos não poderia levar adiante esses negócios. Para resolver essa questão, vendeu a Livraria a um grupo de funcionários da empresa, entre esses Paulo de Azevedo, sucessor de Pacheco Leão e Antônio de Oliveira Martins, os quais levaram adiante os negócios e contratos, inclusive com os maristas (HALLEWELL, 2012, p. 328).

As relações comerciais continuaram profícuas entre os maristas e a Livraria Alves, principalmente porque quem estava à frente da empresa era Paulo de Azevedo, já conhecido dos irmãos e confidente do irmão Isidoro Dumont. Em uma carta que Isidoro enviou a ele em 25 de agosto de 1925, constata-se o tom de aproximação entre eles.

Ilmo. e Exmo. Sr. Paulo de Azevedo, respeitosos cumprimentos. Agradeço-lhes penhoradíssimo sua pronta resposta de 22 corrente, particular e reservada, e de tudo fico ciente. Não tomei cópia da minha última carta, por julgá-la sem importância comercial (...) em todo caso agradeço a amabilidade que tem o senhor, com toda

⁸⁴ Conforme Hallelwell (2012, p. 839) em 1900 o estado do Rio de Janeiro possuía uma população com aproximadamente 1.433.876 habitantes, enquanto a cidade de São Paulo, contava com aproximadamente 239.820 habitantes.

afeição de um verdadeiro amigo: o senhor salve sua alma; o senhor leva uma vida muito atarefada, muito importante no ponto de vista material, financeiro; mas reserve alguns instantes, cada dia, para pensar na vida eterna de sua alma (...) Quando o senhor aceitou os F.T.D em sua livraria, creia bem que foi uma boa obra que o senhor iniciou; quando o senhor os favorece, como sei que o senhor e seus subordinados fazem constantemente, é a mesma boa obra de moralização, de religião, de são patriotismo que estão fomentando; e há nisso, para o senhor e seus empregados, um real merecimento, que Deus não pode deixar de recompensar. O que digo dos F.T.D é exato, e aplica-se, para qualquer bom livro. Com toda a afeição de um admirador e sincero amigo, digo-lhe ainda uma vez: obrigadíssimo por toda bondade com que me trata (ESCORSO BIOGRAFICO DO SEGUNDO PROVINCIAL, 1941, p. 190).

Paulo de Azevedo além de manter Isidoro Dumont informado das questões editoriais certamente confiava assuntos de ordem confidencial. Isso possibilitou estreitar as relações comerciais e de amizade a ponto do marista prestar-lhe aconselhamento. O conteúdo da carta sugere aspectos da personalidade de Paulo de Azevedo. Enquanto Francisco Alves pertencia a O.T.C, não é possível identificar se Paulo de Azevedo também fazia parte dessa, mas evidencia-se que era católico, pois para Isidoro Dumont “era motivo de profundo regozijo, saber que os artífices das obras *eftedianas* fossem católicos praticantes, contribuintes da propagação da fé” (ESCORSO DO SEGUNDO PROVINCIAL, 1941, p. 188).

Na carta verifica-se que há certa ênfase no verbo favorecer. Ao escrever “quando o senhor os favorece, como sei que o senhor e seus subordinados fazem constantemente, é a mesma boa obra de moralização, de religião, de patriotismo que estão fomentando”, Isidoro Dumont certifica-se que há uma predileção aos livros F.T.D, que não fica evidente, que tipo ou natureza seria esse favorecimento.

IMAGEM 4: Paulo Ernesto de Azevedo

Fonte: BRAGANÇA, 2016, p.202

A Casa Alves remunerava bem seus autores, pois uma de suas práticas era de colocá-los como parceiros até mesmo nos lucros. Uma vez que Paulo de Azevedo tivesse seguido os passos de Alves haveria bons motivos para que os maristas continuassem o contrato com a Paulo de Azevedo & Cia. como então ficou designada (BRAGANÇA, 2016).

Após a morte de Paulo de Azevedo em 1946, a empresa foi sucedida por seus filhos Ivo e Ademar, que “admitiram como sócios Álvaro Ferreira de Almeida, Raul da Silva Passos e Lélío de Castro Andrade”, mantendo-se parceira dos maristas pela autorização do irmão Exuperâncio, provincial à época, até o ano de 1956 (HALLEWELL, 2012, p. 329).

Em 1954 por ocasião do centenário da Francisco Alves, a então Editora Paulo de Azevedo Limitada publicou um catálogo comemorativo da empresa, destacando quais foram as obras publicadas por esse selo. Além disso, trouxe nas primeiras páginas do catálogo algumas homenagens, entre essas uma aos maristas.

A Editora Paulo de Azevedo Limitada expressa aqui seu caloroso agradecimento a todos aqueles que tem entregue à Livraria Francisco Alves, para distribuição exclusiva, as obras que fizeram imprimir por conta própria. E, na impossibilidade de relacionar nominalmente quantos lhe deram essa prova de confiança irrestrita, pede vênica para citar: os irmãos maristas, proprietários da coleção F.T.D, que tantos e tão relevantes serviços vem prestando à causa do ensino, o professor Cecil Thiré, autor dos consagrados “manuais” de matemática; o professor Carlos Góis e, posteriormente, sua digníssima viúva, que, em gesto talvez único na história das relações entre autor-editor e distribuidor, acaba de legar à livraria Francisco Alves a plena propriedade das obras do saudoso vernaculista (ALVES, 1954).

A parceria com os sucessores de Paulo de Azevedo contribuiu para divulgação e fortalecimento do projeto editorial, enquanto coleção de livros, com uma autoria coletiva de modo mais significativo. Posteriormente, com a atuação de outros editores, há um processo de desenvolvimento de uma autoria individual e expressa após a parceria com a Editora do Brasil.

2.3.3 **Typografia Siqueira: artífice das obras *efetedianas***

As obras que foram elaboradas no Brasil na década de 1910 foram enviadas à Europa para impressão. Os serviços gráficos eram realizados pela Emmanuel Vitte, empresa tipográfica católica francesa. Os irmãos após a tradução e preparação das primeiras provas das obras as enviavam ao Colégio de Santos para que pudessem ser enviados a Lyon, sede da Vitte na França (ADORÁTOR, 1917, p.599).

Após esse envio, chegavam alguns meses depois os papéis para revisão. Os irmãos Gondulfo, Landerico, Diomedes, Júlio Régis, Paulo Ambrósio e Valentim foram os principais responsáveis para que fossem feitas todas as alterações de textos, títulos entre outras e reenviadas para Lyon para o acabamento final (FERRARINI, 1998, p. 45).

Emmanuel Vitte era sobrinho de Marie-Ferdinand que fez parte da Instituição Marista. Vitte tornou-se empresário da área editorial e devido aos laços que estabeleceu com os irmãos facilitou o contrato comercial.

Emmanuel Vitte provavelmente encontrou com os maristas em sua infância. Seu tio, Marie-Ferdinand, fez parte desta congregação. Ele ocupou o cargo de vigário apostólico da Nova Caledônia, mas não encontramos as datas exatas desse vicariato. Também não temos informações sobre os vínculos que ele conseguiu manter com sua família e, em particular, seu sobrinho⁸⁵ (DARBOUR, et al. 2004, p. 89).

Em 2011, o neto de Emmanuele Vitte, trouxe à tona uma biografia de seu avô quando registrou a parceria dessa editora com os maristas. O autor, Marc Rochet traz relatos de seu avô e sobre a importância que teve os livros da F.T.D em sua editora fazendo menção honrosa a esse contrato (ROCHET, 2011).

Até 1913 essa empresa francesa manteve contrato de impressão das obras didáticas da Coleção F.T.D. Os irmãos maristas que residiam em Santos, encarregavam-se além dos

⁸⁵ Emmanuel Vitte côtoie probablement des maristes dès son enfance. Son oncle, Marie-Ferdinand, fait partie de cette congrégation. Il a notamment occupé la fonction de vicaire apostolique de Nouvelle-Calédonie mais nous n'avons pas retrouvé les dates exactes de ce vicariat. Nous n'avons pas non plus d'informations sur les liens qu'il a pu conserver avec sa famille et en particulier son neveu.

trabalhos editoriais de revisão, da estocagem, recebimento, envio e todo o controle desse processo, destaque aos irmãos Landerico, José Genésio e Mário Esdras (ADORÁTOR, 1917, p.388).

Os serviços gráficos para elaboração dessas obras feitos pela Emmanuel Vitte, tornaram-se menos procurado, devido à Primeira Guerra, ao crescimento das demandas de edições, à distância e questões alfandegárias, embora essa relação tenha durado até por volta dos anos de 1930, com fluxos variáveis de solicitação de trabalho. Além disso, havia a dificuldade da correção das provas e dificuldades com o envio dos livros que era feita via Porto de Santos em São Paulo (FERRARINI, 2000, p.31).

No período de 1908 até 1956 a impressão da maioria dos livros da F.T.D. ficou sob a responsabilidade da Siqueira. Até 1945 a Siqueira era a principal impressora da Coleção F.T.D., depois os irmãos contrataram a Gráfica Cruzeiro do Sul, a qual passou a também compartilhar esse trabalho (FERRARINI, 2000, p. 31).

As primeiras tratativas para efetivação do contrato com João Augusto Siqueira, foram realizadas pelo irmão Isidoro em 1908 quando ele criou o documento *Échos*, que objetiva trazer notícias e informações gerais sobre o colégio Arquidiocesano e necessitava de um impressor. A alternativa foi encontrada em João Augusto Siqueira, que era membro da O.T.C. já parceira dos maristas para administração do Colégio e era responsável pela Typografia Siqueira (FERRARINI, 2000).

João Augusto Siqueira, assim como Francisco Alves, adquiriu uma posição de destaque no mercado editorial, pois possuía negócios com autoridades do estado de São Paulo, que incluíam a venda de livros para escrituração administrativa e a elaboração de obras importantes como o *Annuario do Ensino do Estado de São Paulo*, cuja primeira publicação foi em 1908 (RAZZINI, 2006, p.2).

A publicação do *Annuario* possuía muitas fotografia e quadros estatísticos. Posteriormente esses documentos tornaram-se um instrumento de “comunicação instrucional do governo aos professores, na tentativa de promover a uniformização do ensino elementar, uma vez que eram distribuídos nas escolas” (RAZZINI, 2006, p. 3).

O primeiro número do *Annuario do Estado de São Paulo* publicado em 1908 foi concomitante a parceria da Typografia com os maristas, o que certamente foi um bom negócio tanto para os maristas que estavam com uma demanda para publicação tanto de livros didáticos como outras publicações como para João Augusto Siqueira.

Siqueira gerenciou os negócios com os maristas até sua morte em 1922. Depois, quem continuou na gerência da empresa foi José Russo, que passou a ter como sócio Antônio Vallilo, os quais foram considerados os “amigos mais eficientes da coleção F.T.D” (ESCÔRSO BIOGRÁFICO DO SEGUNDO FUNDADOR, 1941, p. 184).

IMAGEM 5: Oficinas Typografia Siqueira



Fonte: ESCÔRSO DO SEGUNDO PROVINCIAL, 1941, p. 186.

A Typografia Siqueira no período de 1894 a 1962 teve vários nomes: Typographia a vapor Espindola, Siqueira & Comp., de 1894 a 1905; Typ. Augusto Siqueira & Comp., de 1906 a 1922; Siqueira, Salles & Comp., em 1910; Siqueira, Nagel & Comp., de 1911 a 1915; Siqueira, Salles Oliveira, Rocha & Comp., de 1927 a 1933; Typographia Siqueira, de 1912 a 1947; Casa Siqueira, Salles Oliveira & Cia. Ltda., em 1934; Gráfica Siqueira e Indústria Gráfica Siqueira S/A, mas nas fontes encontramos apenas a referência a um título (RAZZINI, 2006, p. 6).

Na década de 1940 os maristas estiveram presentes na inauguração de uma das filiais em São Paulo como mostra a imagem 6.

IMAGEM 6: Inauguração da filial da Typografia Siqueira em São Paulo -1940



Fonte: VOZ MARISTA 1940, JUNHO, p. 3

A imagem 6 verifica-se a presença dos maristas na inauguração de uma filial da Typografia Siqueira na Rua Barão de Paranapiacaba, nº 34, esquina com a Praça da Sé. Entre os presentes estavam, Dom José Gaspar, arcebispo de São Paulo, padre Cursino, José Russo, sócio da Typografia, Dr. Álvaro Sales de Oliveira, Maldonado e os maristas Michel Édouard, diretor do Colégio Nossa Senhora do Carmo, Bento Gabriel e Ambroise Firmin, diretor e vice-diretor do Colégio Arquidiocesano⁸⁶.

José Russo manteve bom entendimento com os maristas. Depreende-se das fontes a cordialidade e a confiança que os maristas depositavam nele desta o primeiro contrato nos anos de 1908.

As tradições de probidade, de cavalheirismo, fidalguia e gentileza, fundadas pelo primitivo proprietário, perpetuaram-se sempre, reforçando, com a (...) F.T.D, os liames da mais perfeita estima e colaboração mútuas (ESCÔRSO BIOGRÁFICO DO SEGUNDO PROVINCIAL, 1941, p. 184).

Embora a responsabilidade da impressão fosse da Typografia Siqueira, os maristas realizavam o papel de conferir e analisar com detalhes o trabalho realizado com relação à

⁸⁶ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Inauguração da Typografia Siqueira. **Boletim de Estudos**. São Paulo, n. 285, p.1-4, jun.1940. p.2.

qualidade do papel, da tinta, composição, revisão, encadernação, entre outros. Os equívocos causaram reação dos maristas.

Para Mineralogia posso repetir que a composição está bastante rala; basta ver que a página 139 do texto antigo deu 160 do livro novo; os poucos acréscimos que houve não dão para explicar estas 21 páginas a mais (...) não sei de quem é o erro; se for nosso, devemos aguentar a despesa. Os senhores vejam quem é o responsável (...) louvo o esforço realizado para estes dois livrinhos (ESCÔRSO BIOGRÁFICO DO SEGUNDO PROVINCIAL, 1941, p. 187).

Pelo excerto acima, denota-se que embora não explicitado com ênfase nos documentos, houve conflitos decorrentes do trabalho de elaboração das obras didáticas. Certamente havia erros que não eram apenas do tipógrafo, mas também dos maristas e que eram tratados de modo particular e não evidenciados nas fontes.

Após o falecimento de João Augusto Siqueira, José Russo, que até então era quem dirigia as oficinas, passou a ser sócio da nova firma. Quando soube que o irmão Isidoro estava internado no Rio de Janeiro, quis ir visitá-lo, o que não aconteceu. Irmão Isidoro ao saber das pretensões dele afirmou:

Foi muito melhor não vir ao Rio; teria sido um excesso de gentileza, servindo apenas, como outra e inútil prova da magnanimidade do seu bom coração. O cansaço, os gastos, o tempo, isso tudo teria sido esbanjado sem a menor compensação (ESCÔRSO BIOGRÁFICO DO SEGUNDO FUNDADOR, 1941).

A morte de Isidoro Dumont, no dia 3 de março de 1941, causou grande comoção tanto nos maristas como nos diversos intelectuais que estabeleceram com ele vínculos de amizade e comerciais. Depois da morte de Dumont, outros autores e editores deram continuidade ao projeto editorial até 1956.

2.4 As práticas de autoria entre 1912 e 1956

No conjunto das obras publicadas dentro da Coleção F.T.D. considerando os catálogos da Livraria Francisco Alves e Paulo de Azevedo de 1933 e 1954⁸⁷, o *Bibliógrapho* de 1912, o acervo do Banco de Dados de Livros Escolares da USP⁸⁸ (Universidade de São Paulo) e o

⁸⁷ Nesta pesquisa foram localizados apenas dois Catálogos da Francisco Alves.

⁸⁸ Banco de Dados LIVRES, disponível em: <http://paje.fe.usp.br/estrutura/livres/index.htm>, acesso em 2/3/2020.

acervo da Editora F.T.D. em São Paulo, constata-se duas práticas de autoria no projeto editorial dos maristas: uma coletiva e outra explícita com o nome dos autores.

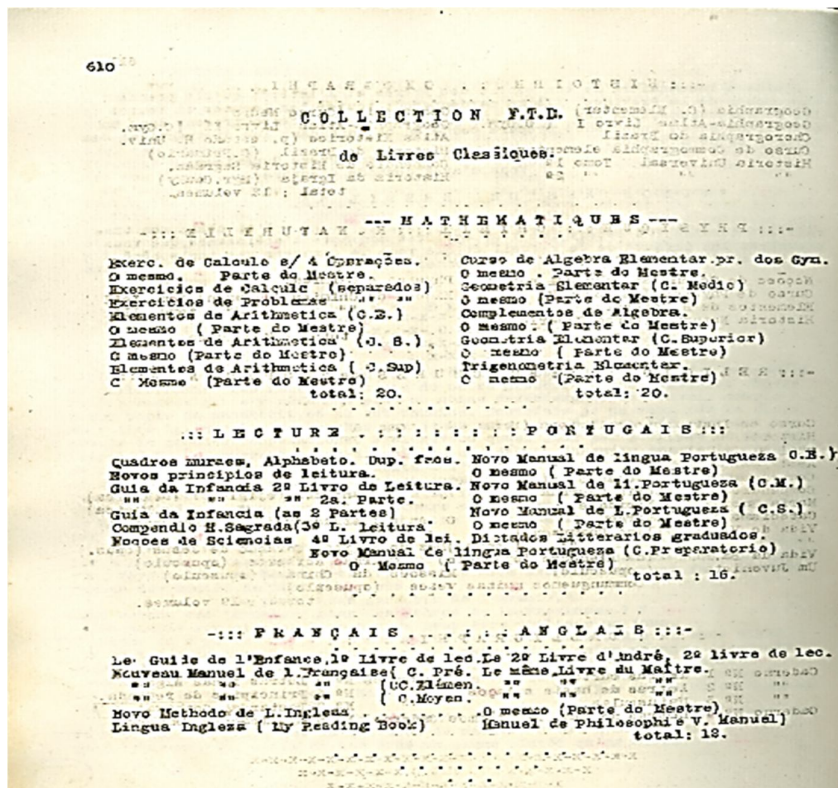
Na autoria expressa houve destaque para dois autores: Isidoro Dumont (Isidoro Régis enquanto religioso) escritor da área de Matemática e suas ramificações e Mario Bachelet (Epifânio Maria como religioso), para área de Língua Portuguesa e Literatura, embora também tenham sido autores de outras publicações nas áreas de Línguas Estrangeiras ou Religião.

A autoria coletiva era registrada como por uma reunião de professores, por F.T.D., ou irmãos maristas e figurou-se com maior destaque no período. Corrobora para tal assertiva os catálogos da Livraria Francisco Alves e o conjunto de obras da Coleção disponíveis nos arquivos da Editora.

O registro com catálogos de obras da Coleção F.T.D. em que aparecem os autores foi expresso por Adorátor em 1917 e totalizavam 86 títulos, excetuando-se cadernos de caligrafia, os quais estavam divididos em Matemática, Leitura, Português, Francês, Inglês, História, História Natural, Geografia, Física, Química e Religião (ADORÁTOR, 1917, p. 610-611).

No registro das obras que compuseram a Coleção de Livros didáticos da F.T.D. elaboradas por Adorátor com a colaboração de Isidoro Dumont há descrição dos nomes dos autores e seus respectivos títulos.

IMAGEM 7: Primeiro relatório das publicações F.T.D. em 1917



Fonte: ADORÁTOR, 1917, p. 610.

Essa indicação de autoria das obras didática da Coleção F.T.D. encontra-se nos relatos de Adorátor e estão categorizados pelas seguintes áreas do conhecimento: Geometria, Cosmografia, Português, Geografia, História e História Natural. Três autores destacam-se para essas produções, Isidoro Dumont, para as áreas de Geometria e Cosmografia; Epifânio, para a Língua Portuguesa e Marie-Nicet, para Geografia, História Natural e do Brasil (ADORÁTOR, 1917, p. 595-596).

A partir do levantamento das fontes foi possível elencar os seguintes nomes de autores da Coleção de Livros F.T.D. : Júlio Andrônico, Marie Nicet, Mário Marciano, Isidoro Pedro, Mario Bachelet, José A. Batalha, Joseph Tamisier, Adolfo Pozo y Pozo, Ático Rubini, Mário Cristóvão, Glauco de Vilhena Almeida Santos, Louis Barberet, Nestor Delvaux, Aleixo Maria, Egydio Setti, Orestes de Aguiar, Firmino Bonato, Louis Riboulet, João de Deus, Rubens de Mello Ribeiro, Francisco de Paula Vítor, Arnulfo, Savino Cerise, Gonçalo Proment, João Pereira Vitória, Florentino Adami, Theobaldo Couturier, Wagner Ribeiro, Aurélio Bolsanello, Nicolau Boscardin, Umberto Augusto de Medeiros, Luís Gonzaga, Gíglia Giacomozzi.

Embora possa de certa forma ter havido ajuda mútua nas práticas de autoria esse ofício não foi exercido por todos com a mesma intensidade. Havia uma divisão de atividades conforme

suas qualificações e aptidões tendo em vista a abertura de escolas, docência, formação de novos membros e administração.

Uma das práticas do projeto editorial, coordenada por Adorátor foi a tradução dos livros da editora francesa para o português. Concomitante a essa prática, paulatinamente há um processo de elaboração de obras em língua vernácula, as quais abrangiam as diversas áreas do conhecimento. Quando os títulos eram elaborados e editados pelos maristas não havia autoria expressa ao contrário daqueles traduzidos por outros sujeitos, alheios à Instituição (ADORÁTOR, 1917).

Com relação à prática de tradução das obras francesas no Brasil Júlio Andrônico foi o iniciador. A obra *Exercices de Calcul sur le 4 Opérations Fondamentales* fazia parte do catálogo da editora na França e foi utilizada no Colégio de Congonhas do Campo, Minas Gerais e após sua tradução compôs o Catálogo da Alves. Constitui-se como uma obra símbolo da F.T.D.

Nem bem abrimos o primeiro colégio, nossos irmãos sentiram a necessidade de ter os nossos livros da França onde as crianças aprendem muito mais pela prática, uma das características mais apreciadas do método F.T.D. Irmão Andrônico começou a trabalhar imediatamente e publicou uma coleção de exercícios de cálculo sobre as 4 operações. Este livro tem sido de grande utilidade a nossos jovens professores e já teve numerosas edições⁸⁹ (ADORÁTOR, 1917, p. 595).

O sistema utilizado para essas produções foi o chamado policópia, em que os alunos recebiam cópias dos textos manuscritos. As folhas passaram a ser reproduzidas por um sistema similar ao estêncil até a utilização do mimeógrafo ainda com folhas soltas dos exercícios. O conjunto organizado dessa composição formava o livro em letra de forma semelhante aos caracteres tipográficos (FERRARINI, 1998, p. 29).

Quando as obras eram traduzidas a partir dos autores maristas prevalecia a autoria coletiva, diferentemente quando os produtores não pertenciam a Instituição o nome figurava aparecia nas obras. Teve destaque as traduções de Ragon e Cauly.

Para responder as demandas do campo editorial, os direitos autorais advindos da venda das obras didáticas da Coleção F.T.D. eram repassadas para a instituição marista em que pesava o pertencimento desses a uma ordem religiosa Católica, que não poderiam obter lucros pessoais.

⁸⁹ Notre première établissement à peine ouvert, nos frères ont senti le besoin d'avoir nos livres de France où l'enfance apprend des choses plus par le pratique que par la partie caractéristique la plus appréciée de la méthode F.T.D. Frère Andronic se met à l'ouvre immédiatement et publie un recueil d'exercices de calcul sur les 4 règles accompagnés de problèmes. Ce livre a rendu de bons services à nos jeunes professeurs, il a déjà eu de nombreuses éditions.

Mesmo assim, nos contratos com a Livraria Francisco Alves e Paulo de Azevedo eram bem definidas as porcentagens para os autores e para a empresa (BRAGANÇA, 2016).

A prática de autoria coletiva foi divulgada por uma visão de modéstia religiosa, apregoados pelas políticas institucionais marista e expresso no *Guide des Écoles*, segundo a qual seria melhor não estampar o nome do autor como titular da obra. Ele ficaria oculto pelo uso da expressão "Por uma reunião de professores" impresso nas obras onde normalmente figuraria o nome do autor. Isso correspondia também ao fato de vários maristas colaborarem com o autor principal mediante releitura, análise e revisão dos textos.

A análise de Farias (2010) que interpreta a autoria expressa das obras didáticas da coleção F.T.D. decorrente da legislação do livro didático no final da década de 1930, lei que expressou a ideia de autoria textual às obras didáticas, não se sustenta quando verifica-se, que desde o início da década de 1910 havia livros dessa coleção com a registro de autoria de Bachelet e Dumont.

Os autores não recebiam pessoalmente nenhum pagamento por direitos autorais, direitos de tradução, edição ou comercialização dos títulos, pois enquanto membros de uma congregação religiosa, professavam votos de pobreza que significava, entre outros aspectos, que não poderiam ter bens em seus nomes, nem receber quaisquer lucros pessoais por trabalhos por eles realizados, mas tais lucros seriam convertidos para instituição de modo geral e indiretamente eram beneficiados por esses uma vez que eram membros efetivos da instituição.

A prerrogativa da pobreza como consta nos documentos institucionais maristas⁹⁰, não lucratividade nos negócios de qualquer natureza, comercialização e não posse de bens pessoais é justificada pelos cânones da Igreja Católica, confirmados pelos estatutos da ordem marista, no entanto, há estratégias para que os empreendimentos, entre eles os de elaboração dos livros houvesse lucros, tal como outras empresas editoriais à época. A citação abaixo corrobora para compreensão dessa prática editorial alinhada com os documentos maristas.

Comércio – proíbe-se aos clérigos e se estende a proibição aos religiosos exercer a negociação ou comércio por si ou por outros, para utilidade própria ou alheia. É-nos proibido o comércio habitual sob pena de falta grave (...) comprar objetos (ou valores) com intenção de vendê-los com lucro.⁹¹

Embora haja orientação com relação a não lucratividade de qualquer natureza, constata-se que entre 1912 a 1956 a Província Marista do Brasil Central era detentora de um considerável

⁹⁰ Um dos documentos basilares é intitulado de *Regra de Vida* e contem orientações sobre a vida religiosa marista.

⁹¹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Nossa vida religiosa: mais algumas questões relativas à pobreza. **Voz Marista**, São Paulo, n.49, p.1-8, fev.1950. p.5.

patrimônio em colégios e residências em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina, além dos proventos adquiridos com a venda dos livros, de modo que, a ordem buscava justificativas dentro do ideário religioso para renovar mobiliários, outros bens e continuar os empreendimentos já em desenvolvimento.

Uma das estratégias utilizadas pelos maristas para justificar os lucros e investir no campo editorial foi atribuir ao provincial, também intitulado de superior, o papel de administrador dos bens e negócios.

É permitido aos superiores vender objetos que não estão mais em condições de servir à comunidade, e que não foram adquiridos com a intenção de comércio lucrativo. E nesta venda é lícito realizar algum lucro (sem sair dos limites do razoável e do justo). Há casos em que esta venda se impõe, por exemplo, quando, de outro, tais objetos tivessem de se estragar ou ficar sem nenhuma serventia.⁹²

Duas palavras chave quando o assunto é lucro são mencionadas pelo editor: razoável e justo, mas não há referências quantitativas exatas sobre esses. Desta forma, o provincial que neste caso o entendemos como gestor editorial, assumiu para si as diretrizes e as melhores opções para os projetos, inclusive o editorial.

Todo o trabalho, desde o planejamento, passando pelas fases de análise, avaliação, revisão de linguagem, pertinência de conteúdo, adequação à idade e à classe dos alunos a que se destinava, datilografia, correções, acréscimo de mapas, diagramas, imagens e tudo o mais que a feitura de um livro didático exigisse acabava sendo um lento e longo trabalho de equipe que, em que pese a responsabilidade básica do criador e redator principal da obra.

No ano de 1958, quando a Província do Brasil Central, dividiu-se em duas, haviam falecido 96 irmãos, entre esses diversos autores e editores. Nem todos, porém tiveram um registro biográfico e nesta pesquisa, foram elencados e analisados aqueles que conforme dados das fontes apareceram com maior incidência devido a fatores de ordem educacional, política, religiosa ou econômica. Portanto, não trata-se propriamente de um esquema de Prosopografia, mas um esforço em apresentar um conjunto de sujeitos com características singulares que exerceram o papel de autores e editores, ou ambos. (FERRARINI, 1984, p. 247).

⁹² PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Nossa vida religiosa: mais algumas questões relativas à pobreza. **Voz Marista**, São Paulo, n.49, p.1-8, fev.1950. p.5.

2.5 O sonho de uma “colmeia efetediana”⁹³ e o contrato com a Editora do Brasil S/A

Após o término da gestão de Mário Cristóvão como provincial em 1953, quem assumiu a administração da Instituição e do projeto editorial foi João de Deus. Foi o responsável por uma mudança significativa no processo editorial da Coleção F.T.D. Tratava-se do contrato firmado entre a UBEE e a Editora do Brasil em 1956 e o distrato com a Livraria Paulo de Azevedo e a Typografia Siqueira.

O nome civil de João de Deus era João de Neiva Vitória e nasceu em Portugal em 5 de outubro de 1904. Embora tenha entrado para os maristas aos 11 anos no Brasil, teve maior visibilidade nos documentos da instituição após sua posse como provincial em 1953, que em parte é devido ao seu cargo e também a sua responsabilidade como um dos redatores do Vínculo Marista (FERRARINI, 1984, p.228).

A compreensão do contrato dos maristas com a Editora do Brasil, relaciona-se com as mudanças pelas quais passou o campo editorial provocadas pela criação da Associação Profissional das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais em 1941, a qual tornar-se-ia SNEL e pelo funcionamento da CNL, responsável por avaliar e julgar os livros.

O fortalecimento do campo editorial marcado pela organização de 23 editores no SNEL, também causou disputas para as possibilidades promissoras que as obras didáticas teriam, mas também das regras às quais estariam sujeitas. A movimentação de alguns intelectuais do campo editorial para ou manutenção de suas posições ou ampliação dessas foi engendrada por diversas práticas conforme os grupos. No caso da Editora do Brasil, teve como uma das marcas a parceria com os maristas.

Em 1943 seis funcionários da Companhia Editora Nacional, que figura com destaque na área de didáticos deixaram a empresa. Três deles: Carlos Costa, Carlos Pasquale e Manoel Neto, os quais eram professores responsáveis pelos livros didáticos na empresa fundaram a Editora do Brasil (HALLEWELL, 2012).

Após a fundação da Editora do Brasil, o diretor-presidente Fernando Costa, Carlos Costa e os demais diretores, intencionado a legitimidade no campo, propuseram-se à três ideias: “montar um catálogo de livros didáticos; promovê-lo por meio de técnicas variadas; lançar uma Revista da própria editora” (BRAGHINI, 2012, p. 158).

⁹³ Expressão utilizada pelo irmão João de Deus à época em que era provincial e responsável pela Coleção de Livros F.T.D.

Em 1947, no Colégio Santa Maria em Curitiba, Braz Pasquale, procurou os maristas no intento de buscar ampliar um dos objetivos delineados no momento que registraram a Editora do Brasil, qual seja a montagem do catálogo de livros didáticos. A inserção dos livros da Coleção de Livros F.T.D. em boa medida seria uma alternativa à Editora do Brasil e aos maristas.

E foi, senão quando, em 1947, quando assumimos a direção de nosso Colégio de Santa Maria, em Curitiba, que, num desses contatos, que se costuma denominar casuais, mas que verificamos agora, ter sido providencial, o prezado amigo Sr. Braz Pasquale, com a simpatia insinuante que lhes é peculiar, conosco trocava as primeiras ideias de um possível acordo entre as duas Organizações, ora contratantes. Timidamente e com grande discrição, de lado e de outro, cogitámos o qual vantajoso seria um acordo, e de como nos privávamos de grandes proveitos, relegando providências que aos mesmo colimassem. Óbvio, que grandes era os obstáculos a transpor! Recordo-me hoje, com verdadeira saudade, dos cuidados preparativos de uma aproximação entre os responsáveis das duas organizações, até o dia que conseguimos abordar o assunto, apresentando, por parte da Editora do Brasil S.A, um “esquema” da autoria do Dr. Carlos Pasquale, em que se delineava um plano que poderia servir de base, em torno do que se processariam os estudos de um futuro acordo⁹⁴.

Especialmente a primeira ideia da Editora do Brasil correspondeu ao que João de Deus e alguns maristas entenderam como a sonhada “colmeia efetiana” no momento do contrato entre ambos. Parecia uma alternativa viável à Coleção F.T.D. diante das exigências cada vez maiores do campo editorial, fortalecimento do papel dos editores enquanto profissionais, envelhecimento dos autores maristas e consequentemente carência de outros, livros didáticos que já não estavam adequando-se às práticas de sala de aula.

Outro fator relacionado a parceria dos maristas com a Editora do Brasil foi a criação do decreto nº 38.556 de 12 de janeiro de 1956, pelo então ministro da Educação, Abgnar Renault, o qual instituiu a Campanha Nacional de Material de Ensino (CNME). Instituída junto ao DNE (Departamento Nacional de Educação), que era presidido por Carlos Pasquale, foi pensada com intuito de não entrar em confronto com o mercado editorial privado, pois os materiais produzidos pela CNME seriam apenas auxiliares (FILGUEIRAS, 2011).

Desta forma, tanto para Carlos Pasquale, um dos diretores da Editora do Brasil e João de Deus, representando a Coleção de livros F.T.D., seria uma estratégia que vinha a calhar perfeitamente para fortalecimento de ambos, enquanto empresas privadas ancorados num discurso governamental, de melhoria de ensino e atendimento aos alunos mais necessitados financeiramente.

⁹⁴ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. A celebração do convênio UBEE: Editora do Brasil S.A. **Voz Marista**. São Paulo, n. 6, p.185-220, jul.1956. p.212.

Para enfrentamento da situação da Coleção F.T.D. João de Deus constituiu uma comissão de irmãos que posteriormente desdobrou-se de acordo com as diferentes áreas de ensino. Essa postura relaciona-se às dificuldades na organização da Coleção F.T.D. que iniciaram-se na década de 1940 com a morte de Isidoro Dumont e intensificaram-se na década de 1950. As diretivas apresentadas por João de Deus oferecem um panorama geral da situação a qual encontra-se a referida Coleção antecedendo o contrato com a Editora do Brasil.

Vem de longa data a grave preocupação referente à Coleção F.T.D., por parte da administração provincial. Antes de mais nada, rendamos aos seus fundadores e realizadores, as nossas mais profundas homenagens pela obra que, com mais de 50 anos, tanto bem fez a mocidade brasileira e elevou o nome da província. Citando três dos mais merecedores, os irmãos Isidoro Régis, Epifânio Maria e Mário Cristóvão, pretendemos, nas pessoas destes três eméritos benfeitores, estender a nossa gratidão a quantos, no mais e no menos, contribuíram para engradecer esta Coleção que nos é tão querida. Recebida esta herança, cabe aos sucessores destes obreiros, não a deixarem perecer. Por isto, a atual administração provincial, sente-se na obrigação de por mãos à obra e de tudo fazer, para que tão grandioso empreendimento continue a fazer o bem que até agora fez e testemunhar que os irmãos de hoje estão em condições de prosseguir, com não menos galhardia, a obra dos pioneiros (...) Inserimos estas diretivas e damos a conhecer à província, algumas novas e recomendações para orientar, reunir e conjugar os esforços de quantos se decidirem a trazer a participação da sua boa vontade em prol de uma causa que foi, que é e que será nossa. Não é possível, devido a complexidade do problema, por, de uma vez, a funcionar a Coleção, no pé em que já a queríamos ver. Temos de ir devagar⁹⁵.

A “Comissão do Livro” organizada por João de Deus não teve os resultados esperados. Na redação das normas desta havia especificações das funções que cada marista iria desempenhar. Foi composto um grupo intitulado de um corpo redacional para as atividades editoriais da Coleção F.T.D. constituído de um diretor, um administrador e Comissões auxiliares, com atribuições detalhadas de cada um.

A gestão editorial impetrada por João de Deus, embora otimista como uma “colmeia efetadiana” aos seus olhos, fracassou devido basicamente a três fatores: a carência de pessoal para continuação da autoria e edição das obras, desorganização do funcionamento das comissões de cada área de ensino e a adoção de livros alheios a F.T.D. que despontavam com sucesso editorial à época.

As normas gerais que devem orientar quantos trabalham na Coleção e exaradas na Voz Marista, permanecem “ad experimentum” e peço aos interessados que as releiam e se esforcem por observá-las. Trata-se de um compromisso (...) O ponto mais fraco que notei, em nossa nova organização, é a falta de contato entre os diversos

⁹⁵ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Coleção F.T.D. **Voz Marista**, São Paulo, n. 99, p.1-12, fev.1955. p. 1.

componentes das comissões; parece-me haver ausência de espírito de equipe que devemos trabalhar⁹⁶.

O excerto acima evidencia algumas das dificuldades que a Coleção F.T.D. enfrentava no campo editorial naquele momento. Enquanto a Companhia Editorial Nacional a cada lançamento de Lei ou portaria Ministerial, “poucos meses depois” lançava um título adequando-se aos programas oficiais, os maristas mesmo contando com apoio de um grupo de intelectuais, tiveram dificuldade em acompanhar tais as exigências na década de 1950 (PINTO JR., 2011, p. 9).

Obras das áreas de Português, História, Matemática, Geografia e Filosofia as quais a Coleção F.T.D. estava presente nos colégios maristas, foram sendo substituídos por autores como Osvaldo Sangiorgi, Ari Quintela, Alcindo Muniz de Sousa e Aroldo de Azevedo, todos da Companhia Editora Nacional⁹⁷.

Os livros didáticos (apesar das apostilas) continuavam a oferecer segura retaguarda para muitas editoras e uma renda razoável para seus autores bem-sucedidos. A série de matemática de Osvaldo Sangiorgi, por exemplo, iniciada em 1953 e destinada às quatro séries das antigas escolas secundárias, chegou a vender trezentos mil exemplares em um ano, em meados da década de 1950, quando as tiragens de seus principais concorrentes estavam por volta de oitenta mil exemplares (HALLEWELL, 2012, p. 584).

As obras de matemática de Isidoro Dumont sempre à disposição dos maristas, pareciam não atraí-los após a morte de seu autor. Epifânio Maria, nome de referência na Coleção F.T.D. não apareceu nas comissões organizadas por João de Deus e talvez o motivo dessa omissão a esse trabalho fosse sua doença que no final da década de 1950 o afligirá, ao ponto de nem conseguia andar normalmente, pois somente “arrastava-se”⁹⁸.

Antes da conclusão de seu mandato como provincial em 1958, João de Deus, que também foi autor de obras religiosas, teve como última e principal prática editorial o contrato realizado com a Editora do Brasil em 20 de abril de 1956⁹⁹, que não agradou a todos os maristas e causou conflitos. Daquele momento em diante, há novos rumos editoriais tomados pelos

⁹⁶ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Coleção F.T.D. **Voz Marista**, São Paulo, n.1, p.1- 48, fev.1956. p.42.

⁹⁷ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Coleção F.T.D. **Voz Marista**, São Paulo, n.1, p.1-48, fev.1956. p.44.

⁹⁸ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Irmão Epifânio Maria: o testemunho de um irmão enfermeiro. **Vínculo Marista**, Rio de Janeiro, v.9, n. 83, p.112-174, jul./ago.1967. p.167.

⁹⁹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. A celebração do convênio UBEE – Editora do Brasil S.A. **Voz Marista**, São Paulo, n.6, p.186-219, jul.1956. p.211.

editores maristas, que podem haver novas pesquisas. João de Deus faleceu em Mendes no Rio de Janeiro em 29 de novembro de 1975 (FERRARINI, 1984, p. 229).

CAPÍTULO 3

O APOIO DE INTELLECTUAIS AO PROJETO EDITORIAL F.T.D.

Este capítulo analisa as articulações sociais estabelecidas entre os maristas e uma determinada intelectualidade entre a década de 1920 e 1950, a qual ofereceu orientações às obras didáticas da Coleção F.T.D., divulgando-as e defendendo-as nos espaços em que circulavam. Analisa que, para adequar as obras de Língua Portuguesa da Coleção F.T.D. às normas ortografias os editores recorreram a esses intelectuais, em especial àqueles que possuíam credibilidade com relação aos debates em torno das normas da Língua Portuguesa.

Esse grupo de intelectuais constituía-se de sujeitos que estavam vinculados a Academias de Letras, Círculos de Intelectuais, da imprensa, do Colégio Pedro II, além de alguns manterem proximidade com membros do poder estatal constituído. Ao considerar suas posições e pertencimentos sociais em relação ao projeto editorial marista os categorizamos em dois grupos.

Um grupo era formado por sujeitos que os maristas buscaram contato e, devido a suas posições de destaque na sociedade fosse como escritores, profissionais liberais, integrantes de agremiações de prestígio, participantes de movimentos educacionais, despertaram interesse no intuito de apoiá-los nas questões editoriais e não foram alunos em colégios da instituição. Outro grupo era constituído de ex-alunos, filhos da elite intelectual, econômica e política que continuaram as relações com os maristas correspondendo a interesses mútuos.

Esses intelectuais no interstício da década 1920 até a década de 1950, mantiveram correspondências com os maristas com destaque ao irmão Epifânio Maria, ou Mario Bachelet, um dos autores da área de língua portuguesa dos livros da Coleção F.T.D.¹⁰⁰. Essas correspondências foram transcritas nas fontes, com destaque para o *Bulletin des Études* e *Voz Marista*, e nesta seção foram analisadas na perspectiva compreensão das articulações sociais, do esforço da adequação dos livros didáticos de língua portuguesa às diversas mudanças com relação os embates da normatização que ocorreram no Brasil.

Ambos os grupos de intelectuais correspondentes dos maristas, tiveram em comum em certa medida a defesa da educação católica cristã apregoada pelos colégios maristas e também da coleção de livros didáticos da F.T.D. Nem sempre esses intelectuais circularam em espaços comuns, ou defenderam as mesmas causas, sendo que alguns estiveram envolvidos em embates

¹⁰⁰ Para conhecer uma investigação da história do ensino de língua portuguesa a partir da análise da obra *Novo Manual de Língua Portuguesa* da Coleção F.T.D., consultar Farias (2010).

educacionais no interstício da década de 1920 a 1940, como o Manifesto dos Pioneiros da Educação.

Do primeiro grupo fizeram parte em especial Antenor Nascentes e Afrânio Peixoto. Esses intelectuais em medidas variadas elaboraram prefácios, comentários, apreciações e divulgações das obras de língua portuguesa da Coleção F.T.D. nos diversos espaços em que eles circulavam. Também ofertaram orientação na produção das obras especialmente na questão da ortografia e das normas da língua portuguesa de modo geral.

Em proporção menor há correspondências com Jonathas Serrano, José de Oiticica, Arthur Motta, Bertoldo Ritter Klinger e Carlos Alberto Nunes que demonstraram simpatia pelo projeto editorial. A reciprocidade é percebida quando verifica-se a inserção de textos desses intelectuais em obras didáticas de língua portuguesa da Coleção F.T.D.

O segundo grupo foi de ex-alunos maristas que tiveram destaque especialmente no campo da literatura. Entre eles os irmãos Carlos Morais de Andrade e Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, sendo esses dois últimos protagonistas da Semana de 22 no Brasil; João Leda, Alexandre Correia, Paulo Setúbal e José de Sá Nunes. Esses intelectuais, com uma formação cristã ofertada nos colégios maristas, desenvolveram uma concepção de pertencimento à instituição proveniente dos pressupostos apreçados no *Guide des Écoles*, concepção essa expressa não apenas em algumas das correspondências e diálogos com os maristas, mas também em prefácios e textos que escreveram em suas obras com alusão aos maristas.

O *Guide des Écoles* foi elaborado com escopo de orientação metodológica para formação do cidadão católico com a máxima de “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos”¹⁰¹. Serviu como um manual aos professores maristas e teve sua primeira edição na França em 1853. Foi usado até 1961, ano do Concílio Vaticano II, quando há mudanças nos rumos da Igreja e consequentemente dos projetos educacionais e editoriais dos maristas (ASSIS, 2013).

Com intuito de melhor visualização dos intelectuais que mantiveram correspondências com os maristas e seus vínculos com instituições e movimentos construímos um organograma ilustrativo utilizando-nos do programa Microsoft Power Point, sistema operacional do Windows. Essa ilustração, trata-se do elenco de alguns traços dessas trajetórias marcados por uma circularidade heterogênea, pois alguns desses intelectuais circulam às vezes num mesmo espaço que outros, outras vezes não.

¹⁰¹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Programme d'études religieuses. *Bulletin des Études*, São Paulo, v. 1, n.1, p.1-4, mar.1912. p.1.

IMAGEM 8: Articulações sociais entre os intelectuais e os maristas

Fonte: AUTOR, 2021.

Ao analisarmos o pertencimento desses intelectuais ligado ao projeto editorial é possível compreender essa prática dos maristas como um modo de buscar estratégias para uma posição no campo editorial, percebendo que essa trajetória não ocorreu de forma linear. Essa configuração foi tomando forma à medida que o projeto editorial foi sendo desenvolvido e construído por meio das práticas dos autores e editores.

Uma das ações para que ocorressem essas articulações sociais foram desenvolvidas à medida que os maristas autores e editores, semelhante à de outros da época, enviavam exemplares aos jornais ou revistas utilizando-se de intelectuais com quem correspondiam-se (BITTENCOURT, 1993). Esses por sua vez, publicavam nesses órgãos, elogios e comentários que eram incorporados às edições sequenciais dos livros, ou ainda elaboravam críticas.

Em certas publicações há inclusive a exposição do intelectual sobre sua filiação aos maristas. Na década de 1940, José de Sá Nunes, um dos intelectuais correspondentes, além de comentários da obra da F.T.D. fazendo alusão ao seu conteúdo relacionado à língua portuguesa, menciona que iria publicar artigo sobre o assunto no *Correio da Manhã*.

Gosto que me corrijam qualquer erro, meu prezado mestre, mas muito me indigno com certos sabichões que se arvoram em advogados da linguagem lídima sem saber o que estão fazendo e metendo os pés pelas mãos. Aprendi no Ginásio de Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, com os irmãos maristas, que me ensinaram isto: “Nas sentenças negativas, havendo menção de tempo, a tendência é para empregar

mais em lugar de agora, já; v.g.: agora não quero= já não quero = não quero mais; agora não é usado = não é mais usado” (Língua Portuguesa, curso superior, p.405). Com o autor dessa lição se indispôs um dos professores de português que pupulam por aí, e quis demonstrar-me que não é vernáculo o emprego de mais por já ou agora. Se o meu caro mestre se dignasse de publicar algo sobre o assunto no Correio da Manhã, não sei de que modo lhe pudera eu agradecer (...) Ante esses fatos, bem vê o estudioso consultante que aos irmãos maristas, e não ao censurador deles, assiste toda razão, e eu louvo e aplaudo a maneira de ensinar daqueles paladinos da instrução e da educação no Brasil (NUNES, 1942, p.26).

Excertos da publicação desse intelectual foram expostos no *Boletim dos Estudos*. Essa defesa das obras e da abordagem das obras didáticas maristas, evidencia também parte dos embates relacionados ao ensino da língua portuguesa e aponta para certas aproximações e distanciamentos entre os intelectuais que seguiam posturas divergentes em torno da língua.

Há intelectuais no interstício da pesquisa que foram correspondentes maristas que foram colaboradores da *Revista do Brasil*, a qual acolhia sujeitos que desfrutavam de prestígios na sociedade e que destacaram-se pelo quantitativo de publicações entre eles: Mário de Andrade (13), Arthur Motta (25), Paulo Setúbal (4), José de Oiticica (4), além dos nomes de Afrânio Peixoto e Guilherme Almeida (DE LUCA, 1999, p. 54).

Alguns escritores correspondentes maristas tiveram textos publicados nas obras F.T.D. ainda que não fossem autores maristas. O livro com a logomarca F.T.D. e com o selo da Francisco Alves e Paulo de Azevedo, com credibilidade no campo editorial contribuiu para uma exposição pessoal desses intelectuais.

Em textos de obras de língua portuguesa da coleção F.T.D. evidenciam e fortalecem a prerrogativa da participação de alguns desses intelectuais nos textos dos livros. Assim, de um lado, os maristas ofereciam espaço nas obras para textos dos intelectuais e de outro, esses intelectuais mostravam-se receptivos e simpáticos a essas obras e se manifestavam dando-lhes apoio.

Na obra *Livro de Leitura* da década de 1950 da Coleção F.T.D., conforme imagem 9, houve a inserção de 51 de trechos de 41 autores. Entre essas havia uma produção do irmão Manoel André e estavam trechos das obras de Paulo Setúbal e Guilherme de Almeida, correspondentes maristas; além dos intelectuais católicos Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima.

IMAGEM 9: Autores dos textos da obra Livro de Leitura da Coleção F.T.D.¹⁰².

TRECHOS	Autores	Pág.
Os Dois Meninos	Coelho Neto	7
Visão Consoladora	Félix Pacheco	9
A Formiga Boa	Monteiro Lobato	10
A Porcelana do Rei	Malba Tahan	11
Nossa Terra	Olavo Bilac	16
Menino da Rua	Marcondes Verçosa	20
Minha Mãe, Deus lhe Pague!	Paulo Setúbal	22
O Brilhante e o Seixo	Gustavo Barroso	25
A Onça e o Macaco	Teobaldo Miranda Santos	29
Carta a Regina	Jackson de Figueiredo	31
O Balle na Flor	Castro Alves	32
Entre Ruínas	José de Alencar	35
Mãe	Vicente Guimarães	39
Jesus	José do Patrocínio	41
Carta	(desconhecido)	46
O Corneteiro de Copacabana	Humberto de Campos	51
Mãe	Correia Júnior	54
A Rã e o Boi	Monteiro Lobato	59
A Modinha do Pernilongo	Guilherme de Almeida	62
A Nossa Língua	Júlia Lopes de Almeida	66
O Primeiro Mestre	Humberto de Campos	70
Carta a Machado de Assis	Artur Orlando	73
O Pequeno Maltrapilho	Ir. Manoel André	80
Cajueiro Pequenino	Juvenal Galeno	84
Mangaba	Roquete Pinto	90
Poema	Jorge de Lima	96
O Vagalume	Fagundes Varela	101
Carta a João Ribeiro	Joaquim Nabuco	106
Trem de Ferro	Manoel Bandeira	109
Carta a Veríssimo	Machado de Assis	112
O Bater da Cancela	Alberto de Oliveira	115
O Café	Coelho Neto	117
Gigante de Pedra	Gonçalves Dias	121
Minha Terra e Linda	Plínio Salgado	125
Antilona	Alphonsus de Guimaraens	128
P. Antônio Vieira	João Francisco Lisboa	132
O Coelho e o Jaboti	Teobaldo Miranda Santos	135
As Estrelas	João Júlio dos Santos	138
Iracema	José de Alencar	141
As Côres da Bandeira	Vicente Guimarães	144
Mela Nolte	Olavo Bilac	147
A Fazenda	Bernardo Guimarães	150
Alexandre de Macedônia	Rui Barbosa	153
A Dança do Pingo d'água	Cassiano Ricardo	156
O Leão e o Ratinho	Monteiro Lobato	159
Doas Vítimas	Joaquim Manoel de Macedo	162
Ismália	Castro Alves	164
Adeus a Jackson	Alceu Amoroso Lima	166
Luz e Música	Milton Costa	169
A Estrela do Cego	Coelho Neto	171
Encerramento do Ano Escolar	Brasílio Machado	173
	A. M. D. G.	177

Fonte: COLEÇÃO F.T.D. 1954

A imagem 9 corrobora para compreensão de que as obras didáticas F.T.D. ao oferecerem espaço a esses intelectuais os divulgava, fossem seus nomes ou suas produções, além disso possibilitava perceber que nelas estavam outros intelectuais que mesmo sem correspondências com os autores e editores da coleção possuíam papel de destaque social na literatura e estar impresso numa obra didática ao lado desses sujeitos poderia significar prestígio. Portanto, em certa medida seria vantajoso corresponder-se com eles e os prestar apoio, a recíproca é verdadeira quando das relações sociais.

Em correspondência enviada pelo intelectual Arthur Motta, no dia 1º de novembro de 1930, agradecendo o envio de obras, com dedicatórias do autor Mário Bachelet, corrobora para

¹⁰² Autores listados: Coelho Neto, Félix Pacheco, Monteiro Lobato, Malba Tahan, Olavo Bilac, Marcondes Verçosa, Paulo Setúbal, Gustavo Barroso, Teobaldo Miranda Santos, Jackson Figueiredo, Castro Alves, José de Alencar, Vicente Guimarães, José do Patrocínio, Desconhecido, Humberto de Campos, Correia Júnior, Guilherme de Almeida, Júlia Lopes de Almeida, Artur Orlando, Ir. Manoel André, Juvenal Galeno, Roquete Pinto, Jorge de Lima, Fagundes Varela, Joaquim Nabuco, Manoel Bandeira, Machado de Assis, Alberto de Oliveira, Gonçalves Dias, Plínio Salgado, Alphonsus de Guimaraens, João Francisco Lisboa, João Júlio dos Santos, Bernardo Guimarães, Rui Barbosa, Cassiano Ricardo, Joaquim Manoel de Macedo, Alceu Amoroso Lima, Milton Costa e Brasílio Machado.

a assertiva da prática de inserção de textos desses intelectuais em seus livros, qual seja *Noções Gerais de Literatura e Literatura Brasileira*.

Venho penitenciar-me de uma falta commettida, há alguns meses, e expandir o meu prazer causado por suas reiteradas gentilezas. Não me preocupa a remissão do pecado, porque tenho a certeza da sua indulgência e sinto a falta atenuada, por lhe haver dirigido um agradecimento verbal. Refiro-me a oferta que o amigo me fez, de um exemplar das “Noções de Literatura”, com uma captivante e gentil dedicatória. Hoje fui surpreendido com outra gentileza sua, ao receber do estafeta o exemplar da “Literatura Brasileira”, com dedicatória não menos expressiva do que a primeira (...) Os seus livros vêm prestar a mocidade um relevante auxílio pelo modo como foram concebidos, a maneira dos de Roustan, Doumic, Vial e outros, em França. Excitam no coração dos jovens a ânsia da erudição, pela documentação abundante que ambos encerram (...) Subordinados ao didatismo – o primeiro objetivo do autor e a sua quase exclusiva preocupação- elles preenchem satifatoriamente e o seu desideratum, porque a exposição do professor nelles encontrará a synthese indispensável a orientação dos alunos (...) Ainda não li seu último livro, mas o manuseio já me foi suficiente para lhe aquilatar o préstimo. Além disso, a leitura de alguns trechos, ao acaso, coadjuvou-me a formar juízo do método que presidiu na exposição (...) Manifesto-lhe o agrado que me causou, de ver os meus trabalhos citados em algumas passagens.¹⁰³

Nessa perspectiva denota-se evidencias desses vínculos sociais que foram alimentados pela oferta das obras F.T.D. aos intelectuais com dedicatória. Ao mesmo tempo, esses a elogiam. Alguns desses intelectuais eram integrantes da ABL, Centro Dom Vital, outros da ABRAFIL, e ainda havia os que integravam Comissões do Ministério da Educação ou exerciam o magistério no Colégio Pedro II e cargos políticos chave.

Essas agremiações e instituições culturais possuíam credibilidade como portadores da cultura. A ABL, por exemplo, constituiu pelos nomes de seus acadêmicos a autoridade nas prescrições e orientações com relação as normas de ortografia da língua portuguesa no momento dos embates em torno de uma unificação linguística. Destarte, os intelectuais que também eram vinculados a ABRAFIL, tiveram um papel relevante por seus conhecimentos e pesquisas na área da filologia.

O Colégio Pedro II¹⁰⁴ constituía uma referência com relação aos seus programas e ter orientações pontuais para elaboração de obras de acordo com esses conferia credibilidade, seria mais um aspecto relevante nas obras. Acrescente-se a esse aspecto que, receber diretivas de intelectuais que lá estivessem lotados garantia assertividade na composição dos livros.

¹⁰³ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. *Appréciations bienveillantes*: correspondência de Arthur Motta. *Bulletin des Études*, São Paulo, v. 20, n.192, p.1-4, mar.1931. p.1.

¹⁰⁴ Um artigo que analisou as fases pelas quais passou a disciplina de português no ensino secundário no Brasil, do século XIX até a década de 1940, foi elaborado por Razzini (2010).

Antenor Nascentes, um dos intelectuais correspondentes dos maristas, em uma missiva demonstra um tom de privilégio ofertado aos autores da F.T.D., pois antes da publicação oficial do documento os irmãos teriam acesso.

Rio de Janeiro, 22 de março de 1929. Prezado Irmão. Ontem, 21 aprovamos o programa de português do 5º ano; hoje, 22, apresso-me em copiá-lo e mandar-lhe porque não sei quando será publicado em Diário Oficial. O irmão é uma das primeiras pessoas fora do Rio em ter conhecimento do programa. Respondo assim, conforme lhe prometi, a prezada carta de 2 de fevereiro último. Já está tudo pronto, revisto e paginado o volume IV d'O idioma Nacional. Está quase todo revisto o livro que fiz para o 5º ano: Noções de Estilística e de literatura. Para a semana ficarão prontos quanto a cartanagem e imediatamente os enviarei ao caro amigo. Procurei ser leve em ambos, fugindo a erudição pesada, escrevendo em linguagem fácil e acessível. Terei conseguido? O programa do 5º ano servirá este ano. No ano seguinte as noções de literatura ficam incorporadas a está cadeira do 6º ano para os atuais alunos do 4º ano o exame final. Recebeu o regimento? Sempre seu amigo dedicado, Antenor Nascentes.¹⁰⁵

O excerto acima refere-se às orientações com relação aos programas do Colégio Pedro II em 1929, mas constata-se que essa prática de buscar intelectuais para adequação das obras aos ditames do Colégio Pedro II ou das avaliações governamentais das décadas seguintes, continuaram.

Após ser sancionada o 1º Decreto sobre o livro sob nº 1.006, em 1938, Getúlio Vargas, constituiu uma comissão a qual faria avaliações nas obras didáticas e as aprovariam conforme as prescrições dos avaliadores escolhidos pelo governo. Os editores preocupados com a aprovação das obras, buscaram adequá-la as tais prescrições, ao mesmo tempo que verifica-se aproximação dos maristas com esses, pois alguns eram católicos como Leonel Franca.

De um lado, aos maristas terem vínculos com esses avaliadores teve seu significado, quando nota-se obras F.T.D. aprovadas à época, com apreciações positivas dos avaliadores. Por outro lado, mesmo que alguns intelectuais não constituíssem tais comissões, estiveram próximos ao governo e estavam em sintonia com questões editoriais ou educacionais.

Destarte, verifica-se que alguns sujeitos que tiveram correspondência com o editor e os autores maristas mesmo não participando de comissões para aprovação das obras didáticas, ao estarem sintonizados com debates dos conteúdos dos livros e dos programas de ensino contribuíram para que as obras fossem adequadas aos critérios estabelecidos pela CNLD na década de 1940, sancionadas pelo Decreto nº 1.006 de 1938.

¹⁰⁵ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Literatura: correspondência de Antenor Nascentes. *Bulletin des Études*, São Paulo, v. 18, n.179, p.1-4, out.1929. p.2.

Embora nem todas as obras da Coleção F.T.D. tiveram credibilidade e aceitação diante das avaliações da Comissão constituída pelo governo de Getúlio Vargas ou tivessem destaque no campo editorial, a obra *Novo Manual de Língua Portuguesa* de Bachelet constata-se relevante.

Os motivos do destaque do *Novo Manual de Língua Portuguesa*, integrante da Coleção da F.T.D., podem ser categorizados em dois argumentos: primeiro ser considerada a “primeira coleção graduada, no século XX, no Brasil” de uma forma global, dentro dos aspectos de gramática, leitura, produção de textos e literatura e segundo, ter o fato da longa duração de sua circulação, além da mudança “didático-editorial” a qual passou depois dos anos 1940, os quais são indício da aceitação dessas no campo educacional (FARIAS, 2010, p. 25).

Acrescenta-se a esses títulos com relevância na área de língua portuguesa: *Gramática Histórica*, *Os Lusíadas*, *Noções Gerais de Literatura*, *Literatura Brasileira*, *Curso Superior de Português*, *Novo Manual de Língua Portuguesa* de autoria de Bachelet¹⁰⁶, os quais obtiveram devolutiva de intelectuais, por meio das correspondências, prefácios ou comentários (ALVES, 1933).

Em boa medida esse projeto editorial marista estava atrelado aos projetos educacionais em consonância com os princípios da educação católica cristã, considerando o contexto social, político e religioso, pois alguns intelectuais que participaram ou circulavam em postos-chave da política eram católicos e mesmo não mantendo correspondência com os editores, compunham a CNLD na década de 1940¹⁰⁷, a qual emitia pareceres com relação às obras.

Um desses pareceres corrobora para a percepção do peso da chancela da Igreja, bem como de intelectuais para justificar a aprovação ou não da obra. A avaliação do livro de Bachelet *Novo Manual de Língua Portuguesa Luso-Brasileira* com endosso de José de Sá Nunes, correspondente do autor, confirma essa assertiva.

O livro contém 640 páginas ao todo. Divide-se em três partes a primeira (até a página 78) versa sobre elementos da linguagem, a segunda (até a página 468) abrangendo, portanto a maior parte do volume, sobre fatos da linguagem (lexilogia e syntaxologia), a terceira, sobre a arte da linguagem (literatura). Logo após a página de rosto, vem o

¹⁰⁶ Mario Bachelet, nome religioso passou a ser Epifânio Maria. Nasceu na França em 24 de novembro de 1884. Chegou ao Brasil com 18 anos em 17 de outubro de 1902. Trabalhou por 56 anos no Colégio Nossa Senhora do Carmo em São Paulo - SP, onde foi professor de diversos intelectuais com os quais manteve contato e o apoiaram o projeto editorial da F.T.D. sobretudo com relação a suas obras. Foi autor da maioria dos livros didáticos de Português: Gramática, História da Literatura Brasileira, Portuguesa e Universal. É de sua lavra também um estudo, com notas explicativas, do clássico português *Lusíadas* de Camões. Depois do falecimento do irmão Isidoro Dumont, ficou à testa da administração da F.T.D. ainda sob o controle legal de Paulo de Azevedo, então responsável pela Livraria Francisco Alves. Em 1958 recolheu-se em Mendes, estado do Rio de Janeiro, onde permaneceu no controle da F.T.D. Faleceu em 13 de abril de 1967.

¹⁰⁷ Para maiores detalhes sobre a CNLD, consultar Ferreira (2008).

“imprimatur”, do vigário geral do Arcebispado de São Paulo, e a declaração de que a Coleção Pedagógica de Livros Didáticos por uma reunião de professores F.T.D. obedece as seguintes normas: a) respeitar sempre a moral mais rigorosa pelo culto a Deus e à família, b) suavizar o ensino pelo emprego dos melhores meios, c) torna-lo prático quanto possível pela multiplicidade dos exercícios de aplicação, d) adaptar-se, no que diz respeito aos programas, a todas as exigências das Escolas Superiores. No verso da capa vem um apelo, redigido em linguagem encomiástica do eminente filólogo José de Sá Nunes, para que “se ouvisse no Brasil inteiro e em todo o Portugal, para gritar a todas as gerações que surgem: Não desprezeis as obras F.T.D., elas vos ensinam, a par da ciência necessária para vencerdes na vida, os meios mais adequados para chegardes à região da eterna felicidade” (...) A obra representa grande esforço de pesquisa, compilação e também bastante contribuição pessoal e versa desenvolvida e minuciosamente toda a matéria de que se ocupa. A linguagem é boa e a revisão cuidadosa. Parece que merece aprovação da CNLD. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1945.¹⁰⁸

O projeto editorial dos maristas buscou atender a elaboração de materiais didáticos adequados aos modelos e reformas que iam acontecendo durante a República. A correspondência com intelectuais que elaboravam essas propostas ou estavam próximos àqueles que a elaboraram ou participavam dos debates em boa medida significou uma possibilidade de aprovação das obras diante dos ditames governamentais.

Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo, do Centro Dom Vital foram significativos neste contexto. Eles eram os mais importantes representantes de uma reação católica da década de 20. As publicações desses intelectuais ampararam os maristas para que estivessem em sintonia tanto com o projeto de defesa da fé católica como com o apoio deles a seu projeto editorial (MICELI, 2001).

Além dessas figuras emblemáticas, José de Sá Nunes, ligado ao CEB teve papel singular na defesa dos interesses da Igreja Católica, Maria Junqueira Schmidt que circulou entre a intelectualidade católica e laica e defendeu os interesses da Igreja nos cargos que ocupou junto ao Estado, como na CNLD. A trajetória dessa intelectual teve na imprensa periódica a possibilidade de inserir-se em uma rede articulada em torno de um projeto de nação, do qual os maristas também faziam parte (ORLANDO, 2017).

Nesse interim, os capitais culturais dos maristas foram significativos no país, pois com o processo de “ampliação e diferenciação das burocracias pública e privada” no início da República proporcionou o aumento da procura pela educação secundária. Os latifundiários almejavam oferecer a seus filhos formação para que pudessem desempenhar atividades públicas, políticas, na perspectiva de ampliar o prestígio familiar e os colégios católicos atenderam esses anseios (CUNHA, 2000, p. 157).

¹⁰⁸ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Novo Manual de Língua Portuguesa Luso Brasileira: parecer da Comissão. **Voz Marista**, São Paulo, n.35, p.1-6, ago.1948. p.4.

Os editores maristas buscavam o fortalecimento de seus projetos “alimentados” em parte pelas ideias apregoadas por intelectuais católicos, pois os sintonizava com a caminhada da Igreja Católica no Brasil, bem como inteirava os autores acerca dos embates que estavam ocorrendo entre Igreja e Estado. Isidoro Dumont, ao publicar no *Bulletin des Études* um texto de Alceu Amoroso Lima publicado na *Revista Ordem*, rebatendo a posição de Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, aos quais chama de amigos, faz duras críticas no modo como entendem o ensino religioso.

A publicação do texto abaixo, evidencia o acirramento dos embates entre os intelectuais católicos e os liberais, após a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação em 1932. Embora houvesse uma sintonia na crença no poder da Educação para mudança e desenvolvimento social havia conflitos decorrentes de posições antagônicas. A origem do Manifesto de 1932 encontra-se na ABE e nas reformas estaduais dos anos de 1920. Na IV Conferência da ABE, que antecedeu o manifesto, marca um dos momentos de conflitos.

Sucessivos oradores defendiam posições a favor e contra a laicidade da escola pública, evidenciando a impossibilidade de os educadores atenderem de fato ao apelo aparente do ministro. A conferência terminou, assim, num impasse, com a expectativa de retomada das discussões na conferência seguinte (CUNHA, 1981, p. 15).

Após a publicação do Manifesto dos Pioneiros os documentos maristas imediatamente teceram comentários criticando a posição do Manifesto sobre a questão do ensino religioso, uma das bandeiras dos católicos e que interessava sobremaneira aos irmãos que além da oferta de ensino elaborariam obras dessa área. Trata-se da transcrição de um texto de Alceu Amoroso Lima.

(...) Há pouco referia-nos um amigo uma conversa extremamente expressiva que tivera com dois luminares de nosso pedantismo pedagogismo, os senhores Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Ocupando ambos cargos de maior responsabilidade nos destinos de nosso ensino público, como diretores, respectivamente da instrução pública, em São Paulo e no Rio, pergunto-lhes esse nosso amigo em que qualidade se julgam investidos dos poderes que desfrutam. Respondeu-lhe sem hesitar o senhor Fernando de Azevedo que não se considerava de modo algum como mandatário e sim como técnico. Não tinha que submeter-se nas suas funções de diretor da instrução e sim exerce-las segundo as exigências da técnica pedagógica moderna. Nada mais. E o seu companheiro e amigo, não só apoiou integralmente a posição do senhor Fernando de Azevedo, mas ainda explicitou uma de suas consequências lógicas, dizendo que julgava tecnicamente perniciosa a instrução religiosa a infância e nessas condições estava no dever de não a aplicar. Esse episódio, rigorosamente autêntico, revela com bastante eloquência não só o mal que estamos atacados, pela inclinação que a pedagogia burguesa vai sofrendo (...) mais ainda as graves consequências práticas. E quanto ao ensino religioso, depois de repetir os lugares comuns mil vezes rebatidos de que não havendo unidade religiosa no povo não deve haver ensino religioso nas escolas públicas. Parece incrível que se ouça isso da boca de um diretor

de instrução pública (...) efeito do modernismo pedagógico na mente dos nossos improvisados administradores.¹⁰⁹

Enquanto o Centro Dom Vital, que acolheu Alceu Amoroso Lima, Jackson Figueiredo, entre outros foi um espaço de divulgação do pensamento católico, havia outros espaços de reunião de intelectuais com um escopo diferenciado, como por exemplo, o IHGB que, ao agregar membros católicos com outras vinculações acabava por ser influenciado por tais ideais. Essa perspectiva corrobora para compreensão de elementos que caracterizam a formação de uma rede de intelectuais com objetivos que se cruzavam, se moldavam e se fortaleciam.

Um projeto editorial que atendesse cada vez mais os ideais da Igreja Católica atraiu intelectuais que ao perceberem as possibilidades dos elos da rede formada e suas vantagens mostraram-se como apoiadores e defensores. Os maristas, em consonância com a Igreja, buscavam criar e disponibilizar espaços em encontros, congressos ou cursos, para que seus projetos tivessem visibilidade ou fossem apoiados especialmente por intelectuais com posição chave na política ou na própria Igreja.

Tristão de Athaíde foi um dos intelectuais que, ao participar do 1º Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Salvador, fez uma palestra no Colégio Marista Nossa Senhora das Vitórias na Bahia, em setembro de 1933. Mostrou-se gratificado pelo trabalho dos irmãos e não poupou elogios a eles. Além da cessão do espaço marista para esse importante evento, percebe-se o apoio mútuo entre esse intelectual católico e os maristas.

Às 11h00, o colégio teve a honra de receber Tristão de Athaíde, sociólogo, profundo pensador, grande escritor e líder da ação católica no Brasil. Estava acompanhado do Dr. Andrade Furtado, diretor da Revista Católica “Nordeste” do Ceará, Luíz Sucupira, ex-aluno do Colégio Cearense, primeiro deputado na Assembleia Constituinte do Brasil e fundador do jornal católico “O Estado” de Pernambuco, e José Maria de Moraes.¹¹⁰

Ao mesmo tempo que Isidoro Dumont e outros maristas inseriam alguns textos e comentários de Tristão de Athaíde no *Bulletin des Études*, esse intelectual católico deixou clara a esperança e a confiança nos projetos educativos dos maristas em que os livros didáticos teriam papel na formação dos sujeitos com uma visão cristã.

¹⁰⁹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Pedantismo pedagógico. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.22, n.217, p.1-4, ago.1933. p. 2.

¹¹⁰ À 11 heures, le collège avait l'honneur de recevoir Tristão de Athaíde, sociologue, profond penseur, grand écrivain et leader de l'action catholique au Brésil. Il était accompagné du Dr. Andrade Furtado, directeur du Journal Catholique “Nordeste” du Ceará, Luíz Sucupira, ancien élève du Collège Cearense, premier député à l'Assemblée Constituante du Brésil et fondateur du journal Catholique “O Estado” de Pernambuco, et José Maria de Moraes (PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Premier congrès eucharistique national. **Bulletin des Études**, São Paulo, v. 23, n.222, p.1-4, mar.1934. p.1.

Outra impressão muito agradável que recebi foi a da visita que fiz aos maristas, em seu Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Fui recebido por uma adolescência entusiasta e numerosa, em cujos olhos me pareceu brilhar uma luz de decisão e de fé que apenas bruscaleia nos olhos de seus irmãos mais velhos. Muito há que esperar desses jovens que agora estão saindo dos colégios, e sobre eles é necessário agir.¹¹¹

Alguns dos intelectuais que defendiam um ideal de educação voltado ao desenvolvimento do Brasil foram participantes da ABE, signatários do Manifesto dos Pioneiros e/ou eram católicos e ainda elaboram obras didáticas inseridas em editoras que a seu turno buscavam ou manter sua posição, ou angariar novos espaços no jogo editorial.

A *Biblioteca Pedagógica Brasileira* criada pela Companhia Editora Nacional de responsabilidade de Fernando de Azevedo é um exemplo. Na contracapa do Catálogos de Livros Escolares da década de 1930, há registro ressaltando a importância das obras editadas nessas coleções. O discurso era de que:

Escola e editora poderiam estabelecer relações que beneficiariam alunos carentes. Ou seja, empenhavam-se em estabelecer a concepção de que enquanto a CEN prestava relevantes serviços aos educadores em geral, publicando obras de qualidade, as escolas alavancavam compromissos sociais mais amplos, adotando para suas classes os melhores livros disponíveis no mercado (PINTO JR., 2010, p.150).

Publicadas pela Companhia Editora Nacional, havia entre as obras dessa *Biblioteca Pedagógica Brasileira* as de Afrânio Peixoto, correspondente, prefaciador dos livros de Língua Portuguesa de Mario Bachelet. De um lado deu a chancela dos livros didáticos da Coleção F.T.D. e de outro fazia parte do jogo no campo editorial. São facetas dos conflitos de interesses, das trajetórias e também dos apoios mútuos em busca de credibilidade.

3.1 Divulgação, defesa e apoio da Coleção de livros F.T.D.

A intelectualidade que manteve correspondência com os maristas ao circularem por diferentes agremiações culturais possibilitava que, por vezes, os textos por eles produzido fazendo alusão à Coleção F.T.D. circulasse nesses espaços, garantindo assim expansão maior de divulgação. O trânsito das produções dessa intelectualidade em prol da F.T.D. proporcionou a divulgação, defesa e o apoio em medidas variadas através de prefácios, publicações em órgãos de imprensa e em seus discursos.

¹¹¹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Do lar católico. *Bulletin des Études*, São Paulo, v. 22, n.220, p.1-4, nov.1933. p.1.

A credibilidade e a legitimidade da intelectualidade a qual correspondeu-se com os maristas foi um fator que favoreceu o projeto editorial ir adquirindo espaços cada vez mais ampliados no Brasil, proporcionado à Coleção de Livros Didáticos F.T.D. um catálogo amplo e com capacidade de enfrentamento, mesmo com adversidades, dos conflitos por posição no campo de livros didáticos.

Quando José de Sá Nunes assumiu aulas no Ginásio Paranaense em Curitiba no Paraná, escreveu aos maristas, argumentando que os livros que usava eram da F.T.D. Em 30 de março, de 1928, em carta enviada faz o seguinte comentário:

Aprecio extraordinariamente toda a Coleção F.T.D. Quanto mais ensino por meio desses despretensiosos, mas eruditos livros, tanto mais me arraiga a convicção de que não há, em nossa língua, trabalhos didáticos que os sobrepujem. Ainda agora fiz duas experiências com alguns alunos atrasados e outros adiantados, e obtive o maior completo êxito.¹¹²

Sua posição como professor catedrático, diretor e intelectual com circulação em diversos ambientes acadêmicos favoreceu a defesa e a propaganda contundente dos livros da F.T.D. Recomenda-os em outras instituições, como na Escola Normal. Afirma em correspondência: “já os recomendei às minhas alunas da Escola Normal, que em número de 400, têm alcançado os mais brilhantes resultados”.¹¹³

Com relação à adoção das obras amparadas no método adotado, Benedicto Sampaio, membro da Academia de Letras de Campinas, filólogo e professor do Colégio Progresso na cidade de Campinas em 7 de agosto de 1927 afirmou em correspondência sua utilização no colégio em que trabalhava.

Agradeço-lhe a Gramática Histórica da língua portuguesa em cuja leitura me tenho deliciado. Confesso-lhe que da primeira feita que a tive em mãos, olhando-a por fora no massudo das suas setecentas páginas, a julguei imprestável para os nossos cursos de história da língua que se costumam dar no curto espaço de um ano. Mas, abri o livro, e li-o: é Gramática e é selecta. O suposto defeito transformou-se em virtude.¹¹⁴

Uma nota ao final da transcrição dessa carta de Benedicto Sampaio, constata-se que a *Gramática Histórica* não estava sendo usada nos 1º e 2º anos ginasiais daquele colégio em Campinas e que não foi adotado no 3º ano ginasial. Trata-se de uma disputa com a obra

¹¹² PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Section bibliographie: correspondência de José de Sá Nunes. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.17, n.164, p.1-4, mai.1928, p.1.

¹¹³ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Section bibliographie: correspondência de José de Sá Nunes. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.17, n.164, p.1-4, mai.1928, p.2.

¹¹⁴ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de Benedicto Sampaio. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.16, n.160, p.1-4, nov.1927, p.2.

Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira, publicada em 1907, com grande número de reedições e representatividade no ensino de gramática durante a primeira república (BUNZEN; MEDEIROS, 2016).

O conteúdo da missiva de Benedicto Sampaio foi utilizado como prefácio da obra comentada de *Os Lusíadas*, elaborada pelo Mário Bachelet, datada de setembro de 1927. Na obra há referência que essa foi adquirida por intermédio de Alexandre conforme atesta outra correspondência, provavelmente da família Correia, o que comprova mais um elo nas relações sociais entre os intelectuais católicos no que refere-se aos interesses mútuos (BACHELET, 1927).

Saudações, pelo Alexandre recebi *Os Lusíadas*, outra obra de sua infatigável arrotear da filologia portuguesa. Vou adoptá-lo no Colégio Progresso Campineiro, ou melhor, aconselhar ao catedrático a sua adoção, o que me parece há de ser cousa decidida. No Ginásio, vai ser livro de classe a sua bem metodizada Gramática Histórica. Agradecendo-lhe o livro com que me distinguiu, subscrevo-me seu amigo muito admirador Benedicto Sampaio.¹¹⁵

Carlos Morais de Andrade¹¹⁶, irmão do modernista Mário de Andrade, tomou contato com os livros da Coleção F.T.D. quando estava com 9 anos de idade. Após a conclusão de seus estudos, fez um relato aos maristas comparando o método F.T.D. com outro empregado na escola em que estudava. Menciona ele que “vezes houve em casa, tendo diante de mim os meus livros da *F.T.D.*, com lições a estudar e a escrever, os meus nove tímidos anos não resistiram, e eu chorei; pensando nunca poder levar a cabo tanta cousa” (ESCÔRÇO BIOGRÁFICO DO SEGUNDO PROVINCIAL, 1941, p. 57, grifo nosso).

Os maristas relatam a morte de Renato Morais de Andrade, ocorrida em 22 de junho de 1913, fazendo alusão ao seu pertencimento a Igreja Católica, elogiando-o como aluno e lamentando o ocorrido.

Em 22 de junho, a morte levava um dos melhores alunos do Carmo. Era nova provação para a comunidade. Eis o que lemos no santinho comemorativo desse triste acontecimento. *Pie Jesu, Domine, dona ei réquiem*¹¹⁷. Renato Morais de Andrade nasceu em 6 de fevereiro de 1899 e morreu em 22 de junho de 1913, na paz do Senhor, reconfortado pelos sacramentos da nossa santa mãe Igreja. Tinha apenas 14 anos. Como a flor que desabrocha de manhã e, de tarde, fenece, apenas passou por este vale de lágrimas. Saiu para as moradas eternas, deixando a todos que o conheceram a

¹¹⁵ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de Benedicto Sampaio. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.17, n.161, p.1-4, fev.1928, p.3.

¹¹⁶ Carlos Morais de Andrade era também irmão de Renato Morais Andrade, que faleceu jogando futebol. Ambos estudaram no Colégio Marista Nossa Senhora do Carmo em São Paulo e foram alunos de escritores e editores maristas. Filhos de Carlos Augusto de Andrade e Maria Luísa Andrade, possuíam trunfos sociais e culturais consideráveis (MICELI, 2001).

¹¹⁷ Misericordioso Senhor Jesus, dai-nos o descanso eterno.

imperecível lembrança do filho amoroso, aluno exemplar. Rezem por ele (ADORÁTOR, 2005, p. 430).

As relações cultivadas pelos maristas com os seus alunos e familiares em seus estabelecimentos educacionais, a seu turno foram facilitadores para o fortalecimento dos vínculos posteriormente com esses, após já estarem em posições de destaque.

Embora em sua maioria os escritores modernistas fossem filhos das antigas famílias dirigentes, distinguiram-se entre si não tanto pelo volume de capital econômico ou escolar, mas pela proximidade de suas famílias em relação aos intelectuais e aos políticos da classe dominante. Cumpre destacar que entre eles havia alguns católicos e contribuíram para formação de uma elite intelectual no país, e por isso foram destacados nas fontes, pois do quantitativo de alunos dos colégios maristas, somente parte deles teve destaque.

Alguns deles pertenciam à O.T.C: Carlos Morais de Andrade, Mário de Andrade, Paulo Setúbal, Ismael Dias da Silva, Francisco Alves e João Augusto Siqueira, os quais mantiveram vínculos com os maristas. Tendo interesses mútuos utilizava-se das instituições as quais estavam vinculados para autopromoção fosse pessoal ou de suas próprias obras e ao mesmo tempo, defesa, divulgação e exaltação dos seus pares intelectuais. Essa prática favoreceu um processo de fortalecimento de uma intelectualidade católica no Brasil.

Os primeiros bacharéis do Gymnasio Nossa Senhora do Carmo foram os senhores Alexandre Correia, Florindo Orsini, Gilberto A. de Andrade, Mario Suplicy Scutari, Raul Correia, Guilherme de Almeida e Vicente Ráo. Foi o bacharel Guilherme de Almeida quem obteve o prêmio medalha de ouro, que a Ordem Terceira do Carmo confere anualmente ao aluno do Gymnasio que mais se distingue em instrução religiosa (MONTEIRO, 1978, p. 146).

Os irmãos Almeida (Guilherme, ex-aluno marista, e Tácito), os irmãos Alcântara Machado (Antônio e Brasília) Cândido Motta Filho, que ocupou a cadeira da Academia Paulista de Letras em 1935, pertenciam a famílias que por diversas gerações exerciam e detinham posição de destaque no campo da cultura. Enquanto Mário de Andrade, Paulo Duarte, Cassiano Ricardo eram “primos pobres” cujos pais tiveram de enfrentar uma situação econômica mais modesta e que puderam aproveitar em parte o pouco capital social (MICELI, 2001, p. 105).

No caso de Mário de Andrade, que fez parte da chamada “constelação Capanema”, que teve como chefe de Gabinete Carlos Drummond de Andrade, além de Cândido Portinari, Manuel Bandeira, Heitor Villa-Lobos, Cecília Meireles, Lúcio Costa, Vinícius de Moraes, Afonso Arinos de Melo Franco e Rodrigo Melo Franco de Andrade (BOMENY, 2001, p.22).

Carlos Morais de Andrade¹¹⁸ concluiu seus estudos secundários no Ginásio Nossa Senhora do Carmo e nota-se o tom elogioso e grandiloquente que fora feito a ele, certamente em resposta a uma correspondência na qual Andrade registra suas impressões tanto da educação recebida, como das obras F.T.D. em que estudou quando criança.

Carlos de Moraes Andrade é doutor também. Irmão de Mário, se bem que é diferentíssimo, tanto no gênio como no *physico*, formou-se no mesmíssimo *Gynasio*. Onde reapareceu, feito *paranympho* em 1912, desempenhando as mesmíssimas funções no *Collégio Archidiocesano*.¹¹⁹

No excerto a seguir há considerações de Carlos Morais de Andrade que corrobora para compreensão do ideário educativo cristão marista pautado no *Guide des Écoles* que assegura em um dos seus aspectos a importância dos livros didáticos como parte do método de ensino.

O método de ensino, o mesmo empregado com proveito pela congregação marista, aproveitava todas as energias do educando, sem desperdício de tempo nem de forças. Por isso, os alunos que saíam de escola em que outro método era empregado, ressentiam-se a princípio, do aperto dos estudos.¹²⁰

A prerrogativa de resultados obtidos com os livros corrobora para a compreensão das obras didáticas da F.T.D. enquanto método de ensino eficiente, aspecto esse considerado relevante no projeto editorial.

As relações entre a família Andrade e os maristas são percebidas pela defesa da fé católica e dos interesses dos editores da F.T.D. em estarem sintonizados com o projeto do modernismo. Um ano depois do lançamento da obra *Pauliceia Desvairada*, de Mário de Andrade, os maristas encontram o ex-aluno e estabelecem um diálogo.

Ora! Irmãos, por aqui! Como vão? Revolucionário! Eu? Não senhor, nem futurista. O que eu sou é do meu tempo. Conservador de tudo que é bom e deve ser conservado. E primeiro a nossa fé, a nossa santa religião. Sou da legião de São Pedro, da Congregação de Santa *Iphigenia*, do padre Gastão. A klaxon está indo. Meu último livro, foi um escândalo. Não senhor. Absolutamente. Só perdas, nenhum lucro. Mas é para defender nossas ideias. Que vaia colossal levamos no municipal! Não me importa! Sou a alegria personificada. Derramo-a em todos *ahi* na Congregação. Faço todos rir com minhas graças e pândegas. Um católico que não seja alegre é um absurdo, um contrassenso. Louvado seja Deus, nossa congregação é assim!¹²¹

¹¹⁸ Nasceu em São Paulo no dia 9 de novembro de 1899, tornou-se Bacharel em Direito (CPDOC, 2001).

¹¹⁹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Variété. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.12, n.112, p.1-4, mar.1923, p.2.

¹²⁰ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Variété. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.12, n.112, p.1-4, mar.1923, p.2.

¹²¹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Variété. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.12, n.112, p.1-4, mar.1923, p.2.

Considerado como “atirador da literatura moderna” Mario de Andrade, um dos primeiros alunos do Colégio do Carmo, entrega a obra *Pauliceia desvairada* aos Irmãos com uma dedicatória e enfatiza a educação marista. Essa obra, embora não sendo a primeira do autor, teve importância ímpar no Modernismo, em cujos traços verifica-se a formação católica, parte adquirida com os maristas, quando de sua entrada no Colégio do Carmo aos 12 anos de idade (MICELI, 2004).

Desde a primeira obra de Mário de Andrade *Há uma gota de sangue em cada poema*, publicada em 1917, com o pseudônimo de Mário Sobral, constata-se a sua tendência à questão religiosa que possivelmente deve ter intensificado depois da morte de seu irmão. Nos treze poemas, todos ilustrados com uma gota de sangue, percebem-se suas doutrinas poéticas, políticas e religiosas e sinalizam as “diferentes vertentes ideológicas no jovem poeta e escritor, em cujo imaginário se mesclam o quietismo pacifista, a ingenuidade político-doutrinária, a militância católica e o engajamento patriótico” (MICELI, 2004, p. 198).

Mário de Andrade também tornou-se um congregado mariano. Cumpre destacar também a participação de seu irmão Carlos Morais de Andrade, como membro da O.T.C. Constata-se que a filiação da família Andrade a instituições católicas ao mesmo tempo em que proporcionou visibilidade aos maristas, deu à família Andrade vantagens, uma vez que no contrato entre os maristas e a O.T.C. previa descontos de 50% nas mensalidades dos filhos dos membros dessa Ordem. Entre as cláusulas do contrato que fora renovado na década de 1950 estavam:

Ministrar o ensino do catecismo e religião em todos os cursos; manter o funcionamento de acordo com todos os programas oficiais os 4º e 5º anos primários, todas as séries do curso ginasial e do científico; matricular gratuitamente no mínimo 10% de alunos pobres, que deveriam ser escolhidos de preferência por indicação da Ordem; redução de 50% para os filhos de Irmãos Terceiros (MONTEIRO, 1978, p. 155).

Uma década após a repercussão das manifestações da Semana da Arte Moderna e o Manifesto Pau-Brasil o editor marista veicula nos documentos da instituição excertos de Menotti Del Picchia e Guilherme de Almeida, que junto com outros escritores Plínio Salgado e Cassiano Ricardo compuseram o grupo Verde-Amarelismo (CÂNDIDO, 1965).

O editor, como uma figura chave no processo de gestão do projeto editorial, buscou contato com uma intelectualidade específica, que a seu turno repercutiu nos encaminhamentos e posturas dos maristas.

Através de seus intelectuais, principalmente os modernistas, a capital paulista pretendia alcançar a liderança cultural, reivindicando para si a direção da inteligência brasileira. Filiados a agremiações político-partidárias, articulistas de jornais claramente identificados com essas agremiações, membros da administração pública estadual, impregnados de um forte sentimento de paulistanidade entendida na sua dimensão identificadora, esses intelectuais associariam às tarefas políticas as lutas no campo artístico-literário (PINTO, 2001, p. 439).

Na transcrição do artigo de Del Picchia havia uma apologia a alguns escritores paulistas e trazia a citação de Mário de Andrade e Paulo Setúbal. No caso de Guilherme de Almeida o editor transcreve uma de suas poesias intitulada *Os sonhos e as andorinhas*¹²² o que demonstra a importância desse nos registros da instituição.

A posição de intelectuais como Carlos Morais de Andrade, Guilherme de Almeida e Alexandre Correia enquanto católicos possibilitou que a divulgação e apologia de suas obras e suas filiações culturais além de ser anunciadas em periódicos da Igreja, fossem reproduzidos nos documentos dos maristas, dando assim um aspecto de exaltação e maior visibilidade a esses sujeitos, que em medidas variadas eram convidados a escrever sobre ou nas próprias obras da Coleção F.T.D.

Abaixo, há registro da transcrição de um texto que fora publicado no jornal *Correio Católico* de Uberaba, por ocasião da entrada de Guilherme de Almeida para a ABL. O tom elogioso ao novo acadêmico dessa entidade reforça a importância da representatividade católica e marista em diferentes espaços de intelectuais da sociedade.

Para a vaga aberta com a morte de Amadeu Amaral, Guilherme de Almeida entrou no Syllogeu. Éramos, de muito tempo admiradores deste belo talento e, mesmo na escola moderna nunca descobrimos exageros na arte poética de Guilherme. Seus livros paranazianos (desde Nós até Soror Dolorosa), são encantadores. É a alma de um artista subtil que se extravasa em rimas deliciosas. É o cantor dos sentimentos, o artista predileto da melancolia e do silêncio. E os versos de Guilherme de Almeida fazem um bem imenso a alma nossa, brasileira, lyrica, sentimental e, em geral, muito triste (...) os versos do novo acadêmico, enchem de entusiasmo a poesia da nossa terra. E é por isso que nós achamos magnífica a sua entrada para a Academia. E ficam dois parabéns: um a Academia que vae saborear e gozar agora, daqui d'avante; e outro a

¹²² E como se parecem com os sonhos nossas andorinhas! Nascem occultas, chalam escondidas, com medo do mundo, com os sonhos têm medo da vida...Esvoçam baixo, primeiro vão indo... Revoluteiam mais alto, em seguida: vão subindo... Pairam altíssimas, depois: vão planando... Diluem-se na distância, afinal: vão sumindo...E, nesse alçar constante e crescente, nossa vida ascensional e multiplica, vão como os sonhos arrancando da terra e arrastando para o céu os olhos e o pensamento dos homens... E tudo em que tocam, e tudo por que roçam com a nervosa e arisca magia das suas asas oxydadas os seus fios telegráphicos, desesperadamente paralelos; o beiral patinando de uma velha casa abandonada...tudo maravilhosamente se encanta de poesia, como tudo se poetisa ao toque subtil da asa de um sonho...Ellas fazem a primavera, quando chegam, e deixam a esperança da sua volta, quando partem; como os sonhos que enfeitam, um instante, a mocidade das almas, e vão se embora, promettendo, para velhice, o suave consolo da saudade, a serena carícia das renovadas alegrias...como se parecem com os sonhos nossas andorinhas. PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. O sonho e as andorinhas. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.19, n.190, p. 1-4, nov.1930, p.1.

elle pelo justíssimo logar que seu talento conseguiu e de onde, por mercê de Deus, nós, melhor o olharemos.¹²³

Nem todos os intelectuais que possuem reprodução de textos nos documentos da instituição, o terão nas obras didáticas com destaque às de língua portuguesa. Mesmo não trazendo textos autorais de todos os escritores com que os maristas possuíam relações, uma das práticas é destacar as posições deles nos diversos campos em que circulam ou a posição que ocupavam.

Alguns escritores que compuseram as obras didáticas da F.T.D. são citados nas fontes a partir de um terceiro autor que por vezes possuía vínculos com os maristas. Essa prática editorial presume o editor situado numa posição que reforça a ideia das redes de apoio com a intelectualidade.

O autor Ronald de Carvalho, escritor que nasceu no Rio de Janeiro em 1893, um mês após seu falecimento no ano de 1935 teve um texto em sua homenagem escrito por Alceu Amoroso Lima que foi transcrito pelo editor. No documento há menção das qualidades de Ronald de Carvalho como autor de textos das obras F.T.D. e ênfase sobre referido texto do “amigo em comum” Alceu Amoroso Lima¹²⁴.

Guilherme de Almeida, campineiro que nasceu em 24 de julho de 1890 e faleceu em 1969, estudou no Colégio Marista Nossa Senhora do Carmo e foi o primeiro modernista a entrar para a ABL em 1930. Os elogios, bênçãos e citação de algumas de suas obras ecoaram pelas palavras do editor marista que daquela data em diante circularia em uma instituição com credibilidade no campo intelectual e bastante cara ao projeto editorial F.T.D.¹²⁵

Guilherme e Tácito de Almeida, nascidos respectivamente em 1890 e 1899, na cidade de Campinas (SP), eram o primogênito e o caçula dos quatro filhos do advogado, jurisconsulto e professor da Faculdade de Direito de São Paulo, Estevão de Araújo Almeida. Nesse período, a família teve diversas residências em cidades da região — Campinas, Rio Claro, Araras e Limeira —, conforme as conveniências profissionais do escritório de advocacia paterno. Em 1890, ano de nascimento de Guilherme, seu pai, recém-formado e ainda bastante jovem, com apenas 27 anos, lecionava no ginásio Culto à Ciência e atendia clientes na cidade (MICELI, 2004, p. 187).

A ABL foi uma instituição em que circularam, além de Guilherme de Almeida, outros apoiadores da F.T.D. que mantiveram correspondência com os editores e autores maristas, entre

¹²³ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Revue de la presse: Guilherme de Almeida. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.19, n.184, p.1-4, mai.1930, p.3.

¹²⁴ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Ronald de Carvalho. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.24, n.233, p.1-4, mar.1935, p.3.

¹²⁵ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Revue de la presse: Guilherme de Almeida. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.19, n.184, p.1-4, mai.1930, p.3.

eles Paulo Setúbal e Afrânio Peixoto. Foi uma instituição que teve grande apreço à Francisco Alves, especialmente pela doação que ora fora realizada em 1917.

Paulo de Oliveira Leite Setúbal foi outro importante corresponde marista. Nasceu em Tatuí, em 1º de janeiro de 1893 e faleceu em São Paulo em 4 de maio de 1937, depois de ter sido aluno marista, comenta a influência literária que incorporou, assim como elogia e eleva o nome marista nos espaços que frequentava (SETÚBAL, 1937, p. 91).

Setúbal manteve correspondência com os maristas expressando suas dificuldades em família, demonstrando cordialidade e enaltecendo seus vínculos com a Igreja Católica. Enviou uma correspondência juntamente com um livro de sua autoria.

São José, 4-11-1928. Irmão, mandei-lhe, hoje, os meus livros. Eu devo-lhe, há muito, uma carta, ou antes uma resposta. Queria ir pessoalmente. É uma resposta a propósito de ser eu maçom. Tantas têm sido as atribulações por que tenho passado com doenças em minha casa, que não me foi possível fazê-lo até hoje. Ainda estou em São José dos Campos, donde escrevo. Tenho a lhe dizer apenas isto: o senhor acreditou, seriamente, que eu fosse maçom? Acho que não. A minha vida, o meu desassombro em proclamar a minha fé, a minha franqueza e acreditasse na balela. História de jornal! Nunca fui, não sou, nem serei maçom. Do seu amigo velho Paulo Setúbal.¹²⁶

Assim como outros escritores¹²⁷, Paulo Setúbal teve apoio dos maristas para publicar textos seus em compêndios de língua portuguesa, como na obra *Livro de Leitura* de Bachelet de 1954, especialmente logo após sua posse na ABL em 1934. As boas relações com Paulo Setúbal o fez tão próximo aos maristas a ponto de corresponder-se solicitando orientação para alguns “apuros literários”. No dia 19 de junho de 1935, antecedendo o seu discurso de posse na ABL, ele escreve aos maristas:

Meu excelente irmão, é o Paulo Setúbal, o aluno de sempre, que aqui está a bater à porta do velho mestre e pedir socorro num pequeno apuro literário. Ninharia, cousa de nonada, é bem verdade, mas que aqui neste retiro selvagem, longe de meus livros, não posso deslindar. É isto: conversando hontem com um amigo, bradei: “*il est des hommes qu’on succede, mais qu’on ne remplace pas*”, como disse Ducis, na Academia de França, ao receber Voltaire. O meu amigo, que quer tudo no lugar, preto no branco, retrucou vivamente: Ducis? Você está enganado! Essa frase não é de Ducis (...)! Ora, meu caro irmão eu me lembro de que, aí no ginásio, quando estudava francês, liamos uma Seleta Francesa, que trazia com trechos escolhidos, um pequeno apanhado sobre a vida de cada autor. Tenho ideia de que foi nessa Seleta que li uns versos do tal Ducis (...) e, com os versos, nos dados biográficos, a citação da frase em questão. Que o senhor, por gentileza, verificar o imenso caso e desatar a tremenda dúvida?¹²⁸

¹²⁶ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Câmara dos deputados do estado de São Paulo: Correspondência de Paulo Setúbal. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.18, n.171, p.1-4, mai.1929, p.3.

¹²⁷ Afonso Arinos, Jônatas Serrano, Carlos de Laet, Antônio Felício dos Santos e Carlos Alberto Nunes.

¹²⁸ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Lettre d’Académicien: Correspondência de Paulo Setúbal. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.24, n.239, p.1-4, mai.1935, p.1.

A dúvida de Paulo Setúbal foi sanada pelo autor marista como confirma correspondência recebida posteriormente no dia 27 de junho de 1935, além da citação que ele fez no discurso de posse na Academia. O acadêmico demonstra o apreço pela formação recebida também em uma de suas obras intitulada *Confiteor* afirmando que foi aluno dos “excelentes irmãos maristas” (SETÚBAL, 1937).

Estou em São Paulo, fiz meus exames de admissão, frequento agora o Ginásio de Nossa Senhora do Carmo. Sou aluno dos excelentes irmãos maristas (...) Eu rezava, é certo, como os demais companheiros, a Ave-maria que os bons maristas nos faziam rezar no intervalo das aulas (SETÚBAL, 1937, p. 89).

Quando Paulo Setúbal faleceu em 4 de maio de 1937, um dos editores do *Bulletin des Études* publicou um longo artigo destacando sua trajetória e as belas relações de proximidade com os maristas. O artigo intitulado: *Une belle carrière* demonstra o tom dessa amizade e enfatiza a inteligência desse intelectual e das suas filiações com agremiações entre elas com a O.T.C.¹²⁹

Outro intelectual da ABL, apoiador do projeto editorial F.T.D. foi Afrânio Peixoto, médico, político, professor, crítico, ensaísta, romancista e historiador literário. Nasceu em Lençóis, nas Lavras Diamantinas, Bahia, em 17 de dezembro de 1876 e os pêsames pela sua morte, em janeiro de 1947, também foram registrados nos documentos maristas. Foram os maristas que procuraram Afrânio Peixoto para a tarefa de auxiliá-los na elaboração dos livros, conforme evidencia os editores.

Anos atrás, recebemos a incumbência árdua e espinhosa de publicar um compêndio de literatura brasileira. A obediência é cega. Mais árdua e mais espinhosa fora a tarefa de regar diariamente, de ânimo sério, singelo e conformado, um pau seco plantado na horta. Regou-se. Deitou folhas, flores e frutos. Procuramos apoio humano. Fomos bater à porta caridosa de Afrânio Peixoto conhecido apenas através de alguns artigos seus.¹³⁰

O teor do texto evidencia que os maristas não conheciam Afrânio Peixoto. As relações iniciaram-se após o conhecerem pelas publicações. Depois os vínculos são fortalecidos pela troca de epístolas que além das orientações editoriais oferecidas aos maristas, há envio de obras

¹²⁹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Une belle carrière. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.26, n.256, p.1-4, mai.1937, p.1.

¹³⁰ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Últimos momentos de Afrânio Peixoto. *Voz Marista*, São Paulo, n.22, p.1-6, jun.1947, p.3.

por ele: “pelo correio enviei-lhe alguns livros meus da Academia¹³¹. Os maristas de posse dessas obras além do uso pessoal poderiam contribuir para divulgação.

Ao ser convidado para prefaciар as obras maristas, Afrânio Peixoto cita em sua carta uma das virtudes basilares da Instituição Marista, para justificar o convite, a modéstia. Além da modéstia, a humildade e a simplicidade consistiam no tripé dos princípios espirituais dos maristas.

Um prefácio...Crê que dê consideração a algum livro? Um prefácio é honra, ou consideração, do autor ao seu prefaciador. É isto que o Irmão quer? Recebo a comenda com *modéstia*, mas certo de sua bondade que de meu merecimento. Gostos não se discutem. Creia que muito lhe agradece seu *humilde* amigo e “quasi” correligionário.¹³²

Ao ser admitido na ABL, suas primeiras palavras, denotam o mesmo tom da carta enviada aos maristas. Enfatiza que sua primeira ambição consciente fora ser acadêmico. E que “(...) na infância, as tendências de cada qual nos levam, sem modéstia nem jactância, aos postos mais humildes, como às situações mais culminantes: à frente de um exército ou à boleia de um carro” (ABL, 1911).

Considerando a questão dos prefácios verifica-se que eles foram solicitados pelo editor via correspondência e possuíram seu significado nas obras. Os prefácios dentro de uma exposição “sucinta, elaborada e refletida” valorizam os projetos dos autores e dos editores que coordenam todo o processo de produção da obra. Além desses componentes há outros reveladores de intenções ideológicas ou pedagógicas como as notas de rodapé, os resumos, a formulação de títulos, sumários, entre diversos outros (CHOPPIN, 2004).

Na obra *Literatura Brasileira* da década de 1930 de autoria de Bachelet é peculiar a estratégia do editor ao registrar dois prefácios, ao contrário das outras obras. Além de José de Sá Nunes, Afrânio Peixoto. O editor justifica a postura com uma figura de linguagem: “talvez algum leitor estranhe, encontrando, para este compêndio, dois prefácios. Há de sossegar, no entanto, e compreender, e gostar, quando refletir que de fato, ao pássaro desejoso de voar, são necessárias duas asas” (BACHELET, 1930, p. 4).

Há uma relação de apoio mútuo entre esses intelectuais e os maristas constatada pelas práticas editoriais. De um lado os editores e autores maristas a partir de sua posição como membros da Igreja e de uma instituição a ela vinculada composta de educadores com crescente

¹³¹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de Afrânio Peixoto. **Voz Marista**, São Paulo, n.23, p.1-6, jul.1947, p.3.

¹³² PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de Afrânio Peixoto. **Voz Marista**, São Paulo, n.23, p.1-6, jul.1947, p.3.

credibilidade no campo religioso e educacional, e de outro, intelectuais que paulatinamente vão fortalecendo suas posições de destaque no Brasil, ampliando seus espaços de atuação levando consigo a promoção da imagem de si próprios e da F.T.D.

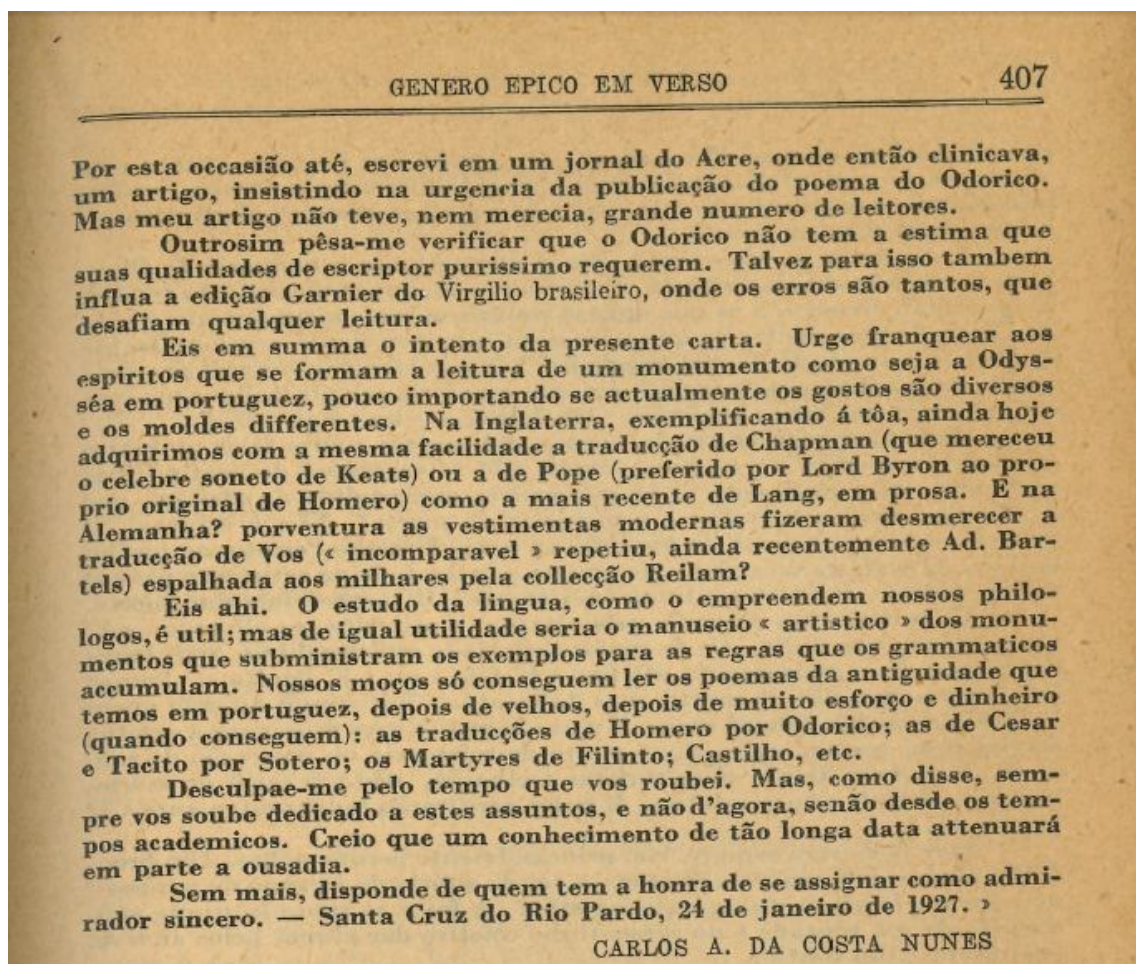
Em 1939, o então superior provincial Exuperância, trocou correspondências com o escritor Carlos Alberto Nunes, comentado da inserção de seu nome na obra *Noções Gerais de Literatura*, do irmão Bachelet. Em resposta o intelectual envia ao irmão um exemplar de sua obra *Os Brasileidas*.

Exmo. Irmão provincial da Congregação Irmãos Maristas. Antes de dizer-vos a que venho, permiti-me agradecer-vos a distinção de me haverdes incluído entre os prosadores da Selecta da língua portuguesa (*Noções de Literatura*, da Coleção F.T.D., 1929, p.406) que, como única descaída em toda sua magnífica orientação apresenta essa minha carta desprestigiada. Quando, anos, atrás, escrevi a Laudelino Freire acerca do manuscrito da Odisseia do esquecido Odorico Mendes, estava longe de supor que já se cogitava de sua publicação, e mais ainda de imaginar que o meu apelo iria ter acolhida nas páginas da “Revista” e servir, posteriormente, como modelo para os moços. Não desejo empanar esse gesto de suma gentileza com qualquer reparo; mas afirmo-vos que a minha surpresa só é igualada pela satisfação de ver-me distinguido por esse modo. Permitted-me testemunhar a minha gratidão com o oferecimento do exemplar incluso do poema dos Brasileidas. Se bem considerarmos, encontra-se ele em conexões íntimas com o assunto da referida carta, por isso mesmo que encerra a solução do problema com que me ocupei por muitos anos e no qual apliquei o melhor de minha existência: a conquista do mito pátrio dentro das tradições arianas. Daí os empréstimos, ou melhor, a restituição que ora reclamo e que justifica plenamente o modelo seguido, conforme ao axioma de Jordan, para quem um poema o será tanto mais quanto se aproximar da Odisseia.¹³³

Na obra *Noções de Literatura*, edição de 1929, de fato o texto de Carlos Alberto Nunes, apareceu no livro, ocupando mais de uma página conforme a imagem 10. Constata-se o tom epistolar, prática verificada em prefácios e comentários dos títulos de língua portuguesa, em particular de Mario Bachelet.

¹³³ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de Carlos Alberto Nunes. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.28, n.274, p.1-4, mai.1939, p.1.

IMAGEM 10: Carta de Carlos Alberto Nunes na obra *Noções de Literatura* - 1929



Fonte: ACERVO F.T.D.

Na troca dessas missivas aparece mais um indicativo de relações sociais, quando o editor registra um comentário do escritor português Júlio Dantas, o qual cita além de Carlos Alberto Nunes, Afrânio Peixoto. Destarte, Júlio Dantas, participou como diplomata português, dos debates em torno do primeiro acordo ortográfico entre Portugal e Brasil, na década de 1930, proposto pela ABL (SILVA, 2011).

Por Júlio Dantas. Constitui para mim verdadeira revelação a leitura do poema *Os Brasileidas*, de Carlos Alberto Nunes, obra de tal modo notável, que me permito considerar o seu autor não só um dos maiores poetas do Brasil contemporâneo, mas também um clássico da língua portuguesa. Trata-se, vejo-o (incompreensível), da segunda edição ampliada, em nove cantos, de um poema com o mesmo título, em verso branco e em cinco cantos apenas, que o senhor Carlos Alberto Nunes publicou em 1931; que já então merecerá ser considerado pelo insigne Miguel Couto “a mais forte obra brasileira dos últimos tempos”; e acerca do qual Afrânio Peixoto, meu velho e querido amigo, escreveu estas expressivas palavras: um grande poeta nos nasceu, e,

o que é mais, uma raridade nacional, um poeta épico. Confesso que este fausto nascimento me passou completamente despercebido. Só agora conheci o poema.¹³⁴

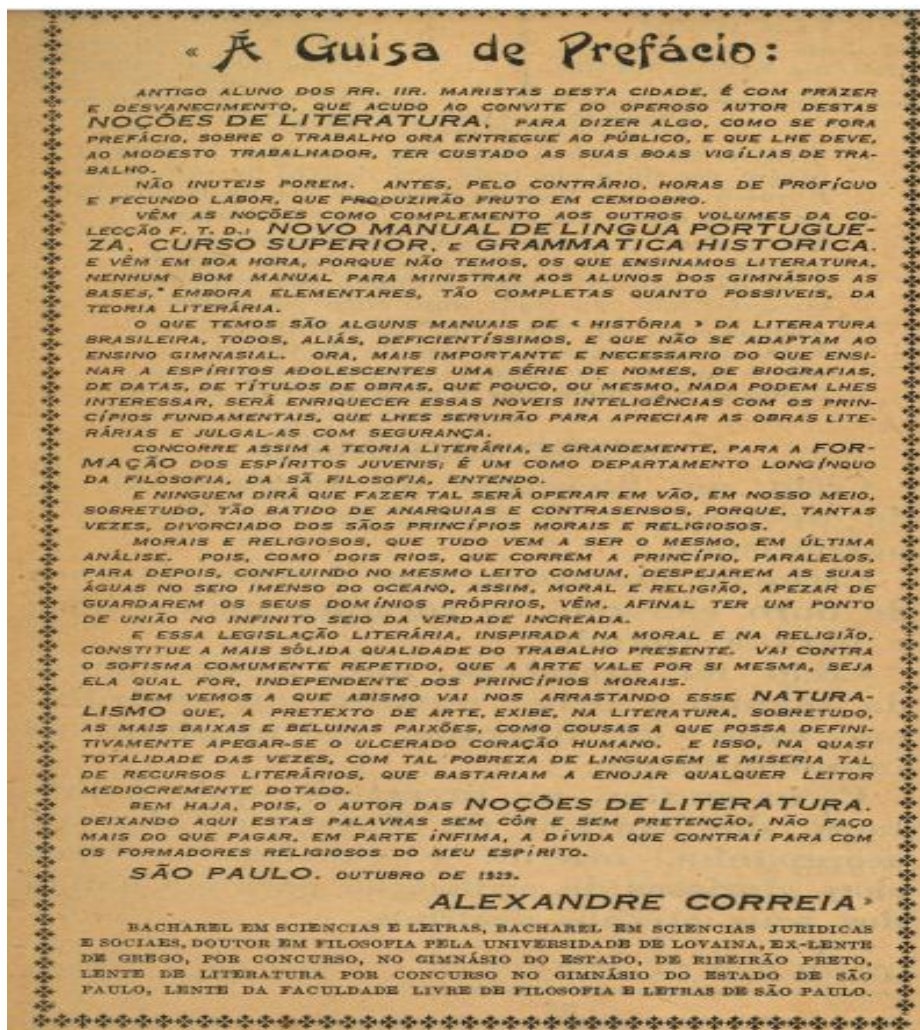
Outro aspecto importante a partir dessa e de outras correspondências recebidas pelos maristas é que uma das práticas do editor foi a de enviar as obras para que também os professores e professoras, de Ordens religiosas ou não, pudessem conhecê-los e posteriormente adotá-los e quando possível elogiá-los. Quando alguns desses destinatários eram autores verifica-se inserções de textos deles nas obras F.T.D., o que se nota tanto na correspondência como nos livros.¹³⁵

Por outro lado, alguns correspondentes do editor ou dos autores da F.T.D., embora fossem escritores não é possível identificar nas fontes investigadas se tiveram textos nas obras F.T.D., como ocorreu com intelectuais como João Leda e o ex-aluno Alexandre Correia, que prefaciou a obra *Noções de Literatura* de Bachelet, em outubro de 1929, conforme mostra a imagem 11 do referido prefácio da obra:

¹³⁴ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Uma palavra de explicação: por Júlio Dantas. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.28, n.274, p.1-4, mai.1927, p.1.

¹³⁵ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de irmã Russon. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.16, n.155, p.1-4, jun.1927, p.1.

IMAGEM 11: Noções Gerais de Literatura - 1929



Fonte: ACERVO F.T.D.

Nesse sentido, a prática de doação dos livros, publicação em órgãos da imprensa feita por intelectuais contribuíram para a divulgação da F.T.D. em diversas regiões do Brasil tanto em estabelecimentos públicos como privados, católicos ou laicos. Esse aspecto a seu turno pode ser considerado com fundamental para divulgação e aquisição da credibilidade dos títulos da coleção.

Os livros, uma vez aceitos para utilização, não teriam dificuldade para entrega considerando a época, pois o distribuidor e o comercializador das obras, Paulo de Azevedo possuía sedes da editora em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, principais polos para distribuição de obras considerando fatores de ordem geográfica.

Quando da escolha do livro didático no Ginásio Paranaense, em 27 de março de 1929, José Sá Nunes envia carta, relatando que houve discussão sobre quais livros seriam os melhores

para serem adotados naquela instituição. Enfatiza que um dos professores qualificou os livros da F.T.D. de arcaicos e cheios de erros; contudo Sá Nunes, os defendeu.

Posta em votação a apresentação que fiz dos referidos livros, obtive 10 votos contra os 4 acima aludidos. Venceram os livros da F.T.D. para o 1º, 2º e 3º anos de português. Mas houve mais: o protestante, como era de esperar, apresentou como obra didáctica sem igual para o 4º ano de português a Gramática Histórica do seu correligionário E.C. Pereira e as lições de Português do outro correligionário seu, Otoniel Motta. É claro que combati, com todo meu poder, essas obras, apresentando para substituir a Gramática Histórica da F.T.D. Mostrei à congregação todas as superioridades e vantagens sobre aquelas obras.¹³⁶

O excerto acima mostra mais conflitos decorrentes das posições antagônicas entre os intelectuais. Mesmo José de Sá Nunes naquele momento já tendo uma trajetória intelectual significativa, ainda assim, não há consenso na escolha dos livros didáticos. Otoniel Motta, que era confrade de correspondentes maristas como Paulo Setúbal, na Academia Paulista de Letras, participava das disputas no campo de obras didáticas.

Por outro lado, quando José de Sá Nunes, ocupava o cargo de diretor, a situação naquele estabelecimento de ensino mudou, conforme se nota na correspondência enviada no dia 6 de setembro de 1926.

Como catedrático de português na Escola Normal secundária desta capital, da qual sou director para servir V. Rev.^a, sempre me repugnou a adopção, que no Ginásio oficial daqui se fizera, da gramática de um pastor protestante. No carácter de lente substituto da cadeira de português do ginásio, não me era dado recusar uma obra didáctica aprovada em congregação, para uso dos alunos. Mas, na Escola Normal não poderia suceder o mesmo. Aboli, desde o ano passado, todo e qualquer compêndio para estudo do vernáculo, e comecei a perlustrar várias gramáticas.¹³⁷

Sá Nunes foi caracterizado como o maior filólogo, que se conhecia até a década de 1950 e exerceu a magistratura no Paraná, como Juiz de Direito Substituto na Comarca de Castro em 1920. Depois, passou a exercer a Promotoria Pública e aprofundar-se nos estudos filológicos, o que possibilitou a ele assumir a cátedra de Português, do Ginásio Paranaense, em 1921 e dois anos depois, catedrático da Escola Normal Secundária de Curitiba, sendo inclusive diretor (BARROS, 1955).

Foi a partir do Paraná que José de Sá Nunes iniciou seus estudos filológicos que abriram a porta tanto para o magistério como para a filiação em círculos de intelectuais como o CEB e

¹³⁶ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Voz do Paraná: correspondência de José de Sá Nunes. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.18, n.176, p.1-4, jul.1929, p.1.

¹³⁷ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Gabinete do director da Escola Normal Secundária: correspondência de José de Sá Nunes. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.15, n.150, p.1-4, nov.1926, p.2.

também a cadeira da Academia Paranaense de Letras. No caso do magistério deu-se em 1921 no Ginásio Paranaense, onde assumiu a cátedra de Português, um dos espaços em que divulgou e defendeu as obras da F.T.D. (BARROS, 1955).

O CEB foi uma das formas de articulação dos maristas em defesa dos projetos próprios e também da Igreja Católica. Reunia diversas entidades culturais do Paraná, o que demonstra sua ampla abrangência para além do próprio estado.

Ao comemorar os 25 anos de existência do CEB, Liguarú Espírito Santo, um dos seus fundadores, em seu pronunciamento destaca o papel da instituição no Paraná e sua influência em outros estados, com a participação de seus integrantes. Exemplo disso, encontra-se na figura de um dos fundadores, padre Miele, que embora na década de 30 tivesse transferindo-se para São Paulo, contribuía com a instituição. Isso também evidencia os interesses da Igreja na formação desse grupo, tanto como mecanismo de apoio ao laicato e à construção do projeto editorial dos maristas (CAMPOS, 2010).

José de Sá Nunes também circulava em outras revistas, como a: *Revista Língua Portuguesa* e *Excelsior*, as quais constituíam espaços em que divulgava as obras maristas, além de seus cursos particulares. A *Excelsior*, do Rio de Janeiro, foi um influente órgão de imprensa no período de 1928 a 1945. O periódico mensal trazia artigos diversos sobre assuntos como literatura, esporte, lazer, turismo, notícias da Europa, cinema e variedades.

Já no ano findo, fiz a experiência do quarto livro da Antologia, e obtive, no 1º, 2º e 3º anos do curso ginásial e dos meus cursos particulares, melhores e mais eficientes resultados do que anteriormente obtinha com a Antologia Nacional de Fausto Barreto e Carlos Laet e com os autores contemporâneos de João Ribeiro. Obtive-os e posso demonstrá-los de público, o que farei oportunamente na Revista de Língua Portuguesa e na Excelsior.¹³⁸

O comentário de Sá Nunes, publicado pelos editores maristas na década de 30, sugere que o público ao qual se refere o intelectual é amplo, dada a rede que mantinha. Para corroborar com a assertiva demonstrada no trecho da correspondência acima o editor já trazia as propagandas das obras da F.T.D. constantes naquele órgão. Em outubro de 1928 constaram 3 obras F.T.D. de 1927, uma de Sociologia, outra de Literatura, intitulada *Os Lusíadas* e uma tradução sob o título de *Catecismo Cívico*.¹³⁹

¹³⁸ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de José de Sá Nunes. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.202, n.274, p.1-4, mar.1932, p.2.

¹³⁹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Catecismo Cívico. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.17, n.169, p.1-4, out.1928, p.2.

José de Sá Nunes, desde o seu pertencimento como cofundador do CEB a às diversas revistas em que escrevia evidenciam-se os elogios às obras da F.T.D. Sua participação nesta agremiação e em outras favoreceu o projeto editorial marista a expansão a partir do Paraná.

A CEB nasceu com o objetivo de promoção de estudos filosóficos, científicos, literários e religiosos em sintonia com a Igreja Católica, explicando assim o seu teor com relação à formação de uma elite intelectual, à luz da doutrina neotomista, que oferecesse sustentação teórica ao projeto romanizador no Paraná contribuiu para compreensão da expansão, divulgação e defesa do projeto editorial marista por José de Sá Nunes.

O projeto do grupo possuía semelhanças com o Centro Dom Vital, proclamando ideias consideradas burguesas permaneceu por 12 anos na casa da família de José Loureiro Fernandes e uma das ações significativas dos intelectuais foi a organização de um curso de filosofia, primórdios da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, surgida em 1938, com apoio dos maristas, tornar-se-ia um polo de formação de futuros religiosos, as quais seriam provenientes de “ideologias liberais e agnósticas” (AZZI, 1996b, p. 284).

O grupo dirigente do CEB esporadicamente utilizava periódicos católicos para um debate mais moral, o que evidencia que o laicato católico no Paraná agiu em dois projetos: parte do grupo investia na imprensa, divulgando a doutrina Católica, outra dedicava-se aos estudos das questões políticas, filosóficas, teológicas, científicas e literárias (CAMPOS, 2010).

Além da divulgação do projeto editorial na CEB, as obras da F.T.D. realizada por intelectuais como José de Sá Nunes tiveram visibilidade em outro periódico católico, a *Revista Vozes de Petrópolis*, pertencente à Ordem dos Frades Menores Franciscanos (OFM). Essa revista que surgiu em 1907, serviu como instrumento de formação de uma elite intelectual católica (ASSIS, 2008).

Uma vez que diversos órgãos de imprensa e agremiações intelectuais tiveram vínculos com a Igreja e contaram com a participação de sujeitos com proximidade com os maristas, questiona-se em que medida há nesses escritos outras inserções com divulgação do projeto editorial marista seja dos intelectuais constantes nessa pesquisa, seja de outros que não aparecem nas fontes investigadas, mas que podem ser exploradas por outros pesquisadores.

3.2 Os livros didáticos e os embates em torno da ortografia da língua portuguesa

Ouçó o sinal. Chegam alunos. Entramos na aula. Que aula! (...) portavam livros de leitura, caneta e tinteiro, com uma folha de papel para os deveres do dia (...) teria desejado dizer-lhes alguma coisa, uma palavra, nada me acudia à mente. Perguntava-me se era necessário rir ou chorar. Decido-me pela linguagem dos sinais. Disponho-

me a ditar um número, mas dou-me conta de que não sei o termo aritmético. Os nomes dos algarismos que tinha aprendido desapareceram da memória no momento em que, desesperado, os procurava (ADORÁTOR, 1917, p. 69).

A citação acima destaca a dificuldade do irmão Adorátor, quando ministrava sua aula em Congonhas do Campo, Minas Gerais. Ao ver o título do relato: “A hora mais longa da minha vida”, pode-se perceber as dificuldades ligadas a nossa língua enfrentados pelos irmãos franceses em seus primeiros contatos com os alunos e depois, como autores de obras em português.

A complexidade do idioma lusitano representava um problema não apenas em sala de aula, mas também na tradução e elaboração de obras didáticas nessa língua. Em parte esse problema próprio da linguagem seria sanado por Bachelet, que durante sua trajetória como autor e editor foi inteirando-se e aprofundando-se no estudo da Língua Portuguesa ao ponto de tornar-se referência neste quesito, considerando o apoio da intelectualidade especialmente daqueles que tornaram-se referencial neste aspecto.

O suporte intelectual com relação à língua portuguesa foi ofertado inicialmente por Dom Silvério Gomes Pimenta, o qual lecionava o vernáculo aos irmãos maristas. Com uma trajetória de destaque na Igreja, após tornar-se bispo constituiu-se como escritor, com destaque às suas cartas pastorais ao ponto de ser eleito como membro da ABL em 1919 (ADORÁTOR, 2005).

O aprendizado da língua portuguesa pelos maristas franceses coincide com o momento de ascensão do ensino de Português na escola secundária. Até a década de 1930, não era obrigatório o término do ensino secundário para entrada nos cursos superiores, pois a seleção era realizada pelos Exames Preparatórios. Desta forma, o currículo do ensino secundário ficou dependente dessas avaliações. Destarte, até 1869 o ensino dessa disciplina não era significativo no currículo, predominando as disciplinas clássicas, situação que muda após essa data, quando o exame de Português passou a fazer parte dos Preparatórios (RAZZINI, 2000).

O autor Bachelet, com apoio de autores e editores, desta forma buscou investir de modo significativo nos estudos do idioma lusitano e na busca por qualificar as obras de Língua Portuguesa, concomitante aos contatos com os intelectuais, dos quais alguns eram professores do Colégio Pedro II e autores de livros didáticos. Ao seu turno esse contato e o apoio que obtiveram favoreceu também o projeto de organização do currículo dos colégios maristas.

Após a Proclamação da República a “onda nacionalista” buscava registrar um ensino mais comprometido com a ciência e com a pátria. Uma das consequências foi o aumento da carga horária de Matemática e das Ciências Físicas e Naturais, além do estudo “autônomo” da

História do Brasil e da História da Literatura Brasileira. Nesse processo de nacionalização do ensino também incluía a preferência por compêndios brasileiros (RAZZINI, 2000, p.88).

Enquanto suportes que transmitem uma determinada cultura, os autores e editores de livros didáticos passaram a preocupar-se com as manifestações nacionalistas que teriam na escola seu passaporte mais significativo por meio da formação das crianças e jovens.

As primeiras manifestações nacionalistas apareceram, de maneira mais sistemática e mais influenciadora, no campo da educação escolar, com a ampla divulgação de livros didáticos, de acentuada nota patriótica. São obras que pretendem fornecer à criança e ao adolescente uma imagem do país adquirida por via sentimental; de modo algum isso significa desprezar muitas afirmações nacionalistas de vários intelectuais brasileiros. Ocorre que a doutrinação iniciada no campo da educação escolar repercute, na época, mais do que quaisquer outras, além de ter maior continuidade (NAGLE, 1976, p. 44).

Alinhados com o ideal nacionalista e às circunstâncias políticas e econômicas, que influenciavam os campos educacionais e editoriais, os maristas buscaram fortalecer o processo de traduções e produções de livros didáticos de acordo com essa perspectiva, amparados por intelectuais.

A ideia de nacionalidade abraçou também a da afirmação de uma língua portuguesa uniforme, de um projeto ortográfico único para o Brasil. Para responder a esses anseios iniciou-se debates e produções, sendo que um dos mais “completos” e referência para Reforma Ortográfica de 1911, foi apresentada em 1904 e 1909, pelo lusitano Aniceto dos Reis Gonçalves Viana. Tratava-se da *Ortografia Nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesa e Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa*, respectivamente (ABBADE, 2015, p. 13).

Com embates que iniciaram-se nos primeiros anos do século XX e estenderam-se por décadas, foi quando Gustavo Capanema assumiu a pasta da Educação que a nomenclatura unificada da língua portuguesa tornou-se uma das pautas levadas a cabo. A ideia articulada por sua “constelação”, contou com José de Sá Nunes e Antenor Nascentes, os quais foram autorizados, sob os auspícios da ABL, a organizar um Vocabulário Ortográfico, o qual os maristas tiveram acesso conforme consta em correspondência recebida por Mário Bachelet da parte de José de Sá Nunes em 1942.

Estou organizando o vocabulário ortográfico em nome da Academia Brasileira de Letras, juntamente com o professor Antenor Nascentes, que representa o senhor

Ministro da Educação. Talvez esteja pronto dentro de três meses. Os meus artigos já são vazados na ortografia que vai ser oficializada.¹⁴⁰

Os acordos firmados entre a ABL e a Academia de Ciências de Lisboa que ocorreram em 1931, 1940, 1943 e 1945 respectivamente, foram operacionalizados por publicações como a *Ortografia Simplificada ao Alcance de Todos*, de Antenor Nascentes, e *Ortografia Simplificada Brasileira*, de Bertoldo Ritter Klinger e causavam polêmicas (ABBADE, 2015).

O editor Isidoro Dumont reproduz uma reportagem elaborada em 1936 sobre o assunto da ortografia em que evidencia a preocupação de Gustavo Capanema decorrente das diversas maneiras de escrever em uso no Brasil, que afetavam a elaboração dos livros.

Urge pôr termo à grande balbúrdia ortográfica que existe presentemente no país. Não há uniformidade de grafia em qualquer dos sistemas pois tanto no fonético como no misto ou etimológico o que se verifica é que cada um escreve como entende. Daí uma infinidade de maneiras de grafar as palavras. Ora, o Ministério (...) não pode ficar indiferente ao assunto; cumpre-lhe providenciar uma solução para o problema.¹⁴¹

Essa questão ortográfica seguindo a lógica ministerial da língua como afirmação da nacionalidade foi uma preocupação de Bachelet para elaboração de suas obras. Os professores maristas também tiveram cautela como depreendemos da correspondência com intelectuais que estavam no centro das discussões sobre o tal assunto, pois a não adequação à ortografia representava prejuízos cada vez que um livro precisava ser reeditado de acordo com a mudanças. A “nacionalidade deveria firmar-se pelo uso adequado da língua portuguesa de forma uniforme e estável em todo o território nacional” (SCHWARTZMAN; BOUSQUET; COSTA; 2000, p. 157).

Os editores maristas vão apropriando-se desse assunto especialmente por conta da intensificação dos debates a partir da década de 1920. Um dos momentos significativos foi em 1931 quando se estabeleceu o primeiro Acordo Ortográfico entre Brasil e Portugal e há o retorno à ortografia portuguesa de 1911 que duraria 3 anos (ABBADE, 2015).

As primeiras tentativas com relação a uma reforma ortográfica no Brasil iniciaram-se em 1907, momento em que a ABL aprovou a primeira reforma que limitou-se apenas às publicações da instituição. Em 1910, Portugal criou uma comissão para debater uma ortografia simplificada. Foi oficializada em 1911 com resistência por parte dos dois países que acabaram ficando com algumas diferenças ortográficas. Em 1915, a ABL consegue assemelhar sua

¹⁴⁰ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de José de Sá Nunes. **Bulletin des Études**, São Paulo, v. 31, n.303, p.1-4, abr.1942. p.3.

¹⁴¹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. L'Orthographe de la langue portugaise au Brésil. **Bulletin des Études**, São Paulo, v. 25, n.245, p.1-4, jul.1936. p.3.

ortografia com a portuguesa com a revogação da resolução em 1919. Trata-se do momento que marca a busca por uma unificação ortográfica entre os dois países (ABBADE, 2015).

Verifica-se que foram Antenor Nascentes e José de Sá Nunes que forneceram maior orientação sobre as questões ortografias nas obras didáticas e sobre os debates em torno dos Decretos emanados do governo federal. No caso de José de Sá Nunes, iniciou seus contatos com os maristas através de missivas em 1926 e manteve correspondência com eles ao longo de toda a sua vida. A sua última correspondência aos maristas data do dia 31 de agosto de 1954, quando estava internado em um hospital no Rio de Janeiro.

Estou internado no Hospital dos Servidores do Estado, onde o Sr. Presidente da República, por excessiva consideração a este vil metal, quis que eu ocupasse o apartamento destinado aos chefes de Estado. E, infelizmente mil vezes infelizmente, foi esse mesmo dadivoso presidente que, esquecendo-se e que a vida pertence a Deus, e desprezando o Seu amor, o Seu perdão e a sua misericórdia, se evadiu para a Eternidade com um tiro no coração. Fiquei consternado.¹⁴²

José de Sá Nunes, de naturalidade baiana, nasceu no dia 7 de junho de 1893. Embora tenha nascido no estado da Bahia, circulou por outros estados como o Paraná, onde exerceu tanto a magistratura como o magistério. Depois teve relações com o estado de São Paulo e Rio de Janeiro à época capital do Brasil. Sua morte, aos 61 anos de idade no Rio de Janeiro, foi encarada como uma grande perda para o Brasil e para os maristas, os quais que sempre mantiveram fortes vínculos com esse intelectual. O redator da *Voz Marista* registrou a notícia.

Falecimento do professor Sá Nunes o extinto foi o redator da Constituição de 1946. Faleceu hoje, nesta capital, o prof. José de Sá Nunes, a quem coube a tarefa de redigir a atual Constituição. O extinto participou de várias comissões no estrangeiro, tendo sido um dos integrantes da embaixada acadêmica que em missão oficial do governo estudou as questões relativas ao acordo que unificou o sistema ortográfico da língua portuguesa. Possuidor de vários títulos literários e honoríficos, foi ainda revisor de vários atos oficiais. Seu enterramento será realizado amanhã, no cemitério de Catumbi.¹⁴³

A primeira correspondência de José de Sá Nunes com orientações específicas aos maristas no que se refere à ortografia é de 1933, logo depois do retorno à ortografia portuguesa de 1911, aprovada em 1931 e que duraria até 1934, sendo estruturada a partir da iniciativa tanto da ABL, como da Academia de Ciências de Lisboa (ABBADE, 2015).

¹⁴² PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de José de Sá Nunes. **Voz Marista**, São Paulo, n.98, p.1-8, nov./dez.1954. p.7.

¹⁴³ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Falecimento do professor Sá Nunes. **Voz Marista**, São Paulo, n.101, p.1-8, abr.1955, p.6.

O Decreto nº 20.108, de 15 de junho de 1931, que dispôs sobre o uso da ortografia simplificada tanto nas repartições públicas como nos estabelecimentos particulares causou, além de embates, confusão nas produções didáticas. Os maristas diante desses impasses buscaram amparo em José de Sá Nunes. A carta enviada por ele no dia 29 de março de 1933 dá mostras dos conflitos em torno do vocabulário.

Lá está, no celeberrimo Vocabulário Ortográfico e Ortoépico prefaciado por Laudelino Freire, o não menos célebre Formulário Ortográfico que foi organizado a 3 de junho de 1931 e aprovado em sessão de 11 do mesmo mês e ano. Porém, o Formulário Ortográfico que se organizou a 3 de junho e se aprovou em 11 do mesmo mês é muitíssimo diferente, é inteiramente diverso nas regras de acentuação gráfica, e é tão inçado de erros e dislates, que o próprio presidente da Academia Brasileira de Letras declarou, em sessão, que ele era provisório!!!¹⁴⁴

Os maristas, mesmo tendo o apoio com relação à ortografia na produção das obras didáticas, nem sempre conseguiam acompanhar as mudanças que ocorriam por conta dos decretos. Na obra *Exercícios de Gramática – Livro do Mestre*, edição da década de 1940, verifica-se a preocupação do editor e do autor com essa questão.

A impressão desta gramática estava terminada, quando se divulgaram as cláusulas definitivas da unidade ortográfica luso-brasileira. Em edição posterior serão feitas as alterações exigidas por este Acordo. Indicamos, desde já, as mais importantes que o aluno pode efetivar sob a fiscalização do seu professor (BACHELET, 1943).

Mesmo com a supervisão de Antenor Nascentes, o editor não teve tempo hábil para adequá-la. Tratava-se já do segundo acordo que definia o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa firmado entre a Academia das Ciências de Lisboa iniciado em 1940, em consonância com o Ministro da Educação e Saúde, aprovado pela ABL, em 29 de janeiro de 1942.

Os autores como prática editorial solicitavam orientações específicas de palavras que seriam utilizadas em obras de várias disciplinas em língua portuguesa. Um autor enviou uma correspondência a José de Sá Nunes, nestes termos:

Aproveito a oportunidade para pedir um serviço, como devem ser escritos de acordo com a nova ortografia portuguesa as seguintes palavras de que eu faço muito uso neste momento¹⁴⁵: Anion= anont? Anionio? Cation= Cationte? Cationio? Electrodes, anode

¹⁴⁴ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de José de Sá Nunes. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.22, n.215, p.1-8, abr.1933, p.2.

¹⁴⁵ Je profite de l'occasion pour vous demander un service, comment doivent s'écrire, avec la nouvelle orthographe portugaise au Brésil, les mots suivants dont je fais grand usage en ce moment.

et cathode et eletródios=eletrodos, anódio e catódio, anodo e catodo, ánodo e cátodo?¹⁴⁶

Em resposta à solicitação, o gramático prontamente responde ao autor:

(...) Vejamos o labirinto donde deseja sair o irmão. A legítima forma vernácula do francês anode, cathode, electrode, é anódio, catódio, electródio. Em vez de anion, diga-se aniono. Em lugar de cátion, prefira-se catião. Eléctron é boa forma, como o é electrónio. Ión (não ion) é forma correta, e pode-se dizer também corretamente, ião, mas a melhor forma é iônio.¹⁴⁷

O editor, diante da situação descrita acima, transcreve tanto a dúvida do autor como a resposta do intelectual. Essa prática do editor de um lado possibilita a percepção de que os intelectuais estavam sempre disponíveis para solucionar as dúvidas dos autores e de que a tradução de palavras técnicas nas obras era questão complexa, uma vez que o Decreto nº 20.108, de 15 de junho de 1931, não trazia exemplos que contemplava todas as dúvidas.

Denota-se também que as orientações tendo como referências uma intelectualidade específica nas produções didáticas não se referiam apenas às obras sobre a língua portuguesa. Essa prática confirma a participação desse e de outros intelectuais na produção de obras de História, Geografia e de outras disciplinas. Outra referência foi de Delgado de Carvalho.

Lede com reflexão os seguintes conceitos de um Tratado que muito vos recomendamos de Delgado de Carvalho; Metthodologia do Ensino Geographicos: “ a descrição de fenômenos geográficos não se presta em geral, a grandiloquência. O estilo é ridículo em geografia. O obstáculo principal é o emprego dos adjectivos e dos qualificativos, é a porta pela qual penetram infallivelmente os exageros. O professor deve combater sem tréguas nos seus discípulos o uso injustificado dos adjectivos...O escriptor prodigo em qualificativos acaba desacreditado e mesmo desarmado porque, em caso de necessidade, os seus adjectivos desvalorizados pelo uso excessivo, não produzem mais effeito sobre o leitor. A representação dos exageros de expressão, num paiz latino como o nosso, deve ser considerada, pelos professores, como serviço prestado à nação.¹⁴⁸

Um dos processos essenciais na produção da obra didática que se relaciona com a ortografia é criado pela pluralidade das operações envolvidas na publicação dos textos que não são totalmente escritos apenas pelos autores, pois sempre são resultado de múltiplas contribuições que supõem uma variedade de decisões de vários atores (CHARTIER, 2014).

¹⁴⁶ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Secção de Filologia. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.22, n.220, p.1-4, nov.1933, p.1.

¹⁴⁷ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Secção de Filologia. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.22, n.220, p.1-4, nov.1933, p.1.

¹⁴⁸ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Professores de Geografia. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.15, n.142, p.1-4, mar.1926, p.2.

As orientações com relação aos decretos posteriormente publicados permaneceram, o que torna expresso que uma das práticas editoriais operacionalizadas por Bachelet na perspectiva de ter acesso a discussões e encaminhamento de documentos legais, com preocupação com relação à escola e aos livros. Em missiva datada de junho de 1946, há indícios que o editor havia procurado José de Sá Nunes, com intuito de tomar ciência do Decreto que fora publicado em dezembro de 1945.

O meu bom irmão fala-me em Decreto esperado. O Decreto- Lei nº 8.286, de 5-XII-45, diz que “ o Ministério da Educação e Saúde baixará oportunamente portaria em que consigne a obrigatoriedade, nas escolas, da ortografia regulada pelo Acordo. Trata-se como se vê, de uma simples portaria que será baixada logo que esteja publicado o “Voc. Res.”. Enquanto ele não aparecer, ficará em vigor o “Peq. Voc. Ort.” e assim tem decidido a Comissão do Livro Didático.¹⁴⁹

O artigo 5º do Decreto nº 8.286 de 5 de dezembro de 1945 corresponde ao interesse do irmão, quando prescreve que:

O Ministério da Educação e Saúde baixará oportunamente portaria em que consigne a obrigatoriedade, nas escolas, da ortografia regulada pelo Acôrdio interacadêmico, tendo em vista as conveniências de ensino, a suficiente difusão dos Vocabulários acadêmicos e os prazos que forem razoáveis para a adaptação dos livros didáticos, sem prejuízo de autores e editores (BRASIL, 1945).

José de Sá Nunes, conforme as missivas recebidas pelos maristas, havia participado do Acordo Interacadêmico entre Brasil e Portugal e teve autoria nas publicações posteriores sobre as mudanças. Revela-se significativo a Comissão do Livro Didático que aprovava as obras didáticas e faziam parte intelectuais católicos como Jonathas Archanjo da Silveira Serrano, Delgado de Carvalho, padre Leonel Franca, os quais em medidas variadas correspondiam-se com os maristas.

Presume o querido irmão que eu não voltei a São Paulo, para fazer as conferências, por causa da forte campanha que se desencadeou contra o Acordo Ortográfico. Pois eu lhe digo, como todas as veras da alma, que tal campanha me passou inteiramente despercebida (...) A todos respondi em jornais daqui e dali. Não ficou pedra que não ricocheteasse à cara de quem se lançou contra o Acordo. E tudo vai indo muito bem, graças a Deus: O Vocabulário Resumido que organizei para a Academia das Ciências de Lisboa está recebendo lá os acréscimos indispensáveis.¹⁵⁰

¹⁴⁹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de José de Sá Nunes. **Voz Marista**, São Paulo, n.14, p.1-6, ago.1946, p.5.

¹⁵⁰ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de José de Sá Nunes. **Voz Marista**, São Paulo, n.14, p.1-6, ago.1946, p.5.

O excerto da missiva acima denota que os embates foram constantes com relação aos acordos. É possível identificar intelectuais que tiveram conflitos com as posturas de Sá Nunes. Entre eles José de Oiticica. Esse aspecto corrobora para compreensão de que havia sujeitos circulando nos mesmos espaços decisórios do poder constituído, os quais estavam interligados com os editores maristas, mas nem sempre comungavam de posturas semelhantes.

Nem sempre as publicações dos intelectuais eram ofertadas gratuitamente. Embora houvesse interesse dessas por parte dos maristas, seus autores indicavam por quais selos haviam publicado.

Curitiba, 14 de junho de 1936. Meu querido irmão (...) o melhor meio de se obterem muitos exemplares de “Algumas opiniões” é escrevendo aos senhores Barcelos, Bertaso & Cia., Livraria do Globo, pedindo-os para os professores do Ginásio de Nossa Senhora do Carmo.¹⁵¹

A solicitação de aquisição gratuita da obra de José de Sá Nunes, para utilização pelos professores do Colégio Marista Nossa Senhora do Carmo em São Paulo era em boa medida uma prática editorial interessante também ao selo, uma vez que os colégios maristas nessa época já possuíam notoriedade e credibilidade e certamente a editora não se furtaria ao “favor”. Abaixo a transcrição da carta enviada solicitando exemplares da obra:

São Paulo, em 20 de junho de 1936. Barcellos, Bertasso & CIA. Porto Alegre. Prezadíssimo Senhor, respeitosa saudações. Por informação do meu grande amigo José de Sá Nunes, eu soube que a Livraria do Globo, é quem editou a brochura de propaganda “Algumas Opiniões”. E talvez, me informa elle, os senhores tenha, à minha disposição, algumas centenas de exemplares desta brochura. Si for o caso, muito estimaria, que me remetessem, gratuitamente, até 200 da dita brochura que eu gostosamente distribuiria entre os nossos professores de Minas, Rio, São Paulo e Paraná. Como é natural, eu me contentaria com qualquer quantidade que os senhores ponham a minha disposição. Sem mais, confesso-me, de V. Excia. profundo amigo e admirador.¹⁵²

Atendendo parcialmente à solicitação feita de modo apelativa, a editora respondeu em 17 de julho:

Porto Alegre, 17 de julho de 1936. Prezado senhor. Atendendo seu pedido em carta do 20 transacto, pelo correio, registrado, estamos lhe remetendo 50 exemplares do folheto “Algumas Opiniões” sobre o livro do professor José de Sá Nunes. Sem outro motivo, nos firmamos. Barcellos, Bertasso & CIA.¹⁵³

¹⁵¹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de José de Sá Nunes. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.25, n.247, p.1-4, ago.1936, p.2.

¹⁵² PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de Bertasso & CIA. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.25, n.249, p.1-4, out.1936, p.2.

¹⁵³ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de Bertasso & CIA. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.25, n.249, p.1-4, out.1936, p.2.

Desta forma, verifica-se que as obras de José de Sá Nunes e de Nascentes serviram como referências aos maristas para comporem suas obras além das orientações advindas das correspondências.

Após a morte de José de Sá Nunes no início de 1955, Antenor Nascentes continuou com relações próximas com o Ministério da Educação. Em 1957, Nascentes foi nomeado para presidir uma comissão para debater as questões de ensino da nomenclatura da língua portuguesa. Tiveram colaboração nessa comissão: Clóvis Monteiro, Celso Cunha, Rocha Lima e Cândido Jucá Filho (EDITORA DO BRASIL, 1957, p. 22).

Essas práticas de acompanhamento das discussões e embates em torno da Nomenclatura da Língua Portuguesa durante a gestão editorial de Isidoro Dumont proporcionaram a posteriori a efetiva participação dos maristas nos debates. Na década de 1950, houve um evento em Belo Horizonte com o objetivo de debater o anteprojeto de lei de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical da língua portuguesa em que os maristas estiveram sintonizados.

Os documentos como *Vida Marista*, *Voz Marista*, *Vínculo Marista* e *Boletim Marista*, em continuidade ao *Bulletin des Études* e *Boletim dos Estudos* ampliaram o suporte com relação ao processo de elaboração, edição e comercialização das obras didáticas. Intensificar-se-á a busca por novos autores, continuação da preocupação com a adequação dos livros de língua portuguesa e as constantes mudanças das normas gramaticais, constituição de comissões específicas para cada área do conhecimento para elaboração dos livros, o que evidencia mudanças no processo editorial, entre eles a rescisão contratual com a Francisco Alves e a Tipografia Siqueira e o contrato de parceria com a Editora do Brasil em 1956.

Outro intelectual que deu suporte também nesse momento de redefinições sobre a língua portuguesa já citado foi Antenor Nascentes, que ao lado de José de Sá Nunes esteve sintonizado com essas questões participando em torno da ortografia.

Antenor de Veras Nascentes foi filólogo, linguista e lexicógrafo. Nasceu no Rio de Janeiro em 17 de junho de 1886 e sua amizade com os maristas iniciou-se na década de 1920, quando ele era professor do Colégio Pedro II e do Departamento Nacional de Ensino e examinava os candidatos dos colégios maristas de São Paulo à época, Arquidiocesano e Nossa Senhora do Carmo (PENHA, 2002).

Depois do primeiro contato com os maristas, possivelmente o irmão Bachelet já buscou manter correspondência com Nascentes e possivelmente pelo conteúdo da missiva adiantou-se em solicitar eventuais apoios, um deles relacionado a elaboração dos livros, como confirmar-

se-á pelas outras cartas recebidas. Abaixo há um excerto epistolar enviado aos maristas em 22 de fevereiro de 1926.

Affectuosas saudações. Só agora, de volta de uma estação de Águas do Araxá, recebi a gentil carta, em que pede algumas informações; queira desculpar a involuntária demora. Com todo prazer mandarei a apreciação sobre o Curso Superior de Português, mas ainda não o li por falta de tempo. Examinei durante todo o mês de dezembro, no princípio de janeiro fiz os preparativos da viagem e só agora cheguei. Assim que o tiver lido, mandar-lhe-ei apreciação. Ainda é cedo para se tratar do curso de português histórico. Não obstante vou apresentar em março e aí o irmão verá a orientação que pretendo dar. Com todo prazer o informarei a respeito das minhas publicações; creio que em São Paulo poderá adquiri-las na Casa Alves (...) impressos do Dom Pedro por enquanto não lhe posso mandar (...) Não faça cerimônia: quando precisar de qualquer coisa disponha de minha pessoa. Gostei muito de todos os senhores de São Paulo (aliás tenho a mesma impressão de todos da ordem com os quais tenho lidado), quer como cavalheiros, quer como educadores. Terei o maior prazer em prestar-lhes qualquer servicinho.¹⁵⁴

As considerações de Antenor Nascentes, autor de *O linguajar Carioca* publicado em 1922, parte delas constituídas como prefácios; sugerem uma leitura desse livro da década de 1920 como uma “novidade” e como uma receptividade “ muito positiva, fazendo um contra ponto daquela publicadas na década anterior (FARIAS, 2010, p. 170).

Outro livro que Bachelet solicitou o olhar de Nascentes foi a *Gramática Histórica*, conforme depreende-se de uma correspondência de 1927. Há orientações e críticas à obra. Os aspectos analisados referem-se a organização metodológica, as citações, o que é original e detalhes da abordagem adotada pelo irmão.

Rio, 1º de março de 1927. Prezado irmão. Ao fazer malas para partir em viagem a Europa, não quis deixar para a volta, que, se Deus quiser, será em dezembro, uma opinião sobre sua Gramática Histórica. Notei as mesmas qualidades do Curso Superior: clareza, erudição, um finíssimo texto nas críticas. Achei muito metódica a distribuição da matéria. Abundantes textos antigos: é uma pena que falte um índice deles. Como no Curso Superior, numerosas citações minhas representam uma amabilidade que não sei como agradecer. Interessante aquelas formas arcaicas das diversas conjugações. Da página 551 o livro assume um caráter original. O estudo da língua dos cancioneiros e da dos Lusíadas está muito bem feito, não se encontra em obras didáticas um apanhado igual. O estudo da toponímia, a do tupi, o das palavras africanas são também originais, nos nossos livros elementares, diz-se muito pouco. A propósito, de que obra de Nelson de Senna colheu aqueles dados? Aí vai uma notinha com algumas observações minhas. Como vê, são coisas de lana caprina. Desde já lhe apresento as minhas despedidas, parto em princípio de abril. Mande dizer-me donde é natural; se eu passar pela sua cidade ou perto dela rezarei em sua intenção uma Ave Maria e lhe enviarei um postal. Sempre seu, Antenor Nascentes.¹⁵⁵

¹⁵⁴ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Útil e interessante: correspondência de Antenor Nascentes, *Bulletin des Études*, São Paulo, v.15, n.143, p.1-4, abr.1926, p.2.

¹⁵⁵ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Despedidas: correspondência de Antenor Nascentes, *Bulletin des Études*, São Paulo, v.16, n.154, p.1-4, mai.1927, p.2.

O teor da missiva nos leva ao seguinte questionamento: em que medida essa prática poderia ser entendida como atuação do próprio intelectual como outro editor da obra? Logo após da transcrição da carta o editor registra: “falta só em poucos exemplares, citando a falta de índice. Está carta chegou a tempo de ser remediado o mal, preenchido a lacuna”?

Além das questões pontuais do livro, verifica-se que Antenor Nascentes elogia a originalidade com relação à toponímia. Tais apontamentos mostram-se significativos à medida que esse intelectual trabalhou na elaboração de um vasto fichário que serviu para produção de dicionários e verbetes e que suas considerações seriam de grande valor. O *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* publicado em 1932 fez dele um dos autores enormemente citados no exterior, além de, em 1933, ganhar o prêmio Francisco Alves de melhor obra de língua portuguesa (HAMPEJS, 1961, p.7).

Antenor Nascentes seguiu uma perspectiva teórica considerada democrática da filologia ao lado de Júlio Ribeiro, M. Said Ali e João Ribeiro. Desses, Said Ali, José de Sá Nunes e João Ribeiro, com visão mais científica e menos purista da língua tiveram inserções em obras da F.T.D. na área de Língua Portuguesa, escritas por Mário Bachelet (HAMPEJS, 1961; FARIAS, 2010).

João Ribeiro¹⁵⁶, embora não mantivesse correspondência com os maristas, estabeleceu vínculos de aproximação com os dois grupos de correspondentes maristas, ex-alunos ou não, além das citações dele no *Bulletin des Études*, como modelo a ser seguido. Paulo Setúbal, em seu discurso de posse na ABL em 1935, o exalta em diversos trechos, tendo seu nome citado quarenta e oito vezes.

Com o historiador, meus Senhores, há a se considerar em João Ribeiro... Senhores Acadêmicos, façamos um parênteses. Temos pronunciado várias vezes nesta noite o nome de João Ribeiro. E, muitas outras vezes, ainda haveremos de pronunciá-lo. Não será demais, portanto que, nesta altura, digamos uma palavra sobre tal nome. Ou antes, e melhor, não será demais que o amorável João Ribeiro, com a sua graça brincalhona, nos dê estas deliciosas razões do seu apelido: "Chamo-me (pouca gente o sabe) João Batista Ribeiro de Andrada Fernandes, nome tamanho para tão curto indivíduo. Ainda moço, cortei o Andrada, pois que o Ribeiro de Andrada, por auspicioso que fosse, podia parecer um apelido fraudulento. Cortei também o Fernandes, para evitar o João Fernandes, que se opõe a César nos provérbios. E fiquei João Ribeiro; e talvez fosse melhor ficar João Batista" (ABL, 1935).

¹⁵⁶ Conforme a ABL, João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes foi jornalista, crítico, filólogo, historiador, pintor, tradutor. Nasceu em Laranjeiras, SE, em 24 de junho de 1860, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de abril de 1934. Com a criação da Academia em 1897 estava ausente do Brasil e por isso não foi incluído no quadro dos fundadores, porém, um ano depois com o falecimento de Luís Guimarães Júnior a Academia o escolheu para essa primeira vaga. Na Academia, fez parte de numerosas comissões, entre as quais a Comissão do Dicionário e a Comissão de Gramática.

Pelo excerto acima denota-se forte vínculo de João Ribeiro com Paulo Setúbal, demonstrado pela justificativa das várias citações desse ao longo do discurso. Ribeiro conforme indicam as fontes, era um dos autores de língua portuguesa usado pelos maristas em suas escolas, quando as produções relacionadas ao vernáculo da Coleção F.T.D. ainda eram incipientes na década de 1910.¹⁵⁷

Antenor Nascentes, além das orientações acerca dos debates posteriores em torno da nomenclatura da língua portuguesa, elaborou apreciações nas obras da F.T.D. Em uma correspondência enviada por Antenor Nascentes no dia 13 de março de 1927, verifica-se a disposição desse para a tarefa.

Com todo o prazer mandarei a apreciação sobre o Curso Superior de Português, mas ainda não o li por falta de tempo. Examinei durante todo mês de dezembro, no princípio de janeiro fiz os preparativos da viagem e só agora cheguei. Assim que tiver lido, mandar-lhe-ei a apreciação.¹⁵⁸

De fato, posteriormente as obras de língua portuguesa F.T.D. terão anotações, prefácios e comentários de Antenor Nascentes. Embora tivesse assumido o cargo de professor de Espanhol em 1919 no Colégio Pedro II, em 1928 transferiu-se para a cátedra de Português, momento em que se intensificaram os contatos com o editor marista.

Só ontem acabei a leitura da Língua Portuguesa Curso Superior. Li-o com o maior prazer. Anotei-o todo. Que erudição! Que simplicidade de exposição! Gostei muito (BACHELET, 1928, p. 6).

Bachelet soube aproveitar dessa credibilidade adquirida por esse intelectual trazendo citações dele para dentro das próprias obras da F.T.D. Antenor Nascentes ao comentar a *Gramática Histórica* da F.T.D. se expressa assim: “No Curso Superior, numerosas citações minhas representam uma amabilidade que não sei como agradecer”.¹⁵⁹

Essa prática de publicar trechos de intelectuais nas obras da F.T.D. verificar-se-á até o momento em que os editores passarão a contratar escritores para que assumissem a autoria integral das obras e não apenas trechos. O que aconteceria na década de 1960.

Desde a primeira obra de teor filológico de Nascentes fica clara uma novidade na área, por seguir uma trilha das questões da língua viva, a partir das concepções de Meyer Lubke.

¹⁵⁷ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Outres études. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.1, n.1, p.1-4, mar.1912, p.3.

¹⁵⁸ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Útil e interessante: correspondência de Antenor Nascentes. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.15, n.143, p.1-4, abr.1926, p.2.

¹⁵⁹ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Coração de ouro: correspondência de Antenor Nascentes. **Bulletin des Études**, São Paulo, v.16, n.154, p.1-4, mai.1927, p.2.

Também seguiu os passos da dialetologia da Amadeu Amaral. O livro que marcou época foi o *Idioma Nacional* que tratava os problemas metodológicos da língua portuguesa no Brasil (HAMPEJS, 1961).

Em uma das correspondências enviadas aos maristas por José de Sá Nunes, em 11 de abril de 1936, ao mesmo tempo que elogia a obra comentada de *Os Lusíadas* de Mario Bachelet, anuncia a sua nova publicação *Língua Vernácula: Gramática e Antologia*. Ao final da correspondência José de Sá Nunes escreve que caso o editor ache conveniente e exequível, poderia publicar *ipsis litteris* a correspondência que recebeu de Guilherme Meyer Lubke, nomeado como um dos mais afamados filólogos do Brasil pelo editor marista.

Curitiba, 11 de abril de 1936. Querido irmão. Anteontem, quinta-feira santa, EU E MEU JESUS, como todos os anos, abençoávamos o irmão. Eu orava por ele, e Jesus parece que ouvia as minhas preces, abençoando-o. Estive ausente de Curitiba. Fui gozar as minhas férias nos campos, nos celebrados campos de Palmas. Aqui cheguei a 2 do corrente, e encontrei tanto trabalho, tanto, que nem sei como deslindar a meada. O horário do ginásio foi um caso sério para mim. Hei de vencer as dificuldades. Diante dos olhos tenho, do caríssimo irmão Os Lusíadas (linda edição), o Boletim nº 17, deste ano, e o relatório do ano compromissal. Veio também a minha impreterível folhinha de bolso para 1936, que eu ainda não tinha ganhado este ano, e que muito ajuda me dá. Por tudo, grato, gratíssimo. Porém o meu agradecimento é aos pés de Maria Imaculada. Não me esqueço dos beneméritos filhos de Maria e do Venerável Champagnat. Haja vista as Vozes de Petrópolis de março do ano atual, as páginas 197, e ao Eco do Rio Grande do Sul. E agora, como preito de amizade ao devotado irmão o meu novo livro, o segundo volume da Língua Vernácula, destinado a 3ª série. Quero apresentar-lhe os meus parabéns pelo triunfo do Ginásio N.S. do Carmo, pois vejo no relatório a frequência de alunos, aí, subiu a 882! Ora, graças a Virgem Mãe de Deus! Continuo, como sempre, inteiramente as ordens do meu querido irmão, como amigo do coração, amigo gratíssimo, e servo em Nosso Senhor Jesus Cristo. José de Sá Nunes. P.S. Se Julgar exequível e conveniente, faça publicar no Boletim uma das apreciações que remeto em opúsculo. Rua Inácio de Lustosa, 240.¹⁶⁰

O conteúdo da carta expressa mais um elo das articulações sociais que era formada com esse e outros intelectuais. Expressava propagandas das obras da F.T.D. na *Revista Vozes de Petrópolis*, de propriedade dos franciscanos, o que indica a inserção e circulação do projeto editorial em órgãos católicos, com circulação ampla em colégios privados de propriedade de ordens e congregações religiosas.

Conforme o excerto acima o editor responde que a exequibilidade é “a cousa mais fácil do mundo” e que a conveniência “é a cousa oportuníssima, gratíssima” e logo em seguida, publica em alemão a carta recebida por José de Sá Nunes, que fora enviada de Bonn, Alemanha no dia 29 de setembro de 1935.

¹⁶⁰ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Nos domínios da filologia: correspondência de José de Sá Nunes. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.25, n.245, p.1-4, jun.1936, p.2.

Gostaria de agradecer a gentil entrega do seu livro. Eu o li com grande interesse e aprendi muito com ele que tive a impressão de que pode cumprir de maneira excelente o objetivo para o qual foi projetado. Desejo que ele se espalhe o mais amplamente possível. Com excelente respeito. Guilherme M. Lubke¹⁶¹

Ao transcrever a carta desse filólogo, o editor mostra aos autores maristas a credibilidade que há nas orientações recebidas por José de Sá Nunes. Ao mesmo tempo, contribuiu para a afirmação de que a F.T.D. seguia um alinhamento com intelectuais, que mesmo não tendo vínculos diretos com os maristas, estavam construindo uma ideia de língua portuguesa nacional, aspecto preponderante para o projeto editorial marista. Posteriormente José de Sá Nunes, ao ter conhecimento da sua carta no documento marista, expressa-se agradecendo os elogios recebidos pelo editor.

Muito agradecido lhe sou pelas suas últimas gentilezas: carta de 1º e bilhete de 7 do mês atual, além de dois exemplares do lindo e esplêndido *Bulletin des Études*, com a transcrição de carta minha e de Meyer Lubke e com elogios a minha Língua Vernácula, que só se podem atribuir à grandeza do seu bem formado puro coração.¹⁶²

O conteúdo dessa correspondência corrobora para compreensão de que, mesmo o *Bulletin des Études*, sendo um documento com circulação interna dos maristas, em algumas ocasiões era ofertado a esses intelectuais. Verifica-se a afirmação de notoriedade que o editor procurava causar e a possibilidade de que o documento com essa publicação circulasse em outros espaços e pudesse ter visibilidade sobre o alinhamento editorial que os maristas seguiam.

Antenor Nascentes, desde quando conheceu os maristas passou a colocar-se à disposição, além de enviar suas publicações e oferecer informações ainda confidenciais sobre os programas a serem aprovados pelo Colégio Pedro II.

Com todo o prazer o informarei a respeito das minhas publicações; creio que em São Paulo poderá adquiri-las na Casa Alves, que é a editora de alguns trabalhos meus. Estou imprimindo o 1º ano de português, já de acordo com a Reforma. Quando estiver pronto, mandar-lhe-ei um exemplar.¹⁶³

Antenor Nascentes teve obras que tratavam de questões de sintaxe, fraseologia e lexicografia. Foi autor de diversos dicionários entre eles o *Dicionário de Sinônimos da Língua*

¹⁶¹ Fur die freundliche zusendung lhres buches “Língua Vernácula” sage ich lhnen meinenn besten dank. Ich habe es mit grossem interesse gelesen und sehr viel draus gelernt, dabei den eindruck bekommen, dass es denzweek, dem es bestimmt ist, in ausgezeichnete weise erfullen kann. Ich wunsche ihm denn auch moglichst weite Verbreitung. Mit ausgezeichnete hochachtung (PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Nos domínios da filologia: correspondência de José de Sá Nunes. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.25, n.245, p.1-4, jun.1936, p.2.)

¹⁶² PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Nos domínios da filologia: correspondência de José de Sá Nunes. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.25, n.245, p.1-4, jun.1936, p.2.

¹⁶³ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Útil e interessante: correspondência de Antenor Nascentes. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.15, n.143, p.1-4, abr.1926, p.2.

Portuguesa (1957), *Dicionário da Língua Portuguesa* em 4 volumes publicados pela ABL e também obras didáticas como *Os Lusíadas* (1930) que seguiu juntamente com os *Lusíadas* de Mário Bachelet.

Antenor Nascentes circulava em diversos espaços culturais fosse com suas publicações ou ocupando cargos. Em 1957 foi ele nomeado vice-presidente, do recém-fundado IHGRJ (Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro), ao lado de personalidades como: Manoel Paulo Teles de Matos Filho, Afonso Várzea, Antônio Carneiro Leão, Ariosto Berna, Augusto Maurício Queirós Ferreira, Douglas Sidney Amora Levier, Eduardo Tourinho, Henrique Foreis Domingues Almirante, João Batista de Matos, Mário da Veiga Cabral, Manoel Paulo Teles de Matos Filho, Nelson Costa, Odorico Pires Pinto, Pedro Calmon Muniz de Bittencourt e Sílvio Salema Garção Ribeiro (REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO DE JANEIRO, 1966/1967).

Também escrevia artigos na área de filologia em: *A Manhã* juntamente com José de Sá Nunes e na *Revista de Cultura*, o *Bibliographo*, *Boletim de Filologia*, espaços esses em que circularam outros intelectuais que também mantiveram correspondência com os editores. Um desses foi José Oiticica, que por sugestão de Antenor Nascentes, foi consultado sobre uma questão das traduções das fábulas de La Fontaine inseridas em uma das obras da F.T.D.

José Rodrigues Leite e Oiticica nasceu em Minas Gerais em 1882 e faleceu no Rio de Janeiro em 30 de junho de 1957 e também fez parte dos pesquisadores das questões de filologia e linguística com relações amistosas com Antenor Nascentes, Said Ali e José de Sá Nunes. José Oiticica, como era conhecido, teve apenas uma correspondência como os maristas no ano de 1929 (PENHA, 2002).

Caro amigo. Assoberbado esta semana por numerosos e urgentes trabalhos, só hoje posso responder a amável carta que, por intermédio do professor Nascentes, me enviou. À consulta respondo: os fabulistas únicos, que eu saiba, em português são: o autor do livro de Esopo (século XVI provavelmente publicado por Leite de Vasconcelos na Revista Lusitana, 1906), Fellinto Eysaio (as fábulas de La Fontaine, edição rolandiana).¹⁶⁴

Não é possível identificar a dúvida específica do editor, mas tratava-se provavelmente de quais seriam as obras de La Fontaine traduzidas para o português indicadas por esses autores, ou de citação de alguma tradução de autores que possuíam talvez divergências com Nascentes e Oiticica e por sua vez não seria uma boa ideia citar nas obras da F.T.D.

¹⁶⁴ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de Oiticica. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.18, n.179, p.1-4, out.1929, p.2.

Ao final da carta de Oiticica aos maristas embora haja a citação de Carlos de Laet, há um tom de desaprovação da obra *Anthologia Nacional*, publicada pela Francisco Alves. Oiticica caracteriza afirma na carta sobre o livro de Laet:

(...) o juízo de Carlos de Laet na *Anthologia Nacional* é insustentável, pois o estilo da tradução é péssimo(...) Para julgar e comparar as deformações desses tradutores é indispensável conhecer a teoria da fábula. Tracei-a num artigo do *Correio da Manhã* a propósito de um fabulista nosso, Baltazar Pereira.¹⁶⁵

José de Oiticica possuía temperamento impetuoso e forte, o que gerava polêmicas e desavenças entre os estudiosos da área, mas havia seus simpatizantes como Mário de Andrade, que foi aluno marista e simpatizante da F.T.D. Exemplo desse temperamento de Oiticica foi quando de sua participação no 1º Congresso de Língua Cantada, promovida em 1938 pelo Departamento de Cultura de São Paulo, sob a direção de Mário de Andrade (PENHA, 2002).

Oiticica teve apenas essa correspondência recebida pelos maristas, porém pelo tom do texto epistolar, pela proximidade com os correspondentes mais assíduos e pelo alinhamento teórico com eles no que se refere aos debates que seguiram em torno da língua portuguesa verifica-se o apoio.

Para julgar e comparar as deformações desses tradutores é indispensável conhecer a teoria da fábula. Tracei-a num artigo do *Correio da Manhã* a propósito de um fabulista nosso, Baltazar Pereira. Vou mandar tirar uma cópia desse artigo e enviar-lhe-ei (...) meus sinceros agradecimentos pelos elogios feitos a meus livrecos e às fábulas. Para ver o que penso deva ser uma tradução feita de *Le Chêne et le roseau* com o pau ferro e o caniço, inserto no Manual de estilo, p.182. Sempre a seu dispor.¹⁶⁶

Com relação à antipatia do editor por Carlos Laet encontra-se num título publicado em março de 1932 no *Bulletin des Études* com a seguinte indagação “Carlos Laet ou F.T.D???”. O editor registra três interrogações certamente não por acaso. A oposição de Carlos de Laet pelo editor refere-se a sua obra no campo de didáticos, pois esse intelectual, além de católico, teve vínculos com os maristas desde o início do século XX. Uma das primeiras turmas de formandos do Colégio Marista do Campo Comprido no Rio de Janeiro, o teve como paraninfo (ADORÁTOR, 2005).

Em seu longo discurso preferido em 8 de dezembro de 1905, Laet que foi fundador da cadeira número dois da ABL, verifica-se o tom elogioso aos maristas como educadores a partir do excerto abaixo.

¹⁶⁵ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de Oiticica. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.18, n.179, p.1-4, out.1929, p.2.

¹⁶⁶ PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. Correspondência de Oiticica. *Bulletin des Études*, São Paulo, v.18, n.179, p.1-4, out.1929, p.2.

Eis, meus senhores, os conceitos que partiram do nobre e santo fundador dos maristas; com admirável concisão, eis exposto o fim da ordem, a razão de ser, o papel que providencialmente lhe foi marcado na obra da propagação cristã, e que, mercê de Deus, estão desempenhando na nossa Pátria. Aqui, onde escasseia o clero; onde há dioceses sem recursos para manter seminários; onde, à míngua de párocos, desmembram muitíssimas freguesias; onde o zelo apostólico das rareadas fileiras do sacerdócio, apesar de toda a sua dedicação, não logra prover às necessidades espirituais do povo, aqui, muito em boa hora, apelou a sabedoria do Sr. Cardeal à coadjuvação dos beneméritos maristas. Obra patriótica e essencialmente brasileira é, pois, a que eles estão a fazer, cooperando para a educação da juventude nacional; porque, senhores, todo o segredo da reconstrução moral deste país está no levantamento do caráter e tal escopo só atingiremos assentando as virtudes cívicas sobre os largos e sólidos fundamentos da religião (ADORÁTOR, 1917, p. 623).

Carlos de Laet também foi convidado para a inauguração de uma escola marista chamada São Joaquim do Rio Comprido, no Rio de Janeiro em 1910. Em seu discurso, desta vez mais breve, nota-se novamente o tom elogioso ao estilo da educação marista ao encontro de uma visão de escola que preparasse “bons cristãos e virtuosos cidadãos” apregoado pelo *Guia das Escolas* (ASSIS, 2013).

Eminentíssimo senhor Cardeal Arcebispo, Exmo. Senhor prefeito do Distrito Federal. Recebi a missão de dizer duas palavras. Dizer duas palavras é expressão em uso para significar curta alocução. Serei breve. Vitor Hugo disse esse paradoxo, além de tantos outros: “Toda a escola que se abre fecha uma prisão”. Quando o ensino está puramente dirigido para a instrução, abre novos horizontes para que o recebe; mas desperta também novas ambições, novos apetites e desejos de prazer. Se esses apetites não forem freados pela moral, a instrução favorecerá antes a criminalidade. É fato da experiência senhor prefeito, uma interrogação frequente é esta: para que servem os religiosos? Para que servem os irmãos e as irmãs? Vocês têm a resposta na inauguração a que estão assistindo. Servem para educar os filhos dos outros. Servem para dirigi-los na via do bem. Server para preparar, mediante a escola, os cidadãos de amanhã. Senhor prefeito, que lhe fala, o seguiu na sua vida particular e na vida pública. Foi em escola religiosa, funcionando sob os auspícios do grande bispo D. Macedo Costa, que começou a polir seu belo talento, mais tarde, afinado nas escolas superiores; portanto sabe por experiência que nas casas religiosas de educação nada se ensina contra o direito e os interesses civis. Sabe que, pelo contrário, a escola religiosa é a fonte em que se haurem o respeito e a obediência ao princípio da autoridade. Creio já ter dito as minhas duas palavras. Carlos de Laet em 3/7/1910 (ADORÁTOR, 2005, p. 630).

O nome de Carlos de Laet, no entanto, atrelado ao projeto editorial não teve grande repercussão na perspectiva de apoio direto, salvo os embates por conta da elaboração de sua *Antologia* que constituiu uma obra de referência. Uma das justificativas deve-se talvez a maior proximidade desse com o marista Adorátor, que pode ser considerado o primeiro cronista e editor marista do Brasil, pois após os anos de 1912 o responsável pelo projeto editorial foi Isidoro Dumont com o apoio do autor e editor Irmão Mário Bachelet.

Outro fator pode estar relacionado as disputas no campo editorial, uma vez que Carlos Laet e Fausto Barreto eram autores da *Antologia Nacional*, obra referência no Colégio Pedro

II. Essa obra foi uma seleta escolar usada por mais de 70 anos, sendo oficialmente adotadas nas aulas de Língua Portuguesa e seu sucesso “ refletem o momento nacionalista e centralização do ensino secundário a partir do Colégio Pedro II, cujos programas e compêndios tornaram-se referência para as demais escolas secundárias públicas e privadas” (RAZZINI, 2000, p.13).

Além das práticas de produção das obras didáticas que contaram especialmente com o apoio de José de Sá Nunes e Antenor Nascentes há o amparo deles e de outros intelectuais também na divulgação, defesa e elogios das obras da F.T.D.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa constatei que os maristas, após sua chegada ao Brasil, estabeleceram-se em três regiões diferentes, que se tornaram administrativas autônomas. Visando primeiramente o campo educacional e religioso à imagem de sua missão na França, fundaram escolas tendo como um dos objetivos a formação da infância e da juventude ancoradas no *Guide des Écoles*, tendo como um de seus lemas “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos”.

Um dos grupos, aquele que estabeleceu-se na região sudeste investiu no campo editorial, traduzindo e elaborando obras didáticas organizadas em uma coleção intitulada F.T.D. Para que pudessem atingir esse objetivo assumiram práticas editoriais específicas dentro do contexto do Brasil republicano, sendo uma dessas o estabelecimento de vínculos com intelectuais para elaboração, divulgação e apoio de seus projetos e que as obras de língua portuguesa tiveram centralidade devido aos embates em torno da normatização do idioma.

Baseados nesses princípios de formação, assim como em sua experiência no país de origem e em vários países em que já estavam trabalhando, passaram a produzir o material didático para dar suporte a seus alunos e como um apoio a sua docência. Passaram, assim a circular e adquirir credibilidade também no campo editorial.

O processo de busca por espaço no campo editorial além do educacional e religioso foi marcado por um processo concomitante ao apoio que essa Instituição ofereceu à Igreja Católica e a sua missão no Brasil Republicano no período de 1897 até 1958, quando há reestruturação das unidades administrativas dos maristas.

Constatei pela investigação das fontes que, na trajetória marista nesses dois campos até 1958, houve encontros e desencontros no controle da posição obtida, verificados na rede de parcerias, de contratos, de fortalecimento de interesses comuns. No momento em que chegavam ao Brasil, outras congregações católicas também dedicadas à educação buscavam espaço para atuarem e defenderem uma educação cristã, mas nem todas investiram no campo editorial. Percebi esse fato nas correspondências que circularam entre eles e as demais instituições de ensino fundadas por religiosos e religiosas expressando seu interesse na utilização das obras didáticas F.T.D., que configurou-se como um projeto editorial e não como uma empresa editorial.

A circulação dos maristas no campo educacional e religioso atrelada a elaboração de livros didáticos proporcionou condições para que conseguissem marcar posição no campo editorial através de suas práticas editoriais.

Os três grupos de maristas que aqui chegaram, embora com desenvolvimentos de projetos peculiares, estavam integrados entre si no projeto educativo e na utilização das obras F.T.D. elaboradas pela Província do Brasil Central. Os princípios educativos maristas assumidos em seus colégios no país foram amparados por um ideal de educação cristã que teve como instrumental o livro didático.

Além de editores, os maristas exerceram outras funções na Instituição Marista como diretores das escolas, escritores, administradores das províncias, ocupando cargos em comissões ou em conselhos da própria instituição.

Uma das práticas significativas dos maristas foi a efetivação do contrato com a Livraria Francisco Alves e depois com Paulo de Azevedo & Cia., uma das detentoras de maior credibilidade no mercado de livros didáticos no início do século XX e concorreu com outras grandes de didáticos que surgiram posteriormente, sendo uma delas a Companhia Editora Nacional.

A parceria dos maristas com a Francisco Alves veio ao encontro da necessidade de suprir uma demanda cada vez maior de venda de obras provocada pelo aumento das matrículas no Brasil na rede pública, em outros colégios privados e nos próprios colégios maristas.

Toda a produção de obras da Coleção F.T.D. foi inicialmente viabilizada pelo envio das provas dos livros à França, onde a Emmanuel Vitte, em Lyon, fazia todo o trabalho de impressão das obras e enviava ao Brasil os volumes impressos para uso imediato. E a comercialização era realizada, mediante contrato, pela Livraria Francisco Alves e suas filiais. Posteriormente, devido aos problemas de logística criados na Primeira Guerra Mundial, de 1914-18, quem assumiu a impressão das obras no Brasil foi a Typografia Siqueira, permanecendo com a Livraria Francisco Alves a divulgação, comercialização e distribuição das obras.

Os editores maristas, para divulgação das obras para além de seus colégios, antes da criação dos catálogos, operavam sua divulgação via correio com a distribuição de exemplares aos professores/diretores, nesses exemplares havia a lista de outras obras da Coleção F.T.D. Posteriormente Isidoro Dumont criou um catálogo propriamente dito, chamado *Bibliographo*.

A parceria dos maristas com a Francisco Alves deu à então Coleção de Livros Didáticos F.T.D. uma vitrine excepcional, uma vez que a Livraria Francisco Alves era detentora de um catálogo de didáticos e não didáticos com destaque. Além disso, proporcionou aos maristas o

contato com outros autores do campo editorial, sendo que alguns posteriormente os apoiaram para as próprias produções fosse orientando sua edição, fosse elaborando prefácios ou comentários elogiosos na imprensa ou nos círculos de intelectuais que participavam.

Isidoro Dumont atuou como autor, editor e administrador em consonância total com Francisco Alves e depois com Paulo de Azevedo, substituto do primeiro falecido precocemente. Criou o periódico *Bulletin des Études*, mais tarde *Boletim dos Estudos*, que também serviu como um instrumental para melhoria das obras, divulgação interna dos lançamentos, comentários e debates do campo editorial. Ao ser criado o *Bulletin des Études*, houve uma melhoria na qualidade das obras, uma vez que os autores maristas a cada edição emitiam pareceres, comentários e sugestões para novas reedições.

Adorátor, Isidoro Dumont, Exuperâncio, Mário Cristóvão e João Deus administradores provinciais com a colaboração de Mário Bachelet, foram os principais dinamizadores do processo editorial, no que refere-se as práticas de autoria e edição das obras da Coleção de Livros Didáticos da F.T.D. no período de 1912 a 1956.

Uma das práticas editoriais constatadas foi a de que os autores divulgassem e registrassem nas obras os princípios propostos pelos órgãos do governo de cada época, bem como dos Programas Oficiais de ensino, fator que facilitaria a aceitação das obras didáticas da F.T.D. num mercado mais amplo.

Alguns editores tiveram fator preponderante no desenvolvimento da autoria e edição no Brasil, como o foi Francisco Alves, cumpre também destacar o papel dos editores e autores maristas na configuração do mercado editorial brasileiro de didáticos, que mesmo com certa dependência, efetivaram um processo de autonomização e legitimidade.

A parceria da Francisco Alves com os maristas perdurou até 1956. Constatei que o contato do editor Isidoro Dumont com a Francisco Alves foi estabelecido pelo seu funcionário Paulo de Azevedo que possuía um irmão que estudava no Colégio Marista Nossa Senhora do Carmo. Depreendi da leitura do catálogo da Livraria Francisco Alves de 1954, em comemoração de seus 100 anos, o significado que teve esse contrato para ambos tanto na divulgação das obras como na credibilidade adquirida.

Esse aspecto permitiu-me a compreensão de uma parte do projeto editorial marista efetivado até o 1956, o qual foi sustentado por práticas específicas de autoria, edição e apoiados por um grupo de intelectuais com legitimidade nos campos em que atuavam. Por outro lado, possibilitou a abertura de outras investigações da continuidade desse processo editorial quando os maristas celebram um contrato com a Editora do Brasil em 1956 até 1963.

O período de 1920 a 1940 representou o momento do *entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico*, em que diversos intelectuais que apregoavam por si próprios a autoridade perante o Estado, para executar sua missão política, caracterizada em “forjar a consciência nacional” e a “organização social” estabeleceram contato com os maristas (NAGLE, 1976).

Esses intelectuais tiveram acesso a postos-chave em órgãos da imprensa, Estado, ou em movimentos que se desenhavam no período como a criação da ABE, as Conferências de Educação realizadas nesse período, o Manifesto dos Pioneiros, ou nos embates para elaboração da Constituição de 1934 e 1937, respectivamente.

Mesmo com posições antagônicas entre alguns, foram qualificados para interpretação da necessidade de uma cultura nacional, da educação, de modo que o Estado reconheceu em alguns deles esse direito, garantindo credibilidade. Ao estarem ligados à defesa e ao apoio das obras da F.T.D. beneficiaram o projeto editorial dela no Brasil.

Parte desses intelectuais, da elite econômica, cultural e política, estabeleceram contato com os maristas, os quais ofertaram apoio na produção ou divulgação das obras didáticas principalmente as de língua portuguesa. Dentre eles destacam-se até a década de 1940, Guilherme de Almeida, Carlos Morais de Andrade, Mario de Andrade, João Leda, Paulo Setúbal, Alexandre Correia antigos alunos maristas, ligados a importantes movimentos culturais no Brasil, como a Semana de Arte Moderna, além dos postos ocupados, como Mário de Andrade na Gestão Capanema quando Ministro da Educação e Saúde no Governo Vargas.

Há intelectuais que, mesmo que não tivessem sido alunos maristas, prestaram apoio na ao projeto editorial de Isidoro Dumont na perspectiva de possibilitar maior credibilidade. Foram eles José de Sá Nunes, Afrânio Peixoto, Antenor Nascentes e José de Oiticica. Ao mesmo tempo em que esses intelectuais ofereciam suporte ao projeto editorial, contavam com publicações suas nas obras da F.T.D. num jogo duplo de interesses.

Os maristas, por sua vez, publicavam em seus documentos aspectos da trajetória deles de modo laudatório ou ainda transcreviam as correspondências recebidas na íntegra. Nessas missivas pude verificar orientações com relação ao campo editorial. Esse processo da trajetória dos maristas contribuiu para o fortalecimento do catolicismo no Brasil republicano que viu-se de certa forma enfraquecido com o advento da primeira constituição republicana em 1891.

Com a morte do editor e administrador Isidoro Dumont houve uma ressignificação no modo de produzir e editar os livros da coleção F.T.D. Embora o irmão Mário Bachelet (Epifânio), braço direito de Isidoro Dumont, continuasse produzindo as obras do período dele, fosse como autor ou editor, não houve renovação das edições. Por outro lado, o campo editorial

nacional reagia e organizava-se de modo a promover um fortalecimento com a criação de algumas editoras novas.

Nesse cenário, a Província Marista do Brasil Central, administradora da Coleção F.T.D., fica sob o comando do Irmão João de Deus que encerrou o contrato dos maristas com a Paulo de Azevedo e Typografia Siqueira e optou pela Editora do Brasil no ano de 1956, quando há um realinhamento editorial da Coleção F.T.D.

Encerro essa discussão com esperança de que o debate sobre a F.T.D., o campo editorial e sobre os maristas continuem. Os documentos aqui investigados e os que ainda estão disponíveis nos arquivos, oferecem possibilidade de aprofundamento na perspectiva de estudos sobre biografias seja dos maristas ou dos intelectuais, autoria, formação do campo de livros didáticos, relações de sociabilidade, disciplinas escolares, instituições católicas e história dos intelectuais.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Centenário da ortografia oficial da língua portuguesa: caminhos percorridos. **Linguagem em (RE) vista**, Niterói, v. 10, n. 20, p. 08-20, jul./dez. 2015.

ABREU, Marcia (Org.). **Leituras no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discurso de posse de Afrânio Peixoto**. Rio de Janeiro: ABL, 1911. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-posse>. Acesso em: 20 maio 2018.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discurso de posse de Paulo Setúbal**. Rio de Janeiro: ABL, 1935. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/paulo-setubal/discurso-de-posse>. Acesso em 20 mar. 2019.

ALAMINO, Caroline Antunes Martins. **O pensamento histórico dos jovens sobre movimentos de resistência à escravidão e os usos dos livros didáticos de história (2001-2011)**. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ANDRADE, Mário de. **Há uma gota de sangue em cada poema**. São Paulo: Poca&Comp., 1918.

ANDRADE, Mário de. **Pauliceia Desvairada**. São Paulo: Casa Mayença, 1922.

ANDRADES, Marcelo Ferreira de. **De Petrópolis para o mundo: as estratégias editoriais dos gestores da editora Vozes (1901-1985)**. 2001. 362 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

ASSIS, Paula Maria de. **A concepção de educação na Revista Vozes durante os debates da LDB 1956 a 1965: o período de frei Aurélio Stulzer**. 2008. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

ASSIS, Paula Maria de. **A educação dos sentidos nas escolas maristas: o Guia des écoles**. 2013. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA IMPRENSA. **Ato pelo centenário de João Felício dos Santos**. Rio de Janeiro, 2011.

AZZI, Riolando. **História da educação católica no Brasil: contribuição dos Irmãos Maristas**. Vol.1. São Paulo: SIMAR, 1996a.

AZZI, Riolando. **História da educação católica no Brasil: contribuição dos Irmãos Maristas**. Vol.2. São Paulo: SIMAR, 1996b.

AZZI, Riolando. **História da educação católica no Brasil: contribuição dos Irmãos Maristas**. Vol.3. São Paulo: SIMAR, 1999.

BARONE, Jessica. **Livros didáticos de matemática da editora F.T.D no cenário brasileiro:** as primeiras décadas do século XX. 2008. 100 f. dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

BARRIO, Juan Jesús Moral. **A vitalidade do Paradigma educativo maristas:** 1840-1993. Curitiba: FTD, 2017.

BARROS, Homero. Sá Nunes. **Revista dos Cursos de Letras**, Curitiba, n.3, p.04-06, abr.1955.

BITTENCOURT, Agueda Bernardete. O livro e o selo: editoras católicas no Brasil. **Pro-Posições**, Dossiê Catolicismo e Formação Cultural, Campinas, v. 25, n. 1, p. 31-54, jan./abr. 2014.

BITTENCOURT, Agueda Bernardete. A era das congregações - pensamento social, educação e catolicismo. **Pro-Posições**. Campinas, v. 28, n. 3, p. 29-59, set./dez. 2017.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico:** uma história do saber escolar. 1993. 369 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BOMENY, Maria Helena Bousquet. Infidelidade eletivas: intelectuais e política. *In:* BOMENY, Maria Helena Bousquet. **Constelação Capanema:** intelectuais e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p.11-35.

BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Une révolution conservatrice dans l'édition. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Lyon, v. 126, n. 126-127, p. 03-28, mars.1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 9 ed. Campinas: Papirus, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Uma revolução conservadora na edição. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 17, n. 39, p.198-249, mai./ago. 2018. [Tradução de Luciana Salazar Salgado e José de Souza Muniz Jr. Originalmente publicado em Actes de la recherche en Sciences Sociales, v. 126-127, p. 3-28, mars 1999.]

BRAGANÇA, Aníbal. A função editor de livros escolares. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 14., 2001. Campo Grande. **Anais [...]** Campo Grande: INTERCOM, 2001.

Disponível

em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4BRAGANCA.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impressos no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor: notas para sua história. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p.219-237, jul./dez. 2005.

BRAGANÇA, Aníbal (Org.). **Rei do Livro**: Francisco Alves na História do Livro e da Leitura no Brasil. São Paulo: USP, Niterói: UFF, 2016.

BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à história editorial brasileira. **Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias**, Lisboa, v.14, p.57- 83, jan./dez. 2002.

BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. A Editora do Brasil S/A nos anos 1960-1970: a consolidação de uma editora brasileira no mercado didático e o ensino de educação moral e cívica. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 12, n. 3 (30), p.153-178, set./dez. 2012.

BRASIL. Decreto nº 20.108, de 15 de junho de 1931. Dispõe sobre o uso da ortografia simplificada do idioma nacional nas repartições públicas e nos estabelecimentos de ensino. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20108-15-junho-1931-560684-publicacaooriginal-83803-pe.html>. Acesso em: 15 nov.2018.

BRASIL. Decreto nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938. Estabelece as condições de produção, importação e utilização do livro didático. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 5 de jan. 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 01 mar.2016.

BRASIL. Decreto nº 8.286, de 5 de dezembro de 1945. Aprova o Acôrdio Ortográfico para a unidade da Língua Portuguesa. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 5 de dez. 1945. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8286-5-dezembro-1945-416343-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 de abr.2018.

BRASIL. Decreto nº 38.556, de 12 de janeiro de 1956. Institui a Campanha Nacional de Material de Ensino. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 12 de jan. 1956. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-38556-12-janeiro-1956-323141-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 8 de nov.2019.

BRASIL. Decreto nº 4.024/61, 20 de dezembro de 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 de dez. 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 01 de mar.2016.

BRASIL. Decreto nº 91.542, de 19 de agosto de 1985. Institui o Programa Nacional do Livro Didático, dispõe sobre sua execução e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 19 de ago. 1985. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980->

1987/decreto-91542-19-agosto-1985-441959-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 01 de mar.2016.

BULLETIN DE L'INSTITUT DES PETIT FRÈRES DE MARIE. Roma: marista, 1909-1984.

BUNZEN, Clécio; MEDEIROS, Rejane Rodrigues Almeida de. O ensino de gramática na Primeira República (1889-1930): uma análise da gramática expositiva, de Eduardo Carlos Pereira. **Linha D'Água (online)**, v.29, n. 1, p. 119 - 141, jun. 2016.

CAMARA, Alexsandra; PINTO, Neuza Bertoni. A geometria no ensino primário na década de 1920-1930. In: 2º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática: fontes, temas, metodologias e teorias: a diversidade na escrita da história da educação matemática no Brasil. 2.,2014, Bauru. **Anais [...]** Bauru: UNESP, 2014, 2014. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/enaphem/sistema/trabalhos/Novos%20PDF/60.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

CARVALHO, Carlos Henrique de; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Coord.). **História da Educação em Minas Gerais: da Colônia à República**. Vol. 1. Colônia. LIMA, Thaís Nêvia de (Orgs.). Uberlândia: UDUFU, 2019.

CARVALHO, Carlos Henrique de; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Coord.). **História da Educação em Minas Gerais: da Colônia à República**. Vol. 2. Império. LOPES, Eliane Marta Teixeira; CHAMON, Carla Simone (Orgs.). Uberlândia: UDUFU, 2019.

CARVALHO, Carlos Henrique de; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Coord.). **História da Educação em Minas Gerais: da Colônia à República**. Vol. 3. República. GONÇALVES NETO; CARVALHO, Carlos Henrique de (Orgs.). Uberlândia: UDUFU, 2019.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Reconfiguração do mercado editorial brasileiro de livros didáticos no início do século XXI: história das principais editoras e suas práticas comerciais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 281-312, jul./dez. 2005.

CASTRO, Jorge Abrahão. **O processo de gasto público do Programa do Livro Didático**. Brasília: IPEA, 1996. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3566. Acesso em: 20 mar. 2017.

CASTRO, Elizabeth Amorim; IMAGUIRE, Marialba Rocha Gaspar. **Ensaio sobre arquitetura em Curitiba: colégios e educandários**. Curitiba: Editora das autoras, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999a.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. 2. ed. Brasília: UnB, 1999b.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvio M.L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CHARTIER, Roger. Escutar os Mortos com os Olhos. **Revista Estudos Avançado**, São Paulo, v.24, n. 69, p.1-30, jan. 2010.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CAMPOS, Névio de. **Intelectuais e igreja católica no Paraná: 1926-1938**. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CASSIANO, Cecília Cristina de Figueiredo. Reconfiguração de mercado editorial brasileiro de livros didáticos no início do século XXI: história das principais editoras e suas práticas comerciais. **Questões**, Porto Alegre, v.11, n.2, p. 281-312, jul./dez. 2005.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

COUTINHO, Pedro dos Reis. **História dos Irmãos Maristas em Uberaba**. Belo Horizonte: Arquivo Público, 2000.

CPDOC. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

CUNHA, Luís Antônio. A organização do campo educacional: as Conferências de Educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.3, n.9, p.03-48, maio. 1981.

CUNHA, Luís Antônio. Ensino superior e universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-204.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira: Católicos e liberais**; 2. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

DARBOUR, Aurélie et al. **Une Maison d'édition lyonnaise: la librairie générale catholique et classique Emmanuel Vitte entre 1876 et 1928**. França: ENSSIB, 2004.

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação**. São Paulo: UNESP, 1999.

EDITORA DO BRASIL. Uniformização de nomenclatura Gramatical. **Revista da Editora do Brasil S/A (EBSA)**, São Paulo, n. 114, p.1-42, abr. 1957.

ESTAÚN, Antonio Martínez. **Reflexões para uma fundamentação da presença marista.** Cadernos Maristas, Roma, v. 32, p. 87-114, maio, 2014.

FARIAS, Washington Silva de. **Sentidos da língua e do sujeito ensinar-aprender no Brasil: o discurso da coleção Novo Manual de Língua Portuguesa F.T.D (1909-1943).** 2010. 282 f. Tese (Doutorado em Linguística e Ensino) - Universidade Federal da Paraíba, 2010.

FERNANDES, Antônio Carlos. **O turíbulo e a chaminé: a ação do bispado no processo de constituição da modernidade em Diamantina (1864-1917).** 2005. 211 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Diamantina, 2005.

FERREIRA, Rita de Cássia. **A Comissão Nacional do Livro Didático durante o Estado Novo (1937 – 1945).** 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista de Assis, Assis, 2008.

FERREIRA, Suzana da Costa. I Conferência Nacional de Educação da Associação Brasileira de Educação (ABE, Curitiba, 1927): revendo significados da sua relação com a origem da Escola Nova no Brasil. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 26, n. 12, p. 69-92, maio/ago. 2006.

FILGUEIRAS, Juliana Miranda. **Os processos de avaliação de livros didáticos no Brasil (1938-1984).** 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 211.

FMS. **Constituições e Estatutos dos Irmãos Maristas.** São Paulo, Loyola, 1993.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Portugal: Veja Passagens. 2002.

FREITAG, Bárbara et al. **O livro didático em questão.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREITAS, Maria Barbosa Nainôra. **A criação da diocese de Ribeirão Preto e o governo do primeiro bispo: D. Alberto José Gonçalves.** 2006. 256 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006.

FRÈRES MARISTES. **Guide des Écoles.** Librairie Perisse Frères, Lyon, 1853.

FURET, Jean-Baptiste. **Vida de São Marcelino José Bento Champagnat.** São Paulo: Loyola, SIMAR, 1999.

FURET, Jean Baptiste et al. **Guia das Escolas para uso nas casas dos Pequenos Irmãos de Maria:** documento do 2º Capítulo Geral do Instituto Marista. Brasília: Umbrasil, 2010.

GALUCIO, Andrea Lemos Xavier. **Civilização brasileira e brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política.** 2009. 316 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

GONÇALVES NETO, Wenceslau; CARVALHO, Carlos Henrique de (Orgs.). **História da Educação em Minas Gerais: da colônia à república.** Vol. 3. Uberlândia: EDUFU, 2019.

GRANJA, Lucia. Entre homens e livros: contribuições para a história da livraria Garnier no Brasil. **Revista do NELE** (Núcleo de Estudos do Livro e da Edição). São Paulo, v.1, n. 3, p. 41-49, 2013.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: Sua história**. Tradução de Maria da Penha Villa Lobos; Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo de Souza. 3. ed. São Paulo: USP, 2012.

HAMPEJS, Zdenek. Três aspectos da obra de Antenor Nascentes. *Revista Letras*, Curitiba, v.12, p.01-12, jun./dez.1961.

HOFLING; Eloisa de Matos. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.21, n. 70, p. 159-170, abr. 2000.

HOFLING; Eloisa de Matos. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos CEDES**, Campinas, v.21, n. 55, p.30-41, nov.2001.

KLINGER, Bertoldo Ritter. **Ortografia Simplificada Brasileira**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1943.

KRAFZIK, Maria Luiza de Alcântara. **Acordo MEC/USAID- A Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático – COLTED (1966-1971)**. 2006. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZIBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**.1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

LAGROYE, Jacques. **La vérité dans l'Église catholique: contestations et restauration d'un régime d'autorité**, Paris, Belin. Collection Sociologiquement, 2006.

LANFREY, André. **História do Instituto: da aldeia de Marilhes à expansão mundial (1789-1907)**. Tomo I. Tradução de Miro Reckziegel. Roma: Casa Geral, 2015.

LANFREY, André. **Marcelino Champagnat e os primeiros irmãos maristas 1789-1840: tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação**. 1. ed. Curitiba: FTD, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 4. ed. UNICAMP, 1996.

LEONARDI, Paula. Congregações Católica e educação: o caso da Sagrada Família de Bordeaux. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 11, n. 2 (26), p. 103-129, maio./ago.2011.

LEONARDI, Paula. Educação e Catolicismo. **Pensar a Educação em Revista**, Curitiba/Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 3-23, out./dez.2016.

LEONARDI, Paula; BITTENCOURT, Agueda Bernardete. De documento religioso a fonte histórica: as atas do I Concílio Plenário da América Latina. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 30, n. 59, p. 135-158, jan./jun. 2016.

MEGALE, Lafayette. **FTD 100 anos fazendo o amanhã**. São Paulo: FTD, 2003.

MELO, Geovana Ferreira. **Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina** (Colégio N. Sra. das Dores – Uberaba - 1940/1966). 2002. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MICELI, Sérgio. Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas em São Paulo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 167-207, jun. 2004.

MOLLIER, Jean Yves. **O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MONIZ, Edmundo. **Francisco Alves de Oliveira: livreiro e autor**. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

MONTEIRO, Raul Leme. **Carmo: patrimônio da história, arte e fé**. São Paulo: Ordem Terceira do Carmo, 1978.

MORÉS, André Luís (org.). **Irmão Teofânio Durand: frère Théophane Durand, biografia**. Tradução de Therezinha de Jesus Fernandes. São Paulo: FTD, 2011.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revistas Brasileira de História da Educação**, Campinas, v.12, n. 3 (30), p.179-197, set./dez.2012a.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático como mercadoria. **Pro-Posições**, Capinas, v.23, n. 3 (69), p. 51-66, set.dez.2012b.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EDUSP, 1976.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NASCENTES, Antenor. **Ortografia simplificada ao alcance de todos**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1931.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário da língua portuguesa (Vol. I ao IV)**. Rio de Janeiro: ABL, 1950.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos da língua portuguesa**. Atlântida, 1957.

NEVES, Edna Rosele da Conceição. **Uma trajetória pela história da atividade editorial brasileira**: Livro didático de Matemática, Autores e Editoras. 2005. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

NUNES, Iran de Maria Leitão. **Os primórdios da obra dos irmãos maristas no Maranhão (1908 – 1920)**. 200. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – American World Universty, Iowa, 2000.

NUNES, José de Sá. Lições e notas de linguagem. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, p.1-32, 8 mar. 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1942_14523.pdf. Acesso em: 15 abr.2021.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e GUIMARÃES; Sonia Dantas Pinto; BOMÉNY, Helena Maria Bousquet. **A política do livro didático**. Campinas: Summus Editorial, 1984.

OLIVEIRA, Luciano de. **O processo de escolha do livro didático de língua portuguesa das séries finais do ensino fundamental**.2011. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. “A Bandeira e a Cruz”: caminhos da trajetória da educadora intelectual Maria Junqueira Schmith. **Educar em Revista**, Curitiba, v.33, n. 65, p.103-118, jul./set. 2017.

PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca**: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru: EDUSC, 2003.

PECAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática ,1990.

PEDRO, Ricardo Tomasiello. **História da equiparação do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo ao Colégio Pedro II (1900 – 1940)**. 2014. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014.

PENHA, João Alves Pereira. **Filólogos brasileiros**. Franca: Ribeirão Gráfica, 2002.

PINAS, Raquel Quirino. **Prêmio e castigo no Colégio Arquidiocesano de São Paulo (1908-1963)**. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014.

PINTO JR., Arnaldo. A história ensinada através dos livros didáticos de Joaquim Silva: uma educação moderna dos sentidos. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 1., 2011. São Paulo. **Anais** [...] São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308184738_ARQUIVO_TextoAnpuh2011def.pdf. Acesso em 10 out. 2020.

PINTO JR., Arnaldo. **Professor Joaquim Silva, um autor da história ensinada no Brasil**: livros didáticos e educação moderna dos sentidos (1940-1951). 2010. 271 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. Urbes industrializada: o modernismo e a paulicéia como ícone da brasilidade. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 42, 2001, p. 435-455, 2001.

PFROMM NETO, Samuel et al. **O livro na educação**. Rio de Janeiro: Primor-MEC, 1974.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. **O espelho da nação**: a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971). 2000. 428 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. Produção de livros didáticos e expansão escolar em São Paulo (1889-1930). In: XIV Jornadas Argentinas de Historia de la Educación, 2006. La Plata. **Anais** [...] La Plata: FAHCE, 2006. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.13278/ev.13278.pdf. Acesso em 12 mar. 2020. Acesso em: 12 mar. 2020.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. História da disciplina português na escola secundária brasileira. **Revista Tempo e Espaço na Educação**, Sergipe, v. 3, n. 4, 2010, p.43-58, 2010.

RIGO, Kate Fabiani. **Maristas franceses em redutos alemães**: reação germanista frente à pedagogia francesa aplicada pelos Irmãos no Rio Grande do Sul. 2003. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ROCHET, Marc. **La Maison Vitte**: une page d'histoire lyonnaise (1876-1975). Lyon: Marc Rochet, 2011.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 18. ed. São Paulo: Vozes, 1998.

SEDREZ, Ascânio João. **A presença dos Irmãos Maristas em São Paulo: educação evangelizadora? Um estudo de caso**: Colégio Nossa Senhora da Glória, Colégio Arquidiocesano de São Paulo. 1998. 259 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

SILVA, Washington Abadio da. **A formação de “bons cristãos e virtuosos cidadãos” na princesa do sertão**: o colégio marista diocese de Uberaba (1903- 1916). 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

SILVA, Diego Barbosa. Ortografia unificada: arena de disputas entre Portugal e Brasil. **PALIMPSESTO**, Rio de Janeiro, v. 10, n.13, p. 01-35, jul./dez. 2011.

SCHWARTZMAN, Simon; BOUSQUET, Maria Helena; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: FGV, 2000.

SEIDL, Ernesto. **A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul**. 2003. 462 f. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SEIDL, Ernesto. Uma elite pouco (re)conhecida: o episcopado brasileiro. **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 35-60, dez. 2017.

SETÚBAL, Paulo. **Confiteor**. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Companhia Editora Nacional, 1937.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p.231 - 269.

SIRINELLI, Jean François. As Elites Culturais. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; Sirinelli, Jean François. **Para uma História Cultural**. 1. ed. Tradução Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259 - 279.

SORÁ, Gustavo. **Brasileanas**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010.

TAKEUCHI, Márcia Regina. **Análise material de livros didáticos para Educação de Jovens e Adultos**. 2005. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000.

UMBRASIL. **Cartas de Marcelino J. B. Champagnat**. Brasília: UMBRASIL, 2019.

VIDAL NETO, José Bento Cardoso. As notações etimológicas em Sousa da Silveira: um estudo de caso. **Confluência**, Rio de Janeiro, n.52, p.51-63, jan./jul.2017.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Conferências Nacionais de Educação: intelectuais, Estado e discurso educacional (1927-1967). **Educar em Revista**, Curitiba, v.65, p. 19-34, jul./set. 2017.

VIEIRA, Sofia Lerche; FARIAS, Isabel Maria Sabino. **Política Educacional no Brasil**: introdução histórica. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

REFERÊNCIAS DAS OBRAS DA COLEÇÃO F.T.D.

BACHELET, Mário. **Novo Manual de Língua Portuguesa**: gramática, lexicologia, análise, compilação. Curso Elementar. Coleção de livros clássicos F.T.D. 1929.

BACHELET, Mário. **Literatura brasileira**. Coleção de livros clássicos F.T.D. 1930.

COLEÇÃO F.T.D. **Exercícios de cálculo com problemas sobre as operações fundamentais para uso das aulas elementares**. 6ª edição. 1916.

COLEÇÃO F.T.D. **Exercícios de gramática**: livro do mestre. Coleção de livros clássicos F.T.D. 1943.

COLEÇÃO F.T.D. **Geometria Elementar com noções de agrimensura e de nivelamento, segundo os programmas officiaes**. Curso Médio. 1925.

COLEÇÃO F.T.D. **Novas tábuas de logaritmos**. Livraria Francisco Alves. 1937.

COLEÇÃO F.T.D. **Noções Gerais de literatura**: theoria literária, técnica literária, gêneros literários. Coleção de livros Clássicos F.T.D. Livraria Francisco Alves/ Paulo de Azevedo & Cia. 1929.

COLEÇÃO F.T.D. **Novo Manual de língua portuguesa luso-brasileira**: curso superior, livro do mestre. Coleção de livros Clássicos F.T.D. Livraria Francisco Alves/ Paulo de Azevedo & Cia. 1929.

COLEÇÃO F.T.D. **Novo Manual de língua portuguesa**: gramática histórica, curso complementar. Coleção de livros Clássicos F.T.D. Livraria Francisco Alves/ Paulo de Azevedo & Cia. 1927.

COLEÇÃO F.T.D. **Os lusíadas**. Coleção de livros Clássicos F.T.D. Livraria Francisco Alves/ Paulo de Azevedo & Cia. 1930.

COLEÇÃO F.T.D. **Língua Vernácula**: gramática e antologia. Coleção de livros Clássicos F.T.D. Livraria Francisco Alves/ Paulo de Azevedo & Cia. 1936.

FONTES

ADORÁTOR, Irmão. **Vinte anos de Brasil**. Tradução de irmão Virgílio Josué Balestro. São Paulo: SIMAR, 2005.

ADORÁTOR, Frère. **Vingt Ans de Brésil 1897-1917**: fondation et developpement de la Province du Brésil Central. Mendes, 1917.

ALVES, Francisco. **Catálogo das edições da Francisco Alves de Paulo de Azevedo**. Rio de Janeiro, 1933.

ALVES, Francisco. **Relação Completa das obras publicadas pela Livraria Francisco Alves**. Rio de Janeiro, 1954.

BOLETIM DOS ESTUDOS. São Paulo: marista, 1939-1945.

BULLETIN DES ÉTUDES. São Paulo: marista, 1912-1938.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **Província Marista de São Paulo**: síntese histórica. São Paulo: Instituto dos Irmãos Maristas, 1984.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **História da Educação no Brasil**: Editora F.T.D - Centenário (1900-2000). São Paulo: Instituto dos Irmãos Maristas, 1998.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **O livro didático no Brasil FTD**: para uso interno. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 2000.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Irmão Isidoro Régis**. Manuscrito. Belo Horizonte: CEM. s/d.

PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. **Escôrço Biográfico do primeiro provincial dos irmãos maristas no Brasil Central**. Rio de Janeiro: Francisco Alves e Paulo de Azevedo, 1941.

PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL. **Escôrço Biográfico do segundo provincial dos irmãos maristas no Brasil Central**. Rio de Janeiro: Francisco Alves e Paulo de Azevedo, 1941.

VIDA MARISTA. São Paulo: marista, 1959-1970.

VÍNCULO MARISTA. Rio de Janeiro: marista, 1959-1967.

VOZ MARISTA. São Paulo: marista, 1945 – 1958.

APÊNDICES

BULLETIN DES ÉTUDES – Província Marista do Brasil Central

Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1912	Março	1-4	1	1
	Abril			2
	Maio			3
	Junho			4
	Julho			5
	Agosto			6
	Setembro			7
	Outubro			8
	Novembro			9 ¹⁶⁷
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1913	Fevereiro	1-4	2	10
	Março			11
	Abril			12
	Maio			13
	Junho			14
	Julho			15
	Agosto			16
	Setembro			17
	Outubro			18
	Novembro			19
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1914	Fevereiro	1-4	3	20
	Março			21
	Abril			22
	Maio			23
	Junho			24
	Julho			25
	Agosto			26
	Setembro			27
	Outubro			28
	Novembro			29
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1915	Fevereiro	1-4	4	30
	Março			31
	Abril			32
	Maio			33
	Junho			34
	Julho			35
	Agosto			36
	Setembro			37
	Outubro			38
	Novembro			39

¹⁶⁷ Não encontrado

Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1916	Fevereiro	1-4	5	40
	Março			41
	Abril			42
	Maio			43
	Junho			44
	Julho			45
	Agosto			46
	Setembro			47
	Outubro			48
	Novembro			49
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1917	Fevereiro	1-4	6	50
	Março			51
	Abril			52
	Maio			53
	Junho			54
	Julho			55
	Agosto			56
	Setembro			57
	Outubro			58
	Novembro			59
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1918	Fevereiro	1-4	7	60
	Março			61
	Abril			62
	Maio			63
	Junho			64
	Julho			65
	Agosto			66
	Setembro			67
	Outubro			68
	Novembro			69
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1919	Fevereiro	1-4	8	70
	Março			71
	Abril			72
	Maio			73
	Junho			74
	Julho			75
	Agosto			76
	Setembro			77
	Outubro			78
	Novembro			79

Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1920	Fevereiro	1-4	9	80
	Março			81
	Abril			82
	Maio			83
	Junho			84
	Julho			85
	Agosto			86
	Setembro			87
	Outubro			88
	Novembro			89
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1921	Fevereiro	1-4	10	90
	Março			91
	Abril			92
	Maio			93
	Junho			94
	Julho			95
	Agosto			96
	Setembro			97
	Outubro			98
	Novembro			99
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1922	Fevereiro	1-4	11	100
	Março			101
	Abril			102
	Maio			103
	Junho			104
	Julho			105
	Agosto			106
	Setembro			107
	Outubro			108
	Novembro			109
			Especial	110
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1923	Fevereiro	1-4	12	111
	Março			112
	Abril			113
	Maio			114
	Junho			115
	Julho			116
	Agosto			117
	Setembro			118
	Outubro			119
	Novembro			120

Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1924	Fevereiro	1-4	13	121
	Março			122
	Abril			123
	Maio			124
	Junho			125
	Julho			126
	Agosto			127
	Setembro			128
	Outubro			129
	Novembro			130
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1925	Fevereiro	1-4	14	131
	Março			132
	Abril			133
	Maio			134
	Junho			135
	Julho			136
	Agosto			137
	Setembro			138
	Outubro			139
	Novembro			140
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1926	Fevereiro	1-4	15	141
	Março			142
	Abril			143
	Maio			144
	Junho			145
	Julho			146
	Agosto			147
	Setembro			148
	Outubro			149
	Novembro			150
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1927	Fevereiro	1-4	16	151
	Março			152
	Abril			153
	Maio			154
	Junho			155
	Julho			156
	Agosto			157
	Setembro			158
	Outubro			159
	Novembro			160

Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1928	Fevereiro	1-4	17	161
	Março			162
	Abril			163
	Maio			164
	Junho			165
	Julho			166
	Agosto			167
	Setembro			168
	Outubro			169
	Novembro			170
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1929	Fevereiro	1-4	18	171
	Março			172
	Abril			173
	Maio			174
	Junho			175
	Julho			176
	Agosto			177
	Setembro			178
	Outubro			179
	Novembro			180
No	Mês	Páginas	Volume	Número
1930	Fevereiro	1-4	19	181
	Março			182
	Abril			183
	Maio			184
	Junho			185
	Julho			186
	Agosto			187
	Setembro	188		
	Outubro	189		
	Novembro	190		
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1931	Fevereiro	1-4	20	191
	Março			192
	Abril			193
	Maio			194
	Junho			195
	Julho			196
	Agosto			197
	Setembro 168			198
	Outubro			199
	Novembro			200

¹⁶⁸ O título foi traduzido para Boletim dos Estudos neste número.

Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1932	Fevereiro	1-4	21	201
	Março			202
	Abril			203
	Maio			204
	Junho			205
	Julho			206
	Agosto			207
	Setembro			208
	Outubro			209
	Novembro			210
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1933	Fevereiro	1-4	22	211
	Março			212
	Abril			213
	Maio			214
	Junho			215
	Julho			216
	Agosto			217
	Setembro			218
	Outubro			219
	Novembro			220
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1934	Fevereiro	1-4	23	221
	Março			222
	Abril			223
	Maio			224
	Junho			225
	Julho			226
	Agosto			227
	Setembro			228
	Outubro			229
	Novembro			230
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1935	Fevereiro	1-4	24	232
	Março/abril			233
	Maio			234
	Junho			235
	Julho			236
	Agosto			237
	Setembro			238
	Outubro			239
	Novembro			240

Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1936	Fevereiro	1-4	25	241
	Março			242
	Abril			243
	Maio			244
	Junho			245
	Julho			246
	Agosto			247
	Setembro			248
	Outubro			249
	Novembro			250
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1937	Fevereiro	1-4	26	251
	Março			252
	Abril			253
	Maio			254
	Junho			255
	Julho			256
	Agosto			257
	Setembro			258
	Outubro			259
	Novembro			260
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1938	Fevereiro	1-4	27	261
	Março			262
	Abril			263
	Maio			264
	Junho			265
	Julho			266
	Agosto			267
	Setembro			268
	Outubro			269
	Novembro			270

BOLETIM DOS ESTUDOS- Província Marista do Brasil Central

Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1939	Fevereiro	1-4	28	271
	Março			272
	Abril			273
	Maio			274
	Junho			275
	Julho			276
	Agosto ¹⁶⁹			277
	Setembro			278
	Outubro			279
	Novembro			280
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1940	Fevereiro	1-4	29 Ano 100 (71) ¹⁷⁰	281
	Março			282
	Abril			283
	Maio			284
	Junho ¹⁷¹			285
	Julho			286
	Agosto			287
	Setembro			288
	Outubro			289
	Novembro			290
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1941	Fevereiro	1-4	30	291
	Março			292
	Abril			293
	Maio			294
	Junho			295
	Julho			296
	Agosto			297
	Setembro			298
	Outubro			299
	Novembro			300
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
	Fevereiro			301

¹⁶⁹ Neste número aparece novamente a tradução do documento como Boletim dos Estudos, mantendo-se até

¹⁷⁰ Aparece no documento no mês de fevereiro ano 100, número 71, a qual acreditamos não referir-se propriamente a organização numérica seguida até então.

¹⁷¹ No documento há registro que o número de edição seria 283, porém de acordo com a lógica observada, o correto seria 285.

1942	Março	1-4	31	302
	Abril			303
	Maio			304
	Junho			305
	Julho			306
	Agosto			307
	Setembro			308
	Outubro			309
	Novembro			310
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1943	Fevereiro	1-4	32	311
	Março			312
	Abril			313
	Maio			314
	Junho			315
	Julho			316
	Agosto			317
	Setembro			318
	Outubro			319
	Novembro			320
no	Mês	Páginas	Volume	Número
1944	Fevereiro	1-4	33	321
	Março	1-4		322
	Abril			323
	Maio			324
	Junho			325
	Julho			326
	Agosto			327
	Setembro			328
	Outubro			329
	Novembro			330
Ano	Mês	Páginas	Volume	Número
1945	Fevereiro	1-4	34	331
	Março			332
	Abril			333

VOZ MARISTA – Província Marista do Brasil Central

Ano	Mês	Páginas	Número
1945	Maio	1-4	1
	Junho		2
	Julho		3
	Agosto		4
	Setembro		5
	Outubro		6
	Novembro		7
1946	Dezembro		
	Janeiro		
Ano	Mês	Páginas	Número
1946	Fevereiro	1-4	8
	Março		9
	Abril		10
	Maio	1-6	11
	Junho		12
	Julho		13
	Agosto		14
	Setembro		15
	Outubro		16
	Novembro		17
	Dezembro		
1947	Janeiro		
	Mês	Páginas	Número
1947	Fevereiro	1-6	18
	Março		19
	Abril		20
	Maio		21
	Junho		22
	Julho		23
	Agosto		24
	Setembro		25
	Outubro	1-8	26
	Novembro		27
	Dezembro		
1948	Janeiro		
Ano	Mês	Páginas	Número
1948	Fevereiro	1-12	29
	Março		30
	Abril		31
	Maio	1-6	32
	Junho		33

	Julho		34
	Agosto		35
	Setembro		36
	Outubro		37
	Novembro	1-8	38
	Dezembro		
1949	Janeiro		
Ano	Mês	Páginas	Número
1949	Fevereiro	1-8	39
	Março	1-8	40
	Abril	1-4	41
	Maio	1-12	42
	Junho	1-8	43
	Julho		44
	Agosto		45
	Setembro		46
	Outubro		47
	Novembro		48
	Dezembro		
1950	Janeiro		
Ano	Mês	Páginas	Número
1950	Fevereiro	1-8	49
	Março		50
	Abril		51
	Maio		52
	Junho		53
	Julho		54
	Agosto		55
	Setembro		56
	Outubro		57
	Novembro		58
	Dezembro		
1951	Janeiro		
Ano	Mês	Páginas	Número
1951	Fevereiro	1-8	59
	Março		60
	Abril		61
	Maio		62
	Junho		63
	Julho		64
	Agosto		65
	Setembro		66
	Outubro		67
	Novembro		68
	Dezembro		
1952	Janeiro		
Ano	Mês	Páginas	Número
	Fevereiro		69

1952	Março	1-8	70
	Abril		71
	Maio		72
	Junho		73
	Julho		74
	Agosto		75
	Setembro		76
	Outubro		77
	Novembro		78
	Dezembro		
1953	Janeiro		
Ano	Mês	Páginas	Número
1953	Fevereiro	1-12	79
	Março		80
	Abril		81
	Maio		82
	Junho		83
	Julho		84
	Agosto		85
	Setembro		86
	Outubro		87
	Novembro	1-8	88
	Dezembro		
	1954	Janeiro	
Ano	Mês	Páginas	Número
1954	Fevereiro	1-8	89
	Março		90
	Abril		91
	Maio		92
	Junho		93
	Julho		94
	Agosto		95
	Setembro	1-12	96
	Outubro	1-8	97
	Novembro		98
	Dezembro		
	1955	Janeiro	
Ano	Mês	Páginas	Número
1955	Fevereiro	1-12	99
	Março	1-8	100
	Abril		101
	Maio		102
	Junho		103
	Julho		Especial ¹⁷²

¹⁷² Beatificação do fundador

	Agosto		106
	Setembro		107
	Outubro		108
	Novembro		109
	Dezembro		
1956	Janeiro		
Ano	Mês	Páginas	Número
1956 ¹⁷³	Fevereiro	1-48	1
	Março	49- 80	2
	Abril	81-112	3
	Maio	113-148	4
	Junho	149-184	5
	Julho	185-220	6
	Agosto	221-256	7
	Setembro	257-292	8
	Outubro	293-328	9
	Novembro	329-363	10
Ano	Mês	Páginas	Número
1957 Nova Série	Fevereiro	1-36	11
	Março	37-72	12
	Abril	73-108	13
	Maio	109-144	14
	Junho	145-180	15
	Julho	181-216	16
	Agosto	217-252	17
	Setembro	253-288	18
	Outubro	289-324	19
	Novembro	325-360	20
Ano	Mês	Páginas	Número
1958 Nova Série	Fevereiro	1-28	21
	Março	29-64	22
	Abril	65-104	23
	Maio	105-140	24
	Junho	141-180	25
	Julho	181-220	26
	Agosto	221-272	27
	Setembro	273-316	28
	Outubro	317-364	29
	Novembro	365-420	30
	Dezembro	421-452	Especial

¹⁷³ Nova Série – O documento amplia-se em número de páginas e assuntos tratados. Inicia-se nova organização numérica. Informação da impressão feita pela Gráfica Cruzeiro Sul LTDA. Até então provavelmente eram impressos pela Tipografia Siqueira.

FONTES - Descrição

Título	Período	Redator	Descrição	Circulação
<i>Bulletin des Études</i>	Março (1912) a Setembro (1931)	Ir. Isidoro Dumont Ir. Afonso Maria Ir. Epifânio	4 páginas sem divisões de seções com periodicidade mensal. Na década de 1930 a impressão do título é traduzida e o documento permanece com as mesmas características estruturais. O primeiro impressor do documento foi M.Shelinga depois passou a ser a Typografia Siqueira. (ADORÁTOR, 2005, p.510)	Interna com tiragem de acordo com o número de residências. Os documentos encontram-se na Biblioteca do Memória Marista em Curitiba e Centro de Estudos Maristas (CEM) em Belo Horizonte.
Boletim dos Estudos	Setembro (1931) a Abril (1945)	Ir. Isidoro Dumont e Epifânio		
Voz Marista	Maio (1945) a Dezembro (1958)	Epifânio com a colaboração de outros irmãos	Dividido por seções: I-Artigos sobre as obrigações religiosas II-Orientações Gerais e horários. III- Vida interior e ascetismo. IV – Seção Bibliográfica. V- Novidades. VI- Trabalhos. Orientados por uma política da Congregação será somente a partir de 1960 que os artigos têm autoria. - Os artigos vinham com expressões latinas, muitas dessas utilizadas pelos jesuítas.	
Vida Marista (Província de São Paulo)	Março (1959) a outubro (1970) ¹⁷⁴	Ir. Egídio depois João de Deus e outros (São Paulo) Ir. Sulpício (Rio de Janeiro)	Variação do número de seções 4 a 13 conforme o mês. Outros assuntos: Necrologia, Pensamentos, Atividades Apostólicas, Notícias da congregação e da Igreja, endereços, estatísticas dos irmãos, empreendimentos.	
Vínculo Marista (Província do Rio de Janeiro)	1959 a Dezembro de 1967 ¹⁷⁵			

¹⁷⁴ Depois amplia-se os documentos institucionais com outros títulos.

¹⁷⁵ Em 1968 não houve publicação desse documento. De fevereiro de 1969 ao ano 2000 chamou-se Boletim da Província do Rio de Janeiro.

TABELA COM DESCRIÇÃO DOS ASSUNTOS REFENTES AO PROJETO DE ELABORAÇÃO DE LIVROS DA COLEÇÃO F.T.D. (1912 – 1950).

Documento	Ano	Mês	Nº	Página (s)	Assunto
<i>Bulletin des Études</i>	1912	Março	1	1 a 4	Apresentação dos objetivos do documento no que refere-se a formação dos jovens irmãos. Um programa de estudos religiosos. Sugestão de livros para cada etapa de ensino. Monsenhor Cauly e Guide des Ecoles principalmente. Maioria em francês. Os livros das disciplinas não religiosas, praticamente todos da F.T.D francesa.
		Abril		3	Nas observações do documento: Aparece os primeiros livros maristas utilizados. A exceção eram os de língua portuguesa e gramática. Há propaganda de alguns livros como Chorographia com 84 páginas, que estava provavelmente no prelo na Casa Alves pelo valor de 3\$000. Comunica do lançamento da obra Atlas histórico. Outro lançamento: Hymnos de Cantos, encadernado com percalina no valor de 1\$200. Reedição do livro: Chave de Cálculo. O redator irmão Isodoro solicita que os demais irmãos verifiquem os erros na obra.
		Outubro	8	1	Sobre a constituição de uma Comissão de Estudos. Destaca-se que um dos objetivos estabelecidos referia-se ao aperfeiçoamento dos compêndios de ensino, ou seja das obras didáticas. “Em breve será estabelecida uma Comissão dos estudos encarregada de: 1º promover com maior atividade os estudos religiosos e profanos; 2º organizar e dirigir os exames anuaes; 3º aperfeiçoar nossos compêndios de aula; 4º resolver sobre qualquer assumpto a respeito do ensino.”
	1914	Março	21	4	Orientação para escolha de escritores para leitura. Os citados são classificados como escritores superiores. O redator pede para “cultivar, ler, reler e decorar”. Os citados foram: Gonçalves de Magalhães na Confederação dos Tamoios e algumas poesias; Gonçalves Dias; José de Alencar; Olavo Bilac; Coelho Netto; Carlos de Laet, “em tudo quanto saiu

				de sua <i>penna</i> incomparável”. O erudito Candido Figueiredo, maior luzeiro do idioma <i>portuguez</i> . - Anúncio das obras disponíveis na Casa Alves: -Cadernos de Caligrafia 6, 7 e 8; Vida do Venerável P. Champagnat - \$050; <i>Mez</i> do Sagrado Coração de Jesus - \$050; Os <i>martyres</i> da China \$050; Um juvenista \$050; Vida do irmão Norberto \$050; Vida da B.MM. Alacoque \$ 050.	
	Abril	22	4	Comentários da obra “História Universal – F.T.D.” e de suas potencialidades e limitações.	
	Maio	23	4	Solicita aos irmãos aprofundamento para produção dos Manuais de Histórias. A estratégia é sugerir outras publicações recém lançados pelos irmãos autores na França. “ <i>Pour faire suite a nos considérations sur les Manuels d’Histoire, nous recommandons, et cette fois, sans restriction d’aucune sorte, à tous les professeurs de cette branche si interessante récemment publié par M.Henri Joly, membre de l’Institut: Histoire de la Civilization. Blond et Gay, éditeurs, 7, place S. Sulpice. Paris</i> ”.	
			2	O redator escreve da importância de um busto e da escolha desse. Justifica a estátua de Anchieta em São Paulo, bem como a assertividade.	
	1914	Agosto	26	3	Notícias do envio de uma obra traduzida de J. Guibert para Emanuelle Vitte. Tradução de irmão Isidoro Dumont com o título de “La culture des Vocations”. O título do artigo traz a sigla A.M.D.G (Ad maiorem dei Gloriam) (Para maior glória de Deus) lema dos Jesuítas.
			4	Na prestação de contas do mês o redator agradece as doações feitas para viabilização do boletim. No mês em questão foram 98.	
	1915	Maio	33	1	Lançamento: <i>Arithmetica</i> : Curso Superior – 3\$000. “Contem o <i>programma</i> para admissão em todas as escolas superiores do <i>Brazil</i> , inúmeros problemas resolvidos. Todos na parte do mestre do mesmo livro, 8\$000- Casa Alves.”
	1916	Julho	45	3	Redação dos cuidados para elaboração de um bom livro.
		Setembro	47	2	Carta de um professor de Inglês, elogiando o Método F.T.D em detrimento de outras obras que havia usado. Descreve cada parte do livro justificando seus elogios.

		Março	41	3	Resenha da obra “Maria ensinada a Juventude”. Obra traduzida.
	1917	Maio	53	2	Carta de um irmão marista professor a qual demonstra que ainda não havia tido conhecimento da “ <i>Collecção</i> de Cadernos de <i>Calligraphia</i> ” pela F.T.D. Comenta que conhecia o método Garnier, o qual não era ruim, mas enfatizava que seria mais melhor valorizar o que seria da casa, neste caso, as obras F.T.D.
	1918	Fevereiro	60	2	Comparação da Gramática de Carlos Pereira com a F.T.D. No texto cita outras obras de gramática como Júlio Ribeiro, João Ribeiro e Carlos Pereira. Elabora alguns adendos da obra F.T.D com a justificativa da ainda utilização da obra de Carlos Pereira, devido ao seu enfoque em questões não tratadas na obra F.T.D.
		Maio	63	1	Sugestão do editor para aprender português a partir da obra de Cândido Figueiredo.
		Junho	64	1	Apologia da ortografia brasileira, título do artigo “Com S, não com Z”. Outro artigo: “Como aprender português”.
				3	De uma das obras F.T.D “Tratado de <i>Escripturação</i> Mercantil” do irmão Joseph- Borgia.
		Julho	65	1	“Das letras brasileiras” – crítica a Monteiro Lobato e suas obras, bem como o grupo a ele ligado. Na mesma página sobre a inserção da poesia de Paulo Setúbal em obra da F.T.D.
	1918	Outubro	68	1	Reclamação do apóstrofo da língua portuguesa e debate a partir da obra de Candido Figueiredo.
				2	Elogios da obra História Natural pelo Diretor interino do Museu Paulista, Affonso D’Escragnolle Taunay.
	1919	Abril	72	2	Comentário de algumas obras F.T.D, entre elas o “Livro de André”.
	1920	Março	81	1	Carta de Benedicto Monteiro Machado – Das reminiscências do Colégio e dos professores.
				4	Livros no prelo: O vernáculo do irmão Gabriel Victor; <i>Mez</i> de Maria tradução do irmão Marie-Chrysophore; Solução dos problemas de <i>Arithmética</i> ; Gramática Latina de Ragon.

		Junho	84	1	Carta do irmão Edmundo do RS, com comentários de algumas obras da “ <i>Collection F.T.D</i> ”
		Julho	85	2, 3	Lição de <i>Portuguez</i> – Indicação de que o <i>Bolletin</i> era um instrumento para aprendizado da língua portuguesa.
		Agosto	86	1	Carta de Apipucos com comentários dos valores das obras da <i>Colleção F.T.D.</i> Relato de F. Louis Chanel em Recife, com relação ao valor acessível das obras maristas e do valor intelectual.
		Novembro	89	1	Irmão Exuperance elogiando a obra Vernáculo (Livro de leitura)
	2			O irmão editor envia a obra Gramática Latina para o redator Do jornal “A União’ que logo depois emite um parecer da obra no jornal.	
	1921	Fevereiro	92	1	Notícia de que a Gramática Latina F.T.D foi recebida em Portugal pelo padre Bernardo Antonio Cabrita – <i>Palacio Patriarchal</i> .
				2	Um irmão marista acusa Medeiros e Albuquerque de plagiar o <i>Bulletin</i> .
		Abril		1	Um dos redatores do Boletim provavelmente F. (Frère Adorátor) escreve sobre as três letras enigmáticas que segundo o autor significa “ Fazer Tudo Direito ”. Ao mesmo tempo elogia o lançamento da obra “Escripturação mercantil”
				2	Envio de Sugestões sobre a grafia das palavras nos livros (decorrente provavelmente dos irmãos serem estrangeiros escrevendo livros em português). Também outras questões com relação ao livro de geografia, havia o nome nos textos, mas não havia legenda nos mapas. Joanico da Tiririca.
	1922	Abril	102	2	“Prata da casa”. Elogios das obras de português da F.T.D em detrimento de outros autores como: Carlos Pereira, Othoniel, Barreto, etc. Diversos alunos que estudaram português apenas com a F.T.D, passaram nos vestibulares da escola Politécnica de São Paulo.
		Maio	103	1	A distinção nos exames cabe tanto ao aluno quanto aos Compêndios. Cita o nome de Jorge Tavares Gouveia ¹⁷⁶ que conquistou 20/20 nos exames. Este aluno havia solicitado isenção na taxa para exames na Escola Politécnica.

¹⁷⁶ Documento está disponível em: <http://www.arquivohistorico.poli.usp.br/index.php/solicitacao-de-aluno-para-isencao-da-taxa-56>

		Julho	105	2	Lançamentos de obras pela Livraria Paulo de Azevedo: <i>Chorographia; Atlas; Chorographia- Atlas</i> .
	1923	Março	112	2	Comentários da obra “Pauliceia Desvairada” e dos modernistas que foram alunos maristas: Mario de Moraes Andrade e Carlos Moraes Andrade. Mário de Andrade recebe os irmãos e tece comentários sobre si com relação ao Modernismo.
		Abril	113	2	Carta de Carlos Moraes de Andrade aos irmãos falando dos livros e do método de Ensino.
		Maio	114	1	Carta do Dr. Theodoro Sampaio enaltecendo os irmãos maristas que foram professores de seus filhos.
				2	Dedicatória do primeiro livro de Mário Moraes de Andrade aos maristas. O título do artigo é Flor de Gratidão. “ <i>Aos exmos. Irmãos maristas, este seu antigo aluno, respeitosamente oferece este primeiro fruto das lições que nessa escola recebeu. Primeiro fruto, não: o segundo. O primeiro foi aquela necessária força de ânimo elevação espiritual que permitiram ao homem que surgia perseverar na linha recta</i> ”.
		Novembro	120	1	Poema de um dos grandes amigos dos maristas: Jonathas Serrano.
	1924	Março	122	3	Publicação de uma obra de Angelo Sangirardi, intitulada “A lágrima”. Texto este que já fazia parte da obra “Manual de Língua Portuguesa da F.T.D”.
	1925	Maio	134	3	Enumeração das qualidades da obra “Gramática Ingleza” publicada pela Colleção de Livros F.T.D.
	1926	Novembro	150	2	Da adoção do livro “Novo Manual de Língua Portuguesa” e crítica a outros livros. Escreve como diretor da Escola Normal Secundária de Curitiba – PR. 06/09/1926
		Março	142	2	O editor chama atenção a outros trabalhos como o de Delgado de Carvalho: <i>Methodologia do Ensino Geographico</i> , propõe cuidado na elaboração das obras da F.T.D.
		Abril	143	1	“Saber lêr e redigir: eis o principal; o resto grammatica, systemas gráficos, são apenas meios e nada mais” – Jonathas Serrano.

	1926			2	Carta de Antenor Nascentes, colocando-se a disposição dos maristas para apreciação da obra “Curso Superior de Português”. Carta de 22/2/1926.
		Junho	145	1, 2	Elogios do Irmão Ernesto Maria do “Curso Superior de Português”.
		Novembro	150	1	Proibição da leitura dos romances de Paulo Setúbal: “A marquesa de Santos” e “Príncipe de Nassau”. De acordo com as Regras Communs, II Parte, Capítulo II “Ils s’interdiront aussi toute lecture de livres qui, quaisque bons em eux-mêemes, ne leur conviendraient pas et seraient propres à réveiller leurs passions”.
	1927	Junho	155	1	Carta da irmã Russon do Colégio Nossa Senhora das Dores (8 de abril de 1927), agradecendo a Gramática histórica e mencionando que o Colégio adota os outros livros da F.T.D. Embora naquele momento já tivessem adotado outro livro da disciplina.
		Abril	153	3	Das ótimas relações entre maristas e Paulo Setúbal. “Eu tive o ímpeto, quando lia o discurso formosíssimo do Dr. Paulo Setúbal, de voar até São Paulo para o abraçar, porque somos, eu e ele, duas almas (...)”
		Maio	154	2	Agradecimento de Paulo Setúbal pela inserção de dois trechos de sua prova no livro Gramática Histórica – Manual de Língua Portuguesa. Antenor Nascentes agradece em carta do dia 1/3/ 1927, as citações suas na obra Gramática Histórica e sugere algumas observações. O editor escreve que teria tempo para que em alguns exemplares acatar a sugestão do autor.
	1927	Junho	155	1	Estratégia: O editor propõe a partir de uma questão/ problema de matemática que está no livro para ser respondido e os que responderem corretamente ganharam prêmios. Neste caso também há informação da impressão pela Emanuelle Vitte do Curso de Instrução Religiosa de autoria de um padre. Outra estratégia do editor: Para os irmãos mencionarem 2 livros considerados mais vernáculos e justificar. Ganhará prêmio os que se propusessem a tal desafio.
				3	Um dos irmãos autores propôs uma análise da obra de Camões – pois isso possibilitava comentários dos outros irmãos para melhoria da obra. (O fez no boletim, provavelmente trata-se de Irmão Mario Bachelet, que posteriormente publicara uma obra de análise dos Lusíadas.

		Julho	156	2	Padre Zepherino de Abreu ¹⁷⁷ , escritor goiano e amigo dos maristas, escrevia com o nome de José da Piedade, foi ordenado por Dom Gomes Pimenta. Comentários de suas obras e homenagem dos irmãos na ocasião de seu falecimento.
				4	Os irmãos publicaram no documento apoio a dois deputados: Samuel Baccarat, advogado residente em Santos e ao Dr. Paulo de Oliveira Setubal de São Paulo.
		Setembro	158	1	Publicação de José Joaquim de Carvalho Saavedra: Primeira Selecta Latina.
		Abril	153	1	Solicitação do irmão para participação do Prêmio Francisco Alves com a obra “Língua Portuguesa”. Ir. Isidoro Dumont sugere que não.
				2	Sá Nunes agradece o livro Gramática Histórica da F.T.D com dedicatória, além de elogios a essa obra e ao Novo Manual de Língua Portuguesa – Curso Complementar e a obra “Nós dois, eu e meu Jesus”.
					Carta de João Leda, de Manaus em 28 de abril de 1929, agradecendo o livro que lhe fora enviado. “Língua Portuguesa Luso Brasileira”. Como agradecimento o escritor envia ao irmão dois livros de autoria própria: Os áureos filões de Camillo” e “Nossa língua e seus soberanos”.
	1927	Novembro	160	2	Mesmo não exercendo o cargo de diretor Sá Nunes engrandece as obras e menciona que fez adotar em todos os cursos elementares, primários e secundários e que foi adaptado por ele para o Curso Superior.
					Carta de Benedicto Sampaio elogiando a Gramática Selecta e afirmando a utilização no Ginásio que leciona em Campinas.
	1928	Fevereiro	161	2	Carta de Sá Nunes a Epifânio, com comentários da obra “Os Lusíadas e de outras”. Explicação das iniciais F.T.D (Fazer tudo Direito) Ver foto do livro com comentário de Sá Nunes: (Fotos dos livros F.T.D 6773).
				2	Carta de José Saavedra (10/11/1927) felicitando e agradecendo o livro “Os lusíadas”.
					Lançamento do livro do Irmão Gabriel Victor (12/10/1927) “Um heroe da grande guerra”

¹⁷⁷ Obra do escritor: Casos reais- livros de contos.

		Maio	164	2	Sá Nunes escreve comentando de suas aulas com os livros da F.T.D.
	1927	Fevereiro	161	3	Carta de Benedicto Sampaio (29/11/1927) informando que recebeu a obra “Os lusíadas” e que iria adotá-lo no Colégio Progresso Campineiro. Menciona que já utilizava a Gramática Histórica.
	1928	Abril	163	1	Sugestões para melhoria do <i>Bulletin des Études</i> e de suas divisões.
	1928	Maio	164	2	Comentários de suas aulas no Paraná e da adoção aos livros da F.T.D (30/3/1928)
		Agosto	167	2	Da Revista Excelsior – dos lançamentos da Colleção F.T.D. Sociologia, Os lusíadas. Catecismo Cívico, todos com resenha.
		Setembro	168	2	Palavras de Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Barão de Ramiz, elogiando Carlos de Laet- Trecho do discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras (23/6/1928)
	1929	Julho	176	1	Escritor João Leda. Foi enviado livro: Língua Portuguesa – Luso brasileira – Curso Superior, com dedicatória. João Leda envia carta agradecendo o livro e tecendo comentários. Oferece algumas de suas obras: Aureos filões de Camillo e Nossa Língua e seus soberanos.
				1	Irmãos do Rio Grande do Sul elogiando livro de Filosofia da F.T.D.
		Março	172	3	Paulo Setúbal envia carta ao irmão (?) (4/11/1928) dando notícias de sua saúde e enfatizando que não maçom. (Carta com timbre da Câmara dos deputados).
		Março		2	Antenor Nascentes (5/1/1929), adianta o teor dos Programas de Português do Colégio Pedro II, afirmando que Noções de Literatura (em alusão a obra F.T.D.), seria a constante do Programa que a Congregação iria aprovar. Comunica aos irmãos que no mês de março enviaria a cópia do programa aprovado, como de fato enviou.
		Abril	173	1	Elogios de Sá Nunes a obra Novo Manual de Língua Portuguesa através de uma carta (16/2/1929). “Nada nele me passou despercebido, e tudo li, anotei e averbei, como costume fazer com os livros bons e ótimos que me caem sobre os olhos (...) Dou-lhe meu parabém, muito sincero, pelo inestimável serviço que vai prestar a mestres e a discípulos com a publicidade dessa obra útil, prestimosa e prestantíssima (...) o único defeito, e grande, que se me atolhou no livro do mestre, foi o excessivo número de

					ctações do meu humildoso nome, citações que, aliás me penhoram muitíssimo, e que me fazem devedor de imperitura gratidão.
				2	Artigo do “Diário da noite” sobre uma obra intitulada “As congregações religiosas e o ensino no Brasil” do padre Heliodoro Pires. Um capítulo intitulado: Apostolado dos maristas: obras primas didacticas.
				1, 2	Quando da escolha dos livros pelo Ginásio Paranaense (27/9/1929) Sá Nunes defende as obras da F.T.D.
				2	Recomendações de Dom Sebastião Leme para leitura da “A ordem”, considera órgão exclusivo de cultura católica. Ocasião da posse do novo diretor, Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima).
		Julho			
		Novembro	180	2	Carta de Antenor Nascente (22/3/1929) com notícias da aprovação do Programa de Português do Colégio Pedro II e com comentários de traduções e obra de La Fontaine. Carta de José de Oiticica com comentários da obra de La Fontaine, anotações gerais sobre gêneros textuais.
	1930	Março	182	1	Crítica amigável de José de Sá Nunes ao livro “Noções Gerais de Literatura” em carta do dia 14/1/1930.
				2	Prefácio do Novo Manual de Língua Portuguesa, curso superior e gramática histórica pelo ex-aluno Alexandre Correia.
				3	Lançamentos da <i>Collecção</i> F.T.D e resenha de <i>Nocões Geraes de Literatura</i> .
		Maio	184	3	Artigo do Correio Catholico sobre o novo acadêmico da Academia Brasileira de Letras Guilherme de Almeida e benção dos maristas ao antigo aluno.
		Junho	185	1	Palavras comovidas de Muniz Barreto (Ministro do Supremo Tribunal Federal) após leitura do testamento espiritual de Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante.
		Agosto	187	3	Comentários elogiosos da Academia Brasileira de Letras a obra “Nocões Geraes de literatura”.
		Setembro	188	1	Carta de José de Sá Nunes (16/7/1930) comentando sobre prefácio de livros/obras F.T.D e dando notícias do Centro de Estudos Bandeirantes em Curitiba.
		Outubro	189	2	Prefácio de Afrânio Peixoto para obra “Literatura brasileira”.

	1931	Novembro	190	1	Poema de Guilherme de Almeida “Os sonhos e as andorinhas”.
		Fevereiro	191	1	Artigo sobre José de Sá Nunes (O homem e a obra).
				2	Carta de Dr. Antonio Pereira de Mello Batalha (pai do irmão José Batalha), elogiando a marca F.T.D.
		Março	192	1	Carta do escritor Arthur Motta, agradecendo o exemplar Noções de Literatura e Literatura Brasileira, pois havia citações de suas obras.
		Maio	194	3	Texto de Sá Nunes retirado da Revista Excelsior (16/2/1931) em que comenta as obras da F.T.D.
		Junho	195	1	O ensino religioso nas escolas (30/4/1031). Texto de Francisco Campos (Ministro da Educação e Saúde).
Boletim dos Estudos	1931	Setembro	198	3	Anúncio de novos programas a partir do Diário Oficial da União (31/7) e solicitação do editor para adequação da obra “Vade Mecum F.T.D”
		Outubro	197	1	José de Sá Nunes elenca as diversas obras da F.T.D que foram escolhidas no Ginásio Paranaense
	1932	Março	202	1	Comentário da obra: Literaturas Estrangeiras (644). (Foto 6764). 2 cartas de Sá Nunes, uma não é possível identificar a data e outra de 10/1/1932.
	1932	Junho	205	3	Comentário da escolha das obras F.T.D pela indicação de Sá Nunes. (6768)
	1937	Julho	256	1	Obra “Manual de Espiritualidade”.
				3	Carta de Sá Nunes sobre suas nomeações e indicação dos livros da F.T.D.
	1939	Maio	274	1	Carta trocadas entre o irmão provincial Exuperância a Carlos Alberto Nunes.
	1941	Julho	296	2	Diversas cartas do General Klinger acerca das obras maristas.
	1944	Julho	326	3	Carta (22/4/1944) de um professor do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e da Academia de Comércio de São Luís comentando da adoção dos livros da F.T.D. (<i>Témoignage laudatif</i>)
	1945	Maio	1	3	Sobre a publicação de três obras: Escorço Biográfico do 1º e 2º fundador. Indicação de livros da Coleção F.T.D para Faculdade. Além do livro indicado havia sugestão da página e das questões para os alunos realizarem.
				4	Pedido de sugestões aos irmãos para colaboração para elaboração do documento. Sessão intitulada trabalho.

VOZ MARISTA		Junho	2	2	Carlos de Moraes Andrade envia carta ao Irmão Exuperância (30/3/1945) como aluno e amigo pedindo orações pela mãe e tia.
		Setembro	5	3	Uma afirmação de que todos os maristas estariam responsáveis pela confecção dos livros da coleção F.T.D.
	1946	Agosto	14	5	Em 14 de abril de 1946, José de Sá Nunes envia carta ao Irmão com comentário que faria 2 conferências sobre a Ortografia no mês seguinte à carta. Uma na Academia Paulista de Letras e outra na Faculdade de Filosofia. Carta do Sá Nunes, em 27 de maio, comentando de modo elogioso o livro “Livro de Gramática – Exercícios de gramática - livro do mestre). Outra carta desta vez, que responde ao irmão sobre o Acordo ortográfico e das editoras que o procuram para adequarem seus livros as novas regras. Evidencia ele e a Comissão como figuras chave nesta questão.
	1946	Outubro	16	3	Anúncio de novas publicações (Speak English). Com suas características, ou seja, no mesmo estilo do livro Le Français au première cycle do irmão Mário Cristóvão. Anúncio de outros livros com o mesmo nome. Informação na Sessão Bibliográfica. Não comum comentar sobre os livros F.T.D nesta sessão.
	1947	Janeiro	17	6	Ir. Raul Clemente, escreve com entusiasmo da carta que recebeu de Sá Nunes, em 3 de junho de 1946. Comenta da publicação de Sá Nunes “Instruções” e de suas Conferências, das quais escreve ao irmão.
		Fevereiro	18	1	Anúncio de novo irmão provincial: Irmão Leónidas
	1947	Março	19	4	Comentário dos livros “Le Français au première cycle - 1ª série ginásial”. Citação do Irmão Isidoro Régis (Isidoro Dumont). Escreve sobre as gravuras, sobre os desenhos etc.
		Maio	21	4-5	Narrativa de Alceu Amoroso Lima em virtude da morte de Afrânio Peixoto. “Últimos momentos de Afrânio Peixoto”
				5	Elogios do livro de Inglês do Irmão Joseph Marcel
		Junho	22	2	Partida do Irmão Nicet para São Paulo, algumas observações das suas características pessoais.
				3 e 4	Carta de Afrânio Peixoto aos irmãos e vice versa, referente ao apoio para publicação de obra de literatura. O irmão solicita ao Dr. Afrânio Peixoto que faça apresentação do livro.
		Julho	23	4,5	Carta de Afrânio respondendo ao convite pela apresentação do livro de forma elogiosa. Carta do irmão ao Afrânio Peixoto.
		Agosto	24	1,2	Comentário sobre a figura de Irmão Mário Cristóvão e Exuperância.

	1947			5	Palavras de Roberto Saboia de Medeiros S.J. sobre o Afrânio Peixoto.
		Setembro	25	5	Apresentação do Prefácio de um dos livros da F.T.D feitos por Afrânio Peixoto.
		Número Especial	28	8	Artigo da importância da Matemática – Os irmãos citam Coronel Ary Quintela da matemática.
	1948	Abril	31	7	Sobre o livro Le Français au Premiere Cycle.
				10	Dificuldades da tipografia para algumas letras comentário longo sobre uma letra. Provavelmente questão da produção dos livros. Discussões filológicas que continuam em outros números do documento.
		Junho	33	4	Ir. Rafael de Lisboa em carta (19/3/1948) elogiando os livros da F.T.D, especialmente dos livros da área de Gramática e Literatura.
		Agosto	35	4	Parecer favorável da Comissão Nacional do Livro Didático (26/06/1945) do livro “Novo Manual de Língua Portuguesa Luso Brasileira”. Há descrição geral do livro, bem como características dos conteúdos das obras e dos motivos que a incitam a aprovação como por exemplo: Elogio da obra feita pelo filólogo José de Sá Nunes. Livro do irmão Mario Bachelet com indicação “Por uma reunião de professores” conferir. Há outros livros com prefácio de José de Sá Nunes.
		Setembro	36	6	Carta de José de Sá Nunes em que defende os irmãos de plágio, e tece comentários sobre o novo acordo e suas influências no meio político. Certamente os irmãos atentos ao que seguia o novo acordo o fazer pautados nas orientações de José de Sá Nunes. A carta provavelmente é uma resposta aos tramites do novo acordo ortográfico feito pelo irmão (Raul). Sá Nunes, envia uma carta em 13 de junho de 1948. Decreto n.º 35 228, de 8 de Dezembro de 1945, sobre o novo acordo ortográfico.
		Outubro	37	5	Continuação do debate sobre o possível plágio dos irmãos. O irmão agradece Sá Nunes e defende-se.
	1948			4	Comentário sobre as obras de Monteiro Lobato. Pe. Vítor Coelho de Almeida, Monsenhor Ascânio Brandão. E do redator do Boletim.
	1948	Nov. Dez.	38	2	Dificuldades financeiras com a Ordem Terceira do Carmo. Redação sobre o contrato.
				4	Comentários a repercussão sobre artigo da morte de Monteiro Lobato.
				5	Carta de Miguel Coutinho ex-aluno e amigo do Irmão Exuperância. Citação na carta do Ir. Isidoro Dumond.

				8	Carta de agradecimento em nome do Bispo de São Paulo (18/st. 1948), pela doação de 5.000 cruzeiros a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, dada pelos irmãos.
					Artigo sobre brigadeiro Eduardo Gomes. Missa e distribuição de donativos pelo irmão do brigadeiro 26 de setembro/1948)
	1949	Fevereiro	39	6	Artigo sobre o Manual de Mariologia Dogmática da F.T.D. Elogios.
		Março	40	8	Crítica a um livro do Professor Júlio Nogueira, acerca do uso da vírgula.
		Maio	42	1	Irmão Mario Cristóvão? Chrysophore sobre suas obras didáticas. 50 anos do irmão. (1899-1949)
		Julho	44	8	Carta de uma leitora do Voz Marista. Crítica o artigo de um irmão acerca de uma frase de Machado de Assis na obra Dom Casmurro elaborada no voz Marista nº 41, p.4.
	1949	Agosto	45	2	Comentário de Dr. José Loureiro Fernandes e Dr. Homero de Barros –Em Curitiba sobre irmão Mário Cristóvão. Círculo Bandeirantes.
	1950	Janeiro	48	1	Artigo sobre a política de pobreza com orientação proibindo o comércio com objetivo de lucro, no entanto, abre exceção, ao argumentar que não seria proibido aos colégios vender os livros e objetos escolares pelo preço das livrarias, para maior facilidade de compra por parte dos alunos. Tal orientação estaria alicerçada na obra “Creusen, S. J. Religieux e Religieuses, p. 193).

Correspondências entre os maristas e José de Sá Nunes (1912- 1954)

	Data	Destinatário¹⁷⁸	Assunto	Localização Documento¹⁷⁹ no
01	06/09/1926	Henrique Augusto	Da adoção do livro “Novo Manual de Língua Portuguesa” e crítica a outros livros. Escreve como diretor da Escola Normal Secundária de Curitiba – PR.	Novembro, 1926, p. 2, nº 150.
02	13/10/1926	Henrique Augusto	Elogios dos resultados obtidos com a utilização do Novo Manual de Língua Portuguesa em detrimento da obra de Eduardo Pereira ¹⁸⁰ , protestante que escrevia obras de língua portuguesa.	Novembro, 1926, p. 2, nº 150
03	02/1927	Maristas	Sá Nunes agradece o livro Gramática Histórica da F.T.D com dedicatória, além de elogios a essa obra e ao Novo Manual de Língua Portuguesa – Curso Complementar e a obra “Nós dois, eu e meu Jesus”.	Abril, 1927, p. 2, nº 153 ¹⁸¹
04	4/8/1927	Maristas	Mesmo não exercendo o cargo de diretor Sá Nunes engrandece as obras e menciona que fez adotar em todos os cursos elementares, primários e secundários e que foi adaptado por ele para o Curso Superior.	Novembro, 1927, p. 2, nº 160
05	15/11/1927	Epifânio Maria	Sá Nunes tece comentários da obra sobre os “Lusíadas”, além de declaração que compreendeu o significado da sigla F.T.D.	Fevereiro, 1928, p.3, nº 161
06	30/3/1928	Isidoro Dumont	Comentários de suas aulas no Paraná e da adoção aos livros da F.T.D	Maio, 1928, p. 2, nº 164
07	16/2/1929	Epifânio Maria	Elogios a obra Novo Manual de Língua Portuguesa. “Nada nele me passou despercebido, e tudo li, anotei e averbei, como costume fazer com os livros bons e ótimos que me caem sobre	Abril, 1929, p. 1, nº 173

¹⁷⁸ Em certas correspondências não é possível identificar a quem foi enviado às cartas. Algumas que citamos o Irmão Isidoro Dumont, são suposições, visto o papel do desse irmão enquanto editor. Outras são prováveis que tenham sido ao irmão Epifânio visto que também foi editor e autor de outras na área de língua portuguesa e literatura, além da datas, pois o Irmão Isidoro faleceu em 1941.

¹⁷⁹ *Bulletin des Études* (Março de 1912- Setembro de 1931) após essa data o título foi traduzido: Boletim dos Estudos. Permaneceu com 4 páginas e publicação mensal até abril de 1945 quando torna-se Voz Marista em Maio.

¹⁸⁰ Para saber mais sobre o autor, consultar: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/017.pdf

¹⁸¹ Há uma nota da redação nos seguintes termos “Sabemos igualmente, por informação do próprio catedrático (Sá Nunes) de Português do Ginásio do Estado de São Paulo, que Carlos Pereira tinha sido retirado deste estabelecimento. E que adaptaram, no mesmo a Língua Portuguesa curso secundário F.T.D. para o 1º ano ginasial e para o 2º ficando, os alunos deste último ano, de comprar em fins do ano o curso superior adotado no 3º ano ginasial”.

			os olhos (...) Dou-lhe meu parabém, muito sincero, pelo inestimável serviço que vai prestar a mestres e a discípulos com a publicidade dessa obra útil, prestimosa e prestantíssima (...) o único defeito, e grande, que se me atolhou no livro do mestre, foi o excessivo número de citações do meu humilde nome, citações que, aliás me penhoram muitíssimo, e que me fazem devedor de imperitura gratidão.	
08	27/3/1929	Isidoro Dumont	Quando da escolha dos livros pelo Ginásio Paranaense (27/9/1929) Sá Nunes defende as obras da F.T.D.	Julho, 1929, p.1,2, nº 176
09	14/01/1930	Maristas	Crítica amigável ao livro “Noções Gerais de Literatura”	Março, 1930, p. 1, nº 182.
10	16/7/1930	Exuperâncio	Devolutiva sobre a obra “Literatura Brasileira” e do andamento do Círculo de Estudos Bandeirantes	Setembro, 1930, p. 1, 2, nº 188.
11	10/11/1930	Irmãos	Comentários da solicitação que fora feita para elaboração do prefácio da obra “Literatura Brasileira”. Texto sobre José de Sá Nunes (O homem e a obra).	Fevereiro, 1931, p. 2, nº 191.
12	16/02/1931	Irmãos	Texto de Sá Nunes retirado da Revista Excelsior em que comenta as obras da F.T.D.	Maio, 1931, p. 3, nº 194.
13	09/1931	Irmãos	Elenca as diversas obras da F.T.D que foram escolhidas no Ginásio Paranaense	Outubro, 1931, p. 1, nº 197.
14	04/1932	Epifânio Maria	Comentários da obra “Literaturas Estrangeiras”, comparação desta obra com a de Carlos Laet.	Março, 1932, p.1,2, nº 202.
15	11/4/1932	Epifânio Maria	Comunica das escolhas dos livros a partir de sua indicação. “Na Congregação do Ginásio Paranaense foram aprovados, por proposta minha, todos os livros F.T.D para os alunos do 1ª ao 4º ano de português do corrente ano letivo. Que esplêndida vitória! Cada vez mais triunfante a bela coleção”	Junho, 1932, p.3, nº 205.
16	04/04/1932	Pe. Luís Gonzaga Jaeger, S.J	Das propagandas que Sá Nunes fazia na Revista Excelsior das obras da F.T.D	Agosto, 1932, p.3, nº 208.
17	29/3/1933 e 10/4/1933	Editores	Orientações aos irmãos sobre ortografia e vocabulário.	Junho, 1933, p. 2, nº 215.

18	1933	Maristas	Carta em que debate acerca da posição de diversos filólogos acerca da Ortografia, entre eles João Ribeiro, Gonçalves Viana)	Setembro, 1933, p. 2, nº 218.
19	1933	Maristas	Palavras de elogio a Coleção F.T.D e aos irmãos enquanto educadores	Outubro, 1933, p.3, nº 219.
20	1933	Editores	Orientações filológicas de Língua Portuguesa	Novembro, 1933, p.1, nº 220.
21	06/1933	Maristas	Escreve sobre questões filológicas.	Novembro, 1933, p.1, nº 220.
22	06/1934	Editores	Eu consegui através de uma filha que estudava no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, adotar as obras maristas, entre elas o “Novo Manual de Língua Portuguesa”	Junho, 1934, p.1, nº 225.
23	11/4/1934	Autor do opúsculo	Comentário ao opúsculo “Eu e meu Jesus”	Junho, 1934, p. 2, nº 245.
24	1936	Professores maristas	O autor escreve sobre sua obra “Algumas opiniões” que tratava da língua vernácula”. Os irmãos maristas solicitam exemplar da obra para utilização no Ginásio Nossa Senhora do Carmo. O autor orienta para que o pedido seja feito para Barcelos, Bertaso & Cia. Livraria Globo. Também traz notícias do Congresso de Linguística em Copenhague. Os maristas fazem pedido da obra e a recebem gratuitamente 50 exemplares.	Agosto, 1936, p 2, nº 247. Outubro, 1936, p.2, nº 249.
25	2/4/1937	Epifânio Maria	Das nomeações de Sá Nunes pra cátedra de Literatura do Paraná e indicações dos livros F.T.D e propaganda que fez deles na Revista Excelsior	Julho, 1937, p.3ss, nº 256
26	1940	Autores maristas	Artigo em Sá Nunes explica a formação do Plural.	Maio, p.2, nº 284
27	1942		Sobre a organização do vocabulário ortográfico em nome da Academia Brasileira de Letras, juntamente com Antenor Nascentes que representava o Ministro da Educação. “Estou organizando o vocabulário ortográfico em nome da Academia Brasileira de Letras, juntamente com o professor Antenor Nascentes, que representa o senhor Ministro da Educação. Talvez esteja pronto dentro em três meses. Os meus artigos já são vazados na ortografia que vai ser oficializada”.	Abril, 1942, p. 3, nº 303
28	8/3/1942	Diário da Manhã RJ	Artigo sobre ortografia questões gramaticais da Língua Portuguesa	Maio, 1943, p. 1, nº 314

29	22/3/1942	Irmãos autores	Agradecimento a duas obras ao autor ofertada. De acordo com a redação do texto, supostamente trata-se das obras “Escorço do Primeiro e do Segundo provincial respectivamente”.	Maio, 1943, p. 2, nº 314
30	20/05/1943	Irmãos editores	Notícias sobre a revisão das provas tipográficas do “Vocabulário ortográfico” por ele organizado.	Julho, 1943, p.1, nº 316
31	24/6/1943 e 25/6/1943	Irmãos editores	Duas cartas em que orienta os irmãos sobre a ortografia e relata das decisões da Comissão Acadêmica sobre as questões gramaticais, trazendo alguns embates.	Agosto, 1943, p. 3, nº 317 Outubro, 1943, p. 3, nº 319
32	14/4/1946		Comunicando sobre 2 conferências que faria sobre Ortografia. Uma na Academia Paulista de Letras e outra na Faculdade de Filosofia	Agosto, 1946, p.4, nº 14
33	20/6/1946		Comentários acerca dos embates sobre o Acordo Ortográfico e parecer da Comissão do Livro Didático sobre a Portaria.	Agosto, 1946, p.5, nº 14
34	3/6/1946	Ir. Raul Clemente	Ir. Raul Clemente escreve sobre a carta que recebeu de Sá Nunes elogiando a publicação “Instruções”, escrita por Sá Nunes	Janeiro, 1947, p. 6, nº 17
35	26/6/1945	Maristas	Parecer da Comissão Nacional do Livro Didático do livro “Novo Manual de Língua Portuguesa Luso Brasileira – Mário Bachelet”. Há descrição geral do livro e ênfase no prefácio que foi escrito por José de Sá Nunes.	Agosto, 1948, p. 4, nº 35
36	13/7/1948	Ir. Raul Clemente	Defende uma das obras maristas que fora acusada de Plágio. Sá Nunes pede satisfações com o acusador que desculpa-se pelo episódio. Relata dos embates em torno do acordo ortográfico.	Setembro, 1948, p.6, nº 36
37	09/1948		Irmão Raul Clemente agradece a Sá Nunes e esclarece o suposto plágio a partir da obra de Francisco Xavier da Paraíba.	Outubro, 1948, p.5, nº 37
38	1951	Epifânio Maria	Notícias sobre a Aprovação da Nova Ortografia, comenta o decreto, os prazos para adequação à lei. Escreve sobre a 3ª Edição de um livro seu intitulado “O meu guia ortográfico” que, segundo Sá Nunes estava “religiosamente” em harmonia com o novo acordo.	Maio 1951, p.7, (Voz Marista)
39	6/3/1952	Epifânio Maria	Comenta o artigo nº 126 sobre a ortografia de 1945. Defesa do método empregado nas obras da F.T.D de encontro às críticas	Junho, 1952, p.6 e 7 (Voz Marista)

			feitas pelo Jornal de Pernambuco, com assinatura do jornalista Mário Melo. Sá Nunes encaminha réplica da crítica ao jornalista.	
40	18/3/1952	Irmão Raul Clemente/ Osvaldo Pinheiro dos Reis	Sugestões para obra de Ir. Raul Clemente acerca da ortografia e comentários da obra do escritor Osvaldo Pinheiro dos Reis ¹⁸²	Agosto, 1952, nº 75, p.7 (Voz Marista)
41	31/8/1954	Irmão Raul Clemente?	Carta que envia do Hospital dos servidores do estado, declara que por ordem do presidente estava ocupando um quarto destinado aos chefes de Estado. Lamenta o falecimento de Getúlio Vargas decorrente do suicídio no dia 24 de agosto de 1954.	Nov./Dez. 1954 - Jan. de 1955, nº 99, p. 7 (Voz Marista)
42	24/1/1955	Nota de falecimento	Artigo com comunicado da morte de José de Sá Nunes, ocorrida no dia 24/1/1955. Destaca os méritos, os cargos, participações em academias e as produções do intelectual junto ao governo brasileiro	Abril, 1955, nº 101, p.6. (Voz Marista)

Fonte: BULLETIN DES ÉTUDES (1912 - 1939), BOLETIM DOS ESTUDOS (1940 - 1945), VOZ MARISTA (1946 - 1958), VIDA MARISTA (1959 – 1970).

¹⁸² Informações sobre o professor, ex-aluno marista Osvaldo Pinheiro dos Reis, artigo <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20043/13224>.

FUNDAÇÃO DE COLÉGIOS MARISTAS (1897-1956)			
ESTADO	CIDADE	FUNDAÇÃO	NOME
Minas Gerais	Congonhas do Campo	1897	Colégio de Congonhas do Campo
	Uberaba	1903	Colégio Marista Diocesano
	Varginha	1918	Ginásio Sagrado Coração de Jesus
	Poços de Caldas	1936	Colégio Marista de Poços de Caldas
	Belo Horizonte	1950	Colégio Dom Silvério
São Paulo	São Paulo	1899	Colégio Nossa Senhora do Carmo
		1908	Colégio Marista Arquidiocesano
		1903	Colégio Marista Glória
	Franca	1902	Ginásio Champagnat
	Santos	1903	Colégio Santista
	Ribeirão Preto	1938	Ginásio Nossa Senhora Aparecida
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	1902	Colégio São José – Internato
			Colégio São José – Externato
Paraná	Curitiba	1925	Colégio Santa Maria
		1938	Colégio Marista Paranaense
Santa Catarina	Jaraguá do Sul	1940	Colégio São Luiz

Fonte: Boletim dos Estudos (Rio Grande do Sul), *Bulletin des Études*, Voz Marista, Vida Marista e Vinte Anos de Brasil (2005).

ANEXOS

Carta do Provincial Irmão Exuperânciao comunicando a morte de Irmão Isidoro Dumont

V.J.M.J

Mendes, le 4 mars 1941. Mes chers frères, Laudetur Jesus Christus. Notre cher frère Isidore- Régis nous a quittés hier, 3 mars, exactement à midi 40; il est mort doucement, san agonie, dans le bras du cher frère Wilfridus, assité du cher frère Veríssimo. Les prières des mourants avaiet été faites la veille para Monsieur L´Aumônier, em présence des frères de la communauté; le cher malade accompgna ces prières avec grande dévotion. Il conserva as connaissance jusqu´au dernier instant. À midi, um jeune frère scolastique qui le veillait lui demanda s´il désirait as présence: “Merci”, répondit –il “allez en classe”. De plus longs détails seront donnés plus tard. Ces lignes sont à peine pour vous rappeler de vouloir bien donner au cher défunt les suffrages auxquels lui donne droit as qualité d´ancien Provincial (Constitutions, art. 98, paragr. 2º). Dans chaque Maison de la Province une messe et office des morts. Merci pour les suffrages en as faveur. Ce matin, à 8 heures, nous avons eu messe chantée de corps présent. Dom José André a donné l´absoute et accompagné au cimetière. Étaient presentes: Mgr. Clement, M. Paulo de Azevedo, venu de Rio, Dr. Alvaro Berardinelli, Dr. José Garcia Duarte et certain nombre de personnes de Mendes er de la fazenda. Retenos comme son testament spirituel: mes chers frères, soyos de bons religieux. Bien à vous. Frère Exupérance.

Tradução

Mendes, 4 de março de 1941. Meus queridos irmãos, Laudetur Jesus Christus. Nosso querido irmão Isidore-Régis nos deixou ontem, 3 de março, exatamente às 12h40min; ele faleceu suavemente, sem agonia, no braço do querido irmão Wilfridus, assistido pelo querido irmão Veríssimo. As orações pelos agonizantes haviam sido feitas no dia anterior pelo reverendo padre capelão, na presença dos irmãos da comunidade; o querido doente acompanhou essas orações com grande devoção. Ele conservou a lucidez até o último momento. Ao meio-dia, um jovem irmão escolástico que o acompanhava perguntou-lhe se ele desejava que ficasse junto dele: "Obrigado", ele respondeu: "vá para sua aula". Mais detalhes serão fornecidos mais tarde. Essas linhas querem lembrar sobre as homenages que devem dar ao querido falecido, os sufrágios a que ele tem direito como ex-provincial (Constituições, art. 98, parágrafo 2). Em cada casa da província será celebrada uma missa. Obrigado pelos votos a favor. Hoje de manhã, às 8 horas da manhã, tivemos missa de corpo presente. Dom José André deu absolvição e o acompanhou ao cemitério. Estavam presente: Monsenhor Clement, Senhor Paulo de Azevedo, do Rio, Dr. Álvaro Berardinelli, Dr. José Garcia Duarte e várias pessoas de Mendes e da fazenda. Conservemos como seu testamento espiritual: Meus queridos irmãos, sejamos bons religiosos. Muito seu. Irmão Exuperânciao.